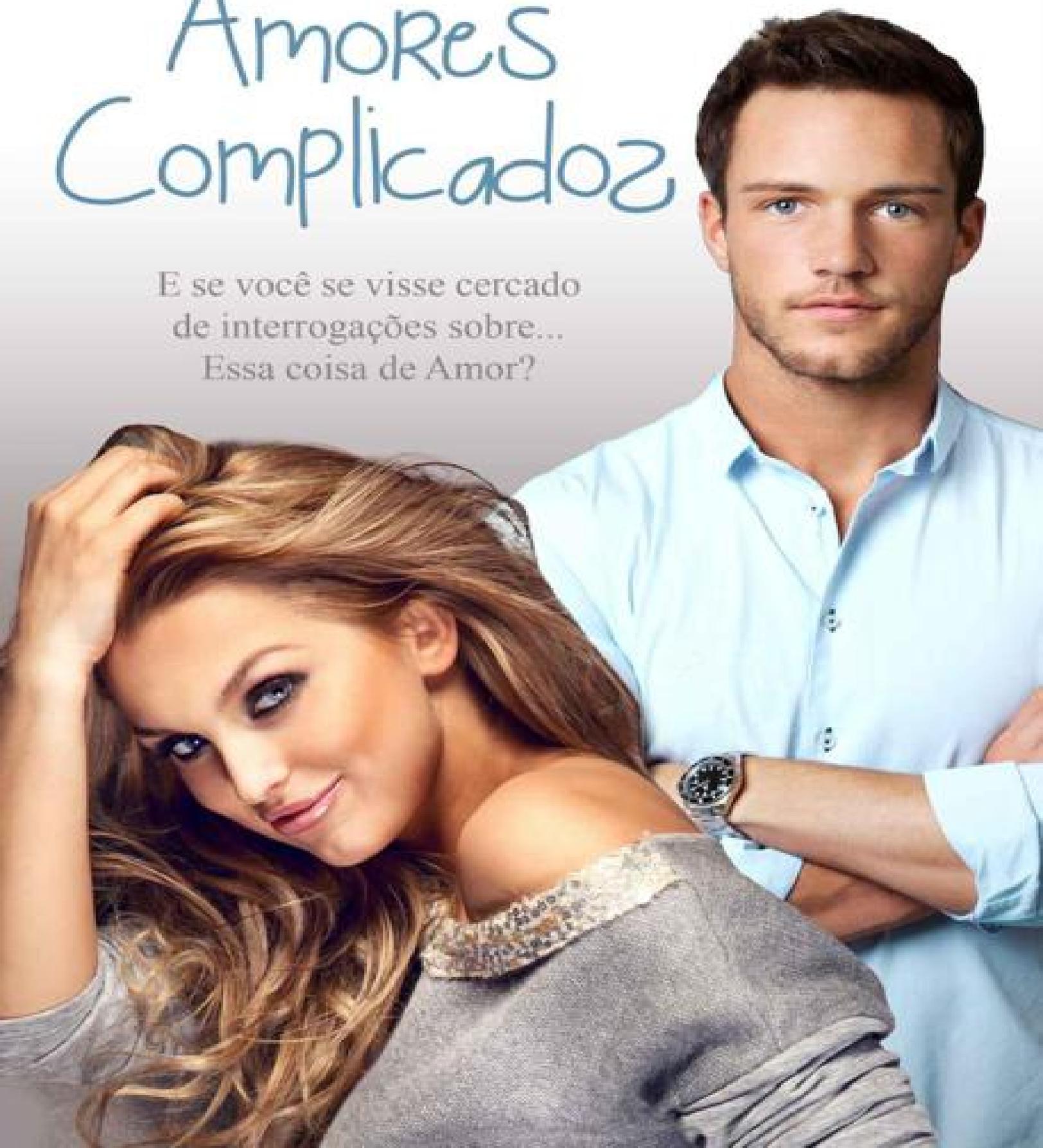


LILIAN REIS

Amores Complicados

E se você se visse cercado
de interrogações sobre...
Essa coisa de Amor?



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Lilian Reis

Amores Complicados

E, se você se visse cercado de
interrogações sobre... "essa coisa de
amor"?

Amores Complicados é
Sequência de "Eu, meu pai e meus outros amores".

Capa: Adriana Brazil
Copyright © 2013 Lilian Reis

lilianarreis@gmail.com

www.lilianreis.com.br

"Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia, por escrito, da autora, poderá ser reproduzido ou transmitido, sejam quais forem os meios empregados. Eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros".

Made in Brazil.

“É um erro tentar ver muito longe no futuro. A corrente do destino, somente pode ser puxada um elo por vez.”

Winston Churchill

Para Sérgio, Isabella e Victor, com amor.

Sumário

[Agradecimentos:](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

[Trinta e cinco](#)

[Trinta e seis](#)

[Trinta e sete](#)

[Trinta e oito](#)

[Trinta e nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e um](#)

[Quarenta e dois](#)

[Quarenta e três](#)

[Quarenta e quatro](#)

[Quarenta e cinco](#)

[Quarenta e seis](#)

[Epílogo](#)

Agradecimentos:

Sempre a Deus em primeiro lugar.

A todos que acreditaram em meu trabalho e me encorajaram a continuar. Um obrigada especial, às amigas e escritoras Bruna Dal Ferro, Daniele Nhasser e Mallerey Cálgara. A todos que me prestigiaram com suas generosas palavras de apoio e pelos efusivos elogios. Acho que por isso devo continuar...

Prólogo

Jade

AS COISAS NÃO PODERIAM ESTAR MAIS ESTRANHAS. MINHA VIDA NA fazenda, após todos os acontecimentos esteve ótima. Por alguns meses - poucos diria. Depois daquele inesquecível acampamento sentime realizada. Feliz, pois pensei que encontrara meu amor, aquele que tanto desejei que me consumisse e que desse sentido à minha vida tão "movimentada". Poderia dizer que não queria que aqueles dias avançassem, porque sentia um medo inexplicável de que tudo fosse acabar. *E não me perguntem por que. Eu apenas sentia. "Coisa de feeling[1]."* Alguns chamariam de "coisa de maluca". À noite quando ia dormir rezava para que aquela alegria não tivesse fim, pois acreditava ter encontrado meu caminho. Não era mais aquela garota mimada e arrogante. Não pensava que o mundo girasse em torno de mim, e, definitivamente, aprendi a valorizar os sentimentos e as pessoas. O ano que passou foi o pior ano de minha vida. *Por quê?* Porque acordei um dia numa cama de hospital e descobri que perdera minha mãe e padrasto. Tive de me mudar para a fazenda, que apelidei de "fim do mundo", e abdicar de meu mundinho particular de futilidades, porque era menor e não podia morar sozinha. Isso foi apenas o início. Quando cheguei à cidade que chamaria de "minha", senti que não estava tudo bem. A cidade era linda, *fofa*, na verdade, parecia cenário de novela, mas não era o Rio. Não havia academias de dança, baladas, teatros,

tampouco, praia. *Isso ainda poderia piorar?* Sim. Cheguei à fazenda, e, na boa, quando olhei ao redor meu estômago se rebelou. Mato nos quatro cantos. Nada estava bem para mim. No entanto, aos poucos, tudo foi se encaixando. As coisas melhoraram gradualmente, e, quando percebi, estava completamente inserida àquela nova realidade. Havia me apaixonado pelo lugar e pelas pessoas - principalmente pelas pessoas. Encontrei um novo sentido para minha vida, me encontrei e descobri outros amores.

Então, agora temos outra história para contar...

Um

Duke

Rio de Janeiro

DEITADO NA CAMA DE JADE EU DESABEI. COMO PUDE TER ME enganado tanto? Melissa não era a pessoa que pensei. Ela ignorou meus sentimentos, foi fria e cruel. Nessas horas me lembrava das palavras de Bernardo sobre o *mundo paralelo*[\[2\]](#). Ele dizia que praticamente todas as pessoas das grandes cidades, eram frias e valorizavam coisas e não sentimentos.

Olhava para o teto decorado com adesivos de estrelas e me lembrava dos momentos felizes que passamos juntos, deitados sob a luz da lua. Lembrava-me de seus cabelos curtos e ligeiramente desfiados, da tatuagem de borboleta, no pescoço, que eu mesmo a levei para fazer no *Estúdio do Skin*, e como me esquecer daquelas mãos pequenas e dos dedos leves tocando minha face? Sentia-me frustrado. Por que me deixei envolver tanto? Mas, é que foi tão bom! Ficávamos horas sob o velho carvalho, lá pelas bandas da Rocha Alta, entretanto Melissa se cansou. Agora ela estava em seu ambiente, e havia sua vida e seus amigos que não foram nada legais comigo. Era um bando de pessoas egoístas e metidas. Tinha sua mãe escandalosa que gritava o tempo todo. Era completamente histérica, alienada e verdadeiramente sem noção. E havia ainda seu pai, que não era nada pai, se, comparado a Bernardo. Antes mesmo

de acabar o verão, Melissa anunciou que voltaria para casa, porque já estava farta de andar a cavalo, nadar na cachoeira gelada, rolar na grama úmida pela relva e cansada de ver Jade agarrada a Fred. Quando disse isso, imaginei que estivesse com ciúmes da amiga. Mas droga! O que ela queria? Jade estava apaixonada, e quando se está *in love* [3]- como ela mesma dizia, não se tem vontade de fazer mais nada, apenas ficar juntos. Sem conseguir contra argumentar, acabei deixando minha futura ex-namorada voltar para casa. Porém, alguns dias depois, lutando para me esquecer de meu “possível amor que viria de longe”, minha “menina do Rio”, foi inevitável. Decidi partir para tentar convencê-la a ficar comigo, independentemente do lugar. A casa do Leblon já estava desocupada naquela ocasião, então Jade a ofereceu a mim. Aceitei porque precisava de tempo. Melissa, por telefone, antes mesmo de eu viajar, tentou dissuadir-me, no entanto, como estava mesmo ligado a àquela maluca, resolvi partir, embora ela tivesse deixado bem claro, que não desejava se “amarrar”. Então, não me canso de perguntar: “Qual era o problema dela”? Estava decepcionado. *O pior é que ela escorregava mais do que sabão.* Eu a havia tratado tão bem em Estrela do Campo, e agora que ela, mesmo a contra gosto, era anfitriã em sua cidade, estava evitando-me. No fundo, sentia que gostava de mim. *Mas, por que fugia?*



Remexia o tempo todo, estava sem lugar e irritado. Pensava em permanecer no Rio, mas não tinha certeza. Queria estudar e esta era uma boa oportunidade, embora soubesse que minha adaptação seria difícil, uma vez que era do interior e curti a vida no campo.

Talvez, optasse mesmo por um curso a distância - como meu irmão. Não tinha nada a ver com aquela vida que um dia fora a de Jade. Se ficasse, as coisas seriam diferentes e contrárias. Teria de me acostumar. Sentiria na pele o que Jade sentiu quando fora obrigada a se mudar.

Estava deslocado, e pelo jeito, não poderia contar com Melissa que me havia dado o maior fora. Achei complicada a minha situação. Na verdade, achava que não era para ser, afinal, o que senti por Melissa era mais parecido com atração física. Embora, estivesse muito ligado a ela, em todos os sentidos. *Nossa! Em relação a sentimentos eu era um fracasso. Nem tinha certeza do que sentia.* Compreendi também que talvez a tivesse usado, mesmo que inconscientemente como uma "tábua de salvação". Queria arrancar Jade de meu coração e Melissa apareceu na hora certa. Era bonita e faceira, então entrei de cabeça. Para falar mais verdade ainda, não sabia o que estava dizendo. Achava que amava as duas, cada uma de um modo. *Seria possível amar duas?*

Apertei os olhos num sinal claro de esgotamento. Sentia-me acabado com esses conflitos emocionais, que atrapalhavam e diminuía minha capacidade física e mental. Sentia que meus dias passavam em câmara lenta e que as dores pelo corpo e cabeça não me dariam alívio - o que agravava também a depressão e o stress.

Mais uma vez me lembrei da última conversa que tive com Melissa, pouco antes de ela voltar para casa, para sua vida intensa e cheia de acontecimentos...

15/01/2012

— Mas, Mel ainda falta alguns dias! - argumentei aproximando-me dela que estava na varanda, de costas. Sentia-me triste. Meu cérebro ainda não havia assimilado tudo que Melissa dissera, estava visivelmente tenso.

— Du, não me leve a mal! - virou-se para mim irritada com ela mesma. — Mas ao contrário de Jade, não aguento mais ver mato — tocou meu rosto. Eu me sentia péssimo e estava visivelmente abatido. Tinha a impressão de que meus dias alegres se acabariam. Continuou: - Não sou como ela que agora acha que aquele “matinho” ali dá uma boa fotografia — apontou para o horizonte e olhou para mim novamente, com cara de coisa alguma. - Dá pra entender? — perguntou.

Ela sabia que partindo antes do previsto, me magoaria. Mas o que Melissa queria? Me amarrei sim! Pra valer! Por isso me assustei quando ela disse que partiria. Foram tantas promessas e declarações. Lembrou-se por um momento do pedido que a amiga fizera: para que não alimentasse minhas esperanças, porque era como se fosse seu irmão. Mel deu-me as costas, pensativa. Com olhos marejados e os braços cruzados, prosseguiu. Sabia que tinha de ser convincente.

— Gosto mesmo é da paisagem urbana e não aguento mais andar a cavalo! - enfatizou, novamente. Depois se lamentou: - Sinto muito Du mas esta cidade não é para mim. É pequena e sem graça.

Nesse momento, levou a mão ao estômago que revirava.

— Alguém aqui te maltratou? — quis saber, pois achava que ela havia desistido rápido demais, para alguém que chegara tão

animada e elogiando tudo.

— Claro que não! Nããooo – salientou. – Não se trata disso Du.

Oh Deus! Isso vai ser difícil! – ela pensou.

— Uau! – exclamei balançando a cabeça. - Pensei que gostasse daqui. Cansou rápido demais! – virei Melissa e perguntei, segurando-a pelo braço: – E a gente? - aproximei-a ainda mais e pude sentir seu hálito gostoso bem perto de meu nariz. Ela fechou os olhos. Esse momento foi tenso e torturante porque queria tomá-la em meus braços e beijá-la. Mas me segurei. Uma lágrima brotou de meus olhos, porém não a deixei cair. Não queria acreditar no que estava acontecendo. Ali, parado perto de Melissa, sentia o ar frio da fazenda soprar em meu rosto e me recusava a acreditar que talvez Melissa ainda não fosse *"meu amor que viria de longe"*.

— Du... – Mel ameaçou falar, mas afastou-se ofegante. Aquela conversa tensa, era difícil para ambos. Novamente senti que não queria magoar-me, porque escolhia as palavras. Mas, também percebi que não aguentaria permanecer ali nem mais um dia, então, tentou acabar logo com aquilo. Porém, ainda titubeava. Insisti. Fui atrás dela, que se encostara à pilastra, sentindo-se pressionada. Ela baixou os olhos para evitar o contato visual. Acredito que tinha medo de fraquejar. Sua cabeça trabalhava a mil por hora e seus pensamentos pareciam torturá-la.

"Tenho de dar o fora da fazenda. Não quero "essa coisa de amor". Não é um lindo par de olhos azuis que me prenderão a um lugar como este, e nem desejo passar no meio do nada o restante de minhas férias. Deus! Quero voltar para casa! Para meu mundo. Quero ver o mar!"

— Entenda! – Mel disse, dessa vez olhando para mim. - Curti cada momento que passamos juntos, mas deu! – continuou resoluta, embora sua voz vacilasse, emendou: - Se para ficar com você tiver de permanecer aqui, tô fora!

— Puxa, nunca pensei que a franqueza doesse tanto! – eu disse desanimado.

— Prefiro ser honesta com você a ficar te enrolando! – afirmou tentando parecer fria.

— Está bem, mas e como a gente fica? – minha voz saía estragulada.

— Não fica! – pensou por um segundo. Ela não conseguia encarar-me por muito tempo. *Mas caramba! Por que lutava contra seus sentimentos?*

Desviou os olhos. Mel parecia pisar em ovos.

— Du ouça! – segurou minha mão, impaciente. - Foi legal... – pausou balançando a cabeça, nervosa. Não estava preocupada apenas comigo. Ela sabia que Jade provavelmente lhe daria uma bronca. - Curti muito, mas cara, quero minha casa, quero a praia!

Pausou novamente levantando o pescoço como se procurasse a ar e acrescentou: — Quero sentir a brisa do mar chicotear meu rosto – pensou antes de falar e disparou com rudeza: - Aqui o que sinto é cheiro de cocô de vaca!

Sentiu-se má, mas tinha de ser convincente. Fuzilei-a com olhar de reprovação. Melissa disse por fim: — Pensei que Jade se importasse comigo, mas...

— ESPERA AÍ! - objetei. Minha voz dessa, vez projetou-se tão alta e grossa, quanto o estrondear de um trovão. Continuei: - Sei que veio por causa de Jade, mas agora você está comigo! Temos uma história, ou não? - relaxei rapidamente e sorri esperançoso. Continuei: — Ah qual é? - segurei seu braço. – Jura que não está gostando? A gente se dá tão bem, e... – deixei as palavras no ar. - A não ser que esteja fingindo.

— Du, a gente se curte sim. Você é um gato e... é um cara gostoso, e não! Não estou fingindo. Me desculpe, não sei explicar o que deu em mim. É que, eu, eu estou com medo!

Deu um sorriso nervoso. Depois tocou minha face vermelha pelo frio e roçou o dorso da mão em minha barba raspada. Segurei sua mão, prendendo-a. Beije aquela palma macia e delicada de olhos fechados.

— Medo? Por quê? Machuquei você? Te fiz algum mal?

— Não gato. Você é o cara mais amável que conheci. Mais doce e apaixonante. Não sei o que deu em mim. Provavelmente vou me arrepender pelo resto de minha vida por tê-lo magoado, mas não tente me entender. Nem eu mesma consigo.

— Mel, por favor! – supliquei. – Estou gostando muito de você! Acho que depois que veio para cá consegui me esquecer de... – pensei depois continuei: - Acho que consegui tirar alguém de minha cabeça. Alguém que me perturbava e que não era para ser.

— Ahh não gostei disso não! Você me usou? – ela perguntou puxando a mão.

É claro, dei mancada, não deveria ter lhe dito aquilo. Mel apertou os olhos, levantou as mãos e prosseguiu.

— Tudo bem. Não importa. Du eu sinto muito cara, mas... – afastou-se um pouco e se virou-se para não me encarar. Os argumentos de Melissa fizeram com que minhas feições endurecessem tão rápido quanto o espocar de um flash.

— Então para você não signifiquei nada não é Mel? É assim?

— O que quer dizer? – Melissa virou-se abruptamente e me perguntou irritada.

— Pensa que só porque “ficamos”, temos de nos casar? Ah qual é! Du caia na real!

Ela decidiu pegar pesado.

— Sou uma garota acostumada às coisas da cidade grande – emendou esticando os braços. – Olhe só para minhas mãos! Vê? Estão cheias de calos de tanto segurar rédeas de cavalo. Estou pálida, porque só ando de blusa de frio – disparou um tanto áspera: - Du, este lugar é um *freezer* de tão gelado! Compreende meus motivos? Hum? - perguntou-me ainda fitando meus olhos. E como não disse nada, continuou. Dessa vez gesticulando: — Saiba que gosto mesmo é do calor, do sol escaldante, de mexer na areia com os pés. Gosto de pegar onda... uau! – exclamou saudosa balançando a cabeça e sibilando. – Não tem nada a ver com você, *honey*[\[4\]](#)! É o tipo de vida que levo.

— É assim que fazem lá em sua cidade? – perguntei segurando-a pelos ombros. - Usam e abusam dos sentimentos dos outros e depois pulam fora, como se a pessoa fosse um... sei lá, um objeto? -

agarrei-a pela cintura encostando minha testa à dela. Melissa não era indiferente. Fechou os olhos e permaneceu assim. Ela arfava bastante. Sem conseguir me segurar, tomei seus lábios e a beijei como se fosse a última vez. Quase pirei. Melissa mexia muito comigo. Segurei aquele rosto perfeito entre minhas mãos e olhei dentro de seus olhos. Ela gostava de mim. Gostava muito, mas tinha medo de compromisso. *Isso, ela explica depois, em detalhes.*

Ela pensava que se ficasse na fazenda, certamente se amarraria pra valer. Mel decidiu fugir dos próprios sentimentos, por isso simulou ser fria e tentou demonstrar que não ligava. Empurrou-me com força. Depois, se virou para tentar se recuperar. Aquele beijo fez suas pernas vacilarem.

— Cara, tá fazendo isso parecer dramático demais! – berrou, engolindo a saliva. Dessa vez tentou parecer mais dura. - Como disse, se para a gente “ficar” eu tiver que permanecer aqui, não quero! – ainda que tentasse falar baixo sua voz projetava-se alterada. Continuou: - Sinto muito Du, não pertencço a este lugar. E já chega! Preciso sair. – ela deu alguns passos e parou quando ouviu minha voz.

— Pense bem Mel! Faltam poucos dias, terá sua vida de volta! É só esperar mais quinze dias, por favor!

— Mas... – Mel virou-se abruptamente, sem paciência alguma, e com a expressão cansada disparou: - Que diferença faria? Você mora aqui! Admita Du! Isso nunca daria certo. Pertencemos a mundos diferentes.

— É que... – pensei e depois declarei com segurança: - É que vou para o Rio, Mel.

— Como é que é?! – Melissa indagou sem acreditar. Afinal queria fugir do amor e este a cercava por todos os lados.

— É. Vou para estudar, decidi que farei cursinho no Rio – repeti.

Melissa deu as costas para mim, irritada. Entrou batendo os pés e a porta com força. Levantei os ombros e abri as mãos tentando entender o que dera nela. Abri a porta e gritei cheio de dúvidas: — MEL! NÃO QUE FICAR AQUI, OU NÃO ME QUER EM SUA VIDA? – não entendia a atitude dela. Pensava que ela não quisesse ficar comigo por causa do lugar. Voltou-se para mim vacilante e respondeu também alto: - JÁ DISSE! – depois, acrescentou, sentindo a garganta se estreitar: - Pra mim já deu!

— Quero ir com você! – declarei, sentindo uma lágrima brotar. Limpei-a, imediatamente. Estava desesperado, pois entendia que Mel, talvez fosse a “solução” para os conflitos internos. *Aqueles que enfrentava e que me dominavam há meses.* Melissa subiu as escadas em direção ao quarto que ocupava e se fechou para arrumar as malas. As pernas quase não sustentavam seu corpo. Sem conseguir dar mais um passo, encostou-se à porta, ofegante.

— “Que droga”! – gritou para ela mesma, pensativa.

Melissa não queria admitir, mas gostara de ficar comigo. E pelo jeito, eu de ficar com ela, porque estava fazendo aquele momento tenso, parecer o fim do mundo. Mel jamais poderia imaginar que em apenas dois meses, ficasse “tão mexida”. Também fiquei. Essa questão ainda estava cercada de interrogações em minha cabeça”. *Amar seria assim tão complicado?* – eu pensava.

Ela continuou falando sozinha:

— Tenho de dar o fora desse lugar “enfeitado”! Bem que Jade disse que aqui é “mágico” Putz!

Não me dei por vencido. Segui Melissa e abri a porta do quarto abruptamente, disposto a desabafar.

— Tá maluco? – afastou-se, assustada encostando-se ao armário.

— Então para você fui apenas um “ficante de verão”? Não signifiquei nada? – Questionei nervoso, avançando até quase tocá-la. A respiração ruidosa e acelerada.

— Ahhh! Não coloque as coisas assim!

— Diga o que fui para você Melissa! Porque percebo que não está cansada somente da fazenda, está cansada de mim!

— Du sinto muito!

Ela baixou os olhos, sentindo-se um pouco intimidada.

— A gente curtiu muito. Foi “super”, ficar com você. Nos divertimos, mas o que queria? – perguntou-me.

— Eu quero você! Quero você Melissa! – repeti esticando os braços, mas ela fugiu, para o outro lado e encostou-se à parede.

— Pode parar por aí Du! – esticou um dedo.

Ficamos os dois nos encarando por alguns segundos. Estava tenso. Meu maxilar enrijecido, meus punhos cerrados. Melissa então deu as costas. Dava para perceber que se sentia mal com tudo aquilo. Ela acreditava que se ficasse ouvindo meus argumentos, poderia voltar atrás e ela, definitivamente, não queria “essa coisa de amor e paixão”. Decidiu que precisava dar o fora. Apanhou uma blusa rapidamente e a dobrou para colocar na mala. Embora,

estivesse amedrontada pela minha reação, não voltaria atrás. As lágrimas pediam passagem.

Não! – Melissa repetiu mentalmente. - *não quero isso para mim!*

Mel era uma garota para “aventuras”. Livre. Não se imaginava presa a alguém, casada, numa casa, cuidando de filhos. Anunciou depois de limpar as lágrimas e engolir o choro: — Volto para casa ainda hoje.

— Juro por Deus Mel, pensei que fosse o meu... – joguei as palavras ao vento e balancei a cabeça. - Eu desisto! - disse por fim: - Droga, deixa pra lá! Não vale a pena. Você não se importa!

Ainda a encarei por alguns segundos e depois saí batendo a porta com tanta força, que Melissa levou a mão ao peito, assustada. Concentrou-se finalmente nas malas, ao mesmo tempo em que dava vazão aos litros de lágrimas que vieram com força total. A consciência torturando-a.

Por que sou assim? Por que amarelo? Amar, assumir um compromisso seria assim tão ruim?

Partiu sem se despedir de Jade e dos demais. Não queria explicar nada a ninguém. Pediu a um funcionário da fazenda para levá-la à rodoviária. Da sacada de meu quarto, com os olhos marejados, observei o carro se afastar, deixando no ar apenas a nuvem de poeira vermelha da velha estrada que saía da fazenda.



Virei os olhos em direção à janela. Além de estar sem sono, por causa dos últimos acontecimentos, ainda havia aquele barulho de

carros e pessoas conversando extremamente alto. Meus dias naquela cidade estavam contados. Mel, eu daria um jeito de esquecer. Concluí que talvez não fosse difícil porque passei a sentir muito raiva dela.

Mas, eu me conhecia.

Dois

Mel

AINDA ERA UMA PIRRALHA DE SETE ANOS QUANDO MEUS PAIS SE separaram, e assim como Jade, vivi alguns pesadelos. O primeiro, foi a separação deles. Acredito que por isso, quando a conheci, ficamos tão próximas. Nossas histórias se igualavam em vários momentos. Também tive fases terríveis. Rebeldia, futilidade, irresponsabilidades e por aí seguia. A lista era enorme.

Acho que ainda era assim.

Era apenas meu irmão Maurício, e eu. Mas desde que me entendo por gente, tive tratamento diferenciado em relação a ele, que era o filhinho da mamãe. Era o mais velho e tudo era para ele. Para mim apenas resto.

Ahhh o divórcio?! É claro. Isso foi terrível! Se nossa família era estranha, depois da separação, garanto, ficou bem sinistra! Meu pai era um maluco. Se achava "o garanhão", e minha mãe, histérica, ficou também alienada, completamente sem noção e cruel. Tratava-me como se não fosse sangue de seu sangue.

Éramos uma família de classe média. Não tínhamos grana sobrando, mas também não nos faltava nada. Meu *pai ausente*, era advogado e minha *mãe pesadelo*, psicóloga. Cresci no meio do "fogo

cruzado". E por sorte, consegui me safar. Bem, não morri, mas quase pirei. Sou uma sobrevivente dessa união catastrófica. Infelizmente tive sequelas. Meu coração, inocente e infantil aos 7 anos tornou-se fechado. Apenas três pessoas entraram, então e o tranquei.

Jade era uma delas. Era uma garota sofrida, como eu, e como disse, vivera pesadelos terríveis em sua casa, ainda mais quando seu pai se foi. Todavia, sua mãe a amava e logo minha amiga ganhou um substituto para a figura paterna que era incrível. Por isso, sua vida ainda era melhor do que a minha. E eu pegava carona nela.

Jade e eu crescemos juntas e fazíamos as mesmas coisas. Dormia muitas noites em sua casa. Houve ocasiões em que passava a semana inteira lá. Podia dizer que era feliz apenas nessas ocasiões. Quando voltava para minha casa, era recebida com a seguinte pergunta: "já de volta?"

Caraca! Como uma mãe pode odiar uma filha tanto assim!

Depois de algum tempo, meu irmão foi para o exterior, *com as bênçãos e o carinho dela*. Pensei que tudo fosse melhorar, mas não. Minha vida continuou péssima.

Esse ódio todo começou quando meu pai traiu-a, de maneira fria e cruel. *Ele foi um sacana! Traiu-a com a minha tia - irmã dela*. Eu não me canso de perguntar: E por que a marcação cerrada comigo? Entendi um pouco depois...

Mamãe ficou doente. Teve depressão profunda e quase não conseguiu se recuperar. Nunca perdoou a irmã, e, é claro, meu pai, mesmo morando em outra casa tornou-se seu inimigo número um. *É isso mesmo, inimigo mortal*. Era normal ouvir mamãe dizer que

ainda o mataria. *Santo Deus! Confesso: minha mãe me dava medo.* Infelizmente a guerra entre eles nunca teve fim. Às vezes, quando estava em casa, ouvia as discussões acirradas e inflamadas, via telefone. *Não imagina como me sentia mal. Depois, por tabela, sofria as consequências. Só porque era filha dele.*

Maurício, que era mais velho, e não era filho de meu pai, não se desgrudava dela. *Então, dá pra entender porque ela o amava, não é?* Resultado: por causa desse detalhe genético, eu ficava de fora de tudo.

Tudo mesmo!

Mamãe não me levava a lugar algum, não me comprava nada e nem resolvia nada que fosse para mim ou em meu benefício. Fui praticamente excluída da família apenas por ser filha de meu pai. *"Caramba como isso é estranho!"*. Mas dei meu jeitinho. Virei "sombra" de Jade. Não desgrudava dela por nada. Usava suas roupas, sapatos e tudo mais. Passeava com ela e sua mãe, e desde então, as considerava minha família. Não posso dizer que tive momentos felizes com minha família de verdade, porque não me lembro. Infelizmente só me recordo de momentos tristes, e estes, queria banir de minha memória.

Quando estava com dezessete anos recebi um convite para ir para o exterior. E por esse motivo, não fiquei sabendo do acidente que vitimou Laura e Thomas e deixou Jade em coma. Naquela ocasião estava no auge. Sempre fui uma garota bonita. Não uma beleza exuberante, mas tinha tudo no lugar. Ainda tenho. Meu corpo é perfeito bem definido. Não sou baixinha, mas também não sou alta. Meus olhos, negros, não são encantadores, como os de Jade, mas

são expressivos. Como dizia meu pai... "duas jabuticabas maduras". Meus cabelos loiros têm o tom do milho verde e são sedosos. Naquela época caíam pelas minhas costas e nas pontas eram levemente cacheados. Embora, em minha viagem para o exterior os tivesse cortado. Lembro-me de que Laura adorava penteá-los. Ela colocava Jade e eu sentadas em frente ao espelho e nos arrumava. Parecíamos irmãs gêmeas. Em frente ao espelho sempre me emocionava. Olhava para a mãe de Jade através do reflexo e a admirava. Perguntava-me em pensamento: *por que minha mãe não era como ela? Poderíamos ter sido tão felizes!* - Deste modo, a única coisa que me restava era os carinhos e cuidados da mãe de minha amiga.

Tornei-me uma garota dura, irônica, arrogante e manipuladora. Mentia descaradamente e não deixava que o amor entrasse em meu coração. Pelo menos eu tentava. Prova disso era Duke. Quando o conheci na fazenda, de cara me senti atraída por ele. Era lindo, tentadoramente másculo e gentil. Daqueles caras que protegem, abrem a porta para a garota, seguram o guarda-chuva e fazem de tudo para agradar. No início achava tudo aquilo careta, mas, aos poucos, gostei. Era diferente dos caras com os quais lidava. Caí de amores por ele. Entreguei-me de corpo e alma. Mais de corpo - confesso. Tentei deixar nosso relacionamento apenas no nível, "férias de verão", todavia quando percebi que estava me ligando, tratei de pular fora. Decidi rapidamente. Aconteceu conosco alguma coisa de "mágico". Por isso quis dar o fora. Até inventei que sentia ciúmes de Jade e Fred, que andavam agarrados. Bem, meu estômago se rebelava quando ouvia Fred chamando Jade de "Preciosa". Achava aquilo meloso demais. É, definitivamente não

queria essa “coisa de amor”. Acabei concordando com minha amiga quando dizia que a fazenda era especial. Gostei de verdade, mas não queria gostar. *Caramba, como era confusa!* Achava lá longe demais e muito parado. Eu gostava era de agitação, aventuras, e acima de tudo, adorava ver gente, muuita gente. Amava suar o corpo dançando, e na boa, Estrela do Campo nem tinha uma academia de dança! Não sei como Jade conseguiu se adaptar! Vai ver é o tal do amor. *Argh.* Entretanto, apesar de meus sentimentos contraditórios, fiquei balançada. Sentia-me uma boba. Me emocionava com tudo e comecei a ficar assustada. Decidi que não me deixaria levar por este sentimento. Não queria para mim a vida terrível de minha mãe, que foi apaixonada por meu pai e acabou cheia de ódio no coração. E prometi para mim mesma que nunca seria mãe.

Jamais, never, nie. [5]Fora de questão!

No dia em que arrumei minhas malas, sofri. Du praticamente implorou para que não partisse. A verdade, “verdade verdadeira” era que, se eu seguisse meu coração – que estava completamente entregue ao Duke -, não voltaria para o Rio, mas amarelei e acabei me enrolando numa mentira “cabeluda” e fazendo com que todos pensassem que era avessa à fazenda. Aquilo lá é lindo. Como não gostar? Viver lá é que talvez fosse complicado. Tive de mentir, inventei motivos. Disse que o lugar era frio demais, que minhas mãos estavam cheias de calos e um montão de outras coisas, as quais não eram verdade. Bem, era frio, mas romântico. O que dava mais clima. Por isso tive de fugir.

Nossa eu era a rainha das contradições!

Apenas numa coisa não mentira. Eu tinha sim saudades do mar. Mas, conseguiria ficar sem o mar se ficasse ao lado dele, que era demais. Romântico ao extremo, brincalhão e gentil. Acabei descobrindo que Du nunca deixaria que eu me cansasse daquele lugar. Ele me surpreendia em todas as manhãs e algumas noites também. Numa dessas, pouco antes de eu "bater em retirada", fez uma serenata. Aquilo acabou comigo! *Num bom sentido*. Deixou-me caidinha e ainda mais apaixonada. Mas, definitivamente, essa não era uma opção. Du chamou-me de "cruel". No momento em que fiz minhas malas, me senti cruel mesmo. Com todos naquela casa, e, principalmente, comigo mesma, uma covarde.

Três

Jade

ALGUMAS COISAS EM ESTRELA DO CAMPO DEVERIAM SER TOMBADAS. As terras da fazenda, a Rocha Alta, o paredão perto do grande carvalho, dentre outras coisas. Na parte baixa da cidade, ao lado do cemitério, havia também um rio caudaloso. Bernardo contara-me certa vez, que pescava muito naquele rio. Era lindo e era considerado cartão postal do lugar. Um píer foi construído para facilitar o acesso aos barcos que ficavam enfileirados lado a lado. De vez em quando, passava por lá para acompanhar o lindo pôr do sol e ficar observando a movimentação das nuvens. Amava ver os grandes pássaros que ali pousavam e ajudavam a enfeitar ainda mais aquele cenário. Eu descreveria aqueles crepúsculos como mágicos. Nunca se repetiam e eram sempre harmoniosos. Um dia fotografei um porque achei ser o mais lindo que já vira. Não se via o azul, mas se podia facilmente identificar os vários tons de vermelho, laranja e amarelo. Naquele final de tarde, algumas nuvens negras conferiam um aspecto sombrio e ao mesmo tempo encantador ao fenômeno, que se refletia nas águas. *Coisa de Deus!*

Adaptei-me a tudo e adquiri alguns hábitos. A comida era deliciosa e desde que chegara à Estrela do Campo passei a comer melhor. Até engordei um pouquinho. Vivia tentando fazer regime, mas era difícil. Entretanto, notei que conseguira voltar para o peso

normal. Já gostava de caminhar. Passei a amar e concluí que esse exercício diário me ajudava a manter o peso. Sentia tanta falta desta atividade, que quando não podia praticá-la, por causa de chuva, ou algum outro motivo, sentia que meu corpo ficava ruim. Gostava mais de andar, que de cavalgar. E cavalgava apenas de vez em quando.

Fred viajava muito e algumas vezes, sentia-me só e entediada. Isolda era maravilhosa, mas ficava no orquidário quase em tempo integral. Eu a ajudava, mas não conseguia ficar lá por muito tempo. Minha madrasta - que de má não tinha nada -, tornou-se uma amiga com "A" maiúsculo e uma mãe com "M" gigante. Quando por algum motivo, sentia-me angustiada, deitava-me em seu colo e chorava rios. Ela acariciava minha face e afagava meus cabelos. Ficava comigo até dormir. Nesses momentos, de olhos fechados, pensava em Deus. Como ele era perfeito. Perdi minha mãe por alguma razão. *Essa ferida jamais cicatrizaria*, mas consegui meu pai de volta e tive o "pacote completo", porque ele tinha uma família. Uma família espetacular. Embora, não o tivesse mais, agradecia todos os dias por ter tido a oportunidade de conviver com ele por alguns meses e amá-lo.

Fiquei ainda mais apaixonada pela fazenda e não entendia por que Melissa não gostara. *Paixões diferentes*. A fotografia tornou-se um importante hobby e me distraía. Registrava tudo que via, pássaros, flores, lagos, até mesmo as grandes encostas. Elas eram como falésias e se podiam ver samambaias brotando delas. *Incrível*. As noites eram sempre muito agradáveis, embora sentisse muita falta de Du, que era meu parceiro de verdade e fazia a alegria da casa. Era minha companhia para o cursinho e tantas outras coisas. Nos fins de semana ficávamos apenas Fred, Isolda e eu na sala, ora

assistindo novelas, que Isolda amava, ou a algum filme, ora jogando Xadrez, que aprendi depois de quebrar a cabeça. Porém, não era uma boa jogadora. Os nomes das peças e as estratégias não entravam em minha cabeça. Acho que era porque não gostava de jogar. Fred sempre dizia algo que lera em algum livro: *"Os peões são a alma do xadrez", disse o imortal Philidor já no século XVIII; de fato, quer marchando gloriosamente para a coroação no final da partida, quer sacrificando-se para romper as defesas inimigas, quer fazendo uma muralha em torno do próprio rei, este humilde e valente soldado bem merece aquele julgamento. "Cuide bem dele, e sua partida, será um suave passeio"*

Eu ria de seus comentários. Fazia de conta que apreendia tudo e divagando pensava que a cada dia que se passava conhecia um pouquinho mais sobre Fred. Até mesmo seu outro lado...

Sempre que podia ia ao Cemitério Municipal "visitar meu pai" e levar flores. Seu túmulo era o mais bonito. Isolda caprichosamente arrumara o local e sempre levava uma flor diferente. Combinamos de visitá-lo em dias diferentes, assim, podíamos expressar nossos sentimentos à vontade. Eu, particularmente, adorava conversar com ele. Uma maluca que ficava sentada sobre o túmulo, gesticulando. Várias vezes surpreendi o coveiro fazendo o sinal da cruz, quando me via "de papo com o nada". *Coisa de maluca mesmo!* Mas, isso me fazia bem, desabafava e algumas vezes, chorava. O Cemitério Municipal ficava praticamente na saída da cidade e tinha uma vista linda para o Rio Estrela.

No final de fevereiro, participamos da inauguração de uma danceteria. Vibrei porque era uma opção deliciosa de

entretenimento, embora tivesse o "Velho Oeste", mas segundo comentários, este, não era um bar legal para garotas. Não como eu. Em razão disso, nunca coloquei os pés Lá. Fomos à danceteria apenas uma vez, por insistência minha. Para me descontrair um pouco e dançar, mas ficamos a maior parte do tempo apenas sentados no bar, porque meu namorado possessivo odiava dançar e não me deixava sair de perto dele por nada. Foi assim que começaram nossas brigas...

Quatro

Duke

A COISA MAIS ESTRANHA SOBRE “COMEÇAR” É A ADAPTAÇÃO. Tudo em mim estava descoordenado, além de meu estado de espírito nada animador. A começar pelas noites - sempre uma tortura. Nas primeiras, conseguia dormir apenas depois de três horas de mensagens, tentando convencer meu cérebro de que ele tinha de apagar. Cheguei até a experimentar a velha técnica de contar carneirinhos. Definitivamente, não me sentia bem. Estava arrasado e com saudades de casa. Sentia falta de mamãe, Fred, Jade e até mesmo de Estelinha. Sentia saudades de minha vida no campo.

Num desses intermináveis bate-papos, no Face, Jade contou-me que ela e Fred estavam brigando muito, porque ela cogitou a possibilidade de estudar no Rio, e ele não queria nem pensar no assunto. Entretanto, minha pedra verde não se sentia bem com isso. Ela era assim, não gostava de se sentir tolhida. Fazia cursinho pré-vestibular em Estrela do Campo, para depois, prestar vestibular. Se, fosse preciso, viria para o Rio. Mas, primeiro teria de convencer seu namorado turrão. Eu percebia, nessas nossas conversas, que uma das coisas que lhe dava muito prazer, eram as aulas de direção. Jade dizia sentir-se nas nuvens, livre. Porém, antes mesmo de tirar a carteira, queria dirigir, contrariando Fred. Aprendera rápido, e ela mesma gostava de ir para o cursinho, guiando. “*Que não fosse pega*”

em nenhuma blitz, das poucas que havia na pequena e pacata Estrela do Campo”.

Antes de se sentir segura ao volante, nos dias em que Fred precisava ir à faculdade, ou mesmo viajar a negócios, mamãe a estava levando, mas Jade queria dirigir seu próprio carro e se empenhou. Aquela doidinha aprendeu rapidamente. A maluca tinha o pé pesado; gostava de velocidade e acabava com os nervos de Fred com sua teimosia, que era um de seus principais defeitos, embora, não fosse um *defeito* tão ruim assim. Às vezes, a teimosia a deixava charmosa. Mostrava sua personalidade. Fred a “matava de raiva” também – palavras dela. – Ele sentia ciúmes da namorada com todos, mas, principalmente, com DJ. E, mesmo depois que ela aprendeu a dirigir, Fred a levava todos os dias em que não tinha compromissos. Jade contou-me que ele e DJ se estranhavam quase todas as noites, e isso a enfurecia. Ela e o cara estudavam no mesmo cursinho, uma vez que tinha apenas um naquela cidade. Jade deixou-me com uma impressão ruim e temia que os dois rompessem por causa desses desentendimentos. Eu perguntei se isso afetaria a relação deles que era tão intensa. Ela disse - meio insegura -, que acreditava que não. Embora, tivesse deixado claro, que estava chateada com Fred, que mudara muito, em muitas coisas. Afirmou ainda, que, assim que terminasse o primeiro trimestre, tentaria convencer Fred a deixá-la prosseguir com seus estudos, na boa, sem brigas. *Qual o problema?* - ela havia me perguntado. Respondi que não havia mal algum, em minha opinião. Mas, cá entre nós, conhecia meu irmão. Era orgulhoso e demasiadamente ciumento, diria mais, doentamente. Sempre o achei intenso demais. Não se amarrava fácil. Contudo, com a Jade,

era coisa de infância. Antes de ela ir para a fazenda, ele “pegou” algumas gatinhas. Nada sério. Mas, nunca deixou de citar o nome dela.

Jade titubeava com relação ao Rio. Eu não dizia a ela, mas achava que acabaria não fazendo o curso de dança. Sabia que sofria com seus dilemas, assim como eu, com os “meus”. Tentava levar a vida. Queria mesmo me adaptar. Infelizmente tudo era diferente. Tive a maior dificuldade para me acostumar ao trânsito. *Imagine, eu que estava acostumado a me aventurar nas pequenas estradas de terra batida e no mato!* Jade tentou explicar-me muitas coisas sobre como era à vida na cidade grande, especificamente no Rio. A cidade era maravilhosa, como todos diziam, e como Melissa falara, a paisagem era “urbana”, diferente do que estava acostumado. Tinha as praias, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, e a beleza das gigantescas pedras, dentre tantas outras coisas. Gostava mesmo daquele cenário, achava lindo. Todavia, era difícil de me acostumar. Sentia-me travado até para me relacionar com as pessoas no cursinho. Notava que os colegas eram... um tanto “elétricos”. É claro, já estavam acostumados uns aos outros. Eu, ao contrário, sentia-me um peixe fora d’água, totalmente deslocado. Sentava-me, diariamente, na primeira fileira para tentar assimilar as matérias, da melhor maneira possível, mas não funcionou. Sempre tive facilidade em matérias consideradas difíceis, porém, não estava me dedicando. Deveria estar ali, mergulhado nos estudos, dar o melhor de mim, afinal, era o que queria, não era? Estudar? Concluí que não entrara de cabeça, porque meus pensamentos estavam descoordenados e confusos. Pensava dia e noite em Jade e não podia negar que Melissa ainda habitava em meu coração. As duas tomaram posse de

minha alma. Mas, essa era uma tarefa difícil. Por isso, pensava, seriamente em adiar meus estudos. Não estava com cabeça.

Sentia falta de cavalgar. Nem gostava muito disso! Mas, Jade me fez amar essa atividade. Aquela maluca me fez amar muitas coisas. Ela deu graça à minha vida. Ficar longe dela deixou-me ainda mais confuso. Sentia saudades do vento na cara - aquela sensação de liberdade. Os galopes perseguindo minha linda irmã do coração, que montava Savannah. Adorava ver seus cabelos loiros sendo levados pela brisa e amava sentir o perfume que ela deixava no ar. Nossa! Gostava de tantas outras coisas. As palhaçadas, as brincadeiras - como as guerrinhas de pipoca e jabuticaba -, os momentos sob o velho carvalho, o colinho dela que era reconfortante. Desejava a todo o momento ter suas mãos afagando meus cabelos. Tinha saudades até mesmo de suas reclamações. Uau! Minha vida era só isso agora, pensar em meus momentos com Jade e em minha velha rotina. Quando não pensava em Jade, Melissa dominava meu cérebro. *Que droga!* Custei a me apaixonar e agora não tinha idéia do que seria de mim.

Sentia tanta falta dos ares da fazenda que precisei pedir a Jade que me desse, "alternativas" no Rio para me distrair. A praia era legal, mas fiquei entediado logo na primeira semana; também porque fiquei arrasado com o fora que Melissa me dera. Certamente a coisa mais lógica seria ocupar minha cabeça e meu tempo com outras atividades; assim, pensaria menos "nelas". Jade me falou de um haras. Ficava na cidade de Itaipava e praticamente todos os fins de semana estava lá. Era perto, "tipo" uma hora e meia. Dessa forma, matava um pouco a saudade dos cavalos. Infelizmente, não "dela", mas "ela" teria que arrancar de minha cabeça e de meu

coração. Sabia que seria difícil porque a amava... como a uma irmã. *MENTIRA! A quem eu queria enganar? Eu a amava* como um homem ama uma mulher. Desejava-a. Sempre a desejei. Isso estava me matando. Queria que tivesse sido diferente. Tentei. Meu coração tentou, mas ficar longe dela fez vir à tona esse sentimento com força total. Entretanto, meu cérebro gritava a todo o momento: "ELA É PROIBIDA PARA VOCÊ"! E eu sabia o motivo. Era a garota de meu irmão, embora tivesse se declarado a mim primeiro. Idiota, declinei. Fui um imbecil naquela época. Pensei em seu pai. Não queria que Bernardo pensasse que desrespeitasse sua filha e acabei entregando-a, de bandeja, a Fred que não pensava como eu. Quando conheci Melissa, uma luz se acendeu no fim do túnel, mas logo se apagou.

Os cavalos do haras eram de raça. Havia *Campolinas e Marchadores*. Fazia longos passeios por bosques de eucaliptos, pinheiros, criatórios de trutas dentre outras coisas maravilhosas. Acabei ficando viciado. Sempre encontrava as mesmas pessoas. O Haras possuía animais dóceis e também havia aqueles mais ariscos. E, era num desses que me sentia ainda melhor. Tinha muita experiência. Relâmpago era assim, *arisco*. Quando havia feriado prolongado, me hospedava numa das muitas pousadas e passava naquela região momentos agradáveis, embora fossem momentos solitários. Aquela doidinha da Jade, mudou até isso em minha vida. Antes, podia dizer que me sentia só. Havia, é claro, mamãe, Fred, Bernardo e Estelinha. Havia também meus amigos de escola, mas alegria de verdade, momentos intensos, só tive quando Jade foi para a fazenda. Era por isso que gostava tanto dela. Depois que Jade passou a fazer parte da família, as coisas aconteciam e isso era

simplesmente fantástico! Divertíamos-nos muito mais, sorria com muito mais frequência e até mesmo, conheci Melissa. *Disso queria me esquecer! Ou não.* Jurei para mim mesmo que tentaria botar uma pedra nesse assunto. Especialmente, depois que a vi no haras em companhia de um "mauricinho musculoso". *Argh.*

É engraçado como os sentimentos podem ser tão divergentes e confusos. Quando estive com Mel, acreditei que pudesse arrancar Jade de meu coração. E arranquei, por algum tempo. Melissa me distraía. Passávamos muito tempo juntos, nos embrenhávamos pelos lugares "mágicos" da fazenda e fazíamos amor. Fazíamos muito! Naqueles dias conseguia "isolar" Jade. Acreditava mesmo, estar "amando" Melissa. Não podia negar, foram dias inesquecíveis. Porém, Melissa mostrou seu outro lado. E não gostei nada da Melissa esquisita, fútil, arrogante, dissimulada e egoísta que me deixou, após ter dito tantas coisas lindas em meu ouvido e após ter elogiado nosso modo de vida na fazenda. Ela mentiu fazendo-me crer que estava curtindo. O que fez e falou pegou tão mal, que depois de nossa última conversa, no Rio, ordenei ao meu cérebro que a esquecesse. *Como se isso fosse assim, fácil.*

Jade ficou chateada com a amiga, que se mostrara um tanto insensível e cruel. As duas estavam *meio que sem* se falar uma com a outra. Não entendia Melissa, quando estava comigo, parecia tão entregue! Houve momentos que a surpreendi, emocionada. Tive a impressão de que ela havia se apaixonado. Entretanto, pouco tempo depois, deu uma "louca nela", e de uma hora para outra, cismou de voltar para o "mundo paralelo". Jade contou-me, que pedira à Melissa que não alimentasse minhas esperanças, se ela não estivesse disposta a levar-me a sério, porque ela me conhecia e

sabia que eu era um cara "diferente", digamos assim. *Como fui imbecil! Como não percebi que Mel não se adaptaria àquela vida! É claro que não! Mas, o que eu queria? Que ela ficasse morando na fazenda? Não era o mundo dela. Melissa não havia sido obrigada a se mudar para lá como a Jade. Para Mel, seriam apenas férias, diversão. Não deveria ter entrado de cabeça. Banquei o inocente, mas tudo bem! Acho que dei importância demais ao nosso caso. É, pensando melhor, isso é o que foi para Mel, um caso. Um caso de verão!*

Cinco

Jade

HÁ MUITO TEMPO NÃO ESCREVA UMA SÓ LINHA! O FATO É QUE, ESTAVA muito feliz. E quer saber? Não tive tempo. Estava curtindo minha família. Sem contar, evidentemente com Du, que fora para o Rio. Mas, achava que não ficaria lá por muito tempo. Pobre Du, Melissa se foi e acho que o deixou apaixonado. Ele foi atrás de seu futuro ex-amor e adivinhe? Ela o rejeitou. Melissa não magoou somente ao Du. Eu a conhecia muito bem. Sabia que nunca ficava sozinha. Mas, sabia também que nunca se amarrava. Deveria tê-la dissuadido logo no início. Infelizmente os dois ficaram machucados. Eu podia jurar que ela gostou dele, porém não admitia. Pobre amiga tinha problemas com compromissos, mas avisei a ela. Não queria que o magoasse. Bem, com Mel pretendia me entender depois.

— “Diário já”! - disse a mim mesma depois de passar um dia inteiro relembrando.

Querido Diário,

18/02/2012

A última vez que escrevi algo, ainda estava descobrindo coisas sobre minha nova vida na fazenda. Infelizmente, algum tempo depois, perdi meu pai e passei dias amargando uma depressão de proporções enormes. Mas, com ajuda de minha família linda, consegui me reerguer. Passei momentos agradáveis com meus novos amores, embora sentisse falta daqueles que me trouxeram à vida. As férias se acabaram e a rotina da fazenda continuou. Estranhamente, depois que a "poeira baixou", não ouvi mais a voz em minha cabeça. Não vi o anjo em sonho e nem senti a presença de meu pai. Mas, ainda continuo a sentir algumas sensações. Lembro-me de que a voz dissera, que não me incomodaria mais. Eu acho que essas coisas aconteciam comigo, porque, talvez, meu subconsciente criasse um mecanismo de defesa. Sei lá qual seria a explicação lógica! Na boa, não entendia. Mas, graças a Deus acabou. Fiquei bem e não tive mais medos.

Bem, mas estou aqui, alguns meses depois, me recordando das coisas e registrando. ~~Por quê? Sei lá, acho que sem querer, me lembro do diário quando estou angustiada. Uma característica vai entender...~~

Sentada à varanda com meu diário e um álbum de fotografias nas mãos, me lembrava. Vivi dias lindos. Um verão inesquecível. Poderia dizer que foi como uma *Honeymoon*, yes[6]! Mesmo que não tivesse acontecido um "casamento". Bem, de brincadeira aconteceu algo super... Foi o dia mais romântico de minha vida. É, acho que um dos, por que o acampamento também foi muuuito romântico.

Sorri, silenciosamente, mordendo a tampa da caneta.



10/01/2012

Dois dias depois do meu aniversário, fomos para o grande carvalho com uma giganteesca cesta de piquenique, e, Fred, cheio de cuidados, estendeu um edredom na grama.

— Uau, pensou em tudo, hein?!

— É e espere! – correu até a caminhonete e retirou de lá uma coisa que me deixou de pernas bambas. Ele havia planejado tudo. Estranhei, pois Fred não era romântico.

— Uma tiara feita de flores do campo? Fred, que linda!

É claro, me emocionei.

— Para você Princesa! Ideia de mamãe. Sabe como é, não tenho muita imaginação – ele colocou a tiara em minha cabeça e puxou-me pela mão. - Por favor, sente-se! – convidou-me estendendo o braço e fazendo reverência.

— Hummm cavalheiro! Estou te estranhando - disse sorrindo. - O que tem em mente, *Sir... my love?* – perguntei olhando para cima.

— Só queria te dar isso *Milady* – estendeu-me uma caixinha, e, é claro, fiquei sem ar. Disse estupefata, ao vê-lo abrir a pequena caixinha de veludo vermelha: — Uma aliança?!

Dezenas.

Não! Centenas.

Que nada! Milhares de borboletas faziam festa em meu estômago.

— É, uma aliança – pigarreou. - Hum rum Jade, quero selar nosso compromisso.

— Hã? Será que estou sonhando? Frediii é, é, é liiinda! – exclamei eufórica - quase que, cantando. Encarei a caixinha, com as mãos levantadas e mexendo os dedos, como uma garota de doze anos que acabou de ganhar um Tablet.

— Quero que todos saibam que tem um cara aqui, que é o mais feliz do mundo, e é o dono desses seus lábios – inclinou-se, estendeu o dedo e tocou meus lábios. Depois se ajoelhou ao meu lado e retirou a aliança da caixinha colocando-a em meu dedo anelar. Beijou minha mão em seguida, e, depois, suavemente meus olhos. Emendou: - E desses olhos verdes e...

— Fred! Pode parar por aí! – interrompi. - Não acha careta essa coisa de dono?

— Claro que não! Estou marcando meu território! Sei que os caras ficam te cercando e quero que todos eles saibam que é comprometida.

— Quê?! Marcando território? Tá parecendo cachorro! – dei umas gargalhadas e continuei: - Animais é que marcam territórios. Só você mesmo Fred.

— É isso aí! E que aquele DJ fique bem longe! – revirei os olhos.

— Fico feliz que goste tanto assim de mim, mas, não acha que está exagerando? Não tem ninguém “me cercando”. Ok? – disse fazendo aspas no ar. Dei-lhe um selinho e olhei bem no fundo de

seus olhos. – Quero te pedir que pare de viajar na maionese – Fred não deu ouvido e perguntou segurando minha mão.

— Gosta?

— Sim, é linda! Fico muito feliz e me sinto lisonjeada – olhei para os lados enquanto ele abria a cesta e retirava duas taças de champanhe e uma garrafa. Sorri escondido, não queria demonstrar que havia ficado tão imensa e exageradamente feliz. Contudo, achava que realmente Fred tinha de baixar a bola. Era possessivo demais! Às vezes me “consumia”. *Ô, ô, essa palavra... não sei por que comecei a não gostar muito dela.*

— Bonita, segure as taças, por favor! – pediu com um sorriso contagiante nos lábios.

— Claro! Hummmm, que romântico Fred, hum rum – limpei a garganta -, sei que devemos comemorar, mas, não acha que está bebendo muito, ultimamente? – perguntei enquanto ele abria a garrafa, a qual havia retirado de uma embalagem de isopor, que levava dentro da cesta.

— Não acho. Além do mais, hoje é diferente. Estamos numa cerimônia aqui, Bonita! Ah, por favor, não estrague o momento, ok? – segurou meu queixo levemente.

— Tudo bem, hoje tá liberado – resolvi deixar pra lá.

— Uhuuu – dei um gritinho ao ouvir o estouro e bati palminha. *Uma boba apaixonada.* Fred encheu nossas taças e recolocou a garrafa na caixinha de isopor.

— Vamos brindar a nossa união! – ele disse transbordando alegria.

— A nós – respondi emocionada. Beberiquei um gole de champanhe e fitei seus olhos. Lembrei-me da “Safira”. Sim, os olhos dele eram como duas Safiras lapidadas. Através deles, podia-se notar que Fred estava muito feliz.

— Você está linda com essa tiara na cabeça e esse vestido branco. Na boa, parece uma noivinha – deu uma pausa e acrescentou: - Até parece que sabia que íamos comemorar algo! A tiara, mamãe fez. Você sabe, não é? - deu uma risada linda e confessou: - Não sou bom com coisas delicadas. Mas, espera aí! – fez uma cara de dúvida e disparou: - aposto que Dona Isolda deu com a língua nos dentes.

Sorri de sua observação. Ele queria mesmo que aquilo tudo fosse surpresa. Mas, juro, eu não sabia de nada mesmo.

— *Mozinho*, relaxa! Ela não disse nada. Obrigada! Tá tudo perfeito! - afaguei seu rosto e sorri. - Jura que gostou? – passei as mãos pelo vestido e expliquei: - Resolvi vesti-lo por causa dessa temperatura inclemente. É estranho, nunca senti tanto calor aqui, em Estrela do Campo.

— De vez em quando acontece isso. O termômetro quase explode.

— Não uso esse vestido há muito tempo. Ah... e a tiara é realmente linda! Vou dar um beijo em sua mãe por tê-la feito – segurei-a nas mãos, depois a levei ao nariz. Continuei: – Adoro flores do campo! – exclamei e recoloquei a tiara de volta. Porém, ela ficou torta. - E... obrigada também pela aliança – olhei para a mão dele e franzi o cenho: - Mas, onde está a sua? – puxei seu braço,

abruptamente, pois me lembrei de que ele não havia colocado a aliança dele, em seu dedo.

— Ah não preciso. Não gosto de usar essas coisas – ele disse puxando a mão. As borboletas que faziam festa em meu estômago se aquietaram.

— Como é que é?! – perguntei sem acreditar. Retirei minha aliança na hora e entreguei-a a ele.

— Jade! Mas, mas que bobagem é essa?

— Bobagem?! Pelo que eu saiba, a aliança foi feita para os dois usarem. Uso, se você também usar – disse em tom de desafio.

— Era só o que me faltava! – levantou-se.

— O quê? Acha que vou desfilhar com uma aliança de compromisso sozinha? Fred presta atenção!

— Tá legal! - ele disse levantando as mãos. - Se faz questão, uso uma também. Está aqui! – retirou a aliança do bolso e ergueu-a.

— Vem cá, garota tihosa[Z]! Espera! Só mais uma coisa - ele levantou os braços -, deixe-me arrumar isso! – ajeitou a tiara, que estava torta. Mordido o lábio e depois estendi a mão com um sorriso vitorioso.

— Pode colocar de volta! Ahhh dá um tempo! Só mais um minuto – puxei minha mão. - Quero fazer direitinho.

— O quê?

— Calma Fred! Bem, quero dizer que...

— Hum diga! – ele pediu impaciente e sorrindo muito.

— Dá aqui sua mão! – pedi.

Ele estendeu-a e ficou esperando.

— Bem, é que... – respirei fundo. - Tá certo. Fred quero dizer que... “acho que te amo”.

— Acha?

— É que...bem, é a primeira vez que me apaixonou. A gente tá se curtindo muito, e o que sinto é muito forte. “Acho”, porque não sei se o que sinto é amor, entende? – perguntei gaguejando e confusa.

— Hum... ainda bem que não se apaixonou antes. Continue, gostei disso!

—... E quero estar com você para sempre – beijei o aro de ouro branco.

— Humm - ele fechou os olhos quando toquei seu dedo com os lábios.

— Sua vez – eu disse.

— Jade, não preciso nem dizer – deu uma pausa e respirou fundo. Fred também estava emocionado. - Você sabe que te amo pra caramba! E, ao contrário de você, não tenho dúvidas. Acho que já demostrei isso muitas vezes, não é? Considere que essa aliança é uma prova de meu amor... - ele colocava a aliança e olhava no fundo de meus olhos. Depois, beijou minha mão, também.

A coisa toda já estava emocionante, não consegui conter as lágrimas, mas aspirei-as. Não queria ficar me derretendo perto de Fred.

— Espera! – levantei-me. - Deixe-me pegar a câmera. Quero registrar este momento. Vou colocar a fotografia num belo porta-retratos. Acho que será também meu papel de parede no *lap*.

— Certo Preciosa. Nossa, como cê tá linda! Vem cá! – puxou-me. Caí em seu colo e fui alvejada por microbeijos.

Deus, uma onda de calor subiu pelas minha pernas no momento em que Fred prendeu-me em seus braços. Era como se recebesse o abraço de uma labareda.

Depois, empurrou-me sobre o edredom e encarou-me. Havia dias que a gente não namorava “pra valer”. Desde o acampamento.

— Senti falta desse seu cheiro! – balbuciou dentro de meu ouvido. – Quase morri de saudades.

Eu ainda me sentia travada, porque ficamos juntos poucas vezes. Desde que Fred assumira os negócios de meu pai, viajava muito, e, quando estava em casa, tinha a fazenda, além dos estudos. Sobrei. Pobre Fred, ficou sobrecarregado. Principalmente, porque não podia contar com Du, que estava no Rio. E, não dormíamos juntos, tampouco. Eu quis assim em respeito à Isolda. Então, quando ele me convidou para o picnic fiquei animadíssima.

— Não faz ideia do quanto te amo – balbuciou. - Amo quando me sorri assim, e...

Ele parou por um instante e ficou me encarando. - Amo quando está em meus braços, só minha - rolou para o lado e me puxou para cima dele. Meus cabelos caindo sobre seu rosto.

— Prova! – respondi num fio de voz.

— Jade acredite! – ele sussurrou alisando minha face. – Nunca acreditei em destino e estaria mentindo se dissesse que acredito em alma gêmea. Essas coisas nunca fizeram minha cabeça, entretanto... shhhh – ele colocou o dedo em meus lábios quando ameacei falar. – Não! Ouça! Preciso falar – ele disse retirando o dedo com suavidade: – às vezes, quando vou dormir, algumas coisas me vêm à memória e começo a acreditar que Deus tem sim tudo preparado para nós. “Ele” destinou você para mim. Acho que posso dizer, então, que mudei de ideia em relação ao que acreditava.

— Você nunca fala em Deus!

— Eu sou reservado, mas creio, e muito. E no silêncio de meu quarto eu faço minhas orações. E quer saber o que peço a “Ele”?

— Hum, quero sim – deu-me outro selinho.

— Para que eu acorde todos os dias e possa vê-la sorrindo e bem. Não consigo imaginar você triste, sofrendo ou, correndo perigo. É por isso que não gosto que saia sozinha. Tenho tanto medo de perdê-la.

— Ah Fred, que lindo! – disse com os olhos marejados. – Mas, não precisa se preocupar quando saio sozinha. Aqui estou segura.

— Eu tenho minhas dúvidas. Eu posso ser um cara grosso, e, talvez, você não concorde com meu modo de dizer as coisas, ou não aceite meu jeito turrão, mas é que não consigo imaginar minha vida sem você. E não posso nem pensar em ver outro cara te tocando. Sou doente por você Jade! – ele declarou.

— Doente? Ah Fred, não, não, não, e não! – enfatizei balançando a cabeça. - Amor doentio não!

— Não tenho como evitar e mais forte que eu! – ele disse alisando meu rosto.

— Eu também não posso imaginar minha vida sem você, mas... não tem nada de doente. O que sinto é saudável, normal – declarei.

— Depois que a vi naquele dia da cobra, bem... deixe-me contar: Quando vi aquela cobra armar o bote para te picar, fiquei cego. Perdi o medo, porque é claro que, como qualquer pessoa, eu tenho medo de cobras – ele declarou emocionado. Os olhos vidrados como se voltasse no tempo. – Mas, naquele dia, senti tanta vontade de te salvar, que não pensei em mim. Eu era só um moleque, mas já a queria e sentia que tinha de protegê-la. Nunca mais tirei você de minha cabeça – retirou uma mecha de meus cabelos, que lhe caía sobre rosto, depois acrescentou: - você chegou aqui toda arrogante e agressiva e não deu a mínima para mim. Pensei que nunca a teria.

— Mas, você também não facilitou as coisas.

— Depois que a conheci, percebi que por trás daquela garota mimada, cheia de vontades e dona de si, havia uma garota, frágil inexperiente, inocente e que estava carente e destruída.

— Ahhh qual é? – objetei saindo de cima dele. Ele me virou e novamente ficou sobre mim, depois ordenou com suavidade.

— Quieta! – levantou meus braços – Não vê que isso é difícil para mim? Sou péssimo com as palavras – respirou fundo e continuou: - Com o passar do tempo, percebi também, que era doce e que

precisava de carinho, muito carinho. Então, engoli meu orgulho e deixei meu amor falar mais alto – Fred gaguejava. – Depois que... que aquelas coisas aconteceram com você, e, e depois também que seu pai se foi – ele se aproximou de meu rosto -, senti que tinha de protegê-la ainda mais.

Eu era mesmo uma manteiga derretida e já sentia a garganta se estreitar.

— Jade, você sempre esteve aqui - ele pegou minha mão e colocou sobre seu peito. -, desde quando eu tinha onze anos.

— Hummm meu amor! Jura que me amou desde os onze anos? – meus olhos brilhavam como o diamante lapidado. Na verdade, tinha a sensação de estar toda brilhando.

— Juro. E tem mais. Nunca, mas, nunca mesmo, abri meu coração para outra garota, porque sabia que viria para mim – Fred segurou meu rosto entre suas mãos e disse: — Jamais se esqueça disso! – ele beijou-me. Então, rolamos, incessantemente. O edredom ficou para trás. Deixamos que a relva verdinha acariciasse nossos corpos até que paramos. Declarei agarrada a ele: — Também sinto algo especial por você. Chega a me sufocar.

— Ahhh tenho uma coisa para lhe mostrar.

— O que é?

— Vem comigo! – levantou-se e me puxou pela mão. Fomos até a caminhonete, de onde ele retirou um pequeno álbum.

— Não mostrei isso a ninguém.

— Hummm que misterioso! – Fred entregou-me o álbum. Quando o abri, meu coração pulou, como pipoca na panela. Eram fotografias minhas. De quando tinha de nove anos acima. Na última, estava com dezesseis. Algumas eu me lembrava, porque Thomas as havia tirado. Fechei os olhos e me recordei de cada uma daquelas fotografias. Quando meu pai raramente me visitava, ele as pedia à minha mãe. Queria ter seu próprio álbum, então minha mãe as separava para ele. Fred, por sua vez, confessou-me que as “afanou” de meu pai depois que ele se foi. Havia muitas.

— Você as roubou?

— Não diga que roubei! Soa mal, hehehehe – ele deu um risinho. – Apanhei estas para mim depois... bem, depois do que aconteceu. Explico: precisei apanhar alguns documentos de seu pai e as vi. Não resisti. Além do mais, Bernardo não iria mais precisar delas, não é?

— Humm – murmurei. Você me surpreendendo a cada dia! – Eu disse e perguntei em seguida: - Por que foi tão duro comigo Fred? Se gostava de mim, desde garoto, por que não foi gentil? Cheguei a pensar que era um cafajeste, queria forçar-me a transar...

— Aquele dia não conta. Estava bêbado. Putz Jade! Nunca vai se esquecer daquele dia, hum? E depois?

— Eu sei. E por isso perdoei você. Mas... agora posso confessar.

— Ah é? – ele agarrou-me pela cintura, com força. Deixei o álbum cair.

Caraca! Por que ele fazia aquilo? Confesso aquela pegada forte, tirava-me o ar.

- O quê? – sussurrou em meu ouvido.
- Que naquele dia você me deixou maluca. Quase não resisti.
- Hummm. Bom saber disso! – então, empurrou-me até a caminhonete e beijou-me como daquela vez.

Ficamos a tarde toda nos enroscando. Não me lembro de comer todas as coisas que Estelinha colocara naquela cesta. A única coisa da qual me lembro, é de acabarmos com duas garrafas de champanhe e comermos morangos. Passamos uma tarde agradável e registramos tudo em lindas fotografias.

Seis

Mel

EU ERA MESMO UMA MALUCA. ESTIVE COM A FACA E O QUEIJO NAS MÃOS. Estava perto de pessoas queridas, de quem gostava muito. Poderia ter aberto meu coração e deixado o amor entrar; poderia ter sido feliz, vivido um amor eterno e inesquecível. Conjecturas. Entretanto, lá estava eu novamente metendo os pés pelas mãos.

Na mesma semana em que voltara da fazenda, conheci um cara na fila do cinema. Já nos primeiros dias, concluí que abrir mão de Du fora a coisa certa, por “n” motivos. *Motivos estes, que eram discutíveis.* Mas, assim, era minha vida e pensava daquela forma.

“MELISSA VOCÊ ERA UMA IDIOTA”! - esta frase piscava em minha cabeça, o tempo todo.

O cara certo para mim era, sem dúvida, o Du. Talvez se tivesse ficado com ele, tivesse tido uma chance de ser feliz e minha vida atrapalhada, teria seguido outro rumo. *Minha vida era uma droga!* Vivia cercada de dúvidas e interrogações e não tinha objetivos claros. Acho que alguns diriam que era uma aventureira.

O cara a quem conheci era um *bad boy*. Mas, era como eu, maluco. Curtíamos as mesmas coisas e, é claro, me encantei rapidamente. Fiquei deslumbrada, pois além de rico, era lindo e gostava de viver perigosamente – literalmente, em todos os

sentidos... De dia, era um atleta e à noite, vestia-se com requinte. O cara era altíssimo - bem como eu gostava. Forte como um lutador de MMA (artes maciais mistas). Seus cabelos e olhos eram castanhos e tinha a pele bronzeada. *A minha cara!* Fazíamos muitas loucuras. A última aventura da qual participamos juntos, acreditem! *Bungee Jump*. Em poucos dias tirei Du de minha cabeça e nem liguei para ele quando chegou ao Rio. *Bem, só um pouquinho.*

Fala sério!

Eu sempre querendo enganar a mim mesma. À noite, quando deitava minha cabeça no travesseiro, pensava muito nele. Sim sentia sua falta. Peguei "pesado", mas se não o fizesse, acho que teria sido pior para ele. No final das contas, acho que o ajudei...

Tá legal! Peguei pesado comigo também porque gostava mesmo dele.

O nome do carinha era Mau Mau... *Detalhe, olha o nome do cara!* Eu deveria ter prestado atenção a esse "pormenor" importante. Por que alguém teria um nome como aquele? O cara só podia ser mau. Contudo, quando estava comigo era "bom bom, muito bom". Fazia tudo que eu queria. Comprava-me presentes e tratava-me como uma rainha.

Puxa vida! Quando estava com ele pensava: "Achei a boa". Acertei na loteria.

Passei dias memoráveis com ele, até que descobri, de forma horrível, como ele ganhava seu "pão de cada dia". Descobri isso, é claro, vendo-o em ação. Aconteceu numa noite...

Estávamos em um restaurante chiquérrimo. Mau Mau era todo, sorrisos. Observei que sempre se aproximava um cara e lhe cochichava algo. Fiquei curiosa. Algum tempo depois, ele se levantou, na maior elegância, e pediu licença. Sorriu, piscou para mim e abotoou o *Armani*.

Uau! É muita areia pro meu caminhão – disse em pensamento, toda metida – *me belisca! Esse gato tá comigo?* - depois o acompanhei, com os olhos, até um corredor, provavelmente, era onde ficam os banheiros. Até aí tudo normal. Entretanto, ele demorou. Eu, curiosa e maluca, me levantei e segui na mesma direção. O restaurante era deslumbrante. *Coisa de gente fina mesmo!* Por isso, nunca tinha ouvido falar. No estacionamento só se via carrão, e as pessoas eram elegantíssimas. Ficava na saída da cidade. Ainda bem que eu também estava elegante - com um vestido que ele me presenteara. Segui pelo corredor e avistei o banheiro. TOILLET, - dizia a placa. Fiz uma careta e revirei os olhos. Depois repeti baixinho, com a voz esquisita: — “Toilet, que frescura! A gente tá no Brasil! Oh gente esnobe”! - entrei no feminino.

É claro! Dã. - Não tinha visto nada até aquele momento. Mau Mau só podia estar no banheiro. Não havia outras saídas naquele corredor. *Caraca, ou o cara estava com uma dor de barriga daquelas, ou não sei não.* – pensei com aquele meu humor crítico, quase negro. Apenas lavei as mãos e retoquei o batom. Ouvi um ruído e logo em seguida algumas batidas ocas. Não demorou muito ouvi gemidos. *Ô ô... pensei colando o ouvido na parede. – Alguém tá lutando?!* - Tive certeza de que o barulho vinha do banheiro masculino. A curiosidade era um de meus piores defeitos, e, por causa dela, quase me lasquei. Saí no corredor e olhei para os lados.

Não havia ninguém. Abri a porta e me escondi atrás de um biombo que separava a área dos lavatórios, dos sanitários. Minha sandália fazia barulho, então pisei bem devagar. Havia naquele local uma poltrona, e, ao lado, uma cesta com revistas *sexys*. *Urgh* – grunhi mentalmente e fiz uma cara de nojo. Tudo era muito organizado. Ouvi um grito abafado. Meu coração e minha respiração dispararam. Um som ruidoso saía de minha garganta. Cobri a boca com a mão para tentar me silenciar e me encostei à parede, aterrorizada.

O que estou fazendo aqui? Saí maluca! Foge enquanto é tempo.

Mas, já que estava lá, decidi olhar de perto. Escondi-me atrás de outra parede e vi um homem prendendo outro pelo pescoço, “numa gravata”. Respirei fundo. Senti vontade de sair dali correndo para pedir ajuda, mas minhas pernas não me obedeciam. Ouvi uma voz conhecida, estiquei ainda mais o pescoço e vi o Mau Mau. Este socou o abdome do homem que implorava: — Por favor! Só mais alguns dias, eu consigo a grana.

— Tu tem só até amanhã. Passei a mercadoria pra você há quinze dias e até agora não vi a cor do dinheiro! – Mau Mau grunhiu, seco. Suas feições estavam completamente mudadas e se podia ver a cara do próprio demônio de tão ruim. Ele havia tirado o *Armani* e dobrara as mangas da camisa. Parecia disposto a mais...

— Tá certo, mas, pelo amor de Deus, não me bate mais! – O homem implorava, chorando.

— Só até amanhã!!! – meu namorado lindo e gostoso repetiu, sem a menor compaixão. – Não tô a fim de ficar aqui a noite toda – ele disse desdobrando as mangas da camisa. Depois ordenou: – leva

esse imbecil daqui! Mas, antes, mostra pra ele que não estou de brincadeira.

Onde fui me meter? – eu pensava, suando frio.

Virei-me e apoiei minhas costas contra a parede texturizada. Minhas pernas vacilaram e provavelmente empalideci. O chão ficou perto demais. Para completar senti um enjoo esquisito e como se não bastasse, ainda tive de ouvir a sessão de tortura por mais alguns minutos.

*Deus! Onde está todo mundo? Por que ninguém vem ao banheiro? - eu tinha de dar o fora dali. Abaixei-me cuidadosamente e retirei minhas sandálias de salto. Saí quase desmaiando e entrei no banheiro feminino. Pelo menos, ali, tinha a desculpa de que estava no *toilet, retocando a maquiagem*. Naquele momento meu castelo desabou. Encostei-me à bancada de *Mármore Travertino* e engoli o choro. Não podia chorar; tinha de fingir que tudo estava bem. Olhei para minha face pálida, a qual se refletia no espelho *Bisotê* e me lembrei do rosto dele. "Quem vê cara não vê coração". Esse pensamento me veio à cabeça. Ele era tão bonito e tão rico e tão, "tudo"!*

Oh Deus! Por que eu só quebro a cara? Por que não pode acontecer em minha vida um "Conto de Fadas"? Mas, o que estava pensando? "Contos de fadas" era coisa para Jade. Eu não queria "Um conto de fadas". Queria ser a "garota carioca, swing, sangue bom" que se aventurava pelas trilhas, na garupa de um cara sarado, lindo e rico. Que saltava de paraquedas, asa delta e pulava de bungee jump. Que ódio!

Estava bom demais para ser verdade. O rosto moreno dele ficou piscando em minha mente. Como um cara tão bonito podia ser assim tão frio? Saí do banheiro e me dirigi à mesa. Por sorte ele ainda não tinha voltado. Olhei para os lados e pensei em dar o fora dali para chamar a polícia, mas, vi um cara estranho me observando, parado perto da porta. Provavelmente, era soldado dele. “Sem chance”! – disse baixinho, sorrindo na direção do sujeito. Tinha de fingir que está tudo normal. *Fica fria Melissa!*

Mau Mau se aproximou. Seu rosto, que alguns minutos atrás vira transformado pela maldade, voltou a ser lindo. Estava calmo e sorridente. *Fingido!* Sorri de maneira forçada a noite inteira para não dar bandeira. É claro, decidi que aquela seria a última vez que eu veria aquele “deus grego”, do mal, é claro. Um... “Hades[8]”. *Que pena! Mas, de gente ruim e bandido estou correndo* – pensei sorrindo para ele.

A partir daquele dia, comecei a não ir mais ao seu encontro. Fiquei meio paranoica. Ele ligava, mas eu não atendia e quando atendia, inventava que estava doente, com cólica, de TPM. Enfim meu repertório de mentiras havia se esgotado. Evitava sair, e, por isso, minha “mãe pesadelo” começou a pegar no meu pé. Infelizmente, por causa de meu estado de nervos, comecei a me sentir mal. Enjoos e tonturas, além de muito sono. A princípio, imaginei que pudesse ser por causa do calor e não dei importância. Deixei para lá, mas o incômodo me impedia de sair para tentar arranjar um emprego qualquer. *Que decaída.* Passava meus dias, enfurnada dentro de casa, até que, Dona Lívia, pegou pesado. Deu-

me um ultimato. "Ou arranje um emprego ou dê o fora"! Eu até queria trabalhar, mas onde? Não sabia fazer nada. Tinha trancado a matrícula no cursinho porque era uma preguiçosa e queria "curtir a vida adoidado", ao lado de Mau Mau.

Eu, entusiasmada, havia ficado deslumbrada com meu "namorado", que me dava de tudo. Se eu soubesse que a grana dele entrava "daquele jeito", mas ninguém tem estrela na testa, não é?

Sete

Duke

ESTAVA NO RIO HÁ QUASE DOIS MESES, E DESISTINDO. NÃO AGUENTAVA mais ficar longe de minha rotina na fazenda. Não queria mais ficar naquela cidade, longe de minha família. Além do mais, não estava me dedicando como deveria aos estudos. Pensava mesmo em adiar o vestibular para o ano seguinte.

Num domingo, cheguei à casa de Jade um pouco mais rápido. Voltava do haras. O trânsito estava tranquilo. Abri o portão da garagem com o controle e guardei meu carro. Pensava em trocá-lo, estava *me dando nos nervos*, ultimamente. Já o tinha havia dois anos e como as estradas de Estrela do Campo não eram pavimentadas... e ainda por cima, eram cheias de *crateras*, acabou se desgastando muito.

No fundo da garagem havia uma moto idêntica a de DJ, certamente pertenceu ao padrasto de Jade. Quando a vi, ali, parada, no dia em que cheguei, senti vontade de usá-la, mas desisti porque devia estar irregular. Afinal, o dono estava morto.

Ouvi uma espécie de uivo fino, parecia um cachorrinho choramingando. Abri novamente o portão e vi um cãozinho. Parecia perdido, provavelmente havia fugido. Era um Labrador e era relativamente pequeno. Um filhote, deduzi, uma vez que Labradores

cresciam muito, então imaginei que devia ter uns dois meses. Era num tom bege, tão claro que se podia dizer que era quase branco. Apenas a parte da frente, a cabeça e as orelhas eram um tom mais escuro de bege. Gostei muito do cãozinho, estava gordinho, o que reforçava a minha opinião, de que havia fugido! Tive a ideia de fotografá-lo. Iria imprimir algumas cópias na impressora e no dia seguinte, as colocaria espalhadas pelo bairro - em postes, bem como em um pet shop. Assim, talvez, encontrasse o dono.

Olhei uma vez mais para os lados e não vi ninguém procurando pelo filhote. Entrei. A garagem era grande, certamente abrigaria três carros além da moto. Após subir uma escadinha, cheguei à lateral da casa. Uma linda construção moderna, pintada em azul claro com grandes janelas e portas brancas. Havia jardins embaixo das janelas e junto ao muro. Adivinhe! Eu cuidava deles. As plantas quase morreram, porque a casa ficara muito tempo fechada. Nessa lateral - que era um largo corredor -, podia-se chegar a uma das entradas da casa. Ao final do mesmo, tinha um enorme canteiro com dracenas - uma das espécies das quais minha mãe mais gostava. Podiam-se ver muitas delas na fazenda. Mas, na casa de Jade, elas ficavam apenas em alguns pontos estratégicos. Em um canto, perto da entrada, havia três vasos de buchinho em tamanho decrescente, podados da mesma forma. A parede naquele local, era em tijolos aparentes, assentados de maneira bem rústica e pintados de branco. A parte externa da casa era um show à parte, embora o espaço fosse limitado. Diferentemente da fazenda. Havia em outro canto, mais ao fundo da propriedade, uma arvoreta de bougainvillea lilás, totalmente encrustada na pérgola branca - o que dava um ar delicado e romântico ao lugar. E, embaixo da linda pérgola, um

banco de ripas - também pintado de branco. Realmente, a mãe de Jade fizera um trabalho sensacional. Digno de capa de revista.

Entrei no hall, vagorosamente, acariciando o cãozinho. Ainda estava surpreso por tê-lo encontrado. Depositei as chaves em um aparador e segui para a sala. Esta era enorme quase toda branca. Havia no centro da mesma, uma coluna em gesso e no canto, uma escada que levava aos quartos. Não precisei comprar móveis, uma vez que Bernardo, naquela ocasião, alugara a casa, mobiliada. O ambiente foi decorado com tudo de mais moderno. Até nos pequenos detalhes, se podia notar o quão eficiente era a mãe de Jade, como decoradora. Tudo era harmonioso. Um lindo sofá negro, em forma de "L", descansava em frente à uma parede em tom vermelho. Nessa parede, um painel de madeira bege estava afixado. Somava-se ao mobiliário, dentre outras coisas, um rack preto sob a TV - que era em tela grande -, um bar suspenso na mesma parede, também preto, e no centro, perto da coluna, uma mesa redonda. Esta era baixa, da mesma madeira do painel.

Era naquela sala que passava a maior parte do dia. Ora assistindo à TV ou jogando *Xbox*, ora tocando violão, e, às vezes, tentando me concentrar nos estudos. Havia um jogo, em especial, que realmente me distraía "*Assassin's Creed - Brotherhood*". A adrenalina ia às alturas.

Eu até tinha pensado em arranjar um emprego para ajudar passar o tempo, entretanto não possuía experiência em nada. Entendia apenas dos trabalhos relacionados à fazenda. Até dei um jeito nas plantas que pereciam por falta de cuidados. Não que fosse expert feito mamãe ou Jade. Entendia pouco de plantas, mas,

definitivamente, não as deixaria morrer. Pensei também, em matricular-me numa academia de musculação, essa atividade, além de resolver meu problema com o sedentarismo, desviaria meus pensamentos. Tinha de parar de pensar naquelas duas cariocas que me deixaram maluco. Outra ideia que me ocorreu, foi de fazer arte marcial - coisa que curtia tanto quanto a musculação, ademais, era também para defesa pessoal. Ainda estava indeciso sobre ficar ou não na cidade. Estava tentando, por isso decidi esperar mais alguns dias. Tentaria mais uma semana, e, se não me sentisse melhor, voltaria para casa. Eu não me entendia. Era tão expansivo, brincalhão, animado, porém, não conseguia fazer amizades, tinha vergonha, sei lá. Em Estrela do Campo pelo menos tinha meus amigos, minha família e tinha ela, que me dava atenção.

O filhote era bonito, fiquei louco por ele. Na fazenda havia alguns cães, mas não me apegara a nenhum. Eram cães comuns, que apareciam sem ser convidados e acabavam ficando. Jorge e os outros peões cuidavam deles. Estelinha sempre os alimentava com sobras de comida, de modo que, os cães se acostumaram e fizeram da fazenda sua morada. *Compreensível*. A Fazenda do Sino era mesmo um lugar para se chamar de lar...

Até para os cães.

Coloquei o Labrador no chão e fui até a mesa do centro apanhar a câmara, que estava sempre à mão. O cãozinho parecia faminto. Estava inquieto. *Normal* – pensei. Filhotes são sempre assim, brincalhões e bagunceiros. Ainda era cedo, mas era domingo, achava que não encontraria nenhum pet shop aberto. Não por ali. Ainda não conhecia bem o local, tampouco me arriscaria a sair

àquela hora para procurar pets shop. Então, alimentei o cão com biscoitos de aveia, depois tirei a fotografia. Imprimi umas vinte cópias e as deixei sobre a mesa. Provavelmente, era mesmo um pequeno fugitivo. Notei, uma vez mais, que era bem cuidado, pois estava perfumado. Devia pertencer a alguma criança, que nesse momento estaria chorando, por causa do seu sumiço. No fundo torcia para que não aparecesse ninguém.

Fui para o quarto com intenção de tomar banho. Levei o pequeno comigo. Não poderia descuidar-me dele, pois sabia que faria um estrago enorme. Entrei no banheiro e fechei a porta. Deixei o Labrador ali, onde podia vê-lo. Sorri, levemente, porque ficou encarando-me. Notei que sempre fazia isso, balançava a cabeça e sibilava. Parecia querer se comunicar. Despi-me. Entrei no box e fechei a porta translúcida. O banheiro era muito bonito, e como toda a casa, de muito bom gosto. Era revestido por azulejos brancos, grandes e retangulares, levemente manchados de tom gelo. Uma faixa de pastilhas decorava a parede sobre o vaso sanitário. Estas, eram em vários tons de rosa. A banheira, vaso e pia, eram brancos. Era o banheiro da Jade. Ali, debaixo da água que jorrava com força, lembrava-me dela. Havia naquele ambiente, *um jeito todo Jade de ser*. Não apenas pelos tons rosa e pela delicada decoração, mas porque podia sentir sua energia.

Eu podia senti-la.

É claro que sabia que aquilo não estava certo. Deveria esquecê-la, mas ao invés disso, lembrava-me dela em todos os momentos. Impossível não lembrar! Aquela maluca era meu "tudo" na fazenda. *Sem exagero!* Ela fazia-me companhia o dia todo. Ia comigo para a

escola e tantas outras coisas. Até mesmo quando tinha de executar algum trabalho, lá estava Jade ajudando-me, ainda que fosse delicada como a pétala da rosa e suas mãos não conseguissem segurar muito peso. Mesmo que caísse e se esfolasse. Ainda que estivesse chovendo. Sempre ao meu lado, sorrindo e fazendo palhaçadas. Meus pensamentos se repetiam. Mudei a chave do chuveiro para frio, pois parecia febril. Era sempre assim quando me lembrava dela. Caramba! – balbuciei, enquanto a água fria jorrava, com força, em meu rosto. Inclinei-me um pouco para que pudesse senti-la massagear também minhas costas. Estava tenso. Havia meses que não a via, pessoalmente. Era normal, era maluco pela minha irmã do coração.

Putz! Não tem essa de irmã! – gritei em pensamento e soquei a parede, o que, evidentemente, me fez gemer.

Eu a via de vez em quando através do *Skype ou Face* à noite. Fred não admitia, mas morria de ciúmes de Jade comigo. Corroía-se, mas não falava. Meu irmão era impenetrável. Nunca se sabia o que se passava em sua cabeça, era fechado, e, embora, tivesse melhorado um pouco seu jeito de ser, depois de se apaixonar, algumas marcas de sua personalidade permaneciam as mesmas, intocadas. Imagine se ele soubesse o que aconteceu no dia em que a Jade caíra da égua! Ele jamais poderia saber dessa história. Meu irmão era apaixonado por Jade, e ela por ele. Acho que nem podia ficar pensando nessas coisas.

Desliguei o chuveiro e conversando com o Labrador pude perceber o quanto estava só. Ele seria uma boa companhia. Embora, tivesse Dona Branca - a diarista -, que vinha três vezes por semana

para cuidar de tudo. Ela pedira isso, era idosa, parecia ser mais velha do que minha mãe. Deixava comida congelada para eu esquentar no forno de micro-ondas, e, assim, me virava. Dona Branca e eu nos dávamos muito bem. Era uma figura extremamente generosa e alegre. Acho que só não me sentia completamente só, por causa dela. Quando ela estava em casa passava momentos agradáveis, sentia que queria cuidar de mim, tal qual minha mãe.

O tempo no Rio era sempre quente e um tanto abafado. Naquela noite intuí que choveria. O céu estava completamente nublado. E não deu outra. Uma chuva forte despencou. Cobri a cabeça com o travesseiro, na tentativa de abafar o barulho. Os raios cortavam o céu, e o ribombar ensurdecedor dos trovões piorava minha insônia. Novamente, não consegui dormir de imediato. Isso era recorrente. Havia noites em que passava bem e outras tantas, simplesmente as passava de olhos abertos. Naquela noite, só consegui dormir um pouco depois que a chuva abrandou, mas acordei com o Labrador choramingando.

— Droga! O que foi agora? – berrei, sem sequer pensar que ele poderia estar assustado, ou sentindo falta do antigo dono.

Desci da cama e peguei o filhote no colo. Alisei seu pelo macio e fiquei com pena. Cansado, acabei colocando-o na cama, junto a mim. Depois disso, o sono me fisgou. Em seguida, pescou o cãozinho também. Pela manhã, acordei com o filhote lambendo meus pés. Ainda não havia ligado uma coisa na outra. Sorri um pouco, só então me lembrei dele. Levantei o torso, abruptamente.

— Fala sério! – Exclamei ainda com os olhos turvos. - Já sei, quer comer, não é? - o cão olhava para mim e balançava o pescoço de um

lado para o outro, tal qual limpadores de para-brisas - na velocidade mínima. Era como se tentasse assimilar o que eu dizia. Lembrei-me daqueles cãezinhos com pescoços de mola que ficavam nos carros de alguns taxistas. Achava aquilo o máximo! O filhote estava mesmo me cativando.

Escutei Dona Branca abrir a porta. A diarista era uma mulher de confiança. Jade a havia me recomendado. Assim que cheguei entrei em contato com ela, que logo conseguiu limpar toda a casa. Desci as escadas com o cão nos braços, antes mesmo de escovar os dentes, lavar o rosto e pentear os cabelos. Nem liguei. Meus cabelos estavam um tanto emaranhados, e, eu, um pouco desengonçado, devido à noite ruim que passara.

— Mais que novidade é essa, Du? – perguntou a diarista, sorrindo

— Pois é Dona Branca esse filhote apareceu aí na porta de casa. O encontrei quando voltava do haras.

— Deve estar perdido! – ela opinou com um sorriso nos lábios e sua tão peculiar fala esticando o “s”. Adorava aquilo. Lembrava-me de Jade... e de Melissa. *Para variar!*

— Vou colocar a foto dele espalhada por aí - acrescentei.

— É, pode dar certo, mas o cãozinho é lindo, não quer ficar com ele?

— Não! Não acho isso certo – descartei a possibilidade - Acredito que é meu dever pelo menos tentar encontrar o dono. Nem quero pensar muito. Gostei dele e se não encontrar o dono, o adoto.

— Está certo filho, bom garoto – ela disse.

Não fui ao cursinho. Para falar a verdade, eu devia se o aluno mais ausente no pré-vestibular. Fiz o que havia planejado. Saí com as fotos impressas e colei-as nos muros e postes, depois segui até o pet shop e coleí uma foto do cãozinho perdido lá também.

Ok agora é só aguardar!

Agradei, embora torcesse para que não aparecesse ninguém. Também pensei que minhas esperanças seriam vãs. Imagine um filhote tão bem cuidado, certamente apareceria alguém.

Voltei para casa e o cão esperava-me no portão da garagem. Comecei então a ficar muito na dele. Era gostoso saber que mesmo um cão, esperava por mim.

— *Hey Buddy!* [9] — abaixei-me para afagar seu pelo macio. Novamente me lembrei de Jade. Ela e eu adorávamos conversar um com o outro usando algumas palavrinhas em inglês — sorri da lembrança. Fiquei olhando para o lindo cãozinho que me encarava. - Gosto muito de você, sabia?! Hum? — com as duas mãos, segurei sua cabeça e a balancei, com carinho. Continuei falando, como se ele me entendesse. - Acha mesmo que alguém vai aparecer? Hum? — os olhos do pequeno me fitavam. Peguei-o no colo e apertei o controle do portão. Subi a escada acariciando-o. Ele todo dengoso. Assim, pude sentir, o quanto se afeiçoara a mim também.

— Que tal um nome? Deixe-me ver! — murmurei enquanto avançava pelo corredor — Hum, “Boris”. Gosto desse nome. E você parceiro, gosta? Se alguém aparecer para levá-lo, sentirei muito — declarei, sorrindo.

Oito

Jade

DEPOIS DE NOSSA ROMÂNTICA E MEMORÁVEL CERIMÔNIA, NÃO TIVE mais sossego. Fred tomou posse. Sentia-se meu dono. Arranjava briga com DJ e implicava com tudo. Até quando saía sozinha para caminhar. E enchia meu saco quando ia às baías ver os cavalos. Ele cismou que os peões ficavam me olhando. Já tinha dito para Isolda, se Fred não mudasse de comportamento, não teríamos futuro, embora o amasse profundamente. Mas, estava no limite. Pra falar a verdade, tinha dias que Fred me fazia querer sair correndo. Eu amava tudo na fazenda, mas desejava ter um cantinho só para mim, num local sossegado, onde eu pudesse dançar, escrever e refletir. Em meu quarto não tinha mais tanta privacidade.

Às vezes Fred fazia umas coisas que me magoavam muito, além de ser um grosso - quando lhe convinha. Tinha uma tendência enorme para "bipolaridade". Era inconstante, e, de vez em quando, parecia ter duas personalidades. Uma vez, doce, outras tantas, um azedo. Algumas vezes sorria, outras parecia depressivo. Não havia um só dia em que não brigássemos. A coisa ainda ficou pior quando "cogitei" a possibilidade de estudar no Rio, o que, evidentemente, ainda teria de ser ponderado, por vários motivos. De qualquer forma, não sei o que deu em Fred. Depois que falei sobre meu desejo, ele começou a sair para beber todos os dias, até mesmo nas segundas-feiras - dia de suas aulas presenciais -, e

voltava embriagado, quase ao raiar do sol. Havia dias em que ele simplesmente sumia. Isolda mostrou-se muito preocupada com as atitudes do filho que mudara, visivelmente.

Sempre que ia dormir, ficava imaginando o que faria de minha vida. Não queria sair da fazenda. Amava minha nova rotina, embora algumas coisas, ultimamente, me chateassem. Mas, queria fazer algo. Gostava de dançar e fotografar. Puxa! Sentia-me como se estivesse num labirinto. Não sabia para que lado seguir. Estava sempre dividida. Contudo, a dança, além de ser a minha atividade predileta era também minha tábua de salvação. Minha terapia. Quando não estava bem, ia para meu quarto ligava o som e começava a dançar. Trinta minutos eram suficientes para que me refizesse. Fazia isso praticamente todos os dias. Depois desabava na cama, insegura. Amava também as plantas, mas queria mais agitação, e, dançar, certamente era do que precisava. Então, praticamente obriguei meu cérebro a pensar só em dança. Ali, deitada, num dos poucos momentos em que podia refletir, antes que Fred me interrompesse, massageava minhas têmporas e dizia a mim mesma: - "É isso"! – mas, sempre exclamava depois – "Oh meu Deus"! Ajude-me a tomar a decisão acertada!

Fred riu de mim, depois disse bem alto "esquece"! - o que me deixou irritadiça por alguns dias. E, por causa de seu total desrespeito, nosso relacionamento estava ainda mais "estremecido".

Diria, na corda bamba.

Do jeito que as coisas andavam Fred, provavelmente estragaria tudo. Fiquei com tanta vontade de fazer dança que vivia sonhando. Imaginava-me numa academia cheia de alunas. Aquele grande salão

com espelhos de cima em baixo, as barras... Lembrei-me de minhas sapatilhas. Ahh acho que só de cogitar essa grande possibilidade sentia-me arrebatada, embevecida. Fiquei mais animada e bem humorada. Fred, ao contrário, só me contrariava. Decidi que tentaria convencê-lo, aos poucos. Ainda tinha muito tempo, embora desconfiasse que ele jamais aprovasse. *Mas, não custava nada tentar, não é?* Tirando essa "coisa" de Rio, o "calcanhar de Aquiles" de Fred era sem dúvida nenhuma, DJ... Ele era a principal "pauta" de nossas discussões, chatas, longas e repetitivas.

— Fred a gente precisa conversar! – eu disse numa noite de sábado, ao me aproximar dele, que assistia *Grey's Anatomy*.[\[10\]](#)

— Sobre "aquele assunto", não temos mais o que conversar Jade. Tudo já foi dito!

— Quê? Então acha que as coisas são resolvidas assim? Você vai me ouvir!

— Jade não entendo você. Para que quer fazer isso? Tudo aqui é seu também, se quer fazer alguma coisa, então, me ajude a administrar a fazenda! Para que deseja ir para o Rio fazer... dança? – deu uma pausa e emendou: – Isso é loucura; não entra em minha cabeça. Cismou com isso agora. Só pode tá gozando com minha cara. Que homem, em sã consciência, deixaria sua namorada morar noutro lugar? Hum?

— Não tô nem aí pros outros caras Fred! Além do mais, desde minha infância faço balé moderno, sabe disso – argumentei. - Adoro

dançar e... desejo me profissionalizar. Gostaria de abrir uma academia aqui. É um bom negócio.

— Mas era só o que me faltava! Jade, o povo daqui não se liga nisso não! – ele disse com desdém.

— Mas, se alguém começar, tenho certeza de que pode dar certo.

— Ahá, rá, Jade não dá certo. Esqueça isso! Já tentaram abrir de tudo por aqui, acredite em mim! Poucas coisas vão pra frente em Estrela do Campo.

— Não adianta. Puxa vida! Como você é cabeça dura, depois fala que a teimosa sou eu.

— Não, não – ele disse esticando o braço. - Vem cá! – levantou-se com um sorriso safado no rosto, puxou-me para si e abraçou-me, carinhosamente. – Ahh não fica chateada, não! Você dança pra mim! Dança? – pediu. Encostei minha cabeça em seu peito e pude ouvir as batidas de seu coração, altas e descompassadas. Eu sorri porque me lembrei de que ele gostava que eu dançasse a “dança do ventre” para ele. Não era minha especialidade, mas eu mandava bem.

— Eu danço em outra hora. Tá tudo bem? – perguntei desconfiada, pois ele tinha o semblante estranho. - Conheço você. Quer me dizer algo?

— Não, é que...

— Fala Fred! – disse alto, afastando-me para encará-lo.

— Eu te amo tanto! Não consigo nem imaginar você, lá no Rio sem mim. Aquela cidade é perigosa e também...

— Bobinho – toquei seu nariz com a ponta do dedo. - Sou de lá, se lembra? Conheço minha cidade. Nãaaao! – desconfieei. - Não é só isso! Tem algo mais! – objetei dando-lhe as costas.

— É que... ah, não é nada. Deixa pra lá! Já está tarde, vem cá! – puxou-me novamente, fazendo com que eu meu encostasse em seu peito. – A gente tem de aproveitar que mamãe está em Holambra.

— Ei! – pisei firme, empurrando-o, levemente, tentando manter distância.

— O que foi? Não quer ficar comigo? A gente tá sozinho, vamos curtir?

— Não é assim tão fácil Fred – salientei – há dias tem me tratado muito mal, tem saído para beber com seus amigos - os quais nem conheço. Chega em casa embriagado, e... caramba, não é só apertar o botão liga/desliga, tenho sentimentos – declarei chorosa - E, também, não estou a fim! – disse com os braços cruzados, dando-lhe as costas.

É claro que o queria, sempre queria, mas estava chateada com ele.

— Ah Jade, qual é! Vai querer “discutir a relação” agora? Vem cá! Sei que está a fim - puxou-me pelo braço e girou-me, depois, me agarrou pela cintura com força. Empurrei-o.

— Estou a fim é de ouvir uns pedidos de desculpa primeiro. Não se esqueça de que está sendo um grosso comigo ultimamente!

— Jade! O que quer? – bradou impaciente, respirando fundo -, que eu aceite “numa boa” que o tal DJ troque o pneu do seu carro e não diga nada?

— Ok, vai falar do outro assunto – disse revirando os olhos. Notei uma ruga fina em sua testa, enquanto rodeava-me: continuou: -, quer que fique calado quando chega em casa na garupa da moto dele? – Fred avançava e eu afastava; seu olhar era duro. De uma hora para a outra ficou irado. Prosseguiu - Quer que fique morrendo de rir quando me diz que deseja ir para o Rio? – praticamente berrou – ora faça-me o favor! Não tenho sangue de barata!

— Fred! Você me irrita sabia? A gente estava falando de uma coisa e agora já colocou o outro assunto em pauta – avancei para ele, tocando seu peito com o dedo.

Ele afastava.

– Muito bem. Lá vamos nós de novo. Já expliquei. DJ trocou o pneu do meu carro quando ninguém mais podia fazê-lo, lembra-se? Você “disse” que estava na faculdade e só chegou no dia seguinte “trêbado” – devolvi o olhar de raiva. – E voltei para casa de carona na garupa dele na outra ocasião, depois de ligar, incansavelmente para você - que nem me disse onde esteve. Saiba que aquilo ficou entalado aqui – mostrei a garganta. Atropelava minha própria respiração. Já havia explicado aquilo para ele centenas de vezes. Continuei aos berros e descontrolada: — Pelo que me lembre, seu celular estava desligado – senti o sangue ferver - Não houve maldade meu amor – continuei explicando. Inevitavelmente algumas lágrimas já despontavam. Perguntei: – Por que vê maldade em tudo? DJ é só um amigo – dei uma pausa e decidi interpelá-lo também.

— E quanto a você? Hum? Ainda não me explicou para onde vai. Pensa que não sei que sai à noite quando estou no cursinho? E não

diga que vai estudar com colegas, porque te conheço e sei que isso não faz seu estilo – Fred me fitou com o olhar indecifrável, o que me deixou desconcertada – quer saber? Esqueça. Não sei se vou gostar de sua resposta, acho que não ficaria feliz.

Na verdade, aquele assunto me irritava mesmo. Fred sempre impenetrável e misterioso. Ele queria me controlar o dia todo, mas não se abria...

— Não viaja, saio com uns caras apenas para relaxar e aliviar as tensões. E de vez em quando vou pescar. Mas... não mude de assunto! – objetou encarando-me - por que tinha de ser ele, hum? Por que não arranjou outro para te ajudar? Parece que quer me provocar. Fala sério! – bradou com a voz tão grossa que mais parecia um grunhido.

— Shhhhh não grita!

— Ah qual o problema? A gente tá sozinho. Tá com medo de acordar as vacas e os cavalos?

— Rá, rá, rá, engraçadinho. Não gosto quando grita. Você me assusta - respirei fundo e acrescentei, baixo: - Só para te lembrar, caríssimo - mexi o corpo de maneira engraçada. Ergui o braço e mostrei relógio -, saio do cursinho dez e cinquenta e não tinha exatamente uma lista de opções – expliquei -, o comércio daqui fecha cedo e não havia mecânicos ou borracheiros à minha disposição. Não basta estalar os dedos. Só o tinha por perto – pedi tentando me acalmar: – Podemos, por favor, esquecer essa droga de assunto. Não aguento mais falar sobre DJ? Quer saber? Não quero falar sobre mais nada. Você, como sempre, me tira do sério.

Levei a mão à testa, minha cabeça já começava a me incomodar. Ficamos em silêncio por alguns segundos. Fred respirou fundo e quebrou o silêncio: — Está certo — aproximou-se. — Então me prometa que vai esquecer essa história de estudar no Rio - balancei a cabeça e lhe dei as costas.

— Ainda tenho dúvidas — disse a ele e expliquei. — Não é porque agora sou rica — fechei os olhos e voltei a encará-lo. — Caraca — objetei. - Detesto esta palavra. Mas, não é porque não precise de dinheiro, que vou deixar de estudar. Afinal, quero ter uma profissão!

— Estudar? — riu. - Chama "dançar" de estudar? Confesse Jade! — disse cego de ciúmes — quer sua vida maluca de volta. Pode confessar! Já está entediada, enjoou da fazenda e... de mim. Quer voltar para seu mundinho fútil.

— Eu te proíbo... — disse levantando o dedo, mas ele interrompeu-me segurando-o.

— De quê? De dizer a verdade? — seus olhos faiscavam.

— Cara, qual é o seu problema? A gente vai voltar à estaca, zero? — ele fechou a cara. Deu algumas voltas na sala e parou perto da janela. Colocou as duas mãos abertas na parede como se a segurasse, depois se virou e se aproximou.

— Eu sei que quer ir para o Rio porque se cansou da fazenda. Aqui não tem as coisas que tem lá. Sei disso. Quer voltar a sair com aquela "sem noção" da Melissa, fazer baderna e agir feito adolescente — emendou - As duas pareciam duas molecas de doze anos, ou, melhor, os "três". Du também é outro.

— Disso sinto falta mesmo porque com você, é só briga! – pensei um pouco, suavizei o olhar e a voz. Enfim, queria resolver as coisas com ele, sem brigas.

— Meu amor? – chamei. – Por que é tão “extremista”, desculpe, mas, quando põe uma ideia na cabeça, só vê o seu lado. Não seja tão egoísta e radical! Não coloque maldade em tudo. Por que não pode simplesmente relaxar e deixar rolar? Brinque um pouco também, arranje amigos! Amigos de verdade – frisei. – Desses que compartilham de uma reunião familiar, churrascos, pescarias, acampamentos. Não esses amigos que só querem beber em bares. Confesso que adoraria acampar de novo.

— Hum rum – murmurou nervoso. - Deixo você ir para o Rio e relaxo. É isso? – ironizou.

— Ééééé isso - concordei. - Não tem com o que se preocupar.

A reação de Fred foi de impaciência. Murmurou alguns palavrões e se dirigiu ao bar para se servir de uma dose de uísque.

— Não, não faça isso! – pedi me aproximando quando vi que ele iria beber, mas, o teimoso sorveu o líquido de uma só vez colocando, em seguida, o copo com força sobre o móvel.

— Você é tão ingênua – afastou-se, levou duas mãos à nuca e alongou-se num gesto nervoso. Emendou: - Brincar? Jade tenho muito trabalho aqui – pensou por um segundo e disparou: -, e você me dá o dobro. E, quanto a arranjar amigos, afirmo: não preciso de um bando de “cuecas” aqui em casa xavecando você.

Fuzilei “o senhor nervosinho” com os olhos.

— Está vendo? Você me trata como criança. Pensa assim, porque não para de me vigiar. Não dou trabalho a ninguém. Até parece meu segurança. Você me vigia porque quer - provoquei: - O que é? Não se garante não? Tá com medo de quê?

— Ooolha! – ele me fuzilou com os olhos e avançou, como se quisesse me provar do que era capaz. Mas, parou – arrepiei.

— Não preciso de babá! Quando é que vai parar com isso?

— Não é criança, mas age feito uma, além de ter uma tendência enorme para cometer imbecilidades – depois de ouvir os argumentos de Fred, senti uma pontada no estômago e redargui, péssima: — O que faço de errado Fred? Desde que me mudei para esta fazenda minhas atividades ficaram restritas – levei o dorso da mão à testa. Sentia-me enjoada daquela conversa – acrescentei: - Mas, não estou reclamando, gosto de viver aqui. Você é que tem de parar com essa mania de me superproteger, manipular, mandar e tem que deixar de ser tão arrogante, todos nós precisamos de amigos – salientei - E pare de pensar que todos os homens ficam me xavecando, isso é invenção de sua cabeça - Fred fechou a cara e retrucou: — Acha mesmo que sou manipulador, arrogante, mandão e superprotetor?

— Aham – respondi.

— Ainda assim me aceitou como eu era. Por que mudou de opinião?

— Por quê?! Não é obvio? – perguntei.

— Não! Acho que continuo o mesmo. SOU LOUCO POR VOCÊ, JADE! – praticamente berrou.

— Shhhhh já disse, não grita! – pedi me afastando. Fred às vezes me fazia arrepiar com aquela voz grossa - dei uma pausa e declarei: - E eu te amo Fred, mas entenda! Preciso fazer algo, quero estudar! Minha vida tá passando e não faço nada de útil.

— Você ajuda mamãe e disse que gosta – rebateu.

— Gosto das plantas e ajudar sua mãe é legal, mas... - eu andava e gesticulava - Quero fazer algo para mim, quero ter minha profissão, trabalhar.

— Jade, tá certo! – Fred disse apertando os olhos com as duas mãos, cansado de discutir - A gente pode apenas esquecer isso agora. Não se toca mais neste assunto. Resolvemos essas coisas depois, embora, não goste de adiar nada. Só quero que saiba que não abro mão...

— Hum lá vem! – dei uma pausa. Observei que Fred estava sem paciência alguma - E de que não abre mão? – perguntei cruzando os braços, cansada de discutir também. Aquele assunto fazia-me sentir raiva dele, e, não queria isso.

— De você aqui! - respondeu sério apontando o dedo para o chão.

— Ahhhh ficamos na mesma! – murmurei batendo as mãos no ar, impaciente. Ele continuou e avançou pra cima de mim: - Prometo que nem vou ao cursinho para te buscar. Juro que vou relaxar.

— Frediii! – choraminguei.

— Espere! – ele disse segurando meu ombro. Acrescentou: - E faço vista grossa em relação aquele DJ, mas para o Rio, você não

vai! – continuou: - É pegar ou largar. Não vou namorar com alguém a distância. Já faço isso com meus estudos.

— Urgh!

Corri limpando as lágrimas com a mão em direção à cozinha. Precisava de um gole d'água. Cambaleei até o refrigerador e apanhei a jarra. Estava de costas. Segurava o copo entre as duas mãos. Tremia e sentia que precisava de um comprimido para dor de cabeça. Provavelmente, mais tarde, se não melhorasse, tomaria um bem forte, aquele "tijolo" que Isolda costumava me dar. Aquele machista conseguiu novamente me fazer perder as estribeiras. *Que ódio!* Senti quando ele se aproximou. Não quis encará-lo. Abraçou-me por trás. O copo, é claro, espatifou-se no chão.

Oh meu Deus! Novamente aquela sensação de que uma labareda me incendiava.

— Fred, nããã! – tentei resistir. – Não quero! Não está tudo bem! - empurrei-o. Foi inútil. Prendeu-me em seus braços. Cerrei os olhos ao sentir seu coração bater descompassado em minhas costas. O meu, provavelmente sairia pela boca, em breve. Odiava-me por isso. Virou-me, com força.

— Nãaaao... nãooo! – balbuciei confusa. Senti que meus sentimentos me trairiam - como sempre. Abraçou-me, de frente, olhando dentro de meus olhos. Depois me empurrou com urgência até encostar-me à parede. Tudo no mais absoluto silêncio. Ouvíamos apenas nossas próprias respirações, ruidosas e descompassadas. O beijo foi agressivo. Não conseguia fazê-lo parar. Também queria muito. Amava-o e ele sabia disso. Fred sussurrava palavras carinhosas em meu ouvido quebrando o silêncio. Ele dizia coisas que

me enlouqueciam. Aquele machista sabia como me dobrar. Ergueu-me apenas com um braço. Deu alguns passos à frente, segurando-me com firmeza. Usou a outra mão para se livrar da fruteira e da jarra d'água que estavam sobre a mesa. Em seguida, deitou-me naquela superfície dura e fria.

— Fred o que está fazendo? Para! – ainda tentei me soltar. Mas, ele, cheio de segundas e terceitas intenções, prendeu minhas mãos sobre a cabeça. Fiquei sem defesa e aquietei-me. Enquanto me encarava, com aqueles olhos hipnotizantes, ele tentava, sem sucesso, desabotoar minha blusa. Segurei sua mão.

— Por que não? – balbuciou rouco.

— Porque...

— Shhhhhh - relaxa vai! Sei que você também quer – eu ia dizer tudo que tinha vontade, mas ele silenciou-me com um beijo ardente. Eu buscava o ar e gemia. Sentia uma dor inexplicável.

Posso garantir, queria sentir aquela dor pra sempre.

— Vê? Você me ama! – disse junto ao meu ouvido. – Te prometo, não vai se arrepender. Farei você amar cada segundo que passar aqui... Não queira se separar de mim Jade! Não sei do que seria capaz se me deixasse.

— Assim não vale, isso é golpe baixo!

— Eu te quero tanto! Odeio brigar com você... – murmurou com a voz rouca, arrancando-me da mesa, com volúpia. Agarrei-me a ele. Então, carregou-me escada acima, até chegarmos ao meu quarto. Abriu a porta rapidamente e caiu comigo sobre a cama, arrancando

de meus lábios, gemidos abafado de prazer. Aí, não consegui mais fazê-lo parar, eu também queria. Deus... como queria!

— Preciooosa!

— Isso é... golpe baixo! - repeti com a voz entrecortada.

— Eu te amo tanto! Não se atreva a me deixar! – reiterou cheio de tesão. – Jamais!

— Não, não...

Silenciou-me, novamente com aqueles lábios deliciosos.

— Não conseguiria ficar longe desse pescoço e desses cabelos – agarrou minha nuca com força.

— O tempo passa rápido! – eu disse baixinho.

— Não conseguiria ficar longe de você nem um dia – mordeu o lóbulo de minha orelha. – Você não sentiria saudades? – perguntou:
— É claro que sentiria! Não pense assim! Se me ama de verdade entenda o meu lado e me dê esse presente! – arranhei suas costas e o deixei maluco.

— Auuuu! – gemeu - Não conseguiria viver sem seus arranhões e mordidas.

— Pode me visitar, ora! – sugestionei baixinho.

— Preciooosa! – chamou enlouquecido.

— Digaaaa! – sussurrei.

— Tira essa ideia da cabeça, vai?! – pediu.

— Não me peça isso “Morzinho”! – repeti num fio de voz, fitando seus olhos.

— Eu não conseguiria ficar sem você, sua linda!

— Frediii – chamei dengosa, já entregue.

— Hum – murmurou rouco.

— Cala a boca e me ame.

— A gente se entende depois... – ele disse por fim.

E envolvidos pelo momento, passamos uma noite maravilhosa. Bem, dormimos apenas algumas horas...

Nove

Duke

DESDE QUE HAVIA COLADO AS FOTOGRAFIAS DE BORIS NOS POSTES, muros e no pet shop passaram-se cinco dias. Ninguém ligou procurando pelo cão. Já o considerava meu, e estávamos nos dando muito bem. Mas, ele era um tanto bagunceiro e já podia ouvir Dona Branca reclamando da sujeira. Embora, não deixasse *xixis* para ela limpar, tampouco, *cacas*. De Boris eu cuidava. A diarista reclamava, era da quantidade de coisas picadas. Ele detonou nossos chinelos e também não podia ver um jornal. Além disso, havia muitos pelos espalhados pela casa, o que a obrigava a usar mais vezes o aspirador de pó. Por isso, decidi levá-lo ao veterinário do pet shop, e o fiz na mesma semana. Lá, comprei alguns produtos para lhe dar banho, e uma casa - que teria de trocar em breve, pois os labradores cresciam muito. Embora, Boris preferisse dormir em minha cama. *Quero dizer, na cama de Jade*. Foram inúmeras às vezes em que tentei fazê-lo dormir em sua casa, no quintal, mas o pequeno arranhava a porta como se implorasse para entrar. Praticamente uivava deixando-me maluco. Era engraçado, quando abria a porta, ele passava correndo por baixo de minhas pernas e quase me derrubava. Lembrava-me, sorrindo, de alguns filmes que assistira. Resultado: apaixonei-me por Boris, o dengoso conseguira me dobrar. Deixava que entrasse e dormisse no quarto, sobre o

tapete redondo e felpudo. Porém, o espetinho à noite sempre dava um jeito de pular para a cama. Eu, cansado, deixava.

Acordei sobressaltado numa manhã gritando as garotas. O corpo, ruim, suave muito e tinha a nítida sensação de estar me afogando. Sentei-me na cama, abruptamente. Um misto de voz e respiração ofegante, saía de minha garganta: - ah, ah, ah. - O sol ainda não havia despontado no horizonte. Devia ser umas cinco horas. Olhei para o relógio e constatei que dormira pouco. Tive um pesadelo terrível.

Sonhei que nadava com Jade e Mel. Como sempre, nos divertíamos. Estávamos numa das muitas praias que havia no Rio. Esta ficava num local afastado, deserto, podia-se dizer intocado. Era esplêndida. Havia muitas rochas e falésias. O lugar parecia irreal. O mar estava agitado e se podia sentir um vento atípico soprar fortemente, mas Jade e Mel, teimosas, queriam furar ondas. Estávamos felizes. Até aquele momento tudo estava bem. Sentia que nada poderia nos atrapalhar. Entretanto, ao longe avistamos o que chamaria de "onda gigante" – uma espécie de "tsunami". Chamei as meninas. Consegui segurar apenas a mão de Jade. Melissa estava longe. Porém, outra onda menor nos atingiu em cheio, separando-nos completamente.

— Jadeeee! - gritei.

— Du, socooooorro! – Melissa gritava desesperada. Fiquei maluco. Não sabia para que lado olhar. Eu não as via. Segundos depois, a grande onda me chicoteou, arremessando-me para longe. Bebi muita água e perdi o controle, estava me afogando.

— *Jadeeee! Melissaaaa!*



Levantei-me, acabado. Aquele sonho ruim fez com que eu ficasse sem ar e tremendo. Em razão disso, precisei tomar um banho para me refazer. Inclinei-me sob o chuveiro para sentir a água massagear os músculos de minhas costas. A sensação de perder, para sempre, duas pessoas tão importantes em minha vida, foi aterradora. “Chega”! - eu disse a mim mesmo. Um dos motivos de eu ter ido morar no Rio, foi Melissa, mas ela não quis nada comigo. E, mesmo que ela quisesse, agora precisava ponderar. Ela era complicada demais. Concluí que não tinha mais nada para fazer ali. Nem estava me dedicando ao cursinho, como deveria! E, definitivamente, não queria ficar sozinho. Resolvi voltar para Estrela do Campo. Lá, pelo menos, tinha amigos que poderiam me ajudar. Talvez, se saísse com eles para as noitadas... se me empenhasse, arranjaría alguém. Eu tinha de dar um jeito em minha vida. Desliguei o chuveiro e logo me enxuguei. Decidi correr na praia para aliviar as tensões. Vesti uma camiseta regata e um short azul. Alimentei Boris e o deixei no quintal, antes de sair.

O trânsito fluía bem. Liguei o rádio do carro, como sempre fazia, e ouvi, alto, o finalzinho de uma música da qual gostava muito, “*Here without you*”, da banda *3 doors Down*. Acredite! Foi o suficiente para que eu me sentisse um pouco melhor. Logo depois, estacionava o carro perto da orla, no Leblon. Era cedo. Havia poucas pessoas circulando, mas sabia que mais tarde a praia estaria lotada. Ainda mais, com a temperatura perto dos 40 graus.

"Sol. Pancadas de chuva a qualquer hora do dia e da noite. Muitas nuvens pela manhã. Temperatura máxima de 36°C e mínima de 22°C. Vento NW com intensidade sete km/h. Umidade de 51% e probabilidade de chuva de 80%".

Desliguei o rádio, após ouvir a previsão e espalhei filtro solar na pele. Depois, caminhei até a areia e comecei a me alongar. Enquanto esticava os braços, observava o mar e me lembrava do pesadelo. *Caramba! Foi tenso.* Comecei a correr, preguiçosamente, mas, aos poucos, sentia que melhorava. A corrida aliviou-me, e a tensão foi vencida pelo prazer que sentia ao avançar sobre a areia fofa da praia. Ainda que o sol estivesse muito quente, podia sentir o sopro, tímido, do vento, noroeste vergastar-me o rosto. Quanto mais corria, mais queria correr. Era forte e tinha um bom preparo físico, resultado de anos de academia, embora não a frequentasse havia alguns meses, contudo estava bem preparado. Aos poucos, como previ, a praia ficou lotada. Corri por quarenta minutos e já começava a sentir os efeitos do astro rei. Então, parei numa das barracas para comprar água de coco. Uma moça linda atendia nessa barraca.

— Olá, bom dia! Uma água de coco, por favor? – pedi.

— Ah, sim, um minuto – notei que estava sozinha. Ela se virou e retirou de dentro de um refrigerador, o enorme fruto. Quase não conseguia segurá-lo de tão grande. Por curiosidade me detive em suas mãos. Queria saber se ela fazia o corte do fruto com facilidade. Diverti-me, na verdade, pensando que ela “apanharia” para abrir o coco. E fiquei surpreso, rapidamente a moça - que era delicada -, se aproximou, estendendo-me o fruto gelado. *Que prática!*

— Aqui está – disse sorrindo. Entreguei a ela o dinheiro. Não tinha sotaque carioca.

— Puxa! Como está quente, não?

Caramba! Por que a gente tem de começar uma conversa falando do tempo? Dã, não entendia isso, fiquei sem graça.

— Bem, aqui é sempre assim – disse mostrando os lindos dentes. Observei que se formaram duas covinhas em sua bochecha quando sorria.

— Ei moça? – um homem chamou.

— Ah, um minuto! – ela respondeu.

Tinha uma voz sensual. Observei, enquanto sugava o canudinho, que não parava nem um minuto. Era dedicada. Notei também que passou o dorso da mão na testa. Devia mesmo estar com calor. Pobre moça, provavelmente estaria cansada de trabalhar tão exposta àquela temperatura inclemente. Às vezes ela saía da barraca e servia as mesas. Infelizmente, a todo o momento chegavam pessoas e lhe roubava a atenção. Pena que não tive oportunidade de perguntar nada a ela. *Droga!* – pensei. Queria saber seu nome e talvez convidá-la para um sorvete. Queria tentar, não é? Mas, infelizmente, não foi desta vez. Uma amizade seria bem legal. Quando vi que ela não teria tempo para um bate papo, resolvi voltar para casa. Conheci dezenas de garotas no cursinho, uma mais linda que a outra, mas com nenhuma delas falei mais do que um “oi”.

— Obrigado! – eu disse. Ela - que atendia a outra pessoa, se virou e acenou. Percebi que me acompanhou com os olhos e deixou o cliente falando sozinho. Tinha mesmo um lindo sorriso. O rosto da

moça ficou em minha cabeça. Queria mesmo me interessar por outra pessoa. Desejava arrancar aquelas duas de meus pensamentos. Mas, essa seria uma tarefa difícil...

Naquela tarde, falei com mamãe, que estava em Holambra e ela contou-me que Fred e Jade estavam de mal a pior. Meu irmão era mesmo um idiota, estava a ponto de perder a namorada por ciúmes tolos e doentios.

— Mãe por que não conversa com ele? – fui até a cozinha para apanhar algo e acabei me sentando um pouco para conversar com ela, calmamente. Boris - como sempre - se deitava aos meus pés.

— Já conversei filho. Fred é muito possessivo e teimoso, embora você conheça Jade. Mas, nesse caso, ele é quem está dando mancada – mamãe explicou-me e acrescentou: - Implica com o cursinho e não quer que a menina vá sozinha. Tem cabimento Du? – perguntou minha mãe.

— Não. Fred está fazendo tudo errado – respondi balançando a cabeça. - Ela odeia essa coisa de ser vigiada mãe! – conhecia Jade melhor do que o namorado dela.

— Jade já me ligou para desabafar – declarei.

— É? Você tem uma ligação com ela, admirável. – mamãe deu uma pausa e completou: - Sei que gosta dela filho. Gosta como homem.

Ao ouvir o comentário de minha mãe fechei os olhos e engoli a saliva, mas não disse nada. Não queria que ninguém soubesse sobre meus sentimentos. Levantei-me tenso por causa do assunto e fui até

a sala. – Vem Boris! – chamei meu companheiro. Sabia que era muito difícil esconder as coisas de uma mãe como Dona Isolda.

— Mãe não viaja! Gosto dela como irmã. Desejo que ela e Fred sejam felizes. Sinto em saber que os dois estão brigando tanto assim.

— Está certo... – suspirou. - Não quer falar comigo sobre isso, respeito, mas, se a Jade for mesmo morar com você, não ficará confortável, filho.

— Mãe, tudo bem se ela vier. Não existe nada entre a gente. Eu a respeito muito, além do mais, Jade é louca por Fred e ele por ela. Não tem com o que se preocupar.

Isso, de Jade morar comigo, era tenso. Se acontecesse, seria um problema. Mas, eu já estava de partida.

— Mas, me diga... – quis mudar o assunto “meus sentimentos”.

— Eles estão sem se falar? – perguntei me esparramando no sofá.

— Não. Não chega a tanto, mas se continuarem como estão não demora muito. Rá, rá, rá – minha mãe deu umas gargalhadas. – Essas crianças...

— Crianças?! Ah mamãe, quando é que vai perceber que não somos mais crianças?

— Du, para as mães os filhos são e sempre serão crianças. Incluo você – ela riu novamente.

— Ah qual é? – ri também e dei uma pausa – ai, ai... eu te amo mãe!

— Ahhh adorei ouvir isso filho. Massageou meu ego – ouvi mamãe sorrindo. Depois ela disse:

— Eu também meu amor. Só Deus sabe o quanto sinto sua falta.

— Bem, mas mudando de assunto... mãe, agora tenho um cão!

— É filho? Comprou? Estranho – ela disse. - Nunca se apegou a cães? – acrescentou - Aqui têm aos montes e nunca vi você brincar com nenhum!

— Ah, é que o encontrei um dia na porta da garagem.

— Du! - interrompeu mamãe – E não devolveu? Ah, filho, não faça isso! Alguma criança pode estar sofrendo por causa do animal.

— Calma mãe! Não é bem assim. Tentei localizar o dono, mas não apareceu ninguém.

— Que bom! Então, tudo bem. Está feliz? Você reclamou de solidão da última vez em que liguei.

— Acho que sim. - menti para não preocupá-la tanto. - Agora meu passatempo preferido, além de tocar violão para mim mesmo, é cuidar de Boris, jogar bolinha, osso, e limpar enormes *pontos marrons* – ri com vontade e disse por fim. - Estou bem mãe. Obrigado! A gente se vê em breve.

— Jura? Vai vir me visitar?

— Não. Daqui uns dias vou embora de vez. Só preciso resolver mais algumas coisas por aqui. Vou trancar a matrícula no cursinho, comprar alguns presentes e trocar de carro... – dei uma pausa e acrescentei: - É que, acho que vir para cá foi um erro. Decidi voltar pra casa.

— Eu bem que lhe avisei. E Melissa? Tem falado com ela?

— Não. Ah, acho que não era para ser. Melissa está em outra.

— Entendo. E está tudo bem?

— Estou levando – sorri – Vou sobreviver! Ah mãe sinto tanta saudade de tudo aí! – balancei a cabeça, emocionado.

— Entendo você filho – mamãe continuou: - Não posso negar que prefiro meu filho junto de mim, porém adoraria que fizesse faculdade, mas acima de tudo, quero ver você feliz Duke – declarou ainda: – O que decidir, saiba que te apoio.

— Obrigado por me apoiar sempre mãe! Farei faculdade. Só não me decidi se será EAD ou presencial.

— Compreendo. E já sabe que curso vai fazer?

— Ainda não decidi. Confesso que andei pensando no mesmo curso de Fred.

Levantei-me abruptamente. Aquele assunto me perturbava. Fui até a cozinha. Boris seguiu-me. Desta vez, dirigiu-se para o quintal. Na certa foi comer. Abri o refrigerador e apanhei uma lata de Coca-Cola. Estava segurando o telefone, então fechei a porta com o pé e voltei para a sala. Apanhei o controle e enquanto minha mãe falava liguei a TV. Depois de ouvi-la argumentei: — Escolher um curso é tão difícil mãe! São tantas opções, e... é uma decisão complicada – gaguejei. – É a profissão a qual seguirei pelo o resto da vida...

Conversei com minha mãe por mais algum tempo sobre cursos. Depois, ela voltou a reclamar de Fred. Mamãe desligou o telefone, preocupada. Eu pensava em Jade enquanto olhava para a TV, mas nem me dava conta do que era transmitido. Pobre Jade! Que

situação! Fred era mesmo um idiota. Os dois namoravam há um tempão e ele não aprendera a lidar com ela.

Pensando melhor, não poderia culpá-lo. Sabia bem o que ele sentia. Eu mesmo já me consumi de ciúmes dela, mas sofria calado. Incentivava os dois, ainda que sofresse com a situação. Não que quisesse bancar o mártir. Era a minha felicidade ou a de meu irmão e também havia ela, seus sentimentos e emoções. Estava gravado em sua testa que o amava. Perdi minha chance naquele dia, quando ela ainda se adaptava à fazenda, e não havia se ligado em Fred. Balancei a cabeça e dei um tapa na minha própria testa -"imbecil"! – disse a mim mesmo, jogando-me no sofá.

Depois de remoer pensamentos, resolvi tomar uma lata de cerveja para relaxar. Alguns minutos depois, Boris entrou e me fez companhia, enquanto tentava me concentrar numa partida de futebol.

Dez

Mel

TÁ, AQUELE DITADO QUE DIZ "AQUI SE FAZ AQUI SE PAGA" PODE TER um fundo de verdade. Depois de ter jogado minha oportunidade de ser feliz no lixo. Agarrei-me com unhas e dentes à nova "porta" que se abriu para mim. Bem, a chance que desperdicei era real. Havia amor, família, união, honestidade e paz. "Paz" *Puxa como essa palavra soava bem!* Enquanto que, a tal "porta", era a entrada para uma cilada. Depois que descobri, como Mau Mau ganhava a vida e de ver com meus próprios olhos do que ele era capaz, fiquei apavorada. Aí a ficha caiu. Acho que me esqueci de contar.

Mau Mau ficou tão ligado a mim que se sentiu meu dono. "O senhor de meu destino". Antes "daquela" noite, sempre ligava pedindo para encontrá-lo. Às vezes mandava seus "funcionários" me apanharem em casa. Eu me "sentia", quando aquela *Captiva* preta parava à porta de minha casa, sempre com um motorista e um segurança. Minha mãe observava aquilo e não dizia nada. Meu namorado *bad boy*, presenteava-me com as coisas mais caras. *Acho que por isso, ela não ligava.* Sempre via minhas coisas remexidas e algumas desapareciam. Ela pegava "emprestado" e se esquecia de devolver. *Minha mãe pesadelo também era uma interesseira.* Como diria Jade: "oh treva". Ninguém merece!

Bem, depois que descobri a verdade sobre Mau Mau, passei alguns dias trancada. Ele ligava e eu inventava desculpas esfarrapadas. A coisa começou a ficar estranha quando ele mesmo veio até minha casa. Nesse dia, minha mãe havia saído. Mau mau desceu do carro, parou a minha porta e tocou a campainha. Quando abri, senti uma coisa esquisita. Imagine um soco no estômago! Então, foi o que senti.

— O que tá rolando gata? Tá me evitando?

— Não. imagina! É que estive doente – respondi branca feito papel.

— Não me convida a entrar? – ele gesticulava - Vi quando sua mãe saiu. Está sozinha.

— É que, nããã – ele interrompeu-me, e, “gentilmente”, me empurrou para dentro de casa, preparado para me dar um amasso.

— Por que tá fugindo de mim?! – Mau Mau gritou ao perceber o meu desconforto e pressionou-me contra a parede. Meu estômago embrulhou. Engoli em seco. O medo dominou-me rapidamente. O que veio a calhar, porque comecei a vomitar perto dele.

— Urgh – que nojento! – ele se afastou. Tudo bem. Vai limpar isso! A gente se fala numa outra hora – ele saiu resmungando: - garotas e suas frescuras...

— Eu... eu sinto muito! Disse que não estava bem – respondi num fio de voz. É claro, imaginei que o mal estar, era devido ao pânico. Pensei que ele fosse fazer comigo o que tinha feito com aquele cara, no banheiro do restaurante. De uma hora para a outra tudo ficou estranho. Mau Mau se foi. Antes, porém disse: — Eu ligo. Você vai

ficar boa logo, aí a gente se fala. Tô “fissuradão” gata! – balancei a cabeça, afirmando. Quando a porta se fechou, cai no chão. Minhas pernas não me obedeciam mais. Eu não era de chorar, mas, naquele momento, chorei como criança. Abracei meu próprio corpo e fiquei ali, encolhida pensando no que faria. Tinha de dar o fora dali, talvez do Rio. Eu não conhecia muito da vida, era impetuosa e não ligava para nada, mas aprendi uma lição. “Não se deve mexer com fogo”. Mau Mau era “o inferno”. Era capaz de qualquer coisa. Eu vi com meus próprios olhos.

— Oh meu Deus! - disse chorando alto. - O que foi que eu fiz? Estava tudo tão bem... Por que faço essas coisas comigo mesma? Minha vida estava calma... eu tinha pessoas que me amavam por perto, estava gostando pra valer do Duke. Por que eu sempre estrago tudo? *Duke* - pensei. – *depois de tudo que eu disse e fiz ele, provavelmente, me odeia.*

Fiquei chorando por um longo tempo. Minha mãe chegou e me viu caída no chão.

— O que houve garota?

— Nada mãe. Passei mal. Vou limpar, pode deixar.

— É bom mesmo! – ouvi minha mãe e me levantei ainda mais chateada. Ela era incapaz de um gesto de carinho. Nem perguntou por que, o que eu tinha, se precisava de ajuda. Nada. Limpei a sujeira que fizera e me tranquei em meu quarto. Ela bateu à porta algum tempo depois e perguntou: — Já arranjou emprego?

— Não, mas vou sair para procurar.

— Já disse, ou arranja alguma coisa para fazer, ou dê o fora!

— Mas, mãe... preciso de mais tempo! Não está fácil arranjar emprego.

— Melissa, você não faz nada! Nem está estudando. Passa seus dias enfurnada dentro de casa. O emprego não bate à nossa porta não, sabia? Você é que tem de procurá-lo – ela disparou.

— Eu sei mãe – respondi desanimada.

— É seu último aviso. Se não arranjar nada, dê seu jeito! Não vou sustentar vagabunda!

— Vou dar um jeito sim, pode deixar! – disse me sentindo pressionada de todas as formas.

Ela me chamou de va-ga-bun-da? Isso só pode ser castigo.

Onze

Duke

NA QUINTA-FEIRA FUI A UMA CONCESSIONÁRIA ESCOLHER UM CARRO NOVO Escolhi o Jeep Grand Cherokee. Era um carro para qualquer situação. Desde que havia visto propagandas dele, me apaixonei. Optei pelo preto, desta vez. A parte interna do carro era um show a parte e foi pensada, desde a costura dos bancos de couro. Adorei saber que o Jipe possuía sete airbags. *Segurança nunca é demais!* Os dois airbags de cortina ficavam 5 segundos acionados, em caso de capotagem. Havia também tela para acesso a DVD, Playstation 3 e Nintendo Wii. Embora eu soubesse que jamais utilizaria aqueles acessórios. Nem dei tanta importância à explicação sobre os detalhes daquele item. O carro oferecia 10 cm extras de espaço para as pernas nos bancos traseiros - que também eram reclináveis. Achei interessante a colocação do estepe para a parte de dentro do porta-[malas](#). Outro detalhe que me chamou a atenção, foi os dois relógios grandes, velocímetro e conta-giros - nas laterais, deixando a parte central para outras informações, como a tração utilizada. A visibilidade dos instrumentos era boa, o que facilitava a escolha de posição para dirigir.

Uau! Que carro. Fala sério! - Financeiei. Era caríssimo, Fred provavelmente surtaria – sentei-me ao volante, entusiasmado. Tinha a impressão de estar numa nave espacial dessas dos filmes. Mamãe iria adorar. Jade, provavelmente tomaria emprestado. E era

adequado para as estradas da fazenda. É claro, não pretendia fazer todas as coisas que o carro podia fazer, mas adorei saber que se precisasse, o veículo oferecia condições. Voltei para casa, feliz com novo carro.

As ruas estavam movimentadas e os bares estavam lotados, provavelmente por causa do calor. Parei o carro em frente ao portão da garagem e apertei o botão do alarme. Boris latia, ininterruptamente, parecia nem ter saído do lugar. Já eram quase nove horas. Mais uma vez, lamentei por não ter ânimo para sair de casa.

— Bela maneira de se passar o fim de semana, sozinho - disse entediado. Sentia falta de namorar e beijar na boca, embora, minha *libido* estivesse em baixa, mas, bastava pensar “nela” ou “nelas”, que a “*libido*” aumentava, subia como lava de vulcão. Infelizmente não sentia “tesão” por nenhuma outra garota.

Isso só podia ser castigo.

Deitei-me no sofá e vi meu violão em cima da mesa de centro. Lembrei-me de que Jade, um dia, pedira-me para ensiná-la. Faria isso certamente quando voltasse. Dei um pulo e apanhei meu *Gibson J-200 Standard*. Peguei também a paleta e comecei a tocar os acordes de um rock romântico, cuja letra não me saía da cabeça. *Dear God (Querido Deus)* da Banda *Avenged Sevenfold*. Achava que a letra dessa canção expressava bem alguns de meus sentimentos. Cantei com lágrimas nos olhos. Quando acabei sentime péssimo. Coloquei o violão sobre a mesa e desejei ardentemente rever Jade. Eu precisava. Tinha dias que não falava com ela, no fundo era respeito. Não ficava bem, respeitava meu irmão e acima de tudo, ela

– caramba! - deixei Boris na sala, dormindo e fui apanhar uma cerveja. Deveria comer algo, mas não tinha fome. Havia dias que não me alimentava direito. Que minha mãe não soubesse disso. Ela seria capaz de vir de Estrela do Campo só para colocar comida em minha boca. *Era só o que me faltava!* Embora, sentisse muita falta dela também. E, não podia negar que sentisse saudades de meu irmão. Éramos diferentes. Opostos, mas nos dávamos muito bem. Ele sempre calado e eu falante.

Subi para meu quarto, após beber cinco latas de Skol. *Que situação, chapado em plena luz do dia!* Nem me lembro de como deixei Boris. Despi-me e cambaleei até o banheiro. Liguei o chuveiro e me enfiei sob ele. Água fria. Precisava esfriar a cabeça. Sentia-me meio tonto e meu corpo queria cama. Enxuguei-me rapidamente e nem me preocupei com roupas. Sentia tanto calor que preferi ficar nu. Relaxei e um segundo depois, meus olhos, pesados, se fecharam.

O sonho, dessa vez, foi maravilhoso. Sonhei que Jade chegava ao Rio e me surpreendia dormindo no sofá da sala, mas...

Aproximou-se, vagorosamente e cobriu meus olhos, com aquelas mãos delicadas. Assustei-me e a puxei de qualquer jeito, de modo que ela caiu sobre mim. Ficamos nos encarando, ofegantes - ela com os olhos assustados. Até que a beijei com intensidade. A princípio, correspondeu.

Juro desta vez, torci para não acordar. Depois esquivou-se.

— *Du?!*

— Jade, deixa rolar! – murmurei rouco. - Há tempos queria dizer que te amo.

— Duuu!!! – ela me encarou, atônita, tentando se desvencilhar.

— Shhh, quieta! Me deixa falar! Sei que Fred vai arrancar minha cabeça, mas não posso mais. Quando estou perto de você sinto "nós" no estômago. Sinto uma vontade enorme de cobri-la de beijos. Você me tira o ar, Jade, e me faz ficar de pernas bambas – coloquei o dedo em seus lábios para silenciá-los, quando vi que ela falaria algo. – Shhhhhh, estou aqui escancarando meu coração mesmo sabendo que ama outro, mas não consigo mais esconder isso de você. O amor é assim mesmo – disse afastando uma mecha dos cabelos dela que caíam sobre mim. - Ele mexe com a gente de tal maneira que perdemos um pouco o juízo e o foco. Fui "flechado", deixa rolar! – Depois de me declarar, segurei seu pescoço delicado e a puxei, tomando para mim aquela boca que tanto desejei. Entretanto, Melissa apareceu e retirou Jade de cima de mim.

— Ei! – ela gritou – pirou? Este aqui é o outro irmão. E é o meu.

— Mel, eu... eu. Puxa me desculpe é que...

— Jadinha divido tudo com você, menos o Du.

Melissa empurrou a Jade. Esta cabaleou e caiu.

— Ei, meninas! Não briguem! – gritei sorrindo um pouco, pois não acreditava no que via.

— Foi ela quem começou – Jade disse. Aliás, você começou. O que deu em você, Du? Não te reconheço!

— Sua maluca, quem estava beijando meu namorado era você! — Melissa disparou e avançou para cima da Jade, então segurei Mel e a arranquei de cima da amiga.



Levantei o torso, abruptamente, ofegando e sorrindo, dessa vez.

— Deus, isso foi um presente. Só em sonho mesmo. Obrigado.

Passei algumas horas, extasiado, até consegui comer satisfatoriamente. Animado, dei banho em Boris, higienizei sua casa e à tardinha joguei um pouco de *Assassin's Creed*. Novamente, entediado, decidi ir ao shopping comprar algumas coisas. Vi um lindo violão, da mesma marca do meu. Era bege, comprei-o para presentear a Jade no dia em que voltasse para a fazenda.

Eram nove horas. Eu dirigia de volta pra casa quando meu celular tocou *Hard Woman* (mulher cruel) e tirou-me de meus devaneios — Melissa? — disse alto. Meu coração disparou. Eu tinha selecionado a música dos *Rolling Stones* para ser seu toque, no dia em que me disse - aqui no Rio, que não rolaria mais nada entre a gente. Mas, foi só ouvir a música do toque dela, para eu ficar balançadíssimo.

— O que essa maluca quer comigo? — decidi não atender.

Algun tempo depois, fiz a curva para entrar na rua da casa da Jade. Foi então que vi uma figura, ao longe, parada em frente à garagem. Ao me aproximar reconheci Melissa. Algumas perguntas começaram a espocar em minha cabeça. Apertei o controle e enquanto o portão deslizava, vagorosamente pelo trilho, olhei para ela. Estava com uma mala enorme e mochila nas costas. Estranhei.

Assim que desci do veículo, ela se aproximou dizendo: — E aí? Tudo bem com você? — três beijinhos. Estremeci. Confesso. Ela ainda mexia muito comigo.

— Tu... hum rum é, tudo bem, e com você? — olhei para a mala na calçada e apontei. - Vai viajar? *Se, ela fosse viajar por que se despediria?Dã duas vezes.* - pensei revirando os olhos.

— Não. É que, quero lhe pedir uma coisa.

— O que é Mel? — indaguei tentando parecer indiferente.

— Du, sei que fui uma imbecil; não dei muita confiança para você, mas estou desesperada e em apuros.

— Como assim?

— Eu... é que, minha mãe, praticamente me expulsou de casa e não tenho a quem recorrer — ela baixou os olhos e continuou: - Não tenho para onde ir. Será que...

— Dá um tempo! — estiquei o braço. — Está me dizendo que veio até aqui para...

—... É, será que me deixaria ficar aqui por algum tempo, até arranjar um emprego e...

— Você só pode estar de brincadeira — objetei.

— Por favor, é complicado, tá legal! Para estar aqui, tive de... pisar na "cabeça" de meu orgulho e pensar muito. Estou envergonhada e queria que... Por favor, me ouça? Podemos entrar para conversar com calma? — ela perguntou. Notei que estava mesmo envergonhada.

— Tudo bem – fui até a calçada e apanhei sua mala. Apertei o controle do portão e este se fechou.

— Aaaaaaah – Mel deu um grito e se agarrou a mim, ao ver que Boris vinha correndo e latindo.

— Não precisa ficar com medo! Ele é só um filhote. Não vai te machucar.

— Filhote grandinho, hein? – disse com os olhos assustados. Mel tinha medo até de galinha.

— É dócil, pode relaxar! - sorri, levemente. - Vamos entrar!

Enquanto Melissa subia as escadas que davam no corredor, pude observá-la, estava linda. Os cabelos ligeiramente crescidos tocavam seus ombros. Vestia minissaia jeans e sandálias com salto largo. Como sempre, perfeita.

— Puxa, cuidou bem da casa, hum? – observou.

— Dona Branca me ajuda – respondi enquanto pensava naquela situação. - Sai Boris! - bati o pé.

— Como está se virando aqui? Está fazendo cursinho?

— Sim, mas não estou me dedicando como deveria. Penso em voltar logo, porque não me adaptei...

— Puxa, sinto muito – ela se virou. Parei abruptamente.

— Tudo bem, eu já imaginava que seria complicado. Vamos!

Quando chegamos à entrada retirei a chave do bolso. Enquanto a colocava na fechadura, observava Melissa, de lado. É claro, demorei

encontrar o buraco. Ela parecia preocupada e podia jurar que ainda tinha mais coisas para me contar. Coloquei sua mala num canto e a convidei a se sentar. Ela olhou para mim e sorriu levemente. Sentou-se na poltrona e não disse mais nada. Eu, nervoso, ofereci suco.

— Vou tomar uma cerveja, quer um suco?

— Cerveja para mim também, por favor! – segui para a cozinha e lá soltei o ar que estava preso em meus pulmões. Estava tão tenso, que todos os músculos de meu corpo estavam enrijecidos. Respirei fundo, sem pensar muito e abri a geladeira. Apanhei as latas, fechei o refrigerador, com o pé, e segui para a sala.

— Então... o que houve? – perguntei ao me sentar.

— Bem – ela começou, envergonhada. - Primeiro devo me desculpar por ter agido tão estranha lá na fazenda. Eu tenho problemas com relacionamentos sérios e duradouros.

— Problemas?

— É... – ela baixou os olhos e emendou, depois de uma longa pausa: - Du, deve ter feito mau juízo de mim... e não te culpo. Eu agi feito uma louca e não respeitei seus sentimentos, mas é que estava assustada com o que sentia e também tive medo de ter de ficar na fazenda por mais tempo.

— Acha tão ruim assim ficar lá?

— A fazenda é linda, não me entenda mal. É que, é um lugar parado, sem recursos. Fiquei entediada, embora você fizesse de tudo para me distrair.

— Já conversou comigo sobre isso, se lembra? Não precisa... — ela me interrompeu: — Eu gosto de você Du... — ela declarou. Vi que tinha dificuldade para se abrir, mas estava ali, desabafando, resolvi deixá-la falar.

— Gosto como nunca gostei de cara nenhum.

— Ah qual é! — objetei. - Demonstra isso de um jeito bem estranho. Quem gosta não age como agiu comigo.

— Eu sei. E é por isso que estou aqui. Quero me desculpar — ela pausou e depois continuou com a voz embargada: - Estou dizendo isso por que... descobri que cometi um erro. Infelizmente, a gente, primeiro “apanha”, para depois aprender. Eu errei Du, e quero consertar o que estraguei. Pode me perdoar? — ela pediu com a voz mais humilde que já ouvira.

— Como é que é?! — fuzilei Mel com os olhos. — Ora, está se desculpando porque está em apuros!

— Estou sem um teto, sim! Mas, reconheço que errei. Aconteceram algumas coisas, e meti os pés pelas mãos... Juro, ontem quando me deitei, pensei muito. Minha vida rodou toda para mim, como um filme — ela ameaçava chorar, mas continuou: - Foi aí que pude ver as besteiras que fiz. Gostaria realmente de passar uma borracha e recomeçar. E quero começar agora. Me perdoa? — perguntou com sinceridade, olhando nos meus olhos.

— Isso não é novidade. Você mete os pés pelas mãos o tempo todo, mas se isso te faz bem, tá perdoada!

— Obrigada! – E não me disse se posso ficar aqui – esperou alguns segundos e emendou: - por favor!

— Que coisa complicada Mel, ficar aqui, comigo? Isso é desconcertante.

— Por favor! Não tenho a quem recorrer. Eu juro que não te incomodo.

— Dá um tempo, deixe-me pensar! – coloquei a mão na testa e busquei o ar. Embora estivesse magoado com ela, não podia lhe dar as costas. - Tudo bem – eu disse.

Eu não menti. Aquilo era sim, desconcertante, se levasse em consideração que a gente “ficava”, o tempo todo na fazenda. À noite, esperava todos dormirem, então, pulava da sacada de meu quarto para a sacada do quarto dela.

— Fique à vontade! Vou ver como está o quarto de hóspedes. Não entro nele há muito tempo – disse ao colocar a latinha sobre a mesa.

— Ué, dorme aonde? Só tem três quartos aqui!

Puxa vida, Melissa iria descobrir sobre meus sentimentos por Jade, mas isso, era uma coisa que mais cedo ou mais tarde, alguém descobriria. Dona Branca já havia descoberto.

— No quarto da Jade.

— Hã? Espera aí! Por que dorme no quarto dela?

— Por que gosto dele ora! – respondi sem graça.

— Está se vendo – ela comentou com as feições indecifráveis.

Subi as escadas, completamente atrapalhado.

Pronto. Melissa não era boba e certamente já tinha desconfiado. Do jeito que ela era com Jade, logo a amiga saberia. Isso não era legal. Poderia causar desconforto entre Jade e eu.

Abri a porta do quarto de hóspedes e tomei uma decisão rápida. Mudaria minhas coisas de lugar e deixaria Mel no quarto da Jade. Fiz isso rapidamente. Joguei minhas roupas sobre a cama, depois, com calma, arrumaria tudo. Melissa se ajeitou no quarto da amiga. Acho que fiz a coisa certa.

— Depois quero saber tudinho, hein? – ela disse.

— Tudo o quê? – fingi de bobo.

— Essa coisa de ficar no quarto da Jade. Isso tá me cheirando a paixão. Fiquei com ciúmes – ela brincou.

— Pirou na batatinha?

— Tá certo. Não tá mais aqui quem falou – ela balbuciou.

Saí atordoado e fui para o quarto de hóspedes tomar um banho.

Doze

Mel

DEPOIS QUE DU SAIU FIQUEI PENSANDO EM INÚMERAS COISAS. Sentia-me desanimada, então me deitei na cama de Jade. Encarei as estrelas e os planetas que estavam estrategicamente afixadas no teto e coloquei alguns pensamentos em ordem. Perguntava-me por onde começar. Claro que sem dúvida nenhuma a palavra “emprego” piscava em meu cérebro. E era por onde começaria...

Estava feliz porque Du me perdoara. Ele era mesmo um fofo. Se fosse outro, daria as costas para mim e não iria querer nem saber de meus problemas. Mas Du não. Ele era um cara pra lá de legal e generoso. Outra vez me peguei arrependida por tê-lo tratado daquela forma. Fui uma egoísta e não levei em conta seus sentimentos. O pior é que não respeitei também os meus. Tive uma chance de ser feliz e desperdicei. O fato é que agora sentia uma coisa estranha. Uma mistura de arrependimento e desejo de me acertar com ele. Algumas lágrimas brotaram no canto de meus olhos. Limpei-as imediatamente. Era tão dura comigo mesma que não me permitia chorar.

Levantei-me com a intenção de lavar o rosto. Era tarde, senti meu estômago reclamar. Estava com fome, então decidi ir até a cozinha. Seguindo pelo corredor passei em frente ao quarto de hóspedes. A

porta estava entreaberta. Vi Du deitado lendo um livro. De longe li: *Assassin's Creed*. - pigarreei.

— Oi! – ele levantou o torso.

Caraca ele tá sem camisa! "Jesus me abana!"

— É, bem... é que não comi nada em casa e estou com apetite. Será que...

— Mas é claro! Onde estava com a cabeça que não ofereci. Por favor, sintá-se em casa! – Du disse.

— Obrigada! – pisquei algumas vezes. Virei-me e saí. Fiquei hipnotizada por aquela visão. - Gostoso! – disse baixinho com a voz esquisita. Segui para a cozinha. Lá, abri a geladeira à procura de algo que não exigisse tempo para o preparo. Se havia um lugar que eu não tinha intimidade alguma, era com a cozinha. *Dentre mais algumas coisinhas*. Abri a freezer e vi uma coisa que amava, e, provavelmente, Du também, porque vi aos montes. Lasanha.

— “Yes! Lasanha é fácil. Só esquentar”! - Du me observava parado à porta, com os braços cruzados. Ainda sem camisa. *Aiii que tentação!* - sentia-me tão carente que comecei a pensar em nossos amassos. Du tirou-me de meus devaneios indecentes.

— Também gosta de lasanha?

— Amo. É meu prato preferido – respondi, sorrindo.

— O meu também. E é prático – ele adentrou e ficou parado perto da bancada que dividia os ambientes, depois se sentou num dos bancos. De um lado uma linda e moderna cozinha. Do outro uma espécie de copa. Era pequena, mas muito aconchegante. O ambiente, assim como toda a casa, era bem decorado. Na janela branca, quadriculada, além de uma linda cortininha de renda, havia

uma jardineira com cheiro verde. Lembrei-me de Laura, ela amava aquela jardineira.

— Vai querer um pouco? A embalagem é grande.

— Pode ser. Acompanho você – ele disse observando-me. Confesso, aquele gato perto de mim, desconcertava-me. O sinal do forno de micro-ondas apitou. Fiquei como barata tonta procurando as luvas. Du ria.

— Tá rindo de quê? – perguntei sorrindo também.

— Consegue ser pior na cozinha do que eu – deu uma risada gostosa.

— Dou a mão à palmatória. Sou mesmo! – confessei – Mas me diga! Onde estão as luvas? *Please!*[\[11\]](#) – brinquei unindo as duas mãos.

— Bem ao lado do forno, veja! – ele as apanhou e estendeu-as a mim. Nossas mãos se tocaram. Olhei para ele e senti que rolou um clima. Ficar junto dele sem poder tocá-lo seria, torturante.

— Hum, obrigada! – afastei-me. Du voltou para o lugar onde estava.

— Bem – disse transportando a embalagem da lasanha, sem jeito algum, para a mesa - Tã dã, aqui está! - novamente fiquei olhando ao redor e me detive nas gavetas. Fui até elas e as abri procurando pelos talheres.

— Hum, acertou – ele disse sorrindo, levemente. Du parecia se divertir com minha total falta de jeito.

— É, óbvio, não é? Numa gaveta.

— É isso aí!

Coloquei o prato e os talheres sobre a mesa e em seguida servi uma fatia generosa para ele e outra para mim. Enquanto comíamos, em silêncio, observava-o. Algumas vezes nossos olhares se encontravam. Eu era uma garota super descolada e não tinha vergonha de nada, contudo, dessa vez, me sentia diferente. Era como se acabássemos de nos conhecer.

— Conte-me por que sua mãe a expulsou de casa!

— Já te contei que minha mãe e eu não nos damos muito bem, não é?

— Sim – ele respondeu ao colocar o cotovelo sobre a mesa. Meus olhos sorriram quando o vi escorar o queixo. Amava quando ele fazia aquilo, porque eu sentia que ele prestava muita atenção ao que eu dizia.

— Mas o que houve? Qual o motivo? Nunca entrou em detalhes.

— É que... – baixei a cabeça.

— Se, esse assunto te faz mal, não precisa contar – ele observou.

— Tudo bem – eu disse – é uma longa história. Começou quando ainda era uma garotinha. Ela e meu pai se separaram...

Contei tudo ao Duke. Achava que já era mesmo hora de ele conhecer aquela parte de minha história, afinal, estava lá por causa de minha mãe e ele tinha o direito de saber o motivo. Achava justo.

— Puxa! Sinto muito – ele disse visivelmente sentido. Naquela noite após conversarmos, demoradamente, me levantei e disse: — Importa-se se eu for dormir? É que estou cansada.

— De forma nenhuma. Espero que... — ele deixou a frase inacabada, então eu disse: — Obrigada de verdade. Não tinha mais ninguém a quem pedir ajuda.

— Tudo bem.

Abri a porta do quarto e a fechei rapidamente. Encostei-me a ela com o coração disparado. Ele continuava mexendo comigo. Não deixou de mexer em momento algum. Por isso, depois que voltei da fazenda quis logo arranjar um namorado. Imaginei que somente um amor curava o outro. Então, entrei de cabeça na relação com Mau Mau, porque era conveniente. Queria me esquecer de Du e acabei me estrepando.

E quando isso acontece, aí bate o arrependimento.

Quando Du chegou ao Rio evitei encontrá-lo para não ter uma recaída. É claro, ele, provavelmente me odiou, mas naqueles dias, pensei ser o correto a se fazer. *Como fui tola! Puxa estava tão arrependida!* Tive de descobrir que o cara com quem estava “ficando” era um bandido, para entender que fizera besteira.

Eu sabia que ficar perto do Du seria perigoso, pois estava prestes a acender o fogo que jurei que havia apagado. Entretanto esse fogo ainda estava ali, apenas esperando alguém soprá-lo para que voltasse a ser uma fogueira.

Treze

Jade

MEUS OLHOS SE ABRIRAM QUANDO SENTI O PESO DO BRAÇO TATUADO DE Fred sobre mim. Sorri. Aquele maluco invadiu meu quarto sabendo que sua mãe estava em casa. Não me sentia à vontade para dormir com Fred assim, digamos, com liberdade. E fizemos isso apenas naquele dia. E desta vez, mas não o vi entrar.

No andar superior, ficavam localizados todos os quartos da casa, menos, é claro, o de empregada, este, ficava no corredor que saía da cozinha. Mas não era usado. Estelinha tinha casa própria. Meu quarto ficava entre os quartos dos irmãos. Fred não me acordou, apenas se deitou ao meu lado e adormeceu, provavelmente cansado. Que lindo! Olhei para a tatuagem com meu nome bem visível, perto do seu pulso. Lembrei-me de que eu prometera prometido fazer o mesmo, mas ainda não havia tido coragem. Fiquei imóvel. Não quis acordá-lo. Queria ficar olhando para ele eternamente. Aspirei fundo quando senti o aroma do café de Estelinha penetrando em minhas narinas. Devia ser umas sete horas. Fred dormia virado para mim. Então me movi lentamente, com a intenção de apanhar o edredom que caíra aos pés da cama. Antes, porém, me detive naquele rosto. Observei sua barba por fazer e a curva perfeita de seu nariz. Deixei-me cair. Não resisti. *Puxa!* Deitei de lado. Minha mão apoiava a cabeça. Desviei os olhos para seu peito. Uau! Era um gato. Um gato selvagem e arisco. Um tigre,

diria. Continuei meu *tour*. O abdômem sarado. Ri silenciosamente de meus pensamentos atrevidos. *E que pegada!* Balancei a cabeça inspirando o ar. Lembrei-me do edredom porque sentia frio. Então me levantei, vagorosamente, e o puxei para me cobrir. Ele dormia serenamente, e ainda que brigássemos o tempo todo, não podia negar que o amava.

Fiquei quieta por mais alguns minutos. Adorava observá-lo enquanto dormia. Hum! Não tinha certeza de que queria me separar dele. *Não, não queria...* Por outro lado, aquela dúvida. O que fazer de minha vida? Não queria envelhecer sem ter feito algo. Que mal haveria em namorarmos a distância?

Tá legal! Eu também não queria me afastar dele, por isso sofria com meu dilema.

Verdade seja dita, seria dureza ficar longe de todos.

Que sacrifício difícil!

Dã, não existe sacrifício fácil maluca! – gritei pra mim mesma em pensamento.

Mas, conseguia entender a sua relutância, embora eu também relutasse. *Caraca como eu sou indecisa! Querida ou não querida?* Eu me torturava com minhas dúvidas. Seria por apenas algum tempo, ainda assim era uma decisão difícil. Fred não aceitava e ponto. Não adiantava ficar batendo boca com ele. Se eu fosse, certamente o deixaria irado. Isolda tinha razão, o filho era possessivo e acreditava que jamais cedesse. Como sempre, ela me apoiava. Aquela fofa! Com ela conversava sobre tudo. Era como minha mãe. Às vezes ela

me surpreendia quando me chamava de “filha”. Fiquei emocionada quando a ouvi dizer isso a primeira vez. “É claro filha”.

Fred se mexeu na cama. Fechei os olhos rapidamente. Queria brincar um pouco com ele. Ouvi quando bocejou e senti que olhou para mim. *Senti isso intensamente.* Roçou o dorso do dedo em minha face, com carinho, depois percebi que recuou por um momento e voltou a se aproximar. Pude ouvir sua respiração e absorver o calor de seu rosto ao encostar-se a mim. Novamente, senti que se afastou e voltou a se aproximar. Então, beijou minha face com suavidade, acariciando-a, aí fingi que acordava e abri os olhos, lentamente. *Uma dissimulada apaixonada.*

— Bom dia, *Bela Adormecida!* – sussurrou perto de meu ouvido. - Tá tudo bem?

— Bom dia meu Príncipe! Hum rum. - limpei a garganta - Você é uma caixinha de surpresas. Levantei os dois braços e espreguicei, bocejando – ahhhhh, tô legal!

— E dormiu bem? – mordeu minha orelha.

— Como um anjo - sorri e acrescentei: Fred, não devia estar aqui! Sua mãe...

— Esqueça! Ela não me viu entrar e garanto que não me verá sair. Ainda que eu tenha de pular a janela para me esconder. Que mania você tem de *jogar água fria!* Não gostou de me ver? – alisou meu rosto.

— Gostei, mas é que não fica bem – dei um selinho naquela boca linda. Ele sorriu, e colocou as mãos atrás da nuca. Eu disse: —

Desculpe-me Fred! É que não quero que pensem que eu... bem que a gente é amante.

— Deixa de ser careta! Qual o problema? A gente se ama, então somos amantes.

— Ah não penso assim. Somos apenas namorados – suspirei - E você dormiu bem?

— Nossa, dormi muito feliz e acordei ao seu lado. Isso quase nunca acontece, não é? Com mamãe em casa, não rola.

— Não rola mesmo! Teve sorte porque não te vi entrar. Teria te expulsado – dei uma pausa porque senti uma vontade intensa de espirrar, mas a vontade passou.

— Fred a gente já falou sobre isso, é respeito – reiterei.

— Sei disso, é que queria dormir com você todas as noites – sua declaração soou como reclamação.

— Mas, a gente dá umas escapadinhas de vez em quando, não é? Assim é mais emocionante.

— Rá, rá, rá, namorar sobre o feno não tem nada de emocionante – rebateu sorrindo e acrescentou: - Muito de vez em quando. Tá osso Jade! Queria todos os dias. Ontem, a gente poderia ter namorado, mas você estava praticamente desmaiada. O que foi que bebeu? Puxa! Cutuquei você e nem me deu bola!

— Ahhh não senti. Tomei um anti—histamínico. Deve ter sido por isso. Esse medicamento dá muito sono. Acrescentei: - Morzinho, a gente não pode namorar aqui! Aqui, só depois que a gente se casar.

— Que “caretisse”! Bem que gostou daquela noite. Nega? – ele perguntou com cara safada.

— Aquela noite foi diferente. Foi golpe baixo e não resisti à sua pegada – disse sorrindo e emendei: - Respeito muito sua mãe. Além do mais, gosto do celeiro. É instigante. Aliás, gosto em qualquer lugar! – admiti com o rosto pegando fogo. Confesso sentia-me mais solta com ele depois de algum tempo. Embora, ainda fosse tímida. Ele deu-me um sorrisinho.

— Gosta mesmo? Que tal aqui e agora! – pulou sobre mim e prendeu meus braços. Depois atacou-me com cócegas perto do pescoço. Ele ria enquanto eu me debatia.

— Aham – respondi dando uns gritinhos e esperneando – para, para, para! Não se esqueça de que não estamos sozinhos - o edredom caiu. Gemi de frio batendo os dentes - tá frio não? – emendei: - para variar.

— Shhhh então não faz escândalo! – tapou minha boca, sorrindo.

— O edredom. Deixe-me apanhá-lo – pedi.

Nesse momento meu Dock Station, despertou com a música *Fairy Tale*, da banda *Shaman*. Fred deixou-se cair de lado sorrindo.

— Uau! Adoro esta música! Parece da idade média – declarou.

— Eu também gosto muito - levantei os braços e espreguicei, novamente. - Disse que gosta de músicas que lembram a idade média... Já ouviu *Anthem of life*, do *kamelot*? É super.

— Não. Vou ouvir. Ah, deixa eu pego para você – apanhou o edredom que caíra de lado e cobriu-me, carinhosamente. Depois

desligou o rádio e pulou na cama, fazendo-me “voar” por alguns milésimos de segundo.

— Uhuuu – dei um gritinho – que delícia! – exclamei sorrindo. Adoro fazer farra.

— Gosta né! Gosta de mais o quê? De cócegas? – se virou para me atacar. Achei estranho. Esse não era ele. Cócegas era uma coisa que Du gostava de fazer.

— Não, não, por favor! A gente vai acordar sua mãe – recuou:

— Pensei que gostasse de brincar. Com o Du você se solta.

— Tá com ciúmes do Duke? E... respondendo à sua pergunta, gosto de tudo. O importante para mim é estar com você – confessei e me encolhi. Notei que ele ficou sem graça. Fred não era muito de brincar.

— Tá certo! – se virou e mordeu o próprio lábio – voltando àquele assunto, é que têm momentos que parece que estamos fazendo escondido e mamãe está careca de saber que a gente se *enrosca* – mudou de posição.

— É claro que ela sabe, converso com ela sobre nós! – admiti sorrindo e olhei para ele.

— O quê?! Fala com mamãe sobre nós dois? – perguntou admirado. Deitando-se de lado. Então ficamos nos encarando.

— Falo sim - contornei seus lábios com a ponta do dedo.

— Então o que acha de a gente falar com ela. Papo sério. Assim poderíamos ter um quarto só para nós dois. Hum?

— Fred, espera! Não quero isso! Pode me chamar de careta, brega e do que mais quiser... mas, não me sentiria bem. Além do mais, ainda não sei. Quero conversar mais com você sobre, eu estudar.

— O quê? – ele me interrompeu - não desistiu dessa ideia maluca de ir para o Rio?

— E por que desistiria Fred? Meu amor, preciso fazer algo, entenda! É importante para mim. É... minha vida, minha profissão. Queria tanto que compreendesse! – expliquei com carinho afagando seus cabelos: - Quero ser coreógrafa – sorri olhando para o teto. *Uma sonhadora.* Meus olhos brilhavam. Continuei, desta vez, olhando diretamente para os olhos dele: – É um desejo que tenho desde os 15 anos – lembrei-me de Melissa, inevitavelmente, pois era um desejo das duas.

Mel, não estava nada feliz com ela. Mas, com aquela maluca me entenderia depois. Minha amiga tinha mania de desaparecer. Não respondia aos meus e-mails e nem retornava meus torpedos.

Fred fez um movimento para se levantar – segurei seu braço. Encarou-me.

— Por favor! – pedi.

Ele meneou a cabeça e se levantou. Estava apenas de cueca. *Oh Deus, por que eu ainda corava?* – arrepiei. Ele procurava pelas calças. Depois, enquanto se vestia, olhava pela janela. Uma corrente de ar gelado balançou as cortinas fazendo-me sentir calafrios ainda mais fortes. Estes percorreram meu corpo de cima em baixo.

Estávamos em março e já começava a fazer muito frio à noite. De dia, entretanto, a temperatura subia um pouco. Nem tão frio, nem tão quente. Através da vidraça Fred observou a movimentação. Já era tarde para a rotina da fazenda, tinha de se apressar. Por cima dos ombros, lançou-me um olhar raivoso. Encolhi-me na cama preparada para ouvir mais alguns de seus argumentos machistas. *Começou a reclamação...*

— Pensei que me amasse! Voltou a fitar a janela enquanto ajeitava o cinto.

— Mas, amo – afirmei com o coração apertado. Pronto. Começaria tudo de novo. Notei que amassou a camisa que estava em sua mão. Ainda no mesmo lugar, apenas se virou e perguntou fuzilando-me.

— Para você Jade, o que significa amar verdadeiramente uma pessoa? Porque diz uma coisa, mas quer fazer outra – objetou com a voz esquisita e emendou: - Quem ama jamais se afasta, quer ficar junto e um basta ao outro. Não fica correndo atrás de aventuras deste tipo que está querendo - as feições dele se tornaram duras. Seu rosto há pouco alegre, agora estava frio e voltou a tratar-me com aspereza. Acrescentou: - Há pouco disse que o importante é estar comigo! – sua voz vibrou.

— Fala baixo caramba! – sussurrei e emendei: - Sim, sempre, mas saiba que o fato de eu estudar longe, não vai mudar nada. Ainda estaremos juntos, mesmo que a quilômetros de distância - dei uma pausa. - Nossos corações sempre baterão sincronizados. Eu te amo Fred! Pode ter certeza. Os vários quilômetros não diminuirão o que sinto por você. Além do mais, a gente pode se ver, a cada quinze

dias – se desejar - balancei a cabeça recusando-me a acreditar que Fred pensasse daquela forma. Disse ainda: - Que pensamento mais antiquado. Nem parece um universitário falando.

— Jade, não adianta. É coisa de homem. Nenhum cara aceitaria isso - ele olhava ao redor, impaciente, procurando pela jaqueta. Questionei: — Jura que pensa que estou atrás de aventuras? E... pensa mesmo que a profissão que escolhi é apenas uma realização banal e sem importância? – voltou-se para mim e disse, gesticulando, como se voltasse no tempo: — Nem sei mais o que pensar – Fred parecia confuso e atordoado. Emendou melancólico e catatônico.

— Houve um tempo em que quase enlouqueci por sua causa. Não dormia direito pensando em você. Não tinha vida própria porque andava atrás de você, por onde quer que fosse. Te queria tanto, que este sentimento me sufocava – pausou respirando com dificuldade, depois continuou, só que dessa vez, encarando-me: - Depois que a gente se entendeu tudo ficou tão bom! Pensei que tivesse encontrado a razão de tudo em minha vida – notei que sua voz ficou embargada. Ele continuou: - Se partir, minha vida perde a graça. Ficarei aqui, trabalhando duro, estudando e meus dias voltarão a ser monótonos. – deu uma pausa - Se for, fica provado que não me ama com a mesma intensidade que eu te amo.

— Nossa como você é... – ele me interrompeu.

— Apaixonado? – ficamos em silêncio apenas nos encarando, mas Fred observou em seguida: — Pensei que passaríamos o resto de nossas vidas juntos. O que houve? Mudou de ideia? - balancei a cabeça e redargui: — Mas, quem disse que não passaremos? Fred,

para sermos felizes, precisamos sonhar. O caminho para a felicidade é ter sonhos possíveis e realizáveis. O que quero é tão simples! Pense comigo – pedi. - Ainda tenho 18 anos. Antes de me casar, quero ter uma profissão. Não entendo sua incompreensão.

— Não entende que quero cuidar de você? - perguntou fuzilando-me com aqueles olhos cor de safira, hipnotizantes. Depois argumentou: - Jade, a felicidade da gente está nas coisas mais simples. Aqui temos tudo de que precisamos. Pra que quer caçar “encrenca”?

— Fred para! – levantei a mão. - Não inventa desculpa não! O que tá pegando é que você está morrendo de ciúmes. Mas, que tolice! Não tem cabimento!

— Sei bem do que falo – ele disse visivelmente enciumado. – Conheço você Jade! É inocente e sem maldade. Gosta de pessoas te cercando, amizades, agarramento, aquela baboseira de três beijinhos. Cansei de ver os caras te comendo com os olhos – acrescentou ainda: - Homem que é homem jamais pode ser amigo de uma mulher bonita, ele acaba se apaixonando por ela.

— Quê?! Mas que baboseira é essa? – objetei e emendei: - Acho que você não sabe o que está dizendo. Que mal há em ter amigos? Tá misturando as coisas – dei uma pausa e acrescentei: - Não quer que eu estude, não quer que tenha minha própria academia. O que pensa que está fazendo comigo, Fred? Porque se continuar aqui sem uma ocupação, enlouqueço! – emendei sem pausar. Estava irritadiça. – Não quero fugir para o Rio porque não me adaptei aqui - como Melissa. Quero viver aqui para sempre, porém quero passar meus dias com prazer, trabalhando, fazendo algo legal. Já disse e repito,

esta é minha casa agora, meu lar. É você quem amo. Não quero ficar no Rio mais do que o necessário. Não tenha medo!

Levei as mãos aos olhos. Novamente senti lágrimas quentes brotando deles. Não adiantava mais aspirá-las, elas vinham com força.

— Não precisa ir para o Rio! Pode fazer como eu. Estude a distância! Pode escolher um curso legal e fazer EAD – objetou gesticulando.

— Mas, o que desejo fazer não tem EAD Fred! Quantas vezes preciso dizer! – Retruquei ainda mais irritada e continuei o desabafo: - Estou cansada de repetir as mesmas coisas. Caraca! Estou farta de tudo isso não quero mais, já deu.

Minha garganta se estreitava. Eu poderia jogar a toalha e desistir; dizer que não iria mais, porque eu também estava insegura em relação à distância; ao tempo que ficaríamos sem nos ver. Entretanto, achava que aquela questão tornou-se uma disputa idiota de “direitos”. Eu achando que tinha o “direito” de seguir meus desejos e aspirações, e ele, que tinha o “direito” de me prender. Por isso, fiquei indignada. Essa coisa de me segurar, tolhir, me deixava irada. Fazendo isso Fred me empurrava ainda mais para o Rio. Odiava ser contrariada. Continuei: — Você quer que eu fique aqui e envelheça triste? – balancei a cabeça. Alguns momentos de silêncio e Fred começou a andar de um lado para o outro, então eu disse tentando por fim àquela discussão.

— Acho que nossa conversa termina aqui! – afirmei. – Não quero mais discutir! - cobri o rosto com as mãos. Sentia-me exausta. Disse por fim - Não quero sentir raiva de você! Vá, por favor! A gente se

fala depois – estiquei o braço, ainda sentada na cama e aponte a porta. Ele, vestido com as calças e segurando a camisa de malha na mão, abaixou-se e apanhou a jaqueta, depois disse, já na saída: — Não quero mais falar sobre isso Jade. Quero que saiba que estou disposto a tudo por você, mas, isso não inclui deixá-la partir – pensei por um instante e disse: — E se você fosse comigo?

— Tá de brincadeira? E a fazenda? Não posso deixar a mamãe cuidar de tudo sozinha. Ela não tem experiência com a parte administrativa. Não seria justo.

Ele tinha razão, não seria justo deixar Isolda cuidar de tudo. Além do mais, ela não daria conta, ainda que tivesse Pedro por perto.

Baixei os olhos e disse chateada, sem pensar que poderia magoá-lo:

— Fred juro que queria fazer isso, na boa. Queria que entendesse e aceitasse, mas acho que não é o cara compreensivo que idealizei – ele praticamente voou até mim e bradou de pé, ao lado da cama: — Como seria esse cara então Jade? Hum? – fuzilou-me com dureza. Sua mão movimentava-se de maneira nervosa. Emendou: - Porque um dia disse a mim, em alto e bom tom, que eeu – enfatizou tocando o peito com o polegar -, era o seu desejo que tinha se realizado.

— Fiz um desejo um dia sim “queria um amor que me consumisse”, mas acho que me enganei. Você me consome de um jeito doentio. Não da maneira romântica com a qual sonhei – baixei os olhos e expliquei o que entendia: – Um amor que consome combina com generosidade, amizade, ternura, doação e respeito –

Fred ofegava. Eu sentia um aperto no peito. Tinha a impressão que estávamos terminando.

— Jade entenda! – suavizou a voz e voltou a argumentar sobre o Rio – Não quero dividi-la com ninguém. Lá, sinto que perderei você aos poucos.

— Entenda você Fred! Não tem a menor possibilidade de me perder. Puxa! Como você é possessivo! Além do mais, não quero mais viver no Rio mais do que o necessário. E que ideia é essa de que vai me dividir? Isso não vai acontecer, porque não sou um objeto, nem pertença a ninguém – dei uma pausa; minha voz tremia. – Cara, não me coloque limites! Viver assim é péssimo. Já chega dessa coisa de “dono” – desabafei atropelando as palavras. – Detesto isso. Não sou um pássaro que pode prender na gaiola!

Fred rebateu:

— Não quero que se sinta presa dessa forma Jade! – aproximou-se ainda mais e segurou meu rosto - Quero você livre, mas aqui, no campo e perto de mim. Quero você para podermos cavalgar, namorar, nadar – notei que tentava não chorar. - Quero poder tocar violão para você. Quero amaaaar você de todas as formas! – pediu: - Não destrua a nossa relação! – segurou-me pelos braços, encarando-me. Seu olhar se suavizou. Então disse: — Quero casar com você.

— Hã?

Achei aquilo muito esquisito. Fred parecia bipolar. Embora, o amasse e o desejasse, naquele momento não queria sentir seu toque, nem seu hálito, estava furiosa. Objetei me afastando: — Não

tem cabimento a gente falar em casamento quando ainda estamos nessa fase. E que história é essa de “livre no campo”? Até parece! Não gosta nem que faço caminhada! - dei uma pausa, apertei meus olhos e disse: - Está certo. A gente fala sobre isso depois. Na boa, você está sendo dramático. Não quero mais.

— Sem essa! Não vamos adiar nada. Quero resolver agora! Já me estressei com essa conversa - ele pensou por um instante e disse por fim: - Um curso no Rio? Isso levaria 3 ou 4 anos. Não estou disposto a ficar longe de você por tanto tempo. Não suportaria. Se tiver que sofrer, que seja já - respirou fundo e acrescentou com lágrimas nos olhos: - Mas, comigo é oito ou oitenta. Se for para o Rio, não precisa me considerar mais! - ele retirou a aliança de compromisso, levantou-a até a altura dos olhos e me mostrou.

— Como é que é?! - perguntei assustada, sem acreditar no que Fred acabara de me dizer. Olhei para a aliança, ainda em choque. Acreditava que ficaria zangado e talvez não quisesse conversar comigo por alguns dias, mas estava praticamente rompendo comigo. - Puxa! - exclamei incrédula e gaguejando: - Es...está terminando comigo?

— Pense o que quiser. A aliança está aqui! Colocou o pequeno aro de ouro branco sobre a escrivaninha, com aspereza, e se dirigiu à porta - o que provocou em mim uma enxurrada de lágrimas.

— Frediii! - murmurei com a voz embargada - você é maluco? Não entendo você! A gente pode... - ele se virou e me interrompeu. Vi nesse momento um Fred diferente, duro e resolutivo. Levantou o dedo e repetiu: - Como disse, se for é o fim para nós - deu uma pausa ainda me encarando e berrou, com o dedo em riste,

assustando-me: - SEM CHANCE PARA ESSA COISA DE NAMORAR PELA INTERNET!

— Fred pense bem, que coisa mais... estapafúrdia! - alcancei a porta tropeçando no lençol que enrolara em meu corpo e segurei a sua mão - Por favor! Disse que me amava, a gente não precisa terminar por isso! – senti outro calafrio, desta vez, ainda mais intenso e que me fez gemer.

— Não está feliz aqui Jade – ele disse puxando a mão – não quero ser responsável pela sua infelicidade!

Senti as pernas vacilarem, então, voltei para a cama e me sentei, mas ainda continuei olhando para ele.

— Está rompendo comigo só porque quero estudar?

— É isso aí! – ele respondeu frio e argumentou: – Me desculpe Jade, mas acho que acabou de descobrir que não sou mesmo o cara com quem sonhou. Não compartilho das mesmas ideias que você, nem sou moderninho, tampouco sou o tipo que namora alguém virtualmente. Sou um cara prático. Ou está comigo ou não está. Não quero “fingir” que tenho uma namorada.

As palavras de Fred atingiram-me como uma flecha. A dor foi lancinante. E ele acrescentou mais algumas que me feriam ainda mais. É claro, não era o que ele queria dizer, mas a raiva que sentia de mim, fê-lo querer magoar-me.

— Mulher é o que não falta!

— Hã? O que deu em você? Está sendo cruel.

— Perdoe-me, mas está pensando só em você Jade. Isso, é cruel! Sem mais palavras – disse apontando para mim. Depois deu as

costas. Fred parecia estar jogando comigo. Tinha a impressão de que “pegara pesado”, pois queria ver se eu desistia. Como não desisti se decidi.

— Pode, por favor, sair. Estou me sentindo mal – ele dirigiu-se à porta. O segui para trancá-la. Vi que ficou indeciso, mas ficou calado. Então, ele se foi. Fiquei meio catatônica, sem saber o que fazer. Encostei minha testa na porta, e depois de alguns segundos, me virei e escorreguei. Flexionei minhas pernas e segurei minha cabeça com as duas mãos. Fiquei naquela posição, até que escutei Malhado atravessar a porteira da fazenda. Corri tropeçando no lençol, com lágrimas nos olhos e olhei pela janela. Ele já ia longe. Ouvi Malhado relinchar. Fred estava tão possesso que o montou com grosseria, e, provavelmente, o machucou. Fiquei enervada. Não gostava que maltratassem os animais, sobretudo, Malhado que me era tão querido.

— Aquele, bruta montes! Urgh.

Deixei-me cair na cama. Tremia de raiva. Decisões devem de ser tomadas quando estamos calmos. Ainda pensaria muito sobre essa questão de ir para o Rio. Não conseguia imaginar minha vida sem Fred. No final das contas, acho que estava “amarelando”. *Aposto que sim!*

Fiquei por algum tempo encolhida, sob o edredom, apenas pensando. Tentava me acalmar. Embora, Fred fosse um grosso, o amava tanto que não conseguia imaginar minha vida sem ele. Mas, ele rompera comigo. Levantei-me e vesti uma baby look branca, sob um cardigã, rosa chá e uma calça jeans. Calcei um par de tênis e me dirigi ao o banheiro. Escovei meus dentes, depois, lavei o rosto, e,

só então, percebi o quanto estava vermelha pela choradeira. Sentia também a cabeça latejar.

— Preciso de um Tylenol – disse, com a voz rouca. Sai do banheiro e fui até closet para apanhar a nécessaire, onde guardava os remédios. Quebrei o comprimido que mais parecia um “tijolo” e engoli o primeiro pedaço, a seco. Senti a garganta arder, como se tivesse engolido pimenta. Quando fui engolir o segundo, quase me estrepei, pois agarrou em minha garganta, sufocando-me. Com muita dificuldade, o engoli. Meus olhos lacrimejavam pelo esforço. Senti que “quase fui dessa para melhor”, provavelmente, estava roxa. Demorei a me recompor. Se, sentia dor, dessa vez, poderia dizer que estava no limite. O couro cabeludo parecia solto e tinha a sensação de que meus olhos saltariam das órbitas – Deus! – gemi. Caminhei me arrastando até a cama e me deitei, novamente. Meu corpo não queria mais nada. O *bate-boca* com Fred detonou-me. Era como se tivéssemos lutado. Adormeci depois de chorar litros.

Acho que dormi apenas uma hora, mas acordei me sentindo melhor, ainda assim continuei deitada e pensando. Fragmentos de minha discussão com Fred voltavam à minha cabeça como um *flashback*. Isso me fazia mal. Fechei os olhos na tentativa de dissipar tais pensamentos, mas foi inútil. Resolvi, então, me levantar. Talvez bater um papo com Estelinha ou Isolda me fizesse bem. Nossa como queria ver o Du. Nessas horas, sentia falta do colinho dele.

Sem mais nem menos algumas lembranças de meus momentos com ele me vieram à cabeça. Duke era um amigão! Lembrei-me também do dia em que me declarei a ele. *Caramba, que vergonha!*

Naquela ocasião, pensava estar gostando dele. Ainda bem que Du era um cara legal. Se fosse outro se aproveitaria de minha carência.

Parei em frente à janela, apenas para observar o dia. Estava sem ânimo para nada. Foi quando vi Estelinha seguir para o escritório com um recipiente nas mãos. Certamente levava o lanche para os rapazes. Pobre Estelinha, essa era uma de minhas tarefas. Eu tinha de dar um jeito de sair do quarto e cuidar de minhas obrigações. Estava inquieta e indecisa. Virei-me e comecei a andar de um lado para o outro como guardinha de praça. Continuei falando sozinha e gesticulando. *Uma maluca.*

— “Não posso simplesmente ver as coisas acontecerem da janela de meu quarto como... como uma boneca namoradeira, que fica segurando o queixo. Minha vida tá passando e tenho de seguir em frente, tenho de estudar. Ainda que, tenha de me afastar do Fred”.

Oh treva! Por que não tenho certeza disso?

Quatorze

Fred

NAQUELA MANHÃ, APÓS A DISCUSSÃO, CAVALGUEI POR PELO MENOS uma hora. Precisava. Deveria ter saído do quarto antes de fazer besteira, mas Jade era teimosa e estava com ideia fixa nessa “coisa” de fazer dança. Tudo bem, nada contra a dança. A verdade é que não queria que ela fosse para o Rio. Agora, sentia-me perdido. Era impetuoso e marrento. Terminei com ela por ímpeto e já estava arrependido. *Que idiota!*

Aquela loira teimosa acabou com a mesmice que era minha vida. Ela fazia meu coração disparar e meu sangue ferver. Pensei que poderia estar sendo injusto, mas era tão egoísta em relação a Jade. Não queria que minha preciosa ficasse morando no Rio. O problema é que, ao romper com ela, por impetuosidade, “carimbei sua passagem”.

— DROGA! – bradei muito alto.

Tinha de admitir, estava me corroendo por dentro. Não saberia viver sem ela; nem conseguia imaginá-la no curso sorrindo para outros. E aquela coisa de três beijinhos? *Arrrrr!* – emiti um som que mais parecia um grunhido. Sabia que os rapazes nas grandes cidades eram atirados e poderiam dar em cima de minha namorada. Ela era inocente. Ter amigos poderia ser complicado. Preocupava-me com Jade, pois sabia da violência e de tudo que poderia acontecer

com ela e não estaria lá para protegê-la - como naquele dia no shopping. Também, acreditava que ela era um pouco sem maldade em relação a essa coisa de "amizade". Um homem nunca quer apenas amizade com uma garota bonita. Sei do que falo. Nessas "coisas" não se pode confiar. As atitudes de um cara interessado podem ser imprevisíveis.

— Putz! – gritei socando o ar. - O que foi que eu fiz? Machista, Egoísta, mesquinho. Jade tinha razão. Isso é o que sou!

Mas, no final das contas, acho que não era diferente de outros caras, em relação à mulher amada. Entretanto, fiz bobagem, deixei meu lado imbecil falar mais alto. Outro tiro no pé será que nunca aprenderia?

De volta à fazenda, entreguei as rédeas de Malhado nas mãos de Jorge e fui procurar por Pedro. Depois que perdemos Bernardo e Du foi para o Rio, precisei contratar um ajudante. Pedro era excelente, tinha ótimas referências, além de saber lidar com fazendas tão bem, quanto qualquer um de nós; embora, não tivesse crescido em uma. Era gaúcho, crescera na grande Porto Alegre. De acordo com seus documentos, formou-se em administração de empresas. Já havia trabalhado em fazendas, mas estava desempregado. Boatos deram conta de que havia se desentendido com a antiga patroa. A mulher era uma fazendeira linha dura que possuía várias terras numa cidade próxima a Estrela do Campo. Pedro era um homem discreto e calado, até o momento cumpridor de seus deveres. Para mim veio a calhar porque não daria conta do trabalho, sozinho. Ele se mostrou competente além de ser um homem forte. Bem como precisávamos. A única coisa, da qual não gostava, era que Pedro era jovem, ainda

solteiro. Tinha vinte e quatro anos. Detestava admitir, mas o gaúcho era *boa pinta* - do jeito que as mulheres gostavam. Não queria contratá-lo por isso, entretanto, não tive sorte com os outros candidatos.

Pedro cuidava, não só de toda a parte administrativa, como também sabia lidar com cavalos. Já tinha sido campeão de rodeios e sempre participava de tais competições nas redondezas. Eu ficava invocado quando Jade ia até as baias para buscar Savannah. Tinha ciúmes dela com Pedro, que sempre selava a égua para ela, quando eu ou Jorge não estávamos por perto. O cara nunca a desrespeitou, todavia não era bobo. Vi o gaúcho, um dia, olhar para ela de esguelha e fiquei possesso. Mas, não podia negar que gostava dele. Pedro era amigo e na falta de Du, conversávamos muito. Ele tornou-se um excelente companheiro de pesca, e, de vez em quando, saíamos para beber.

Encontrei-o no escritório da fazenda, que ficava fora da casa sede. Ainda bem, não queria ver Jade, por enquanto. O gaúcho estava concentrado nos balanços e mostrou-se preocupado.

— Bah, mas o que houve?! – Pedro perguntou e se levantou. Foi em direção à bancada e apanhou a cuia para preparar seu chimarrão.

— Nada... podemos analisar aqueles papéis agora?

— Está certo – respondeu deixando a cuia de lado. - Acabei de conferir os balanços. Já fiz isso duas vezes e notei uma queda no faturamento.

— Pode me passar, por favor? – Aham – entregou-me uma pasta com a papelada. Sentei-me para conferir. Enquanto analisava tudo, Pedro sentou-se em frente ao computador e começou a preencher uma planilha no Excel.

— Está correto Pedro. Acredito que seja uma queda normal. Choveu muito nos últimos dias.

— Pensei nisso também e comparei com os anos anteriores, está perfeitamente normal.

— Tudo bem – baixei a cabeça.

— Está tudo bem mesmo Fred? – Pedro notou minha preocupação.

— Sim! Obrigado – respondi apenas.

— Tu não parece bem, tchê. Vá para casa e descanse! – bateu em minhas costas. Aí se lembrou do chimarrão e novamente se levantou para preparar a bebida.

— Não! – balancei a cabeça – é... é que não quero ver a Jade. A gente terminou...

— O quê?! Não acredito! Bah, mas o que houve!

— Ainda te conto.

— Entendo. Então à noite a gente sai para tomar umas cervejas, o que tu acha?

— Sabe que me deu uma boa ideia! Acho que é disso que preciso.

Quinze

Jade

PENSEI MUITO NAQUELA MANHÃ E DECIDI VIAJAR LOGO. NÃO HAVIA mais clima e estava profundamente magoada. Fred dizia que me amava, mas não me respeitava. Prova disso, era o seu ciúme doentio e o modo como vinha me tratando. *Que tipo de amor é esse?* Desconfiava mesmo que Fred fosse bipolar. Não entendia dessas coisas, mas imaginava e já tinha ouvido falar que o transtorno bipolar mexia com o humor da pessoa profundamente. Ele era assim, algumas vezes estava bem, brincava comigo e me tratava com muito carinho, outras vezes, era grosso, arrogante, machista dentre muitas outras coisas. Tinha medo que esse lado se sobressaísse e as coisas piorassem. De qualquer forma, não estava disposta a tolerar mais esse tipo de coisa. Se ele estivesse mesmo com esse transtorno, então que fosse procurar um médico!

Caraca! Não é nada disso! Não quero que Fred seja essa "coisa" de bipolar. Não, não. Eu o amo e quero que ele volte a ser como antes. Embora, ele sempre tivesse sido ciumento. A diferença é que agora estava descontrolado.

Naquele momento uma chuva fina caía na fazenda. O efeito do remédio passara, e, certamente deveria tomar outro logo. O estado de nervos em que me encontrava fazia com que minha cabeça

doesse quase que ininterruptamente. Não abri os olhos imediatamente. Sentia-me cansada. Ouvia os mais diferentes sons. Tratores agrícolas, caminhões e colheitadeiras passavam em frente à fazenda para mais um dia de colheita do milho. Logo haveria o “festival do milho”, e o rodei, que era na cidade vizinha. Queria tanto participar daquelas festas! Disseram-me que eram ótimas.

Ouvi o relinchar dos cavalos. Lembrei-me, inevitavelmente de Savannah. Tinha uns dois dias que não a via. Sentia tanto a sua falta! Precisava cavalgar. Isso sempre me acalmava, assim como as caminhadas e as visitas ao cemitério. Necessitava.

Abri os olhos e os fechei rapidamente por causa da claridade. Embora, a cortina estivesse fechada, o sol forte refletia uma luz bonita através do tecido de voil fino. Olhei ainda sonolenta, para o relógio. Dez horas da manhã – puxa, já é tarde! – murmurei pulando da cama. Resolvi arrumar minhas malas. Não queria adiar mais. Seria um saco ficar cruzando com Fred a todo o momento, além de ser constrangedor. Conhecia meu namorado. Era marrento e pirracento e não falaria mais comigo até que a raiva passasse. Por isso, resolvi partir logo. Pensava em “ajeitar” as coisas, quando já estivesse no Rio. É claro que ele voltaria atrás.

Eu tinha de acreditar nisso.

Dessa vez ouvi vozes e trotes de cavalos, bem próximo. Corri até a janela e afastei a cortina. Um aroma delicioso de relva molhada me fez suspirar – humm! – fitei o horizonte. Então vi Fred montando Malhado. Junto dele, Pedro - o novo administrador -, Jorge e outro peão. *Para onde estariam indo? Quatro pessoas! Alguma coisa deve*

ter acontecido. Dei meia volta e me dirigi ao banheiro. *Não importa! Agora nada mais importa.* Entrei no box. Uma ducha caprichada me deixaria nova em folha. Coloquei uma toca de banho para não molhar os cabelos e relaxei sob a água quente.

— Jade? – ouvi a voz de Isolda. Coloquei a cabeça para fora do box e gritei: — Isolda?! Que bom que veio! – desliguei o chuveiro e apanhei a toalha. Enrolei-a em meu corpo e retirei a toca.

— Corri e a abracei como se nunca mais pudesse fazê-lo. É claro, já chorando, para variar.

— Mas... mas o que é isso? Ei! - ela afastou-me – oh minha menina! Por que está chorando? Ontem à noite estava tudo bem!

— Não pode imaginar? – limpei as lágrimas com o dorso da mão e nos sentamos.

— Fred te magoou de novo? Deus, Jade! Nem precisa me dizer! O que eu faço com esse menino? É por causa do rapaz do cursinho? – perguntou.

— Ham, não dessa vez... – respondi aspirando as lágrimas.

— Ah que lástima! – ela respondeu já adivinhando. - Jade, ei, olhe para mim! – ordenou com delicadeza levantando meu queixo com a ponta do indicador – o que foi que eu lhe disse?

— Para conversar com ele... Eu sei! Conversei com ele. Na verdade conversamos muito. Mas, está irredutível.

— Fred, igualzinho ao pai. Puxa como são parecidos! Na aparência e personalidade. Tão diferente de Duke. Este puxou a mim. Espero

que meus filhos não sejam mulherengos como o pai.

— Nunca me contou isso. Seu ex... era mulherengo? - Vi que Isolda mudou as feições.

— Sim, e esta foi uma das razões pelas quais no separamos. Ele mantinha uma mulher em outra cidade - balancei a cabeça. Isolda continuou: - É verdade, meus filhos são muito diferentes... - dei um sorrisinho. - Espero não ter surpresas pela frente... – ela declarou e mudou de assunto.

— Jade, se deseja mesmo estudar fora, saiba que te apoio filha – Isolda beijou minha testa. - Com Fred me entendo – emendou: - Ele vai ficar chateado, de péssimo humor, mas depois ele aceita. Ele sabe que você precisa estudar. Entendo o lado dele, sei que está inseguro, não quer ficar sem você. Os homens são assim mesmo, mas para tudo tem limite.

— Obrigada Isolda. Espero sinceramente que Fred cresça. Isso tem de acabar. Mas...

— Mas? – ela perguntou levantando novamente meu queixo.

— Eu... – travei.

— Diga! O que mais lhe aflige?

— Ah Isolda, tenho tantas dúvidas!

— Em relação a quê minha criança linda?

— Eu não sei se quero me separar do Fred. Quero muito estudar, mas... – travei de novo.

— Diga! – ela ordenou suavemente.

— Mas... mas tenho medo de não conseguir ficar longe dele, e de ter discutido e brigado pelo meu desejo, e... sabe, acho que isso não vai dar em nada. Na verdade fui marrenta. Eu nem sei se é isso mesmo que eu quero. O fato é que...

— Ah filha, ainda é tão moça. As dúvidas nessa idade são muitas. É mesmo uma decisão difícil, mas, siga seu coração!

— Aí é que tá! Meu coração tá dividido – aspirei as lágrimas e deitei-me no colo de minha mãezinha do coração. Ela, como das outras vezes, afagava meus cabelos. – Continuei: - A dança é uma de minhas paixões, mas Fred é o meu amor. Acho que fiz bobagem. Deixei que nossa discussão nos levasse onde não queria – dei um pausa e continuei: - Mas, é que fiquei nervosa e um pouco indignada por ele não compreender. Acabei me estressando. Na hora da raiva a gente faz bobagem – disse me justificando.

— Então... - ela deu uma pausa, suspirou e disse: – Dê tempo ao tempo – e me envolveu com seus braços e seu carinho de “mãe”. Depois de beijar o alto de minha cabeça, se levantou.

— Espera! – pedi. – Não vá ainda! Eu adoro seu colinho.

— O que foi? – perguntou sorrindo.

— Obrigada por sempre estar do meu lado – disse emocionada beijando sua mão, carinhosamente. Você não existe – estiquei-me e lhe dei um beijo na face.

— Imagine – ela respondeu.

Baixei os olhos e declarei - Meu pai fez a escolha certa – as lágrimas voltaram, então, as limpei com o dorso da mão. Era inevitável não chorar. Estava passando por uma fase conturbada, além do mais, era muito emotiva. Continuei com a voz embargada: – Ele deixou minha mãe, e só depois de muito tempo entendi que tinha de ser assim. Os dois eram mesmo diferentes, palavras dele: *"eram como a água e o óleo que nunca se misturam"...*

— Ele contou-me filha. Os dois não eram felizes e a convivência dos dois ficou insustentável. Bê disse que você sofria com a situação.

— Era pequena, mas me lembro de algumas coisas.

— Obrigada Jade - Isolda agradeceu.

— Pelo que? Eu é que devo agradecer e devo também me desculpar... por ter tumultuado a vida de vocês.

— Não tumultuou, alegrou, deu vida, encheu esta casa de sorrisos... – ela levantou os braços gesticulando - Fez Bê feliz em seu último ano de vida. Você o perdoou – Isolda começou a chorar também. Emendou: – Não tem ideia de como seu pai sofreu todos os anos em que ficou longe de você.

— Ahhh, também sofri – deixei escapar um gemido. Falar em Bernardo sempre doía. Continuei: - Pensei que ele não gostasse mais de mim, afinal, partiu e me deixou... – suspirei. - É claro, agora sei que ele partiu por mim também. Meu pai me contou, e acredito, mas, não vamos mais ficar relembrando dessas coisas - limpei a garganta e as lágrimas. – Hum rum.

— O que foi minha querida?

— Fred rompeu comigo – Isolda ergueu as sobrancelhas. - É por isso que acho que fiz bobagem. Sei que devo lutar pelos meus objetivos, mas acho que me precipitei. Deveria ter ido devagar; falado de meu desejo, aos poucos. Como sempre, meti os pés pelas mãos.

— Oh Deus! Não acredito! – Isolda se levantou e colocou a mão sobre a boca. Acrescentou: - Não acredito, Fred é louco por você minha linda. Conheço meu filho, ele jamais faria isso – ela disse tentando me consolar. Segurou a minha mão, deu umas batidinhas e disse: - Fique sossegada! As coisas podem parecer complicadas, mas como disse: é só “dar tempo ao tempo” querida – ela levantou meu queixo e frisou: – “Nada como um dia após o outro”. Ponha isso em sua cabecinha!

— Está bem – abracei-a, sufocada e arrisquei:

— Você ficaria sentida se fosse amanhã? É que não quero mais adiar. No fim das contas, acho que preciso desse tempo para pensar melhor.

— Tem certeza? – ela perguntou.

— Nãããã – disse com dúzias de interrogações ao redor de minha cabeça.

— Faça o que seu coração ordenar! – ela disse com a mão sobre meu peito. acrescentou: - Entendo que estudar é uma obrigação. Seja lá qual for o curso que escolher. Não se preocupe! Com Fred

me entendo. Vou puxar as orelhas dele – emendou: - Se precisar me chame ok?

Quando Isolda fechou a porta percebi que minha cabeça voltara a doer. Mas, não poderia fazer hora. Tomei outro comprimido, vesti uma roupa leve, de malha, e apanhei as malas no closet. Antes, porém, liguei o *CD player* e selecionei uma música linda, *Almost Lover* - da banda norte-americana *A Fine Frenzy*. As músicas dessa banda mexiam profundamente com os sentimentos de uma garota. Comecei arrumar minhas malas, desanimada, mas aos poucos, coloquei em minha cabeça que meu sacrifício era por uma boa causa. Eu achava. Se eu não “amarelasse”, no Rio. Depois, a tarefa fluiu. Ouvir música sempre me ajudava. Embora, a canção falasse de adeus. Balancei a cabeça e tentei pensar em outra coisa. Infelizmente, me sentia melancólica. *Pra variar*. Lembrei-me do dia que chegara à fazenda. Carregava as mesmas malas. Puxa, quanta coisa me aconteceu desde que as desfizera! Sofri algumas transformações, aprendi algumas coisas sobre a vida, e, certamente amadureci. Esse era o lado bom. Mas, minha vida continua a sofrer “metamorfoses”. Estava agora dividida entre amores. “Amores complicados”. Será que sempre seria assim? Bem, estava preparada para todas as mudanças que a vida me imporia, todavia, esperava, sinceramente, que todas fossem boas. Era esperar para ver.

Dezesseis

NORMALMENTE TERIA APRECIADO AQUELA TARDE. O SOL ESTAVA RADIANTE. Após fazer minhas malas, parei e olhei ao redor. Ainda não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa. Mas, fiz uma oração silenciosa: *"Senhor, se eu não estiver certa, por favor, mostre-me! Dê-me um sinal."*

Desci e fui até a cozinha com intuito de comer alguma coisa. Havia dias que não comia uma fruta. Na verdade, não me alimentava bem há muito tempo. Sempre deixava comida no prato e não ligava para sobremesas. Por isso, obriguei-me a comer uma banana. Segui pela trilha de pedras e fui em direção às baías. Queria me despedir de Savannah. Infelizmente, minha cabeça estava péssima, tinha me esquecido de que àquela hora da tarde ela pastava.

Caminhava distraída, por isso tropecei e caí. Minhas mãos e joelhos ficaram ralados. Levantei-me irritada, praguejando. Vi que minhas mãos sangravam. Olhei para os lados e dei graças a Deus porque ninguém vira a cena. Certamente, se Du estivesse por perto, morreria de rir. Balancei a cabeça. Gemia de dor e sibilava. Fui até a cozinha e enfiei as mãos sob a torneira. Deixei que o jato d'água lavasse o sangue. Retirei alguns mini pedriscos que ficaram incrustados em minha pele, quase chorando - "droga, droga, droga"!

- apanhei uma toalha de papel, coloquei sobre a água e a umedeci levemente, para limpar os joelhos. Não obtive muito sucesso, é claro, pois, o papel, delicado, se rasgava. Após fazer a limpeza adequada dos ferimentos, subi para meu quarto. Decidi então, escrever um bilhete para Fred. Sabia que deveria me despedir dele, mas não tinha coragem de encará-lo. Desisti, depois de embolar “trocentos” papéis. Não consegui escrever nada, digamos, aceitável. Achei tudo muito constrangedor.

Algum tempo depois tomava uma xícara de achocolatado. Estava de pé, perto da janela a contemplava a pérgola de Isolda, enquanto esperava a hora em que Savannah estivesse nas baías. Quase morri de susto quando ouvi Fred.

— Hum rum... Mamãe me deu uma bronca por sua causa – sua voz era fria.

— Sinto muito, realmente acho que ela não precisava ter feito isso.

— Ela disse que vai partir amanhã, é verdade? – ele se aproximou. Estava lindo. Senti seu perfume e precisei me segurar para não pular em seu pescoço. Adorava fazer isso e adorava a maneira como ele me segurava. Ele vestia uma camisa de malha branca, sob uma jaqueta de couro preta; uma calça jeans, surrada e botas. Provavelmente, estava de saída, pois se podia ver que seus cabelos estavam ligeiramente umedecidos. *Para onde iria?* – mordi o lábio.

— É eu vou – baixei os olhos. Depois os ergui: - Mas Fred! Não quero que faça mal juízo de mim. Não pense que não te amo. Eu...

— Não precisa explicar. Não importa! – interrompeu-me. Seus olhos me fuzilavam.

— Como assim não importa? Não me diga que deixou de me amar de um dia para o outro?!

— É possível. Essas coisas acontecem não se preocupe! A vida segue – deu as costas. Estava arrependido, mas não dava o braço a torcer. Porém, se podia ver que estava arrasado e mentia sobre seus sentimentos. *Orgulhoso. Isso é o que você é!* – tive vontade de gritar, mas amarelei. Pude perceber pela sua voz que queria dizer algo.

Puxa vida! Mas... eu é que deveria estar sentida, afinal ele não entendia meus motivos, e foi ele quem terminou comigo.

... Entretanto, decidi não falar mais nada. Se, tinha uma coisa que eu odiava em Fred, era essa coisa de “oito ou oitenta”. Para ele, nada podia ser “mais ou menos”. Como ele mesmo dissera “ou está comigo ou não está”.

Caramba! Que cara mais extremista e egoísta! Ele não se importava com os meus sentimentos, só pensava, nos dele. Eu é que me danasse!

Eu sabia que sofreria. E, provavelmente, choraria oceanos. Mas, era um sacrifício. Não se consegue nada na vida sem sacrifícios, não é? Torceria para que Fred voltasse atrás e me procurasse. *Será que eu desistiria se ele se desculpasse?* Do jeito que eu estava, cheia de dúvidas e incertezas, desistiria sim. Eu sempre cedia.

— Tudo bem. Então, até outro dia. Amanhã parto bem cedo – disse sem graça, mas com esperança de que ele me pedisse pra

ficar apenas mais uma vez. Se ele pedisse, não pensaria duas vezes. Ele estendeu a mão. Segurei-a, tremendo. Notei que ele também vacilava. Ficamos alguns segundos nos encarando. Notei algumas gotas cristalinas brotarem de seus olhos, mas Fred, durão, não choraria em minha frente. Puxou a mão e disse: — Por que não espera um pouco? O aniversário de mamãe está próximo.

— Eu não sei. Acho que...

— Está certo. Dirija com cuidado! É... a gente se fala. Deu as costas e seguiu.

— Espera! – ele se virou - Não vai estar aqui para se despedir de mim?

— Não! – respondeu seco. Senti que queria falar mais alguma coisa, mas titubeava. Encarou-me por mais alguns segundos e perguntou: — Tem certeza de que vai ficar tudo bem? Não tem experiência com estrada... – ele queria pedir para que eu ficasse, mas o maldito orgulho não deixava.

— Vai sim. Obrigada – então ele se foi. Fiquei algum tempo parada, olhando para o nada, esquisita.

Finalmente chegou a hora de me despedir de minha égua. Segui pela trilha de pedras, vagorosamente. Enquanto caminhava passava a mão aberta pelas folhas dos arbustos. Ainda podia senti-las arder. Ah, mas não era “uma dooor”! Era um incômodo. Porém, isso não me impediu fazer o que sempre fazia. Acariciar as plantas. Arranquei um matinho e suguei, tal qual Duke fazia. Sorri ao me lembrar daquilo. Depois de algum tempo, sugar o matinho tornou-se um hábito para mim também. Era gostoso e docinho.

Já podia ver ao longe alguns cavalos se aproximarem. Jorge os guiava com facilidade. Eram quase cinco horas. Sabia que o cemitério fechava os grandes portões às seis e meia. Queria cavalgar um pouco, então decidi que visitaria o Túmulo de meu pai, por alguns minutos. Com um sorriso pequeno nos lábios, pedi ao Jorge que selasse minha égua. Alguns minutos depois, já podia sentir o vento soprar meu rosto e açoitar meus cabelos. Havia dias que não cavalgava. Levantei meu pescoço e aspirei aquele ar fresco. Decerto sentiria saudades de tudo. Porém, se a saudade apertasse, poderia visitar um haras em Itaipava. Naquela cidade havia muitos. Visitei um apenas uma vez, numa excursão com a escola e não gostei. Indiquei para o Duke, pois ele reclamara que sentia falta de cavalgar. *Eu era mesmo uma patricinha, entojada!* Nada daquilo me agradava, porque não morria de amores pelas coisas do campo. Era uma garota extremamente crítica. *Bem como Melissa.* Lembro-me de que naquela ocasião, pisei no cocô de cavalo e quase vomitei. Jamais poderia imaginar que, algum tempo depois, os cavalos fariam parte de minha vida.

Um reflexo rosa refletia-se nas águas do Rio Estrela. Era o mágico pôr do sol de Estrela do Campo. Puxei as rédeas de Savannah para apreciá-lo. O vento já esfriara um pouco, e se podia sentir o aroma dos eucaliptos que havia naquela região. Fiquei ali, parada, por alguns minutos. Queria fotografar com os olhos e guardar na memória.. Não cansava de admirar. Crepúsculos como aqueles eram únicos.

Amarrei as rédeas num "local apropriado" e ri muito quando fiz isso. Era comum, as pessoas cavalgarem naquela cidade, então o prefeito criou um local para amarrar os cavalos. *Tipo...*

estacionamento. Balancei a cabeça e sorri ainda mais de minha criatividade em nomear as coisas. Mas, logo me lembrei do que fui fazer ali, e meus olhos se intristeceram.

O clima dentro do cemitério era diferente. Em todos os sentidos. Eu era conhecida dos funcionários, pois frequentava o local pelo menos uma vez por mês. E, quando estava melancólica, visitava ainda mais. Caminhei vagorosamente até o túmulo de Bernardo. O local era calmo. Calmo até demais. *Compreensível*. Dava e impressão de ser secular, e como todo cemitério, lúgubre. O Túmulo de meu pai ficava no final. Observei, enquanto caminhava, que as ruelas estavam cobertas por folhas secas, e o vento, sinistro, característico em todos os cemitérios, as levantava com força, girando e formando pequenos redemoinhos. Aquilo, me remeteu à minha infância.

"Quando o vento levantava poeira do chão formando cones, Dona Laura – que era supersticiosa - fazia o sinal da cruz. Segundo ela, sua mãe - que ouvira de sua avó, que por sua vez ouvira de sua bisavó, dizia que era o demônio que formava aqueles cones".

— Que bobagem! E eu acreditei! – disse gesticulando.

Dobrei à esquerda e senti que um par de olhos me acompanhavam. Como sempre. Parei em frente ao Túmulo do pai de Fred e me arrepiei. Estava descuidado. Havia uma estátua feia. *Eu odiava aquelas estátuas*. Na boa, ficar perto delas era aterrador. Estava coberta por uma espécie de lodo e caía aos pedaços. Literalmente. Os vândalos, provavelmente, invadiram o cemitério e arrancaram o braço da coitada da estátua, que ficou

medonha. E não parou por aí. Eles pixaram todos os jazigos e arrancaram algumas lápides. Fiquei irritada ao ver o descaso da admistração com aquele lugar sagrado. E, por isso eu tinha a impressão de estar no cenário de um filme de zumbis. E tinha mais... A grama, que deveria estar verdinha, mais parecia um tapete marrom. *Tapete estragado é claro!*

Saí dali balançando a cabeça e me aproximei de meu destino.

Ali também as flores estavam secas.

— Mas, que... drog... – quase gritei um palavrão. O fato é que, fiquei três vezes mais irritada, porque constatei que os funcionários não cuidaram do Túmulo de meu pai, como Isolda pedira. Na verdade ela pagou a dois coveiros para limparem o Túmulo, quando este estivesse cheio de mato. Mas, vi que havia erva daninha até na lápide. *Que exagero!* Porém, eu não podia fazê-lo, tampouco. Já estava quase escurecendo e deveria me despedir de Bernardo rapidamente. Já podia sentir as lágrimas forçando passagem.

Sentei-me, como sempre, sobre o Túmulo de pedra, olhei para o epitáfio, e, li, novamente, a mensagem: “Amores Eternos”, de *Augusto Branco*. Depois, disse com lágrimas nos olhos: — Paiiii! – esperei alguns segundos até engolir o choro. - Queria tanto que estivesse aqui. Acho que... – limpei as lágrimas -, você saberia me aconselhar. Eu, sei que me apoiaria, independentemente de minha escolha.

Olhei ao redor e vi o coveiro, de sempre, me observando. Continuei: - Fred rompeu comigo... Pai! Sabe o que isso significa? – dei uma pausa, pois as lágrimas me sufocavam. As aspirei e continuei, desanimada, com a cabeça baixa: - Me sinto sem chão -

eu já soluçava um pouco. – Se ao menos sonhasse com você! Mas, isso não acontece mais, não é? Não sei por que... Pai estou fazendo a coisa certa, não estou? - comecei a esfregar uma mão à outra. - Às vezes, me sinto tão egoísta, mas Fred também não refresca! Por causa dele é que me sinto assim. Confesso, estou dividida. Ele disse que só estou pensando em mim – pausei – Bernardo! Estou com tanto medo! E se ele estiver certo e eu errada? E se, insistir com isso e Fred não voltar atrás? E se for para o Rio e não ficar bem? – gesticulava como se realmente estivesse vendo meu pai, bem a minha frente. Continuei: - De que adianta causar todo esse desconforto entre a gente, e no final das contas eu me sentir triste? – expliquei: - Fred é assim, tem esse jeito esquisito, mas o amo. Não gostaria de ficar longe dele. Mas, é que... acho que isso é necessário, não é? – dei uma pausa, levei o dorso da mão ao rosto, para limpar a trilha de lágrimas, tortuosas que deslizavam pela minha face e disse por fim: – Se, ele for tão orgulhoso e durão quanto penso que é, acho que não voltará atrás...

— Ôôô moça? – ouvi o coveiro e quase tive um ataque cardíaco.

— Hum! – virei para ele, com os olhos assustados.

— Tá tudo bem aí?

— Tá sim. Por quê? - ele olhava ao redor.

— Nada não, é que... – ele vacilava - Cê tá conversano aí, sozinha... Eu já vi ôce outras veiz e sempre quis priguntá. Num me leva a mal, não, mais parece que ocê tem um "parafuso sorto". Tá

falano com quem? Tá sozinha memo? – vi que ele olhava ao redor, novamente, com muito medo.

— Estou – segurei o riso. Veja! - estendi a mão em todas as direções e mostrei – ninguém.

— Era o que eu temia. Ocê tem um parafuso sorto, sim, ou intão...

— Não esquentá! É que estou matando a saudade de meu pai. Na verdade, estou me despedindo dele. Vou partir.

— Hã? Seei – respondeu dando ênfase. E, sem se convencer muito. Emendou: - Vô pidi pro padre Simão rezá uma missa procê viu? – o coveiro - que já era idoso disse.

— Uma missa é? – balancei a cabeça – Mas, por quê?

— Pru quê? Ora bolas praque... - ele gaguejou - Praque acho que ocê tá veno alma penada, uai! – fez o sinal da cruz. – acho que “ela” tá aí! - apontou para o túmulo. - Bem sentadinha do seu lado. Num tem cabimento moça, ocê ficá conversano sozinha.

Eu não conseguia me manter séria. Ele falava com uma simplicidade tão grande e de uma maneira tão preocupada. Cobri a boca com um das mãos e tentei não rir.

— Vou lá agurinha! – e saiu correndo. Quando aquele homenzinho da voz grossa se virou, não consegui mais ficar séria. Ele vestia um macacão jeans e usava um chapéu de palha. No meio do caminho tirou o chapéu e olhou para trás. Eu acenei para ele - que novamente se virou e correu.

— Misericórdia Sinhô – ele ainda disse, alto.

— Viu Bernardo! – eu disse morrendo de rir do coveiro - Rá, rá, rá, o homem acha que você é uma alma penada.

Desabafei por mais alguns minutos com meu pai “invisível” e me levantei.

— Preciso ir, senão vão pensar que fugi. Adeus pai! Volto assim que puder, enquanto isso, farei minhas orações, como sempre faço à noite. Me desculpe por ser tão chorona. Já me conhece, não é? Sou uma manteiga derretida. Dei as costas para o túmulo e saí do cemitério, apressadamente.

Dezessete

Fred

PEDRO SAIU UM POUCO. FIQUEI ME REMOENDO...

Caramba! – O que está acontecendo comigo? Estou feito louco fazendo coisas que jamais gostaria de ter feito - como brigar com minha namorada. Comporto-me como um garoto de 16 anos. Estou com os nervos a flor da pele e descompensado. Sofro por antecipação e ajo movido pelas emoções. Ultimamente, não estou agindo com a cabeça, e sim com o coração. E, isso, nem sempre é bom. Às vezes cometemos erros por deixar que as emoções falem mais alto. Eu tenho de me corrigir. Tenho de me desculpar e deixar minha namorada fazer o que ela bem entende. Afinal, não sou o dono dela! Estou fazendo tudo errado.

Sentia-me desconfortável, Jade e eu, vínhamos discutindo demais. A sensação era de um profundo buraco negro em meu peito. Sentia uma dor lancinante, e, esta, atravessava meu corpo, perfurando-me até a medula. Quando estava sozinho até permitia que algumas lágrimas rolassem. Era inevitável. Ninguém jamais entenderia meus motivos. Nem minha mãe entendeu. Zangou-se comigo ao tentar me convencer a voltar atrás e aceitar, *na boa*, que Jade partisse sem pensar que estava tudo acabado. Disse que a “menina” estava angustiada e sofrendo.

— MAS QUAL É O PROBLEMA DE TODO MUNDO? – bradei. - Por que ninguém entende o meu lado? Estava sofrendo também! Sofreria ainda mais se ela partisse. Droga! - soquei a mesa do escritório.

Precisava mesmo ser um cara diferente. Sabia que deveria mudar. Talvez, se mudasse de atitude, Jade resolvesse esperar um pouco mais, e, quem sabe desistisse. Naquela manhã, minha mãe perguntou-me qual era o motivo de tanta ignorância.

— Não é ignorância mãe, é amor - respondi.

— Filho quem ama não prende, confia; quer o bem e a felicidade do outro. Por que está agindo como um algoz? “Quer sacrificar a juventude da Jade”? – não dei ouvidos, é claro. Mulheres eram sempre exageradas. Estava alterado e não queria brigar com ela também.

Quando entreguei a aliança à Jade, não tinha ideia do quanto sofreria. Estava com raiva e pensava que ela não me amasse, o suficiente, para abrir mão do tal desejo de fazer dança. Sentime em segundo plano. Na verdade, éramos os dois egoístas. Ela pensando em seu desejo, que satisfaria apenas às suas vontades, e, eu, pensando em mim, que não queria ficar sem ela. *Que confuso!* – pensava, enquanto andava em círculos pelo escritório. É claro, estraguei tudo com meu gênio difícil. Agora não adiantava, ela partiria, e, inevitavelmente, meu coração ficaria em frangalhos. Seria o fim? Se, esmagasse meu orgulho, talvez pudesse impedi-la. Mas, era um idiota. Não sabia onde isso ia dar.

Dezoito

Jade

DEPOIS QUE VOLTARA DO CEMITÉRIO, TOMEI UM BANHO DE BANHEIRA. Queria relaxar antes de ir para o cursinho trancar a matrícula. Pensei também em assistir aula, apenas para me despedir de meus amigos. Por esse motivo, decidi me arrumar um pouco. Decerto, não queria aparecer na sala com cara de “enterro”.

No cursinho sempre me distraía e ria dos rapazes que protagonizavam cenas hilariantes. De verdade, havia momentos em que tinha a sensação de estar numa sala de ensino fundamental. Era só palhaçada. Acho que me esqueci de falar sobre o momento dançante. É isso aí! A turma do cursinho era praticamente a mesma do ensino médio. Pelo menos a metade, foi de minha sala, então criamos um elo fortíssimo. Sentíamos falta de Duke, porque ele era um dos mais animados. Embora, não gostasse de dançar. Mas, ele não estava mais aqui quando começamos com a brincadeira. Esta começou com um casal de namorados, Anita e Pedro Afonso. Na hora do intervalo, o casal - que tinha intimidade com a dança -, ligava o *MP3* do celular e começavam a dançar. Todos paravam para assisti-los. Eles mandavam bem e acabaram contagiando aos outros. Eu, é claro, aderi. Achava delicioso. Depois, conseguimos autorização do diretor para ligar o som da escola. Então, todos perderam a timidez e começaram a dançar também. Com isso descobri que DJ também levava o maior jeito. Em algumas canções

ele era meu parceiro. Arrasávamos. *Que Fred jamais soubesse! Embora, não estivéssemos fazendo nada de errado.* Quinze minutos de pura descontração. Ainda fomos além, levamos vídeos com cliques de músicas e ensaiamos. Combinávamos de chegar uma hora mais cedo para treinarmos. É claro, Fred “enchia meu saco” quando saía mais cedo de casa. Mas, não dava ouvido. As coreografias ficaram perfeitas, por isso meu sonho de fazer “coreografia” voltou com força total.

Entrei no carro e não percebi que Fred me observava. Estava deitado na rede da varanda. Passei tão rapidamente que não o vi. Levantou-se abruptamente e enquanto eu prendia o cinto, ele apareceu na janela.

— Levo você. Passe para o banco do carona!

— Não precisa eu... - ele interrompeu-me.

— Preciso ir até a cidade. A gente conversa no caminho.

— Tudo bem – respondi com a cara amarrada. Seria inútil discutir por uma coisa tão boba. Escorreguei para o banco do carona, enquanto Fred ajeitava o cinto e os espelhos. Cruzei os braços e com cara de poucos amigos perguntei: — O que vai fazer no centro uma hora dessas? Hoje não é dia de suas aulas presenciais!

— Nada em especial – respondeu enquanto manobrava o carro.

— Confessa! Vai me vigiar.

— Ei *milady*, você não é a última bolacha do pacote não! Por que acha que... que quero te vigiar?

— Porque é o que sempre faz – disse azeda. Virei para ele: - Fred por que faz essas coisas? Me sinto péssima com isso. Já disse, não precisa.

— Só para saber, vou encontrar uns caras no “Velho Oeste”.

— Quê? Mas, esse bar é... – deixei a frase inacabada.

— É?...

Ele insistiu, eu completei: - É um bar de fama ruim. Fiquei sabendo que lá que tem garotas de programa e... eca!

— Não viaja! É um bar como outro qualquer. Está preocupada com o quê? – ele perguntou com um sorrisinho nos lábios. - Tá com ciúmes? Que milagre! Nunca demonstrou que sentisse ciúmes!

— Ei não fica se achando! – exclamei olhando para ele. Sem querer admitir que tivesse sentido ciúmes. *Sim... senti! Mas, não era uma garota neurótica. Eu me controlava.*

— Está com ciúme sim! – afirmou com um sorriso maroto nos lábios.

— Não estou nada! Desça dessa nuvem! É que me disseram também, que lá não é um lugar legal, que tem muitas brigas e... – disse esfregando uma mão à outra. Continuei: -, e que já até esfaquearam um sujeito.

— Quem disse? Com quem falou sobre o “Velho Oeste”.

Fiquei sem jeito de falar que havia sido com DJ, mas não tive alternativa. Se dissesse que fora com uma de minhas amigas, ele daria gargalhadas, pois garotas “normais” não entravam naquele bar. Pelo que DJ contara-me, lá, era um bar onde dava de tudo. Era

decorado como um "saloon" do Velho Oeste norte-americano. O proprietário devia ser um maluco por filmes de faroeste. Havia até *Jukebok*, onde eram tocadas as músicas, em sua grande maioria, country. DJ disse que fora até lá algumas vezes, mas não gostou porque notou um clima tenso entre alguns caras que frequentavam o local diariamente. Havia uma espécie de rivalidade.

—... Com DJ – confessei.

— Ah sabia – ele afirmou socando o volante. – Esse cara...

— Qual é o seu problema Fred? DJ é da minha classe. A gente é amigo sim. E vamos mudar o rumo dessa conversa! Já sei onde isso vai dar.

— Urrrrrrr - ele rosnou.

O silêncio reinou dentro de meu carro no restante do caminho. Observava Fred de esguelha. Ele dirigia tenso. Os olhos fixos na estrada de terra batida. De vez em quando um sacolejo o fazia praguejar. A noite parecia mais negra, e, a luz da lua nova não ajudava muito. Tampouco, os faróis do carro. Nesses momentos, confesso que tinha medo. E, quando estava sozinha era pior. Mas, não tinha medo de assombração ou alma penada, não. Tinha medo de assaltos. Depois do que acontecera no shopping, fiquei traumatizada. Mas, não dava o braço a torcer. Dirigia todos os dias. Embora, no início - quando ainda era inexperiente, Fred insistisse em me levar e algumas vezes até Isolda. Mas, ele fazia isso por ciúmes. O que provocava momentos de muita discussão.

Senti uma comichão e não resisti, perguntei:

— Vai mesmo ao tal bar?

— Vou. Fique tranquila que quando a aula acabar, estarei aqui te esperando. Vai para casa sã e salva. Eu garanto!

— Tá certo. Não fura comigo, ok? Lembre-se de que você está com meu carro.

Entrei com a mochila nas costas. Fred esperou alguns minutos e arrancou o carro. Vi, quando olhei para trás. No pátio encontrei DJ que estava lindo - como sempre. Aproximou-se com um sorriso largo. Usava uma camisa de malha preta, e, esta, exibia seus músculos bem definidos. Pelo jeito, o cara não sentia frio como eu.

— Não vai acreditar o que acabei de saber! – ele disse, animado, ao desligar o celular.

— O quê?

— O proprietário da danceteria criou um concurso para selecionar uma dupla. Ele alugou aquele galpão, anexo à danceteria, e me disse que vai abrir inscrições. Se tudo der certo, lá será uma academia de danças. A primeira em Estrela do Campo. Você precisa se inscrever!

— Que legal! – respondi sem muito entusiasmo.

— Os vencedores do concurso vão se apresentar no “Faustão” para representar a nossa cidade. O que acha? - olhei para a cara de DJ com expressão de dúvida porque naquela cidade nada desse tipo acontecia.

— Acho ótimo, super! – disse ainda sem me animar muito. Ele percebeu.

— Não me parece que gostou! Disse um “super” tão sem graça.

— Gostei sim, é que... me desculpe DJ, ando desanimada – puxei a mão dele e o conduzi ao banco de madeira que ficava no pátio. Era um lugar acolhedor, havia minijardins ao redor e alguns bancos estrategicamente espalhados.

— Por que está desanimada? Aquele seu namorado fez mais algumas de suas grosserias?

— A gente terminou. - declarei de cabeça baixa. DJ Abriu um sorriso largo e disfarçou quando olhei para ele.

— Não vou dizer que sinto muito. Acho que merece coisa melhor – ele disse olhando para mim. Podia jurar que vi seus olhos brilharem de esperança. Depois de uma pausa ele disse: – Nunca levantaria a voz para você, Anjo Loiro; nunca te decepcionaria, e, jamais te faria chorar. Já disse o quanto gosto de você.

— DJ, por favor, não comece!

— Eu não entendo você, Jade. O que vê naquele, casca grossa? O cara parece seu dono! Que graça tem namorar um cara que te envergonha? Ele é capaz de brigar até com a sombra dele mesmo, se ela estiver perto de você.

— O amor é assim mesmo. “Ele tem razões que a própria razão desconhece”. Conhece essa frase de *Blaise Pascal*?

— Não posso negar Anjo Loiro, que adoraria ter uma chance com você. Se me desse uma oport...

— pode parar por aí! – disse me levantando, mas ele puxou meu braço.

— Por favor, não vá! Ainda temos alguns minutos – sentei-me novamente.

— Está bem, mas, por favor, vamos falar de outras coisas! O concurso, por exemplo...

— Está certo. Então, o dono da danceteria, Nando Silveira, teve a ideia do concurso porque eu disse a ele que aqui não rolava nada. A gente conversou muito dia desses – enquanto trabalhava com o som.

— Disse que ele se chama Nando Silveira? Será que é... o que estou pensando? O Nando coreógrafo, que tem uma escola de dança no Rio? É ele o dono da danceteria?

— O próprio. Ele tinha - DJ declarou olhando para mim.

— Caraca! Por que ele veio para este lugar parado? O cara é um dos melhores coreógrafos sobre os quais já ouvi falar. Não entendo.

— Ah Anjo, esta é uma longa história. Mas, tem a ver com violência – DJ explicou-me rapidamente, porque também não sabia muitos detalhes.

— Ele contou-me que teve o apartamento invadido numa noite, e, ficou horas, sofrendo tortura psicológica. Chegaram a esvaziar um litro de álcool sobre ele, e ameaçaram atear fogo...

— Deus! – interrompi com a mão sobre a boca.

—... Resultado: “limparam” o apartamento dele. O cara ficou tão traumatizado, que decidiu sair da cidade grande para levar uma vida mais simples. Por isso, veio para Estrela do Campo. Na verdade voltou, porque me disse que nasceu aqui. Coitado! Até hoje faz tratamento psicológico.

— Puxa pobre Nando! Eu que o diga. Lembra-se do assalto, no shopping, no ano passado? Acho que já lhe contei, não é?

— Hum rum.

— Estava lá e passei momentos de terror. Acredite! Posso compreender. Ainda sinto muito medo, quando me lembro daquele dia. Por coincidência, lembrei-me disso quando vinha para cá.

— Anjo Loiro, se, fosse minha namorada, jamais deixaria você sair sozinha.

— Então nisso você é igual ao Fred, porque ele também não gosta que eu saia sozinha. O que há com vocês homens?

— Mas, ele faz isso por ciúmes, e não por querer protegê-la.

— Ah qual é? No final das contas, vocês homens são todos iguais – eu ri olhando para ele.

— Tá certo. Então, topa ser meu par no concurso?

— DJ, pirou? Não posso fazer isso com o Fred!

— Uai Anjo! Mas, não terminaram?

— É, mas, não pega bem. Ele pensaria que a gente... ah você me entende!

— Tá certo. Mas, ainda quero conversar sobre o assunto. Quero muito dançar com você.

— Como vai ser isso?

— O quê?

— O Concurso ora!

— Ah, o Nando me pediu para falar com a galera daqui. Disse até que já conseguiu alguns alunos. Ele quer montar uma turma e aperfeiçoá-la. Depois haverá o grande dia.

— Nossa que demais! Sempre que vejo isso, nos filmes, fico em cólicas, imaginando que poderíamos fazer o mesmo, mas nunca vejo nada assim, aqui no Brasil.

— Ah não seja exagerada! Claro que tem. A gente é que não fica sabendo. Nas capitais certamente deve ter, mas, aqui, é mesmo novidade. Ô lugar escondido e esquecido! - ele exclamou com bom humor, deu uma pausa e perguntou: — E então, topa?

— Ohh DJ, sinto muito, mas esqueci de dizer; além de não poder, por respeito a Fred, também estou de partida para o Rio.

— Ah não! Vai voltar? – perguntou surpreso.

— Vou, mas é por pouco tempo. Apenas o suficiente para concluir meu curso de dança. Infelizmente, este é o principal motivo de Fred ter rompido comigo.

— Não me diga!

— É verdade, ele não quer que eu faça o curso de dança, no Rio. Não aceita. Mas, decidi fazer.

— Não contava com isso Jade. Queria que fosse minha parceira no concurso. Não pode adiar?

— Não. Já me decidi. Vamos entrar! A aula já vai começar.

DJ se levantou e puxou minha mão. Seguimos para a sala de aula falando sobre o concurso.

Nos dois primeiros horários, como sempre, nos dedicávamos. Mas, os caras não deixavam de fazer uma piadinha aqui, outra ali. Até os professores riam muito. Estava concentrada na aula de

português, e para variar, muitas dúvidas em “sintaxe”, quando uma bola de papel acertou-me em cheio, a cabeça.

— Eiiiiii – exclamei num tom baixo, ao virar para trás.

— Foi mal! – DJ disse baixinho. Ele se sentava na terceira carteira, atrás de Ana Júlia. Peguei a bola de papel no chão, desamassei e li:

Jura que vai pensar? Por favor!

Não tem outra garota com a qual queira dançar.

Escrevi na parte de trás do mesmo papel para zoar.

Que letra horrível! Não entendi bulhufas. Rá, rá, rá.

Amassei o papel. Observei a hora em que a professora escrevia no quadro e arremessei. Ele apanhou a bola de papel na maior facilidade. A turma zoou. É claro.

— “Isso vai dar namoro” – disse Ítalo.

— “Presta atenção gente”! – cochichou Ana Júlia.

O meu último dia de aula estava muito divertido. Sabia que sentiria saudade. Lembrei-me, inevitavelmente, do primeiro. Como as coisas mudaram.

Estava insegura sob todos os aspectos e logo de cara a professora me fez ficar de pé, para eu me apresentar. Lembro-me que ficara

vermelha como pimentão, mas disse o motivo pelo qual me mudara. Foi naquele dia que DJ me chamou de "Anjo Loiro". Gostei muito dele, de verdade, mas não do modo como ele queria.



Olhei para Ana Júlia e fiz um sinal de que fechara minha boca com um fecho. Todos riram. Desviei os olhos para DJ e antes de abrir a boca, outra bola acertou-me a testa. Virei-me rapidamente para a professora e vi que a barra estava limpa. Peguei a bola e desamassei:

Anjo loiro não seja cruel! Não despedace meu coração!

Diga que adia sua viagem!

Respondi como da primeira vez, atrás:

Sem chance! A ideia é partir amanhã pela manhã. Sinto muito!

Amassei o papel, e, novamente, olhei para frente para ver se estava liberado. Joguei o papel e ele agarrou.

— Jadeeee! — Clara, que se sentava ao lado reclamou: - Estou péssima em português e você tá tirando minha concentração.

— Tudo bem Clara. Parei — cochichei olhando para ela e depois não dei mais confiança para DJ — que continuou chamando minha atenção. A professora ouviu e disse a ele: — DJ tá tudo bem aí? Precisa ir ao banheiro?

— Não uai! Por quê? – ele perguntou com cinismo.

— Porque vejo você fazendo caretas o tempo todo. Olha! – ela alertou: - que isso sirva de alerta para todos – olhou para a turma. -, se não ficarem feras em sintaxe, o mais próximo que vão chegar da faculdade, é em frente ao portão, do lado de fora. Entenderam?

É claro todos responderam que sim. Então o sinal tocou. De cara uma música, eletrizante começou a tocar. A turma amava, era do *Justin Timberlake - Sexy Back*. DJ olhou para mim, mas fiz um sinal negativo com a cabeça. A galera não perdeu tempo. Ninguém se importava com lanche, nem nada. O importante era aproveitar cada segundo de nosso pequeno intervalo.

A gente estava mais para ensino fundamental, do que para cursinho pré-vestibular. Aí é que estava a graça!

Como esperado não pude dançar porque tive de ir até a secretaria. Tranquei minha matrícula com o *coração na mão*. A secretária percebeu que estava insegura e disse que deixaria minha ficha separada, para o caso de eu desistir. Agradei. Pude sentir quando lágrimas brotaram de meus olhos. Limpe-as rapidamente. Não queria que ninguém me visse chorando. Fiquei tão chateada que comecei a me questionar: *Será que estava fazendo a coisa certa? Se, estava tão triste por trancar a matrícula, por que não "chutava o balde" e ficava? Será que valeria a pena sacrificar o que eu já tinha, por algo que achava que seria legal?*

Para variar, centenas de interrogações continuavam a me cercar. Era uma decisão difícil.

A aula acabou. Arrumei minhas coisas e disse alto:

— Ei galera! – todos se voltaram para mim. - Gostaria de me despedir de vocês, amanhã parto para o Rio.

— Puxa vida Jade, mas, por quê? – Clara perguntou.

— Vocês sabem da minha paixão pela dança. Então vou atrás de meu sonho... vou me preparar para ser coreógrafa – olhei para DJ que baixou os olhos. Continuei: - quero que saibam que esse tempo em que convivemos, foi de extrema importância para mim e nunca me esquecerei de nossos... momentos “bobeira” – ri emocionada e emendei: -, nossos intervalos dançantes e nossas brincadeiras...

— Jade fico feliz que esteja indo atrás de seu sonho – a professora declarou.

— Obrigada Inês! – virei-me para ela e limpei o canto dos olhos. Ouvi alguns buchichos e depois todos vieram até mim para me dar um abraço. Nunca fui tão abraçada. Eu sorria e chorava. Toda a sala se emocionou, é claro, todos disfarçaram, mas isso serviu para que eu percebesse o quanto era querida ali naquele meio, onde há bem pouco tempo sentia-me deslocada. Acho que deveria pensar nisso com carinho.

— Caraca gente! Eu volto. Só vou ficar lá por uns... uns 3 anos – franzi todo o rosto.

— Tudo isso? DJ finalmente objetou.

— Sim. É o tempo do curso, mas não sei ao certo. Ahhh “pessoas” não me façam chorar mais!

— Jade por que não faz este curso com o Nando Silveira? Ele é profissional. Tinha uma escola lá no Rio. Converse com ele! – Ítalo disse. Olhei para ele, depois para DJ – que assentiu. Fiquei

pensativa. Será que seria a mesma coisa? Bem, teria que ver isso depois.

Caminhei até a saída ao lado de DJ e Ítalo. Olhei para os lados e não vi meu carro. Conferi as horas, 22h45min. Fred já deveria estar ali. Ele prometeu que me esperaria. Balancei a cabeça, nervosa.

— O que foi Anjo?

— Fred deveria estar aqui. Ele está com o meu carro.

— Se, ele não vier, levo você para casa. Qual o problema?

— Não funciona assim DJ. Ele prometeu que estaria aqui.

— Disse para onde iria?

— Caraca, disse que ia até aquele bar... o “Velho Oeste”

— Ele ia? Iiiiiii não quero te desanimar não, mas...

— Mas o quê? Pode falar! – segurei seu braço e apertei sem sentir.

— Puxa! – exclamou olhando para minha mão, ali, apertando seu braço. - Se eu soubesse que iria me segurar assim, com tanto vigor, teria dito há mais tempo. Arrepiei – E sorriu mostrando os lindos dentes.

— Fala sério! – soltei seu braço. Estou aqui aflita e você ainda brinca? – franzi o cenho.

— Não fica aflita! Ok?- ele me acalmou e depois brincou: - Vou até lá, arrisco perder o pescoço, ou até mesmo levar um tiro. Talvez eu seja chamado para um duelo e...

É claro que eu ri quando ouvi a palavra “duelo”. Meu cérebro até mostrou-me uma imagem de DJ e Fred vestidos de *cowboys*. Um apontando a arma para o outro – balancei a cabeça. Depois voltei a franzir o cenho.

— Ah isso não vai prestar! Mas, agora estou sem saber o que fazer. Faria isso?

— Não precisa pedir duas vezes. Vamos! É do outro lado da praça.

DJ segurou-me pelo cotovelo e me conduziu. Quando passávamos pela praça, um mendigo puxou minha mochila por trás. Quase morri de susto. É claro, gritei até ficar rouca. DJ partiu para cima do pobre coitado e já ia acertá-lo, objetei alto: — Não DJ! É só um pobre coitado.

— Mas ele ia te roubar! – ele disse, entredentes, segurando o cara pela gola. O outro punho, cerrado preparado para golpear o sujeito. Suas feições eram duras.

— Por favor, não precisa! Solta ele! – DJ, visivelmente tenso, soltou o homem que cobria o rosto com as duas mãos. O mendigo caiu no chão, todo encolhido, pensando que fosse apanhar.

— DJ! – insisti com as duas mãos levantadas. - Tudo bem... acalme-se! É só um pobre coitado. Então, ele se afastou e me puxou pela mão. – Tá certo, vamos!

— Credo! O que foi aquilo? Nunca imaginei que... cara! Pensei que fosse bater no mendigo.

— Perdi as estribeiras. Não posso imaginar alguém te fazendo mal.

— No final das contas, vocês, homens, são todos iguais – afirmei.

— Ah não exagere!

Chegamos ao tal bar. Ficamos os dois, ali, parados olhando para o local. Até que era bonitinho. Como DJ contara-me tinha o aspecto de um *sallon*. Confesso tive vontade de entrar.

— Quero ver!

— Sem chance!

— Fico olhando, escondida. Entro e fico no cantinho.

— Não! – ele disse sério.

— Mas o que tem lá dentro que não possa ver?

— Tem confusão e coisas que não seria legal você ver... O ambiente é... como vou explicar? – DJ tentou dissuadir-me, mas estava decidida. Olhei para o lado e vi meu carro. Meu sangue ferveu. Fred provavelmente estava bêbado. Bêbado não, “trêbado” pelo tempo que estava lá. E aquele maluco havia se esquecido de mim. *Oh treva!*

— Eu vou entrar sim! – comecei a atravessar a rua. DJ segurou-me pelo braço.

— Não acho que deva! – ele insistiu.

— Por quê? Ah qual é! Tô cansada de ver casais se enroscando. O que posso ver lá que não vou gastar? Hum? Tá protegendo ele?

— Tá maluca? É a última coisa que faria. Estou querendo te poupar do que possa ver. DJ conhecia bem o local e sabia que os casais se agarravam na maior naturalidade. Além das apresentações... Para uma moça seria constrangedor.

— E o que tem lá dentro? *Strip-tease*? Porque, se for, mato o Fred.

— Ué, mas disse que terminaram!

— O que não dá a ele o direito de me fazer de idiota. Ele está com meu carro. Aquele filho da mãe me deixou esperando! – *Aiii... o que eu disse? Foi mal Isolda!* – Me desculpei em pensamento.

— Sei... me engana que eu gosto!

— É sério!

— Ooolha! Não quero ser responsável por mais um “barraco” entre vocês dois.

— Quê? Quem disse que as nossas diferenças são um “barraco”?

— Ah qual é! Todas as brigas são estressantes, rola muita gritaria.

— Tá certo. Não mude de assunto. Vamos entrar!

— Pense bem... última chance.

— DJ sem essa, vamos! – puxei o braço dele e chegamos à porta do bar.

— Essas suas pegadas em meu braço ainda me levam à loucura – ele disse com bom humor. Ele era um palhaço, bem ao estilo de Duke.

— Espere Jade! Temos de comprar os ingressos.

— Tudo beeem – enfatizei empurrando as costas de DJ. – Vá então! - Enquanto DJ comprava os ingressos fiquei observando a movimentação. Num canto afastado da entrada, vi um casal tão agarrado, que mais parecia uma pessoa apenas. Estavam atracados.

Mais adiante, outro casal fazia barulho, “aqueles barulhos”. Nossa! Fiquei feito tomate. Virei o rosto, envergonhada porque estavam numa situação de maior intimidade. *Se é que me entende.*

— Viu só? – DJ apontou quando viu que eu observava. – É isso aí. Lá dentro é pior.

— Caraca! – exclamei com o rosto pegando fogo. - Está me dizendo que lá dentro é... uma espécie de... – ele me interrompeu.

— Quer saber? É... é isso mesmo que pensou. Tem de tudo... já ouviu falar em “casa da luz vermelha”?

— Tá de brincadeira? Ainda falam assim?

— Jade isso aqui é roça. Interior. Aqui os homens solteiros procuram mulheres em locais como este. É... um apelido para bordel, Anjo Loiro.

— Não dá pra acreditar! Assisti a uma novela com minha mãe... e eles citaram “casa da luz vermelha”. Mamãe me explicou na época, mas ainda era pequena... e não dei importância.

— Então? Ainda quer entrar lá?

DJ bem que tentou, mas eu tinha de ver o que Fred estaria fazendo lá. Se ele estivesse com alguma “kenga”, como diziam na novela, não sei do que seria capaz. Entramos. Percorri todos os cantos daquele bar com olhos atentos. Todas me encaravam - principalmente os homens. Aquele não era um ambiente para mim, definitivamente. Vi duas mulheres se esfregarem. Elas vestiam... quase nada, na verdade. Estavam apenas de sutiã calcinha e cinta liga. *Ai que nojo!* – pensei virando o rosto. DJ segurava meu cotovelo e também procurava por Fred. Passamos por uma porta

legal. Era mesmo como num *saloon*, aquela portinha vai e vem, de madeira rústica. Achei fantástica. Entrei e sai duas vezes. Até me esqueci, por um segundo, o que fazia ali. DJ puxou minha mão da última vez, quando viu que iria repetir a ação.

— Parece uma criança. Dã! Se esqueceu do que viemos fazer aqui?

— Ameeeei essa porta!

— Todos gostam gata. Vem! Ei – ele se aproximou de meu rosto para falar .– Não o viu ainda?

— Não... mas que lugar maneiro! Pelo menos adorei a decoração. E só. Veja aquilo! – apontei para as mulheres.

— Anjo Loiro, não presta atenção a essas coisas não! Vamos fazer o que viemos fazer e dar o fora! Essas mulheres são perigosas.

— Pôxa DJ! Juro. Não entendo o que o Fred veio fazer aqui! Estou decepcionada. Então... – pensei por alguns segundos.

— O quê? – ele perguntou, paciente.

—... Será que é para este lugar que ele vinha quando matava aula? E também nos outros dias? Que sacana!

— Ah, não fica assim! Não gosto de ver você chateada – ele afagou meu rosto. Na boa, nesse momento é que me perguntava, por que não me apaixonei por ele? DJ era tão carinhoso! E parecia mesmo gostar muito de mim. Era amável, atencioso, e, vamos combinar! Um gato. Mas, a gente não manda no coração. Não é? O meu coração masoquista escolheu Fred.

Oh dó, isso não é justo!

— Vamos para o outro ambiente! – ele puxou minha mão. O local era tão grande que se tivesse entrado lá sozinha, teria me perdido. Depois da porta estilo “saloon” havia um grande salão com uma bancada de madeira rústica ao centro. Adorei os banquinhos altos - estilo country -, que ficavam sob a bancada. Alguns homens estavam sentados, com seus cotovelos escorados e um copo de cachaça do lado. De lá, se podiam ver outros ambientes. Até um corredor, que calculei, levaria aos quartos. *Fala sério!* – eu pensava. E, se a voz ainda falasse comigo, ela diria: – *Dá o fora daí maluca!*

O lugar era gigantesco. Uma coisa atípica para uma cidade tão pequena como Estrela do Campo. Pelo que DJ me contara, pertencia a um fazendeiro excêntrico e riquíssimo da região. Um empresário ousado.

Que ousado que nada! Um baita “cafetão” e picareta. Eu diria.

DJ explicou-me também, que no último ambiente havia sim, *strip-tease*. E, que as mulheres entravam no palco, fantasiadas de Mulher-gato, Tiazinha, Enfermeiras, etc... - como nos filmes -, e iam se despindo aos poucos.

— Que cara é essa? – ele perguntou quando viu que franzi todo o meu rosto.

— Caramba! Eu é que não quero ver isso.

— As apresentações começam à meia noite. Todos os homens vão até lá.

Eu, é claro, comecei a imaginar a cena completa em minha cabeça. Fred em frente ao palco - onde havia aquele tubo. Uma das

fantasiadas se despia, e ele colocava notas na calcinha dela... *oh Deus!*

— Acho que vou sair. Não tenho estômago para isso – disse ao me virar e emendei: - Não quero ver meu namorado... quero dizer, ex-namorado, colocar notas na calcinha de nenhuma *streaker* – DJ puxou-me com força.

— Aí! O que foi isso?

— Amarelei ué! Decidi que não quero ver...

— Ah não! Agora que estamos aqui a gente vai até o fim – na verdade, DJ queria que eu visse Fred em alguma situação que o compromettesse, e, que, provavelmente, fizesse com eu o descartasse, de vez, de minha vida. Assim, com o caminho livre, poderia tentar.

— Por favor! Não quero ver... vamos! – virei-me, novamente. DJ insistiu com aquela mão enorme em meu braço. Foi aí que ele viu...

— Olha ele lá! – apontou para uma mesa no canto, onde havia três rapazes. Um deles parecia um "ogro". Não sei por que, meu sexto sentido odiou aquele "cara estranho".

— Oh meu Deus, é ele! Ouvíamos sua voz alterada, assim como a de seus companheiros de bebedeira. Uma coisa era certa. Não havia mulheres. *Ufa!* – pensei aliviada. Sabia que deveria ir até lá e falar com ele, numa boa, discretamente.

— Bem, agora que viu que o cara não está te "enfeitando com um par de chifres", vamos dar o fora daqui! Eu levo você para casa.

— Não mesmo! Não posso deixá-lo aqui, naquela situação.

— Ah não? Mas, como é que pretende tirá-lo de lá, gata? – DJ apontou. - A força? Já observou o tamanho dele? Garanto que ele não vai querer te acompanhar na boa.

— Ora, vou chamá-lo – olhei para ele para responder.

— Ok. Vou ficar aqui, de longe, porque se ele me vir, vai surtar. E te garanto que isso aqui vai mesmo se tornar um "sallon" de velho oeste.

— Fala sério! Vocês homens são todos uns estressados - dei as costas para seguir, mas voltei insegura e nervosa, quase arrancando sangue do lábio: — Tá legal! Você tem razão. Ele não vai querer vir comigo. Além do mais, estou "fula da vida" com ele. Acho que se tentássemos alguma coisa...

— Tipo o quê?

— Sei lá, esvaziar o local? - DJ riu.

— É mesmo uma maluca. Não pode fazer essas coisas!

— Conheço Fred, ele é pirracento e está bêbado. Não vai querer sair.

— Então como vai fazer isso, Anjo Loiro?

— Acho que se gritássemos "fogo", ou "polícia" esses bebuns dariam o fora. O que acha?

— Ká, ká, ká, ká, ká – ele gargalhou e acrescentou: - Era só o que me faltava. Não mesmo! Vamos tentar tirar seu namoradinho, sem chamar a atenção dos demais. Já observei que os homens estão te comendo com os olhos. A gente tem de sair daqui logo!

Mordi o interior da bochecha, apreensiva e irada. Não sabia, ao certo, o que dizer ao Fred quando me aproximasse dele. E nem fazia ideia de qual seria sua reação. Baixei a cabeça e respirei fundo. Senti que estava sendo marrenta. Ele provavelmente bebeu por causa de nossa briga, embora nada justificasse estar, logo ali, num bordel. Até parece que queria encontrar “consolo”. *Mas que droga!* – pensei com meus botões. Todavia, entendia que um cara tinha o direito de tomar um porre de vez em quando.

Mas tomar um porre na “casa da luz vermelha” é um pouco demais, não é? – pensei me sentindo traída.

Meu ex conseguiu deixar-me acabada. Ainda assim, decidi tentar tirá-lo dali. Aproximei-me, vagorosamente e o chamei: — Fred? — Todos se voltaram para mim. Senti o rosto pegar fogo.

— Aháaaa você está aí! – apontou o indicador para mim, com um sorriso estranho.

— Fred, vem! Vou levar você para casa!

— Como é que é? – zombou aquele “esquisito” com qual não fui com a cara. - Fred vai deixar sua namorada te dar ordens agora meu camarada?

— Fred tô esperando! - disse com os braços cruzados. Olhava para os lados, um tanto nervosa. Aquele lugar, tinha uma coisa... um ar de sinistro e já era tarde. Devia ser umas onze horas.

— Qual é Jade! – Porrrr que vei-o aqui? – soluçou. - Pensei que... a essas horas já estivesse dormindo, sonhando com aquela viagem idiota – disse com voz de embriaguez.

— Tá chapado mesmo! Queria que eu fosse para casa a pé? Vem! Conversamos no carro. Que lugarzinho hein?

— Uuuuu – o homem esquisito zoou.

— Fica na sua! – bradei com ele.

— E é bravinha? Adoro essas ariscas... gosto de domá-las.

— Não sou uma égua para ser domada, seu idiota! – disse olhando para ele, que deu gargalhadas.

— Não me respondeu. Por que veio aqui? Por acaso estava procurando por alguém em especial? – aproximou-se. – Um cara chaaamado DJ? – olhei para DJ que mudou as feições. Fred ainda não o havia visto.

— Vou fingir que não ouvi isso ok? Por causa de seu estado - ainda assim resolvi responder.

— Bem a aula acabou e você havia me dito que estaria me esperando. Esqueceu? Está com meu carro. Vem pra casa comigo? Por favor!

— Tá ma...lu...ca? E deixar o Bira ganhar a aposta? – apontou para aquele troglodita, que acabara de bater boca comigo.

— Já ganhei! Você tá muito chapado – Bira disse dando gargalhadas. – Ganhei fácil.

— Aposta? Fred! – disse um pouco mais alto. - Você apostou o quê?

— Rá, rá, rá, não vai acreditar. Apostei com o Bira - meu camarada aqui -, que beberia toooodo aquele barril – enfatizou esticando o braço -, sem ficar chapado, e, se perdesse, tã dã! -

gesticulava bastante. - Perderia Malhado – arregalei os olhos. Por que era visível que ele estava chapado. Sendo assim, perdeu Malhado. Ele continuou: - Imagine Jade, você sem o Malhado. Sei que ele é um dos seus “amooores”. – levou a mão à cabeça e ainda disse: - Ah tô pensando em apostar Savannah também. O que acha? Pense! Como seria sua vida sem eles? Hum? – insistiu. Minhas pernas fraquejaram.

— Está fazendo tudo isso para me punir? – sem me dar conta fiquei tão próxima dele que pude tocar seu braço, então o puxei. – Você não se atreveria. A égua não é sua. Já chega Fred! Venha comigo!

— Até mais rapazes! Mas, este jogador aqui, não está em condições de apostar nada – Fred puxou o braço com tanta força que me desequilibrei e caí no colo do sujeito.

— Jade! - DJ já se aproximava para me ajudar. Bira disse:

— Uuuuuuu – que presentão você me deu parceiro! O pacote completo – ele fechou os braços em torno de mim e encostou aquela cara feia e nojenta em meu rosto. Depois lambeu minha bochecha. *Que nojo!* Levantei um braço para esbofeteá-lo, indignada, porém ele segurou minha mão.

— Me larga! – apertou-me ainda mais e disse perto de meu ouvido: — Não tão rápido loirinha! – Num rompante, Fred arregalou os olhos e avançou para me puxar. Foi aí que o outro cara, que os acompanhava, segurou Fred por trás. Todavia, DJ, que já havia se aproximado, arrancou-me do colo do cara. Senti lágrimas brotarem de meus olhos. Depois, DJ avançou para ajudar o Fred. *Por incrível que pareça.* O clima esquentou. Os rapazes ficaram se encarando.

Eu gritei: — Por favor, não briguem! A gente tá de saída. DJ ficou entre Fred e o outro rapaz. Os braços levantados, disposto a brigar por mim e por Fred. *DJ era mesmo uma coisa!* Aspirei as lágrimas e prossegui. Tinha de tirar Fred daquele lugar. Independente de qualquer coisa, me importava com ele e não queria vê-lo metido em encrencas. Ainda que ele não merecesse.

— Fred, vem comigo, por favor? — puxei seu braço. Bira rosnou como um cão raivoso. Mas, calou-se. Entretanto, Fred insistiu, sem noção. *Bêbados são mesmo uns babacas.*

— Semmmm chance! Estou no meio de uma aposta e não posso desistir, mas vejo que trouxe seu amiguinho com você? Não esperou nem um dia hein Jade! Então, eu não estava errado.

Não liguei para seu comentário cruel. Porém, DJ emitiu um som gutural e deu um passo à frente. Parecia disposto a arrancar Fred dali à força, ou socá-lo por causa de sua grosseria. Segurei seu braço, mas ele disse com o dedo em riste: — Repeite a Jade seu idiota! Ela está aqui por você!

Fred, atrevido, bateu a mão no dedo de DJ e respondeu:

— Ela está aqui por causa do carro dela. Não por... mim — soluçou.

— Você é mesmo um imbecil Fred! A Jade não merece isso — avançou.

— DJ, ele está bêbado, por favor, releve! — meu amigo superprotetor fechou os olhos e “tipo” contou até dez. Olhei novamente para Fred e disse: — Fred vai perder o Malhado! É o seu cavalo preferido, e também um dos meus. Não faça isso? Por favor?

— Já fiz! E... e, acho que... tô perrrdendo. Não importa. Nada mais importa Jade! Ultimamente, só tô perdendo mesmo.

— Frediii! – tentei puxá-lo mais uma vez, mas esquivou-se.

— Vai embora Jade! – ordenou, apontando a saída.

— E deixar você aqui? No meio desses... – decidi engolir o resto do que ia dizer.

— Ooolha! - Bira rosnou de novo e colocou a mão cintura, como se procurasse algo, depois avançou para cima de mim. Vi uma coisa prateada sob sua camisa. Aí fiquei em pânico. Será que estava armado? Parecia o cabo de uma faca. *Oh meu Deus!* Eu não ia pagar para ver. Afastei-me até bater as costas no corpo de DJ, que me abraçou, protegendo-me. Desviei os olhos para Fred que se mostrou irado. Em razão disso, puxou minha mão e finalmente decidiu: — Vamos embora então! - depois empurrou-me levemente para a saída. Sentia-me uma marionete. Olhei ao redor e percebi que as pessoas nem ligaram para nossa pequena discussão, todos bebiam e conversavam alegremente.

— Vá por ali! Vou em seguida – Fred ordenou novamente e deu as costas. DJ apenas observava. Ele parecia pronto para qualquer eventualidade.

— Co...mo? – puxei o braço dele. - Esqueceu-se de que está com a chave do meu carro?

— É só por um instante...

— Fred, nem pense em sair sem pagar a aposta! Você não me conhece! – Bira bradou ao se aproximar.

Foi aí que uma rajada de ar frio passou por aquele lugar e balançou as cortinas xadrezes. Silêncio total. Todos estranharam. Estremeci. Imaginei que o vento pudesse ser “aquele vento” o qual eu conhecia muito bem. Depois, aquela sensação estranha, que eu também já experimentara. Era uma coisa forte. Mas, não sabia explicar o que sentia de verdade. O fato é que fiquei com medo. Era como um presságio. Tinha de sair dali e levar Fred comigo, antes que acontecesse algo pior. Isso realmente me assustava.

Não pode ser! Será que a maluquice voltou? - minhas pernas vacilaram. Fred gritou: — Vá Ja-de! Eu vou em seguida, já disse: - assenti com a cabeça e disse para DJ: — Temos que dar o fora daqui. Não estou me sentindo bem.

— Vem! – DJ segurou meu cotovelo. – Eu levo você para casa.

— Você não vai com ele! – Fred, num rompante, pareceu ficar sóbrio e avançou puxando-me pelo braço. DJ recuou e deu passagem para ele. Novamente me senti uma marionete.

— Ei Fred! – Bira o chamou. - E o meu cavalo? Perdeu. Você não sai daqui sem a gente resolver isso.

— Pode ir bus... buscá-lo quando quiser – deu as costas.

— Ah eu vou. Pode apostar.

Alguns segundos depois, estávamos perto do meu carro. DJ se despediu, mas Fred, provocou:

— Vaza! Vai... vai! Você não aprende não é?

DJ voltou-se para Fred e respondeu com o dedo levantado:

— Eu vou fingir que não ouvi. Você tá bêbado! – vi quando DJ fechou os punhos. E recuou em seguida.

— Qual é? Ficou com medo? Mesmo bêbado acabo com você – olhei para DJ e pedi fazendo mímica – “Por favor, vai!” – meu amigo, olhou-me com ternura e se virou para ir embora. Fred, irritante, teimoso e muito chato, segurou seu braço e o virou abruptamente, sem dar a ele chance de se defender do soco. Dessa vez, DJ não pensou duas vezes. Ele revidou com um potente gancho de direita e Fred caiu desmaiado no chão.

— Oh meu Deus, DJ eu pedi! – ajoelhei ao lado de Fred.

— Desculpe Anjo, mas, não me segurei. Eu não tenho sangue de barata. Seu namoradinho tava intalado aqui! – mostrou a garganta.

— Tá legal! Ele mereceu. Espero que aprenda a lição. Pode me ajudar a colocá-lo no carro? – levantei-me.

— Claro. Por você, carrego esse... mala.

— Você é mesmo um querido – afaguei seu rosto com carinho. Ele cobriu minha mão com a dele e fechou os olhos. Desviei o rosto rapidamente, completamente sem graça. DJ era mesmo um amigão. Nem nessas horas me abandonava. Abaixou-se e levantou Fred, com alguma dificuldade, mas o ajudei. Depois que colocamos aquele teimoso no carro, apanhei as chaves no seu bolso, dei a volta e me sentei confortavelmente. Ajeitei os espelhos e afivelei o cinto. DJ me observava com as duas mãos no bolso de sua calça.

— Obrigada! Se não fosse por você...

— Não precisa me agradecer. Eu... deixa prá lá. Até mais Anjo!

Levantei a mão, em silêncio e acenei.

— A gente se fala – despediu-se e se foi.

Puxa vida, meu amigo era demais. Eu sentia muito por ele ter expectativas em relação a mim. Mas, sempre deixei as coisas bem claras. Torcia mesmo para que ele se apaixonasse por alguma garota.

Ao chegar em casa, tentei acordar Fred, mas DJ o acertara pra valer. Bem feito! Ele mereceu. Estava com uma marca bem visível, ao redor do olho. Até eu senti vontade de lhe dar uns safanões, por causa de sua criancice.

Infelizmente, não tive escolha, deixei-o no carro.

Dezenove

Mel

NAQUELA NOITE, APÓS COMER E CONVERSAR BASTANTE COM DU, NA cozinha, subi para o quarto e liguei um laptop que estava no quarto de Jade. Senti vontade de escrever um e-mail para ela. Eu devia ter feito isso há mais tempo, mas não tive coragem. Entretanto estava em sua casa, com Du, por isso achei que tinha de contar a ela, além do mais, queria acabar de vez com aquele desconforto entre a gente.

Para: Jade de Melo

De: Melissa Albuquerque.

Assunto: Amiga me perdoa!

Jadinha me perdoa! Pisei na bola com você. Melhor dizendo, pisei na bola com todos. Sei que a gente ainda vai se encontrar e poderei explicar melhor. Quero me abrir com você e explicar meus motivos. Amiga, estou enfrentando alguns probleminhas aqui – “coisas que só posso contar pessoalmente”. A gente se fala depois. Você me perdoou, não é? Espero que sim. Ahh estou aqui em sua casa. Ainda tem mais essa! Minha “mãedrasta” praticamente me expulsou. O Du me deixou ficar aqui até as coisas se ajeitarem. Cê não se importa, não é? Estou em seu lindo quarto. Beijos, Mel.

Na manhã seguinte levantei-me bem cedo. Para isso, programei o celular para despertar. Se tinha uma coisa que acabava comigo, era acordar cedo, mas eu precisava arranjar um emprego. Minhas economias estavam no fim e seria péssimo pedir dinheiro ao meu ex-namorado. Tomei um banho rápido e me vesti ainda mais rápido. Uma “makeup” [12]básica, uma ajeitadinha nos cabelos e pronto. Olhei-me no espelho do armário de Jade e pude ver-me de corpo inteiro. – *Perfect!* [13]- disse a mim mesma – O emprego tá garantido. *Como eu sou convencida* – pensei sorrindo. Sai do quarto com uma bolsa preta no ombro. Vesti uma calça jeans básica, uma blusa azul, linda, com gola japonesa e sandálias “Anabela”. Estava com um visual bacana para uma entrevista. Depois que enviei o email para Jade pesquisei algumas vagas de emprego e anotei alguns endereços.

Na cozinha tentei não fazer barulho. Não queria acordar o Du. Infelizmente aquele cachorro stressadinho assustou-me.

— Cachorro idiota! – sussurrei. Devia ser seis horas da manhã.

Oh meu Deus! Só de imaginar aqueles ônibus lotados!

Tomei apenas um iogurte e dei alguns passos em direção à porta.

— Sai Totó – pisei duro para assustá-lo.

— Ele se chama Boris, Mel – Du disse da porta.

Jesus me abana de novo! Sem camisa?

Fiquei meio catatônica, olhando aquele abdômem de tanquinho e aquele peito largo.

— Caraca! Foi mal. Acordei você com meu grito. Tentei abafar, mas acho que saiu alto. É que ele me assustou.

— Sem problema! – ele respondeu bocejando.

Pela manhã eu tinha o raciocínio lento. Este seria meu primeiro emprego. *Bem, se eu conseguisse.* Liguei meu celular - o qual havia desligado na hora em que Mau Mau saíra de minha casa. Queria checar se ele tinha enviado mensagens. - Nossa! Vinte mensagens. Puxa! – sinalizei para o ônibus e por sorte consegui um lugar. Li apenas a primeira, depois quase entrei em choque.

"Gata, não sei o que tá acontecendo, mas não tô gostando... Fui até sua casa e sua mãe disse que não morava mais lá!". Espero que me ligue de volta. Não gostaria de me ver nervoso. M.M

— Ai – meu - Deus! Ai - meu - Deus! Eu tô lascaaada! – repeti baixinho, pausadamente e cantarolando. Meu estômago girou uns 90 graus. A mulher que estava ao meu lado olhou para mim e perguntou: — Tudo bem garota?

— Hum rum – resmunguei, balançando a cabeça. Provavelmente estava branca. Nem me dei ao trabalho de ler as outras mensagens porque sabia que não gostaria. Retirei o chip e joguei pela janela. Primeira coisa a se fazer, comprar outro. Cheguei ao local e quase surtei. Sem contar, calculei trezentas pessoas.

— Não acredito – disse baixinho. – Não tenho a menor chance. Dei meia volta. Contudo, aquela cena se repetiu em todos os outros

lugares, nos quais compareci.

— Não tenho a menor chance! – repeti quando entrei numa sala cheia de carteiras de um braço, lotadas. Uma pessoa se levantou quando ouviu seu nome, então me sentei por cansaço. Observei atentamente. Era onde os candidatos preenchiam uma ficha e depois passavam por seleções, até que fossem liberados para exame médico. Se chegasse a essa fase, era quase certo conseguir a vaga. Nem me dei ao trabalho. Vi candidatos de terno e com pastas nas mãos. Desanimei. Não confiei em mim. Tive dificuldades até para terminar o segundo grau. Certamente não passaria numa seleção. Eu era diferente de Jade. Ela era estudiosa e inteligente. Tudo que se propunha fazer, fazia muito bem. Eu passava longe de cursinhos pré-vestibulares, embora soubesse que deveria estudar para tentar o vestibular. Nem carteira de motorista tinha tentado tirar. Minha vida até aquele momento fora confusa, sem responsabilidades e sem compromissos. Mas queria mudar. Eu tinha de mudar.

Levantei-me e me senti uma derrotada, sem mesmo ter me submetido aos testes. Uma covarde. Na verdade não me sentia preparada. Saí de lá e fui até um restaurante que conhecia. Já sentia as pernas doerem. O calor escaldante era um agravante. Almocei, preguiçosamente, já imaginando o que me esperava.

Outra sessão de tortura... andar, andar, andar, preencher fichas, responder perguntas etc, etc. Oh My!

— A conta, por favor!

Quando o garçom entregou-me a conta, quase desmaiei. Meu dinheiro estava contado. Teria apenas para mais algumas passagens

e não poderia comprar outro chip.

— Mas que droga! – levei a mão à boca quando me lembrei do garçom. Ele sorriu e disse querendo ser gentil.

— Tempos difíceis, não?

— Bota difícil nisso!

Entreguei a nota de 50 Reais a ele com uma dó, que nem eu acreditava que tinha. Ele segurou a cédula e olhou para mim. Eu a puxei, levemente, com cara de choro. Ele a puxou de volta, delicadamente. Sorria bastante.

— Hum rum – raspou a garganta. - Preciso dela moça.

— Eu sei. É que esta é a minha última nota! – soltei-a. Senti que uma lágrima brotava. *O que está acontecendo comigo? Tornei-me uma molenga emotiva?* – pensei enquanto me levantava e olhava para o garçom – que novamente sorriu.

— “Nunca mais volte aqui! Que vergonha Melissa”! – disse entredentes a mim mesma.

Segui desanimada para o endereço seguinte.

— Não posso desanimar. Se não arranjar um emprego tô encrocada – repetia enquanto gastava a sola da “Anabela” preta que comprara recentemente - com o dinheiro que Mau Mau me dera.

Que ódio! Tinha de me lembrar disso?

Voltei para casa naquele início de noite, derrotada. Não conseguira nada de imediato, e, ainda por cima, gastara todas as minhas economias, com passagens e aquele maldito almoço caro. *Que lástima.* Todavia, conseguira algumas promessas de contatos.

Duke abriu o portão com um sorriso inacreditável nos lábios. Quando viu meu rosto cansado perguntou:

— E aí? Conseguiu?

— Bem não consegui um emprego, mas preenchi algumas fichas. Certamente, entrarão em contato, em breve – disse tentando parecer confiante. A verdade era que não tinha a menor chance.

— Tudo bem. Vai dar tudo certo.

— E você, o que fez? – perguntei quando adentramos a sala.

— Hoje fui ao cursinho e acredite me senti mais disposto.

— Que bom Du. Espero que fique no Rio. Vai se adaptar. Posso ajudá-lo...

— Ah é? Como?

— Ah sei lá, a gente pode sair... posso lhe mostrar alguns lugares legais e... Vamos ver, vou pensar.

— Quer sair para comer alguma coisa? Sei lá uma pizza, sanduíche ou... se preferir jantar...

— Na boa, tô muito cansada – sentei-me no sofá e retirei as sandálias. - Ah nããã! – balbuciei quando vi meus pés.

— O quê?

— Olha meus pés! Veja quantos calos! - ele se inclinou.

— Sinto muito. – aproximou-se e massageou-os.

— Isso aqui é porque andei muuuuito – disse enfatizando.

— Vou esquentar água. Quando isso acontecia comigo, lá na fazenda, é o que fazíamos.

— Obrigada eu aceito – agradeceu me esparramando no sofá.

Não saímos, mas Du ligou para uma pizzaria e encomendou uma pizza. Foi uma das noites mais animadas que passei, depois que voltara da fazenda. Embora estivesse cansada. Sério, quando saía com Mau Mau me divertia, mas sentia que faltava algo... Ri muito com o momento "banho nos pés" e o "momento pizza". Du fez palhaçada e molhamos todo o tapete da sala.

— Como se sente? Alguém já banhou seus pés, antes?

— Nãaaaao, mas adorei – disse morrendo de rir. – Tá fazendo cócegas!

— Mas essa é ideia! – Du declarou com a cara engraçada.

— Não, não, Du não, por favor! Não suporto cócegas! – eu gargalhava. Puxei o pé, mas ele o segurou, e, por isso, a água molhou todo o tapete. E na hora da pizza? Não só comemos como também fizemos guerra com ela. Lembrei-me de Jade, ela dissera, numa ocasião, que Du era assim mesmo. Adorava fazer palhaçada. E confesso estava me divertindo muito. Como coisas tão simples e que pareciam tão bobas podiam ser assim tão legais. Era como voltar a ser criança...

Vinte

Jade

DEPOIS QUE DEIXEI FRED DORMINDO NO CARRO SUBI PARA MEU QUARTO. Estava irritada. Fred dizia que eu parecia criança, mas olha só o que ele fez? Que juvenil! Beber daquele jeito por... na verdade nem sabia por que bebera. O fato é que, perdeu Malhado. *Que ódio!* E do jeito que as coisas iam, se não chegasse em tempo, poderia ter perdido também Savannah. E que decepção vê-lo naquele bar suspeito. *Oh treva!* Não gostava nem de me lembrar. Mas o que importava agora era recuperar o cavalo.

Isso não vai ficar assim! Será que aquele projeto de amigo não relevaria? É claro que não! Certamente, logo ele viria buscá-lo. Que amigos Fred tinha! Ao invés de tentar dissuadi-lo a não beber, o encorajaram, e ainda por cima, fizeram-no apostar.

Após tomar uma ducha rápida, enfie-me sob o edredom e fiz minhas orações de sempre. De olhos fechados, tentava buscar o sono. Melissa apareceu em meus pensamentos. Será que estava tudo bem com ela?

Contei uns duzentos carneirinhos pulando a cerca. Virei-me de um lado para o outro, umas cinquenta vezes. *Vem o sono!* Cansada de tentar fisgá-lo, levantei-me e fui até a sacada. De lá conseguia ver meu carro. Então meu lado sensível gritou: "Pobre Fred, deve estar sentindo frio"! Entrei e fechei a porta da sacada; apanhei um edredom no closet e desci as escadas, apressadamente. Devia ser

uma hora da madrugada. Dirigi-me ao carro. Abri a porta do veículo e vi que Fred nem havia se mexido. Joguei o edredom sobre ele, e, carinhosamente, acariciei seu rosto. Detive meus olhos na marca roxa. Droga! Não importava o que ele fazia. Sentia que meu sentimento por ele crescia ainda mais. É claro, a gente ainda ia discutir a relação várias vezes, mas no final das contas, a gente ia se entender. *A gente tinha de se entender.* Talvez a viagem para o Rio fosse positiva. Teríamos tempo para pensar e avaliar o que sentíamos, de verdade, um pelo outro. *Um tempo. Isso! Era normal os casais darem um tempo.*

Eu não tinha dúvidas de que ele era o homem da minha vida. Entretanto, desejava que ele mudasse seu jeito. Queria que amadurecesse e ponderasse as coisas. Bem, também não era perfeita. *É claro que não!* Mas, com tudo que havia me acontecido no ano passado, amadureci. Fred tinha, sim, inúmeros defeitos, mas devia ressaltar também as suas qualidades. Não podia ser injusta. Ele era um cara ciumento e possessivo, mas também, protetor, bom filho, honesto, e, não podia negar, que era carinhoso e amoroso. Decerto não amávamos as mesmas coisas. Mas, não existe unanimidade. Não é mesmo? As pessoas são diferentes e temos de aprender a conviver com as diferenças. Eu tinha consciência disso, pena que ele era tão duro. Lembrei-me de um trecho de *William Shakespeare*.

Aprendi que não importa o quanto, certas coisas sejam importantes para mim, tem gente que não dá a mínima e eu jamais conseguirei convencê-las.

— "c'est la vie" [14] – disse a mim mesma.

De volta ao meu quarto - ainda sem sono -, abri meus e-mails e vi uma mensagem de Melissa: — Mel! – disse baixinho e li...

Para: Jade de Melo

De: Melissa Albuquerque.

Assunto: Amiga me perdoa?

Jadinha me perdoa! Pisei na bola com você. Melhor dizendo, pisei na bola com todos. Sei que a gente ainda vai se encontrar e poderei explicar melhor. Quero me abrir com você e explicar meus motivos. Amiga, estou enfrentando alguns probleminhas aqui – "coisas que só posso contar pessoalmente"... A gente se fala depois. Você me perdoou, não é? Espero que sim. Ahh estou aqui em sua casa. Ainda tem mais essa! Minha "mãedrasta" praticamente me expulsou. O Du me deixou ficar aqui até as coisas se ajeitarem. Cê não se importa, não é? Estou em seu lindo quarto. Beijinhos, Mel.

— Ahh Mel! Sua maluca. Por isso me lembrei de você. Está com problemas. Puxa esse meu "radar". Isso às vezes me assusta – disse baixinho. E cliquei em responder:

De: Jade de Melo

Para: Melissa Albuquerque

Assunto: Amiga me perdoa?

Ahh Melissa, Melissinha! Como ficar com raiva de você? Não consigo. Sinto tanto a sua falta. Amiga estou feliz que você e Du estejam juntos... Não sei como seria esse "juntos", mas torço para que seja "juuuntos". Kkkkk.

Eu e Fred estamos, digamos, em discordância. Enfrentando pequenos contratempos. Aiiii amiga! Não é nada disso! Ele rompeu comigo. Isso é um baita problema! Ele é marrento, durão e me mata de raiva, mas estou na pior por causa dele. Puxa! Pode imaginar como me sinto, não é? Estou arrasada. Estou de malas prontas para o Rio. Logo, logo a gente se fala. Ok?

Uma centena de beijos cor-de—rosa.

♥...Jade...♥

Li os outros e-mails e os respondi. Deixei o lap. de lado, sobre a cama. E resolvi escrever:

Querido diário

18/03/2012

Devo me desculpar por não escrever com mais frequência. É que, minha vida anda tão tumultuada. Queria contar tudo o que tem me acontecido nos últimos dias, mas, quando tenho um tempo só para mim, começo a pensar nos problemas e perco a vontade. Lamentável.

Acabei de passar por uma situação constrangedora. Decidi ir até o cursinho para trancar a matrícula e me despedir de meus amigos. Fred insistiu em me acompanhar. Até aí tudo normal. Era o que ele sempre fazia. Fomos em meu carro. Ele prometeu me encontrar no fim da aula e o maluco não estava lá. Eu e DJ o encontramos num bar, meio "suspeito". Meio nada, completamente suspeito. O maluco ~~tava~~ estava "trincado". E o pior, perdeu seu cavalo numa aposta.

Trazê-lo para casa é que foi complicado, mas com alguma insistência, e com uma "ajudinha" de DJ consegui. Entretanto, ele ficou no carro. ~~Tá-lá-até-agora, detonado pelo socão que ganhou de DJ.~~

Não sei se choro ou se grito. Chorar é mais silencioso, não é?

De uns tempos para cá não tive um só dia de quietude. Odeio discutir, mas parece que isso passou a fazer parte de minha rotina. O que me remete, inevitavelmente, a quando cheguei à fazenda. Naqueles dias, brigava por qualquer motivo. Era insegura e tinha medo. Carregava comigo a dor de um coração despedaçado. A tristeza e eu andávamos lado a lado, na verdade, estivemos íntimas. Depois, tive uma trégua, e agora, aqui estou, me debulhando em lágrimas, por causa de um de meus amores. Na verdade, meu amor maior, ~~aquele que desejei que me consumisse e blá, blá, blá...~~ Chega dessa coisa de amor que consome! ~~Acho que quando fiz meu desejo nem sabia o que estava falando...~~ ~~Se levar ao pé da letra isso não é boa coisa. Descobri que isso é um saco.~~

Fiquei por algum tempo mordendo a tampa da caneta. Depois, melancólica, folheei meu diário. As páginas estavam quase se acabando. Tentaria comprar um parecido, pois ele me fazia me lembrar de minha mãe. Recordo-me até da loja na qual ela comprara, embora já tivesse se passado anos, mas era uma loja tradicional, e sabia que ainda existia. Ficava no *Barra Shopping*. Encontrei aquele cartãozinho e fixei meus olhos nele. Passei o dedo sobre a manchinha de sangue e me lembrei do acidente. Balancei a

cabeça tentando dissipar meus pensamentos. Li a mensagem rapidamente.

"Houve um tempo em que eu era um homem e ela, uma mulher, mas nosso amor cresceu até não existir mais nem ela nem eu. Lembrome apenas vagamente que antes éramos dois e que o amor, intrometendose, nos tornou um só. (Poema persa)"

— *Uau!* Isso é que é amor! Era assim que eu queria.

Fechei os olhos. Aquele poema mexia comigo intensamente. Todas as vezes que o lia, lembrava-me do momento em que o fiz, pela primeira vez. Foi naquela noite, após o casamento de Beto e Tainá quando fiz meu desejo. *Queria um amor que me consumisse.* - Oh meu Deus! Tenho de me esquecer disso – disse baixinho e acrescentei: - Descobri que não existe essa coisa de “amor que consome”. Não como pensei. Fred me consome, mas é de um jeito ruim, doentio.

Sim, agora podia entender a razão pela qual, não conseguia respirar. Todo aquele ciúme e a marcação. O fato de ele ser pegajoso, querer me vigiar. Mas, não era para ser assim! Não foi dessa forma que imaginei que seria. Em primeiro lugar, deve haver confiança. A impressão que eu tinha, era de que ele não confiava em mim. Fred se consumia, porque não percebia que o amor deve ser

dosado. Tem de haver equilíbrio. Romanticamente falando, queria um amor que fosse protetor, companheiro, amigo, que me fizesse “levitar”, “ver estrelas”, que me compreendesse me apoiasse. Enfim, queria “um amor maior que eu”. Suspirei e exclamei: - Será que existe isso? Uau! Eu sou mesmo uma romântica incorrigível! - lembrei-me da música do *Jota Quest* e decidi ouvi-la. Corri até meu som para selecionar a canção. *Amor Maior*. O trecho do qual mais gostava, era: ♪“Então seguirei meu coração até o fim”... ♪

— “E o sono hum”? – perguntei a mim mesma, enquanto me dirigia ao aparelho. Ouvir Jota Quest era *super!* Já me sentia melhor. Sentei-me novamente na cama. Entediadíssima. *Nossa caprichei no superlativo!* - Olhei novamente para meu lap. Passei a mão sobre ele e me lembrei, com carinho, de meu pai. O laptop fora um presente dele, assim como meu celular, que teria de trocar logo, porque não estava bom. Infelizmente, dei mancada e o deixei cair no vaso sanitário. Depois desse dia ficou falhando. É claro, não contei a ninguém, pois fiquei envergonhada. Eles perguntariam: “*O que você estava fazendo com o celular no banheiro*”? E eu ficaria sem graça de falar que estava falando com DJ. Fred surtaria.

Usava o laptop pouco. Ultimamente, apenas para responder aos e-mails que recebia dos amigos e amigas do cursinho. Podia contá-los nos dedos. Eram apenas uns *gatos pingados* e a maioria eram de DJ - *que Fred jamais soubesse*. Não dei meu endereço de e-mail para ele, tampouco o meu número de celular. Mas, Ana Julia, sim. Ela torcia por DJ. E ele era incansável. Seus e-mails eram românticos e muito melosos. Para falar a verdade não me importava. Adorava

DJ, de coração – como amigo. Além do mais, que garota não gosta de receber elogios?

Abri o lap. A ideia era navegar na internet até o sono chegar. Esperei as funções carregarem e me detive numa pasta, onde anotara as datas de aniversários. O próximo era o de Isolda, 30 de maio. O de Fred era em novembro e o de Duke em dezembro. No ano passado, essas datas “passaram batidas”, por causa da morte de Bernardo. Por isso, não comemoramos. Mas este ano, faria uma surpresa enorme para os dois.

Fred pediu-me para esperar pelo aniversário de sua mãe e, por coincidência, o de meu pai era um dia depois. Levantei a cabeça e pensei mordendo o interior da bochecha. *E essa agora? Caraca! Não estaria presente no niver de Isolda. A não ser que Du e eu viéssemos...*

— Rá, rá, rá, “niver”. Coisas de Mel - sorri com vontade, esquecendo-me por um momento dos problemas. Mel e eu éramos tão bobas. Em alguns momentos parecíamos tão infantis! Mas, era muito divertido! Ainda parecíamos duas garotas de ensino fundamental. Tudo era motivo para piadinha. Até criamos nosso próprio vocabulário. Expressões em inglês e neologismos que não tinham nada a ver. Por exemplo, quando amávamos muito uma coisa, dizíamos “amadorei” – na verdade, essa ouvi alguém falando um dia e... “amadorei”. Também ouvi alguém dizer “bótimo” - mistura de bom com ótimo e aderimos.

— Tá – fechei o *lap*. entusiasmada. - Eu posso vir para a fazenda no dia 30 de maio – nem quis mais navegar na internet. Comecei a

pensar: - Uma festa bacana! *Yes!* Com músicas das quais ela gosta, churrasco – que sei que ela ama, e, talvez, alguns de seus amigos e amigas.

Isolda não tinha muitos amigos. Apenas alguns que sempre viajavam para Holambra com ela, e, algumas esposas de fazendeiros da região. Sabia que tinha amizade com a mãe e o pai de DJ. Fiquei sabendo disso, há bem pouco tempo, quando narrei a vergonha que Fred me fizera passar na porta do cursinho, no dia em que os dois chegaram às vias de fato. Ela dissera que não o conhecia pelo apelido, e, sim pelo seu nome: João Dória. Isolda lamentou o acontecido e ficou envergonhada. Depois, deu uma bronca em Fred.

Já me sentia sonolenta. Deixei o laptop sobre a mesinha de cabeceira e me enfiei sob o edredom. Apaguei a luz do abajur e alguns minutos depois, adormeci.

Acordei bem cedo disposta a pegar a estrada. Nada mais me seguraria. A noite anterior fora “a gota d’água”. Mas, Isolda, super-convicente, pediu-me para partir depois do almoço. Ela queria me dar algumas dicas e falar sobre a viagem, que seria a minha primeira - dirigindo. Adorei a ideia, na verdade estava mesmo insegura.

Durante o almoço ela perguntou várias vezes por Fred. Estelinha dizia que não sabia dele. Mas, eu sabia que ele estava “fugindo” por três motivos: não queria me encarar e não queria que a mãe visse a “maquiagem” que DJ fizera em seu olho, também, porque seria difícil ter de explicar para ela, que ele perdera o cavalo numa aposta.

Estelinha fez feijoada. Caraca! Não foi legal. Abusei. Era um de meus pratos favoritos. Resultado: dor de barriga e enjojo. Fiquei dois dias como uma rainha: do "trono" para a cama e vice-versa. *E lá estava eu adiando mais uma vez minha viagem.* Fred não apareceu. Estranhei seu comportamento. Mas concluí que estava envergonhado.

Vinte e um

Duke

PASSEI MOMENTOS AGRADÁVEIS. HAVIA ME ESQUECIDO DE COMO era bom bater papo. Estranhamente me sentia mais animado. Até senti vontade de voltar, com garra, para o cursinho. Sentia-me cheio de energia. Como um acontecimento poderia mudar a gente assim? Apenas um simples fato aconteceu: Melissa reapareceu. Concluí que ela ainda segurava meu coração. E eu, a mantinha cativa dentro dele. E mesmo tentando arrancá-la, naquela ocasião, ela ainda permanecia lá.

Entretanto, não poderia criar expectativas, não ainda! Tinha receio de sofrer novamente. Tinha de ver “qual era” a de Mel e se, ela reaparecera apenas por interesse, afinal, estava sem um lugar para ficar. Ainda assim, estava muito animado. Sob a ducha deixei meus pensamentos me bombardearem, “e se”, “e quando”, “e agora”? *Estaria disposto a tentar? Valeria a pena?* A verdade era que me sentia bem e queria tentar. Mas, e ela? Será que também queria? Somente o tempo poderia me dizer.

Quando cheguei em casa, naquela tarde me peguei pensando em Mel. Dona Branca - que trabalhou naquele dia, apareceu à minha frente com um sutiã na mão e disse com seu bom humor de sempre: — Ou, virou *gay*, ou tem uma garota no quarto de Jade.

— Rá, rá, rá, olha a liberdade! – brinquei com ela. Depois contei sobre Mel. Ela adorou.

— Vai ser ótimo pra você garoto – ela disse. – Precisa de companhia. Ahh – ela se virou e fez uma observação: -, diga à garota que seja mais organizada. Tem roupa dela até debaixo da cama.

— Eu digo a ela. Pode deixar!

Deitei-me no sofá. O mais estranho é que pensava menos em Jade. Eu sabia que havia “amores complicados”, mas meu caso era estranho. Quando estava sozinho, pensava muito em “uma”, e, quando a outra estava comigo, praticamente me esquecia da primeira. Puxa quase uma “equação”, que bagunça! Mas, estava feliz.

Mel saía algumas vezes para procurar emprego. Caramba! Isso era uma mudança e tanto vinda dela. Tive pena quando me contou sobre sua mãe. Seu desânimo era visível, mas a gente começou a conversar e ela se animou. Notei que estava abatida e se podia perceber que se esforçava para ser educada e amável. Melissa conseguiu minha atenção de volta. Eu poderia pedir a ela para não sair em busca de emprego, pois sabia de sua dificuldade em consegui-lo. Poderia comprar o que ela quisesse e mantê-la. Mas, isso, não seria correto. Mel parecia estar em plena transformação. Eu conseguia vê-la com outros olhos e ainda a queria. Queria muito. Acho que nunca deixei de querê-la... *Qual é! A gente não arranca um amor, assim, do peito, tão rápido.* Torcia para que ela se transformasse numa garota diferente.

Levantei-me abruptamente, depois de ficar "matutando" - como diria o bom e velho Bernardo -, e fui para a academia. Queria gastar energia. Estava cheio dela... e fissurado demais. Fazer musculação ajudava.

Malhei para valer. Cheguei algum tempo depois e a vi no sofá, esparramada. Dormia profundamente. Boris, deitado no tapete, parecia ter se acostumado com ela. Ele só lançou-me um olhar e voltou a dormir. Aproximei-me e arrastei a poltrona, vagarosamente para ficar de frente para ela. Fiquei observando seus traços delicados, de perto. O pescoço descansava de lado e se podia ver sua tatuagem. Por mais que tentasse, não conseguia pensar em Mel, apenas como uma amiga que dividia a casa comigo. Pensava nela de todas as formas, menos como amiga. Inclinei-me vagarosamente. Aproximei meu rosto do dela, a ponto de sentir o calor de sua respiração. Ela passou a língua pelos lábios ressequidos. Vi a ponta daquela língua gostosa e tive de me segurar. Encarei seu rosto e admirei o desenho de sua boca. Era perfeito. Ajoelhei-me ao seu lado, para não despencar sobre ela, e, retirei a mecha de cabelos que lhe caía sobre os olhos. Ela dormia tão profundamente, que se jogassem uma bomba na sala, ela não acordaria. Passei o dedo levemente na tatuagem. Eu amava aquela "tatoo". Uma linda borboleta. Sua respiração estava calma - a minha entrecortada. Levei a mão aos cabelos e fechei os olhos. Eu desejava beijá-la, mas não! Não poderia avançar o sinal. Respirei fundo, tentando refrear-me.

Sentei-me novamente. De olhos fechados conseguia me lembrar de todos os nossos momentos. Foram tão lindos, que desejei do fundo do coração, tê-los de volta. Era como se saísse de mim e visse

nós dois em várias situações. Então, a saudade vinha com força total. Uma vontade inquietante de tomá-la em meus braços e amá-la incessantemente. Entretanto, Melissa não desejava a mesma coisa. Tinha certeza de que assim que conseguisse um emprego, daria o fora e me deixaria novamente. Era a cara dela, fazer isso.

— Mel! – chamei ao me levantar. Estava preocupado com ela. - Tá tudo bem? – não respondeu. Parecia mesmo esgotada.

— Ei, acorda! Se continuar dormindo aqui vai amanhecer toda dolorida – passei o dorso do dedo em sua face. Que tentação! Ela parecia desmaiada. Resolvi então levá-la. Coloquei meu braço sob seu pescoço e o outro sob suas pernas e a ergui. Olhei para seu rosto enquanto seguia para o quarto. Parecia um sonho.

— Eiiii – ela abriu os olhos. – Tá me sequestrando na calada da noite?

— Hum rum – sorri para ela. – Vou levá-la para a torre mais alta do “castelo de Jade”.

— E me deixaria lá sozinha, cavalheiro? – ela perguntou com a vozinha preguiçosa.

— Tem medo de ficar sozinha minha dama?

— Não mesmo! Pode me colocar no chão! Obrigada por querer me deixar mais confortável.

— Agora está perto. Deixe-me chegar ao quarto... só mais... – abri a porta –, um pouco. Pronto! Agora vou colocar você na caminha.

— Sei – ela riu. - Ah Du, você não existe, sabia? – coloquei Melissa na cama.

— E quem é este aqui? Um holograma?

— Fala sério! – ela deu uma pausa e emendou: - Caraca estou tão acabada. Preciso urgente de banho e comida – ela olhou para mim.

— Não está se alimentando direito? – perguntei sentando-me à beira da cama.

— É que estou sem grana. Levei uma maçã, mas, depois não comi mais nada e, à tarde comecei a sentir uma coisa estranha no estômago.

— Puxa Mel, por que não me disse? Eu daria o dinheiro a você – levantei, caminhei para a porta e disse ao girar a maçaneta: - Vou agora mesmo esquentar algo. Deseja alguma coisa em especial?

— Hummm comeria qualquer coisa. Ah! Vi que Dona Branca deixou uma travessa de Canelone preparada aí, na quarta-feira.

— E por que não disse? Teríamos comido tudo na quinta.

— É porque disse que estava louco para comer pizza de Palmito à Bolonhesa. Então não falei nada.

— Sua boba. Eu como qualquer coisa. E adoro Canelone. Sou louco por qualquer massa. Dona Branca tenta me agradar. Ela faz essas coisas gostosas e as deixa congeladas – dei uma pausa quando vi que Mel estava de olhos fechados. Pobrezinha, estava mesmo esgotada. Disse então: - Tudo bem. Tome seu banho, enquanto esquento o Canelone!

— Certo “Monsieur”[\[15\]](#) – ela disse ao abrir os olhos. Depois se levantou preguiçosamente, bocejando. Eu ri do modo como falou a palavra em francês.

— Adorei o biquinho – eu disse

— Ah se não estivesse tão cansada, falaria mais um monte de palavras em francês. Adoro o biquinho também – ela deu as costas e se dirigiu ao armário para apanhar toalha e roupas limpas.

— Até mais!

Saí do quarto sorrindo. Esse era meu novo humor. Mel mudou minha rotina de um dia para o outro. E eu gostei. Por isso, cogitei a possibilidade de ficar.

Comemos o canelone rapidamente. Quero dizer, eu comi. Melissa ainda reclamava do estômago. Naquela noite, realmente senti vontade de ficar com Mel. Dormir agarradinho a ela e acariciá-la, até ver seus olhos se fechando vagarosamente e beijá-los.

.

Vinte e dois

Jade

JÁ ESTAVA COM TUDO PREPARADO, MAS QUANDO NÃO É PRA SER...

Estelinha bateu à porta de meu quarto. Estava terminando de passar um batom nos lábios.

— Jade! Jade! Abra a porta! Pelo amor de Deus!

— O que foi Estelinha? Qual o “BO”.

— Dona Isolda caiu da escada.

— O... o quê?! – bati a porta e empurrei Estelinha pelo corredor.

— Calma né? Senão daqui a pouco eu despenco da escada também – ela disse olhando para trás.

— Onde está o Fred? Têm uns três dias que não o vejo.

— Está no pasto. Já tentei falar com ele, mas não atendeu ao celular. Acho que terá de levá-la em seu carro. Ela está chorando de dor, pobrezinha. Ai que aflição Jade!

— Se acalma mulher! Claro, se Fred não aparecer eu levo. Vamos! Como aconteceu? Ela rolou?

— Não florzinha, ela caiu da escada de cinco degraus. Lá na estufa. Estava apanhando algo no alto.

— Oh Deus! Acha que é sério?

— Acho que deve ter quebrado o pé ou o tornozelo. Ela não sabe explicar. Está reclamando de dores horríveis.

— Não! – chegamos à estufa e quase tive uma *Síncope*[\[16\]](#) ao ver Isolda caída e chorando. Gritando, na verdade. Certamente era sério. Isolda era uma mulher forte. Nunca a havia visto desesperada daquele jeito.

Bem, é compreensível, qualquer fratura deve doer pra caramba.

— Isolda! – chamei ao me aproximar.

— Aaaaa filha – ela respondeu com a voz rouca de tanto chorar.

— Vou te levar. Se acalma!

— A sua viagem Jade. Não se prenda por minha causa. Fred me leva.

— Presta atenção Dona Isolda! É claro que não vou viajar. Não deixo você assim de jeito nenhum. Só viajo quando estiver boa.

— Obrigada minha linda, você é um amor.

— Estelinha vou aproximar o carro o máximo que eu puder. A gente vai ter de dar conta de levantá-la. Se não conseguirmos a gente “berra” o Pedro.

— Tudo bem – corri como louca até meu quarto e apanhei as chaves do meu Crossfox. Voltei ainda mais rápido. Liguei o carro e saí. Fiz como planejava. Aproximei o veículo máximo que pude da estufa e buzinei. Desci, apressadamente. Só de imaginar a dor que Isolda sentia, me emocionei.

— Vem Isolda! – É claro. Estela e eu não obtivemos sucesso. Ela gritava de dor. Carregar uma pessoa não era fácil. Resultado: Estelinha e eu choramos como duas crianças, só de ouvirmos Isolda gritar. Não tinha jeito, era trabalho para um homem forte. Levantei-me rapidamente e olhei para porta. Nada de Fred. É claro ele nem sabia.

— Oh meu Deus!

— Jade, vamos tentar!

— Mas como Estelinha? Se a segurarmos pelas mãos, não dá para segurarmos os pés. A perna deve estar quebrada. Tem de carregá-la no colo. A gente não aguenta. É Fred ou Pedro ou uma ambulância - que provavelmente demoraria a chegar aqui. Na verdade nem sei o que seria adequado.

— O celular! – lembrei-me. – Vou tentar de novo - apanhei o aparelho - que ficava sempre no bolso da minha calça e liguei para Fred. Por sorte ele atendeu...

— Jade? Eu...

— Fred onde você está?

— No pasto. Aconteceu alguma coisa? Tá tudo bem com você? Sua voz...

— Sua mãe caiu da escada e...

— Estou a caminho - desligou imediatamente e alguns minutos depois, ouvi os trotes de um cavalo.

— Fred, que bom que não demorou.

— Malhado quase criou asas – ele riu, sem graça.

— Ué, Malhado? Os caras não vieram apanhá-lo ainda não?

— Hã? Que caras?

— Tá de brincadeira? Não se lembra?

— Shhhh – ele olhou para mim e pediu para que não falasse mais. E sinalizou com a cabeça também.

— Mãe!

— Oi filho! Veja o que aconteceu com sua velha mãe! Vou te dar trabalho. Desculpe-me! Aaaaaaiii.

— Mamãe! Fica quietinha, vamos cuidar disso logo. Você nunca me dá trabalho. Vem comigo mocinha! - ele passou o braço da mãe atrás de seu pescoço e a ergueu facilmente. Ela gritava, o que me fazia sofrer também.

No hospital, após várias radiografias, imobilizaram o pé de Isolda até o joelho, com uma bota imobilizadora. Ela havia fraturado o tornozelo. Fred e eu nos entreolhamos, um tanto aliviados, quando soubemos que não era tão grave. O médico explicou-nos que as fraturas que envolviam o tornozelo eram muito frequentes. Acidentes de trânsito, quedas de altura e lesões esportivas, eram algumas das causas desse tipo de fratura. Salientou também, que o mecanismo era muito similar ao do entorse - porém, com maior impacto, força e velocidade torcional. A fratura de Isolda foi considerada pequena e não atingiu a articulação. É claro, a linguagem técnica dele nos confundiu, um pouco, mas deu para entender algumas coisas. Ele foi super e nos tranquilizou.

Ficamos algumas horas no hospital. Resultado: Isolda teria de ficar de molho, por pelo menos um mês. E, talvez, não fosse preciso,

submeter-se à fisioterapia. E, teria de usar muletas e/ou cadeira de rodas.

Vinte e três

Fred

ACHO QUE PODIA DIZER QUE ESTAVA FELIZ. NÃO ME INTERPRETEM MAL! No hospital ouvi Jade conversar com mamãe, e a ouvi dizer que a viagem estava cancelada, até segunda ordem. Ela disse que, provavelmente, só viajaria quando mamãe estivesse andando normalmente, sem ajuda de muletas ou cadeiras. O que me daria algum tempo. Era uma oportunidade única.

Decidi consertar as coisas. Se, Jade queria um cara diferente, por não conseguir imaginar minha vida sem ela, tentaria. Essa coisa da viagem ainda não entrava em minha cabeça, mas pensei com meus botões: *Se demonstrasse meus sentimentos, se ela se sentisse desejada, e, visse que era capaz de tudo por ela, acho que poderia desistir de seus planos. Na verdade não seria sacrifício nenhum. Eu a amava mais do que a mim mesmo.*

Estava disposto a mudar. Já estava tentando. Mas, isso, explico depois...

Prometi para mim mesmo que a partir daquele dia, arranjaria tempo para ela e para as outras pessoas importantes em minha vida. Começaria por Du. Estava em meu quarto - depois que

voltamos do hospital, e decidi ligar para ele, para avisá-lo sobre o incidente com mamãe.

— *Alô! – ele atendeu.*

— Du, como vai?

— *Fred, que surpresa, você quase nunca liga.*

— Liguei para saber sobre você e para avisar que... NÃO SE ASSUSTE! – disse um pouco mais alto.

— *Agora fiquei preocupado, diz logo!*

— É que... mamãe caiu da escada e quebrou a perna.

— *Hã? E é grave? Como não me assustar, cara!*

— Não se preocupe! Ela já está em casa, bem, mas de molho, por alguns dias.

— *O que houve? – Du perguntou.*

— Ela subiu na escada, lá na estufa, para apanhar uma caixa de adubos e despencou.

— *Humm pobre mamãe! – ele exclamou. – Vou arrumar as malas e vou para fazenda.*

— Isso seria muito bom. Ela vai adorar saber disso. Mas, me diga! E você como está?

— *Estou levando, agora estou acompanhado.*

— É? Já não era sem tempo. Arranjou uma gata carioca por aí?

— *É mais ou menos isso. Melissa está aqui comigo – ele declarou.*

— Quê? Uai, voltaram?

— *Não. Não ainda. E nem sei se vai rolar.*

— E como foi isso? – perguntei me sentando na cama.

— *Ela me procurou. Estava em apuros, sem lugar para ficar, então pediu se poderia ficar aqui comigo.*

— Ah bro, ela te procurou porque está em apuros? Isso não é legal – declarei.

— *Mas, está diferente Fred, ela está arrependida e pediu perdão – Du, que se mostrou, ainda apaixonado, explicou.*

— Ainda gosta dela, não é?

— *Eu gosto. Mas, não sei como vai ser. Porque tenho uma pequena confusão aqui em minha cabeça - ele declarou.*

— Confusão? – perguntei curioso.

— *É, mas, nada que não se resolva. Não esquenta!*

— E aí? Antes dela aparecer, pegou muitas gatinhas?

— *Que nada! Acredita se te disser que quase nem saio de casa?*

— Não acredito. Mas por quê?

— *Estava depressivo bro. Mel detonou com minha autoestima. Bem, outras coisas também colaboraram. Mas, me sinto melhor agora.*

— Garotas cara. Garotas lindas, aproveita!

— *Fred eu não sou assim. Quando estou de baixo astral, não rola.*

— Compreendo. Ok espero que vocês se acertem. Até...

— *Espera! E... como vai a Jade?*

— Ah fiz uma burrada, mas acho que vou consertar... Na verdade, a gente não tá legal, porém... tive uma ideia. Acho que vai ficar tudo bem.

— *Certo. Abraço bro.*

— Outro abraço.

Desliguei o telefone e fui tomar uma ducha. Milhares de pensamentos invadiam minha mente. Tinha planos. Conversaria com Pedro, e, se fosse preciso, contrataria outro ajudante. Agora, viveria minha paixão como se devia. Não deixaria que minha namorada pensasse que não a amava.

Jade é uma flor. É romântica e delicada. Ela gosta de brincar, de passear e não gosta de ser vigiada. Onde estava com a cabeça, que não percebi isso? Eu sou mesmo um grosso! Ela é como qualquer garota. Gosta de ser cortejada, dia-após-dia. Lembrei-me de dissera, no dia de nossa discussão, que gostava de conversar, expor suas ideias, dar opiniões. Amizade.

Apanhei o shampoo e espremi o tubo. Uma quantidade generosa caiu em minha mão. Massageei meus cabelos, sentindo o quanto estavam crescidos. Os pensamentos iam e vinham.

É isso! Agora posso compreender. Em Du, ela via um amigo, e eu, não tinha tempo nem para ouvi-la, além de viver adiando nossos passeios, que aconteceram apenas duas vezes. Havia tempos que não lhe dava flores. Eu nunca lhe mostrei meus lugares prediletos. Na verdade, ela não sabia nada sobre mim. Nunca lhe contara. Acho que ela nem sabia que eu gostava de pescar à noite.

Caramba! Tinha a garota mais linda do mundo aos meus pés e estava dando mole. Jade me amava. Era fiel e carinhosa. Se agisse da mesma forma com ela, a teria sempre perto de mim. Ela não sentiria vontade de fazer mais nada. E talvez desistisse de voltar para o Rio.

Oh Deus a quero tanto!



Enrolei uma toalha ao redor de minha cintura e fiquei de frente para o espelho. Cobri meu rosto com uma espuma de barbear, *Malbec, do Boticário* - que fora presente dela -, e me barbeei. Alguns minutos depois, me vestia, atordoado por tantas ideias...

Primeiro passo: não a pressionarei – pensava enquanto calçava um tênis.

Não tocarei mais no assunto "Rio de Janeiro" e não a desapontarei com minhas opiniões egoístas. Bem, eu tentarei. Ela reclamou que a vigio. Não farei mais isso. Deus! Puxa, isso vai ser complicado. Por que não percebi isso antes? – redargui em pensamento. - Quero vê-la sorrindo e não chorando. Embora, tivesse medo de que algum mal lhe acontecesse. Depois daquele assalto no

shopping, fiquei meio neurótico. Nunca mais quero ver medo naqueles olhos lindos.

— “A partir de hoje, vou ser diferente” – disse a mim mesmo. Algumas “lâmpadas” se acendiam em minha cabeça.

Vinte e quatro

Mel

EU COLOQUEI EM MINHA CABEÇA QUE MAU MAU TENTARIA ME ENCONTRAR, por isso, surtei e comecei a desconfiar que estavam me seguindo. Uma paranoica.

No final da manhã, sentados à mesa para o café, Du contou-me que precisava ir até a fazenda, pois sua mãe sofrera um acidente. Disse-me que estava tudo sob controle, e também que, não havia perigo, mas, que ainda assim, desejava vê-la.

— Gostaria de me acompanhar? - ele perguntou-me com esperança.

— Ahh não sei. E, se me chamarem para o emprego? – perguntei com uma ruga entre as sobrancelhas. Boris cheirava meus pés.

— Du olha o cachorro! – disse me encolhendo.

— Mas qual o seu problema? O Boris é um filhote, ele não morde nem o osso direito.

— Eu tenho medo tá legal! Além do mais, ele desfiou minha meia, ontem.

— Hum, tá certo. Vaza Boris! – ele saiu de fininho com o rabinho entre as pernas.

— Ok, vou sair. Preciso comprar uma jaqueta de couro para Fred e algumas coisas para mamãe. Quero lhe dar um celular novo e vou ver o que comprar para Estelinha e Jade.

— Pra Jade é? – perguntei enciumada, mas ele nem se tocou.

— É, quero levar um presente para ela. Quer vir comigo?

— E se... – comecei, mas ele interrompeu-me.

— Não deu o seu celular para eles? – sem graça respondi que estava sem o chip.

— Mas, por quê? – ele me perguntou enquanto ele passava geleia na torrada.

— Porque... – engoli em seco. – Eu o perdi – respondi. Não me ocorreu mais nada.

— Como perdeu seu chip? É uma coisa difícil. Ou se perde o celular inteiro ou...

— Eu o retirei e o joguei fora. Pretendia comprar outro logo, mas... – eu sempre travava.

— Mas... – ele ia dizer algo, mas o interrompi.

— Estou sem grana, fundo do poço, rua da amargura, na ruína... pronto, satisfeito? – me levantei e fui até a geladeira apanhar água. Sentia a boca seca. E fiquei irritada com a arguição.

— Ei pode parar! O que deu em você? Qual a dificuldade em responder uma simples pergunta?

— Desculpa vai! É que... tô nervosa com minha situação. Nunca fiquei assim... sem... dinheiro – baixei a cabeça. Coloquei a jarra de

volta no refrigerador e me sentei. – É que... cara, como é difícil! – Du me encarava.

— Por que jogou o chip fora?

— Porque meu ex-namorado tá me pressionando – Du se levantou e jogou o guardanapo sobre a mesa.

— MAS QUE DROGA! - ele bradou. Seu rosto ficou vermelho de repente - Então é por isso que está aqui? – Du se aproximou de mim e me segurou pelos ombros. Encarou-me com aqueles olhos desconcertantes. Virei o rosto sem coragem de encará-lo.

— Mentiu para mim? Está fugindo do cara não é Melissa? O que foi? Fez com ele o mesmo que fez comigo? Você continua magoando as pessoas, não é? – apertei os olhos. Em minha cabeça o eco imaginário e cruel de suas palavras. Ele apertou ainda mais meus ombros. Eu sentia minha carne arder. Murmurei tentando encará-lo: — Não menti Du, eu juro! Minha mãe me queria pelas costas. Não tinha para onde ir e fiquei sem dinheiro. Por favor, acredita em mim! – pedi chorando alto. Du suavizou o olhar quando me viu desesperada e me abraçou.

— Ei, tudo bem! Perdão – ele segurou meu rosto entre as mãos e continuou: - É que fiquei com medo de me decepcionar com você de novo. Prometa pra mim que nunca mais vai mentir! – apertou-me em seu peito. Senti seu coração bater descompassado. Ele ainda disse: – Não sabe o que passei por sua causa. Me senti morto, depois que me deixou... Meu coração não aguentaria outra decepção. Não tem ideia da bagunça que está minha cabeça.

— Eu prometo Du! – disse aspirando as lágrimas. Não minto. - fiz uma promessa a mim mesma. Não serei mais aquela garota vazia a fútil... Aprendi algumas lições, espero que possa ganhar sua confiança novamente.

— Ah Mel! – ficamos assim, apenas abraçados por alguns minutos. Depois ele levantou meu queixo com o dedo e disse: - Tá legal! Vamos ao shopping. Compro um chip novo para você.

— Tudo bem. Obrigada! – aspirei as lágrimas.

Entreí em seu carro novo. Era um luxo. Banco de couro, dezenas de botões e luzes. uau! Parecia uma “máquina do tempo”, como aquelas dos filmes. Ajustei o cinto de segurança e estiquei a perna. Meus pés sobre o painel. Abri uma caixinha de Chicletes e ofereci ao Du.

— Quer? – ele olhou para mim e arregalou os olhos.

— Que tirar os pés daí!

— Caraca que susto! Ei, tudo bem! Sem estresse! – retirei meus pés. Olhei para o lado e pelo espelho vi a moto de Thomas, confesso arrepiei.

— A moto de Thomas, puxa! - exclamei -, sinto saudades dele.

— É? – Du perguntou enquanto apertava o acelerador. – Esta moto vai ficar aí para a ferrugem comer. Não sei por que Jade não a vende.

— Depois diz isso a ela ué! Deve valer uma grana. Hum rum – limpei a garganta. – Me lembro de como Thomas amava essa moto. Eu não saía daqui e sempre o via encerrando-a – declarei. - Na verdade, esta era minha segunda casa. A família de Jade era minha

de coração. Ficava aqui quase todos os dias. Presenciei muitas coisas.

— Sinto muito por tudo!

Já estávamos quase no shopping, quando, novamente, coloquei os pés no painel - sem sentir. *Uma folgada! Parecia uma garota de 13 anos.*

— Mel olha os pés.

— Desculpaaaa – levantei as mãos -, tá legal, me esqueci!

— Cuidado com essa goma de marcar! Não deixa grudar isso no banco! – eu ri. Ele era fissurado pelo carro.

Passar no shopping era uma das coisas, das quais mais gostava de fazer. Lembrava-me de Jade e Laura. A gente se divertia tanto! Tomávamos sorvetes e nos lambuzávamos. Parávamos nas lojas e experimentávamos roupas, acessórios e maquiagens. Caminhávamos por aqueles corredores com sorrisos largos e olhos felizes. Elas eram minha alegria. Estávamos sempre juntas. Lembrava-me de todos os nossos momentos. Até hoje carregava, com carinho, minhas fotografias. Tinha dentro de uma de minhas malas dois retratos com fotos lindas. Uma dessas fotos, Jade também possuía. Era uma belíssima imagem e muito significativa para mim. Laura, Jade e eu deitadas, enfileiradas na cama - todas de pijamas. Foi tirada em uma das muitas festas que Jade fazia. Éramos amigas e cúmplices. *Dá para imaginar? Foi um dos melhores momentos de toda a minha vida.*



Andávamos lado a lado. Sentia-me bem e feliz como há muito tempo não sentia. Aí pude perceber a diferença de quando estava com Mau Mau. A alegria era externa. *Que confuso!* Sim, eu sorria e me divertia apenas por fora. Quando estava no silêncio de meu quarto eu pensava em Du. E no fundo, era com ele que desejava estar.

— Veja Du! – mostrei a ele uma loja de roupas de lã. – acho que ali encontraremos o que deseja.

— Adequado para Estrela do Campo, não é?

— Com certeza. Amo gorros! Mas, pra falar a verdade, só usei quando fui para o exterior e para sua cidade. Venha! Vamos olhar. Eu quero! Por favor! – eu pedia puxando sua mão. Du sorria de minha alegria e espontaneidade.

— Eiiii calma! – ele pedia acompanhando-me. Entramos na loja, e é claro, fiquei deslumbrada com a quantidade de modelos e cores.

— Acha que Jade vai gostar desses? – ele mostrou alguns. Eu comecei a desconfiar... Comecei não! Eu concluí que Duke gostava de Jade. Depois do lance do quarto e agora... Senti um pouco de ciúmes. Respondi: – Se, eu gostar, ela também gosta, porque temos os mesmos gostos para praticamente tudo. Ela vai amar esses - peguei uns cinco gorros.

— Tudo isso? – ele admirou e exclamou: - Garotas!

— Du, não se esqueça de que nós mulheres somos aficionadas por acessórios, bolsas, cintos e maquiagens. - Du comprou todos os que eu havia separado.

— Ok. Agora me ajude a escolher cachecóis e blusas.

— Falou com a pessoa certa.

Ele sorriu e mostrou os lindos dentes. Notei que a vendedora se engraçou para ele. Senti uma coisa estranha; uma sensação de... A palavra não me vinha à cabeça. Um aperto no peito, a garganta se estreitou. Caraca estava me corroendo de "ciúmes". Nunca, em toda a minha vida, sentira ciúmes de um cara. E, na fazenda não havia ninguém que me ameaçasse. *Pelo menos não que eu tivesse percebido.*

— Hum... Du, vamos para outra loja?

— Mas por quê? Tem coisas lindas aqui – olhei para a vendedora e esta percebeu que estava com ciúmes. Também, Du era um cara lindo! Sua pele estava ligeiramente bronzeada, diferentemente de quando estava na fazenda. O rosto - quadrado, era másculo e a barba sempre raspada. Os olhos de um azul profundo, vivo. Era alto. Certamente 1,90 cm. Suas sobrancelhas eram quase retas. E o sorriso... Não havia definição. Lindo era pouco.

— É que não gostei desses modelos.

— Tudo bem, então, vamos à outra loja – ele disse.

Antes, porém, passamos em frente a uma loja de celulares.

— O chip – ele me lembrou.

— Ah é! – entramos. Du aproveitou e comprou 2 *iPhones* de última geração, um para a mãe e outro para Jade. Senti aquela coisa de novo. O tal ciúme. Ele era tão atencioso com ela! - *Droga! Mas não tinha cabimento sentir ciúmes! Eu nem "estava" mais com o cara. E Jade - minha irmãzinha era louca pelo outro irmão. Bobagem!*

Meus olhos, aleatoriamente, passearam pelo local. Então, pensei ter visto alguém que conhecia muito bem. Entretanto, não fazia ideia se ele tinha me visto. Fiquei insegura. Du colocou o chip em meu *Samsung Galaxy* e sorriu levemente ao entregar-me.

— Ok moça, não pode ter um celular sem chip.

— Obrigada – olhei para ele e senti coisas mexendo em meu estômago.

A apaixonada da Jade, dizia que quando a gente sentia isso, eram “borboletas” imaginárias. Um sinal claro de paixão. Ela dizia também, que o corpo ficava descoordenado e a gente era capaz de senti-lo flutuar. Quando ela descreveu isso, eu ri. Agora eu também sentia. Senti algo parecido na fazenda e tive medo. Entendia que não estava normal. Fugi. Mas, dessa vez, não fugiria. O meu medo, naquela ocasião, era de me apaixonar e ficar como minha mãe. Porém, ela ficou assim, porque meu pai a traía. Não significava que todos os homens fariam a mesma coisa. *Não é?*

Estava feito louca imaginando que Du e eu iríamos “ficar”. Mas, ele não demonstrara que queria tentar de novo.

Desça desse arco-iris Melissa! – minha mente censurava-me.

Compramos tudo o que Du queria. Depois, ele me convidou para um sorvete. Estávamos sentados, conversando sobre a fazenda, as diferenças entre uma cidade pequena e uma cidade grande, as pessoas, os comportamentos... Então eu vi que o segurança de Mau Mau me observava. Gelei. Meu coração esmurrou meu peito. Senti espasmos, como ondas - uma após a outra. A garganta se estreitou, as pernas tremeram e a tontura foi inevitável. Infelizmente,

aconteceu o que eu temia. Vomitei. – *Ai que vergonha!* – exclamei em pensamento.

— Mel? O... o que... – ele deu a volta e me amparou. Todos ao redor ficaram observando. A sensação que eu tive era de que não havia chão e eu despencava para um abismo sem fim.

— O que você tem? O que tá sentindo? – ele levantava minha cabeça. Olhei de relance para o lugar onde vira o cara, mas ele não estava mais lá. – *Deus será que ele estava me vigiando?*

— Acho que vou morrer! – disse olhando para o teto.

— Hã? Mel? Por favor, fala comigo! Estava tão bem até um minuto atrás!

Eu não conseguia responder nada. Du olhou para os lados e pediu: — Por favor, alguém chame o médico do shopping!

— NÃO! – eu disse alto, completamente envergonhada. – Por favor! Estou melhorando, foi... foi só uma vertigem – minha voz saiu estrangulada.

— Tem certeza? – ele me abraçou. Então, deitei em seu ombro, fechei os olhos e tentei me esquecer de que havia pessoas ao meu redor, e que eu tinha vomitado. Nossa, que vergonha!

— Tudo bem – ele acariciava meu rosto. Ficamos assim por alguns minutos até que eu disse: — Podemos ir embora? – estou tão envergonhada! Nesse momento chorava como criança.

— Shhhhhh, claro minha... Mel – Du colocou a mão em minha cintura, apanhou as sacolas e saímos em direção ao estacionamento.

— O que foi aquilo?

— Eu, eu sinto muito é que... – *danou*. Como explicar para o Du que o segurança do Mau Mau me vira? É claro, minha cabeça começou a fazer conjecturas e me torturar.

Mas que merda! Provavelmente minha mãe deve ter falado para Mau Mau onde eu estaria. Ela sabia, pois tinha deixado um bilhete me despedindo. No bilhete disse que estaria na casa da Jade. E ele, provavelmente, devia estar me seguindo. Será que ele me faria algum mal? Ou pior! Será que faria algum mal ao Duke?

— Acho que foi o calor. Não está sentindo? O calor está fortíssimo.

— Estou sentindo calor, mas nem tanto. Ok tem certeza de que não quer ir ao médico? Eu levo você – ele disse abrindo a porta do carro.

Na boa, queria que o carro dele fosse mesmo uma "máquina do tempo". Acho que se pudesse escolheria voltar para aquele fim de ano, perfeito que tive na fazenda, e, que desperdicei com minhas neuras – burra! - pensei.

Embora, tivesse jurado a mim mesma que não colocaria mais os pés na fazenda, desejava ardentemente fugir para lá. Acho que lá estaria livre de Mau Mau. Puxa que lição! Tanto que falei mal e desdenhei, agora ansiava estar lá. Não queria mais ficar no Rio. E obrigaria meu cérebro a amar a quietude e a paz. E, se fosse preciso, moraria lá para sempre. Du não precisava me convidar uma segunda vez. Iria até sem convite. *Eu quero a fazenda!* – gritava para mim mesma mentalmente.

— Hum rum é... Du estou bem. Obrigada.

— Certo, vamos para casa – ele disse com uma voz tão segura e carinhosa que me senti protegida. Nunca mais queria sair de perto dele. Era uma sensação única. Ninguém, jamais, havia se preocupado comigo daquele jeito. Nem meus pais.

Vinte e cinco

Jade

ISOLDA DORMIU ALGUM TEMPO DEPOIS DE TOMAR OS REMÉDIOS. FIQUEI POR alguns instantes deitada ao seu lado. Enquanto acariciava seu rosto pensava em tudo que acontecera e concluí que deveria esquecer essa coisa de Rio de Janeiro. Certamente e infelizmente o acidente era o sinal que pedi a Deus. Então decidi que deveria ir ao cursinho, ou até mesmo ligar e desfazer o que havia feito. *Nossa que confuso!* É isso, pediria à Sílvia – funcionária da secretaria, para que rasgasse o papel que havia assinado, assim, voltaria a frequentar as aulas, como se nada tivesse acontecido. Eu era tão boa aluna que os dias em que perdi aula, não me fariam falta. Ligaria para ela na primeira oportunidade que tivesse.

Vi Fred sair de seu quarto, com violão na mão. Ele me chamou:

— Ei! Tá tudo bem? Mamãe tá legal?

— Tá sim. Ela dormiu depois de tomar os remédios. Acho que vai dormir por um bom tempo. E você? – olhei para a marca arroxeadada em seus olhos. Ela estava mais clara. Ele percebeu e levou a mão ao local. Parecia envergonhado. Resolvi não tocar no assunto, ainda.

— Estou bem obrigado. Jade eu gostaria de... Quer dar uma volta comigo?

— Hã? O que deu em você? E a fazenda? – estranhei. Fred não era de me convidar. Minha rival, “a fazenda” o sugava praticamente em tempo integral.

— Já liguei para o Pedro. Está tudo sob controle. Gostaria de passear com você.

Respirei fundo. Não sei por que, mas senti como se estivesse prestes a sair com ele pela primeira vez. *Um friozinho na barriga.*

— Tá bom.

Quando Fred passou à frente senti seu perfume. Usava a loção que lhe dera de presente algum tempo atrás. Fechei os olhos e absorvi. A verdade era que sentia muita saudade dele. Sentia falta de seus carinhos, seus abraços e de seus beijos. Principalmente de seus beijos. E não podia negar que também sentia falta de ouvi-lo tocar. Quando ele relaxava e tocava podia ver um Fred calmo e romântico. Ele costumava tocar *Flávio Venturini*. Adorava as músicas dele. Eram pura poesia.

Andar era mesmo revigorante. Já podia sentir meus músculos, que estavam rígidos, mais relaxados. Olhei para o céu. O tempo não estava grandes coisas. Algumas nuvens filtravam o sol. Poderia apostar que mais tarde choveria. Andamos alguns metros, em silêncio, então, resolvi quebrá-lo.

— Esteve sumido.

— É, estive resolvendo umas coisas. Tomei algumas decisões importantes.

— Entendo – não quis entrar em detalhes. - E então? Perdeu mesmo seu cavalo?

— Ah Jade, nem me lembre disso, por favor! – ele parecia arrependido. - E não conte para mamãe ainda! Tenho que pensar numa desculpa. Se, disser que o perdi numa aposta idiota, e que estava bêbado, ela surta. Não quero preocupar mamãe – deu uma pausa de declarou: - E quanto ao seu amigo? Ainda vai ter troco.

— Não acredito! Fred você bateu nele primeiro!

— Você o defende?

— Não estou defendendo ninguém! Tá legal. Esquece isso! Acho que vocês dois nunca vão se entender.

— Não mesmo! E ainda não me explicou por que estava com ele.

— Ainda pergunta? – parei e o encarei. - Cara, você não me deixou outra saída! Fiquei te esperando e não apareceu. Ele foi gentil e se ofereceu para me acompanhar.

— É claro que ele se ofereceu! – Fred disse com a voz estranha. Eu prossegui:

—... Ainda bem que ele estava comigo, porque um mendigo quase me roubou. Ele me defendeu. E além do mais, ele se ofereceu porque sabia da fama do lugar onde você estava. – Fred baixou os olhos. Arrisquei: - Eu me pergunto “Por que frequenta aquele lugar”? Lá é um bordel! Me senti... – ia dizer “traída”, mas ele ia dizer que a gente não estava mais juntos, e blá, blá, blá.

— Nunca traí você Jade. Se, é nisso que pensou. A gente foi até lá somente para beber um pouco e jogar. Confesso que não gosto do lugar, mas, os caras sempre marcaram lá. Prometo, não vou mais! Estou arrependido. E quanto ao seu amigo...

— Esquece isso, por favor!

— Está certo. Só vou deixar passar porque ele te protegeu. Confesso que é embaraçoso – dei as costas e cruzei os braços.

— Tá legal! Não se fala mais nisso! - ele me virou. Eu disse: — Fred você não podia ter feito aquilo de apostar seu cavalo. E disse que apostaria até Savannah. Eu...

— Ahh Jade! Não faça com que eu me sinta pior! – ele declarou dando uns passos. O seguiu ele continuou: - Dei mancada, mas, infelizmente, não tem mais volta. Já falei com o Bira – o cara com quem apostei. Ele virá buscar Malhado em breve. O pior é que acho que aquele mal intencionado quer “fazer dinheiro” no cavalo. No final das contas, era tudo por grana. Não porque gostava do cavalo.

— Fred, então você pode comprá-lo de volta. Por favor, tenta!

— Jade o cara vai triplicar o valor. Ele é um cara ambicioso e não vai facilitar. Além do mais, não sei se valeria a pena – pulei a sua frente.

— Tenta, por favor! Se você não tentar eu tento.

Fred fechou a cara e me segurou pelos ombros.

— Escuta aqui! Você tá proibida de ir até ele. Eu o conheço bem. É colega de golo, e é só. Ele não é um cavalheiro - Fred ficou tão alterado que suas narinas incharam.

— Eu sei. Vi do que ele é capaz. Mas, caraca! Então por que sai com um sujeito desse?

— Conheci aquele esquisito na faculdade. Fizemos parte do mesmo grupo de estudos. Mas, Jade, ele nem estuda mais lá. Desistiu. Saí com ele apenas algumas vezes. Não quero papo com

ele mais. Essa é uma dessas burradas que a gente faz, nem sei por que.

— Tá certo. Não precisa ficar nervoso! Espero que arranje um jeito. Não me conformo em perder aquele cavalo.

— É só um animal Jade. A gente tem outros – ele disse sem me convencer. Sabia que, no fundo, sentia muito. Acrescentou: - Tudo bem, chamei você para a gente bater papo e se distrair um pouco. Aprendi uma música nova e quero tocá-la para você. Também quero te mostrar alguns lugares especiais. Acho que vai gostar.

— Ah é? Hum adorei? Mas, onde é?

— Se, te contar não tem graça - Fred retirou um lenço do bolso e me mostrou. - Vem cá! Me deixa colocar isso! - segurou-me pela cintura – vamos brincar um pouco.

— Mas, me conta!

— Hum hum, não conto – virou-me vagorosamente e colocou o lenço em meus olhos. Fez isso com carinho.

— Está vendando meus olhos? Mas como vou...

— Eu conduzo você – amarrou o lenço atrás de minha cabeça. Depois me virou e comentou bem próximo ao meu ouvido: - Nossa, que perfume gostoso! - encostou os lábios em minha orelha, provocando-me arrepios.

— Frediiii! – afastei-me um pouco.

Não. Não queria fazer "doce". É que achava que antes, ele deveria se desculpar por ter sido um grosso.

— Ok - ele virou-me, como sempre, atrevido, e deu um tapinha em meu bumbum.

— Aiii, tá maluco? – perguntei com cara de riso.

— Vamos devagar! – ele disse. Eu sorri escondido. Fred estava irreconhecível.

— Puxa! Estou curiosa.

— É pra ficar mesmo. Se, te conheço bem, vai se apaixonar – destacou, deixando-me ainda mais curiosa.

Enquanto caminhávamos, Fred me contou que Gaspar morava com sua família numa cabana de madeira, naquela região. Disse que a mesma era velha, mas, charmosa. Lembrava as cabanas dos filmes americanos. Disse ainda que já existia antes mesmo de Bernardo comprar as terras da Fazenda do Sino. Era abraçada pelo verde - é claro, como tudo por ali -, e tinha um lago. Ainda, segundo Fred, era de tamanho médio, e, sobre ele, havia uma ponte de madeira, que ligava a cabana, à estrada. O lago ficava bem no meio e se estendia para as terras do velho turco. Tinha várias espécies de peixes, e alguns patos. O mais legal era que Gaspar construía uma canoa – a qual usava para pescar. O acesso à cabana era fácil. Havia duas maneiras: através de uma trilha - que era bem estreita, e se podia chegar apenas a pé ou a cavalo, ou pela estrada, que ficava do outro lado da propriedade. No final.

Aproximamo-nos da cerca que dividia as terras de meu pai, e do velho turco. Do outro lado, na parte alta, havia também um mirante.

Na lateral deste, descendo por um barranco, se podia chegar à trilha para a cabana.

— Quero ver! – reclamei.

— Não ainda Preciosa! – ouvi-lo chamar-me de “Preciosa” foi gostoso e me encheu de esperanças. Estava feliz por estar com ele. Sempre havia lhe cobrado momentos assim. Deveria aproveitá-los. E o faria, ainda que estivéssemos “estremecidos”.

A brisa fresca enchia meus pulmões de ar puro, além da sensação gostosa de estar com Fred. Lembrei-me de Savannah. Ela me estimulava a cavalgar pelo campo aberto. Perto dela, tinha a sensação de estar ao lado de uma banda de música, que tocava muito alto. Ouvia as batidas de meu próprio coração e também podia sentir a batida rítmica dos músculos dela. Era como se estivéssemos unidas. Até cheguei a pensar que andar de moto, ou num conversível fosse mais gostoso, porém ao conviver, diariamente com minha égua, pude perceber que não havia comparação. Cavalgar revigora, alivia as tensões, além de ser um gostoso exercício físico. Acima de tudo, é fascinante estar inserida à natureza, ouvindo o canto dos pássaros.

A essas alturas, já me sentia completamente relaxada. Fred parou e me puxou.

— Acho que agora posso desamarrar a venda – levei a mão para desamarrá-la, mas Fred objetou com carinho: - Espera! Faço isso, daqui a pouco! – ele se aproximou ainda mais.

— Vem cá! – ajeitou o violão nas costas, novamente, segurou-me pela cintura, e declarou: — Não faz ideia de como estou feliz por

estar aqui com você. Não quero desperdiçar nem mais um minuto.

— A venda, tira! – pedi. – Quero ver - ele levou a mão até o lenço sem tirá-lo. Aproximou-se de meu ouvido e sussurrou: — Estamos no “Bosque das Flores”. Quer ver?

— É claro! Você tá me matando de curiosidade.

— Esta é a ideia. Vem! – puxou minha mão com carinho. Caminhamos alguns passos então eu disse: — Fred quero ver! Assim não tem graça.

— Tá legal! – respondeu rouco. - Me deixa desamarrar isso! – ele me virou, vagorosamente e tocou o lenço. Ainda com os olhos vendados, senti as tão delicadas borboletas se agitarem. Respirei profunda e descompassadamente. Segurei suas mãos, e, por alguns segundos, perdi o rumo de meus pensamentos. Seus dedos tocando de leve minhas orelhas; sua respiração acelerada dentro de meu ouvido... eu enlouquecendo. De repente se afastou e retirou o lenço. Mas, continuou atrás de mim. Eu era capaz de sentir a energia que emanava de seu corpo. Então, meio que saí do transe em que me encontrava. Entretanto, não consegui abrir os olhos completamente, por causa da claridade. Fiquei meio tonta, piscando-os por alguns segundos. Até que os fechei novamente, pois o que sentia era inexplicável. Percebi que ele se segurava para não “avançar” o sinal. Eu ainda respirava rápido. *É claro, não era de ferro e pude comprovar isso inúmeras vezes.* - Fred! – balbuciei – a gente... – ele se aproximou novamente e deslizou o dorso das mãos, dos dois lados de meu pescoço. E elas desciam, quase que em *slow motion* e tocavam meus ombros. Senti uma mordida e gemi. *Não!* – eu

deveria gritar -, mas não conseguia, porque também queria. Respirei fundo e deixei que ele continuasse. Ele fechou os braços torno de mim. Elevei os meus e agarrei seu pescoço. Nossos corpos, unidos e febris desejavam a mesma coisa. Ele movia as mãos por baixo de minha blusa. Eu queria me virar, queria que ele agarrasse meus cabelos – ali perto da nuca. Queria sentir sua boca na minha e matar a vontade que tinha de seus beijos, mas forcei meus olhos a se abrirem por completo e dei uma passo à frente.

— Não, por favor!

Que burra!

— Ok, desculpe-me é... é que eu... – engasguei.

— Tudo bem – ele disse um tanto desconcertado.

Era mesmo uma idiota. Estava ali, com o cara que amava e não sabia por que, ainda me sentia travada. Talvez, pelo fato de que, fora ele quem rompera comigo. E eu, não queria dar o braço a torcer. “Cheia de orgulhos”. Respirei fundo. O que vi foi de tirar o fôlego. Embora, já estivesse quase sem ele.

— Oh meu Deus! – exclamei sorrindo.

Fred cruzou os braços, ainda “desconcertado”, depois sorriu pela minha reação. Seu cérebro gritava para ele: “É ISSO!” *ELA AMOU* – só faltou ele fazer aquele gesto com o braço, pra frente e pra trás e gritar “Yes”! Mas, ele não faria isso perto de mim.

Estávamos sob árvores centenárias. Uma floresta de belas espécimes. Havia flamboyants, ipês - uma de minhas favoritas -, carvalhos, dentre outras. O lugar era encantador e era circundado

por gigantescas serras. O solo era coberto por margaridas, lindas e românticas. Desci um pouco, até a beira do riacho de águas cristalinas, me virei para ele e disse: — Obrigada Fred. Eu nunca teria descoberto este lugar.

— Agora sabe como chegar, não é? Estava vendada, mas se olhar...

— Eu sei, é só vir em direção às terras do velho turco. Agora eu sei.

— Adoraria lhe mostrar outros, mas espere! Ainda tenho outra surpresa – ele declarou.

— Jura? Meu coração não aguenta. – confessei. Na verdade meu coração batia descompassado, por ele. Era só Fred se aproximar de mim que ele saía do compasso. Se, eu fizesse um eletrocardiograma, o resultado seria catastrófico. Provavelmente os riscos, que formavam zig-zags, estariam embolados e haveria corações. Muitos corações. *Eu, como sempre, românticíssima.*

Olhei para o céu e vi que certamente choveria logo. Eu disse:

— Fred vai chover. A gente deveria...

— Não esquenta! - ele observou. E depois de pensar por alguns segundos completou: - Jade, se chover a gente curte. Vamos esquecer tudo que possa travar nosso riso, nessa tarde! – eu ri. Ele tinha um sorriso diferente nos lábios, como há muito tempo não se via.

Naquele ponto, resolvi me sentar. Eu vestia um conjunto de moletom e calçava meus “amadorados” *All Stars*. Tirei os tênis e mergulhei meus pés na água. Assustei-me um pouco com a água

fria. Coloquei as mãos de lado, como se firmasse o chão, então balancei os pés.

Que gostoso! - relaxei o pescoço.

— Senta aqui!

Ele ficou me encarando como se me despissem com os olhos. Não liguei. Por um instante me esqueci de tudo. Em minha cabeça apenas o canto dos pássaros e sons de insetos. Infelizmente, havia muriçocas para estragar meu "momento prazer", e, por isso, de vez em quando, dava um tapa em meu próprio braço e no pescoço.

— Droga de inseto! – reclamei irritada. Fred – que se sentara ao meu lado ria de minha luta.

— Eles devem ser todos machos – declarei.

— Então, mexeram com a "fêmea" errada. Espera só para ver! – Fred se levantou, colocou o violão de lado e começou a dar tapas no ar.

— Rá, rá, rá. – eu ria muito. Nunca o havia visto tão solto e alegre. Parecia o irmão.

— Não disse! Acabei com todos eles. Veja quanto sangue! – estendeu a mão e mostrou que realmente acertara alguns.

— Eca, que nojento! Lava essa mão! Coitados dos peixinhos. Você vai sujar a água deles com todo esse sangue.

— Espero que nesse riacho não tenha "piranhas". Se tiver, estarei frito, quero dizer: "mutilado", piranhas não podem sentir o cheiro de sangue.

— Engraçadinho! – sorri da sua palhaçada. Estava mesmo, irreconhecível. Abaixou-se à beira do riacho e lavou as mãos. Eu, sem noção, tive uma ideia idiota e o empurrei, levemente, para assustá-lo. Queria apenas brincar um pouco.

Pra que fui fazer aquilo? Ele se desequilibrou e caiu.

— Você é uma garota condenada! – disse quando emergiu.

— Ah Fred, você não faria isso não é? A água tá gelada!

— Ah você não tem ideia do que sou capaz. Mexeu num vespeiro, Bonita!

Fred saiu do riacho com os olhos sorrindo - mais que seus lábios. E eu, mesmo descalça, dei um jeito de correr.

— Fred, só estava brincando, me perdoa, vai?! – pedi olhando para trás. É claro, tropeçando em tudo que via pela frente. Ele me alcançou bem rápido. Eu ria e gritava sem conseguir me conter, por isso, consegui correr, uns míseros segundos. E, já sabia que um banho gelado me esperava.

— Vem cá espertinha! Agora é a sua vez – ele me pegou e me levantou nos braços. Eu esperneava e lhe dava muito trabalho. Mas, não me renderia assim, tão facilmente.

— Fred, não faz isso não! Só queria te assustar. Não era para você cair. A gente pode negociar? Hum? Negocia comigo! – implorei com as mãos juntas – Por favorzinho com “açucinha”!

Deu uma pausa e quase se engasgou de tanto rir...

Coisa de Melissa, da época do fundamental. Como disse, ela e eu inventávamos tanta bobagem que tínhamos palavras e expressões suficientes para criar uma “gramática de bobagens”. Tinha até “apeliditivos”. *Mas, isso, conto depois...*

...Então, fiquei quieta e o esperei pensar. Seus olhos azuis me encaravam com alegria. Este era o olhar do qual eu gostava.

— Eu quero negociar – ele se ajoelhou e me colocou no chão. Ficou ali ao meu lado, apenas me olhando nos olhos. - Ok. Tá perdoada. Até porque, não quero ver você gripada. E, como prova de minha generosidade, quero lhe mostrar outra coisa.

— Certo. Tudo, menos um banho de água fria – imaginei que Fred se aproveitaria de mim, mas ele me surpreendeu. Não queria um banho gelado, todavia adoraria que ele me desse um “pega” daqueles. Juro que fiquei desapontada. Acreditava que ele me tomaria nos braços e me deixaria de pernas bambas, como sempre fazia, com aquele jeito de “pegador” que tinha, mas não.

— Vai gostar da outra surpresa – ele disse se levantando.

— Estou mesmo gostando de tudo que vejo. Obrigada – Eu já podia sentir minha garganta se estreitar. Cobri os olhos com a mão por causa da claridade. Acrescentei: - Precisava mesmo encontrar outro lugar bacana. Acho que não consigo mais voltar à Rocha Alta. Não depois de ter visto meu pai...

Pronto, meus olhos fabricaram algumas lágrimas em milésimos de segundos.

— Jade não! Não pense. Ele se abaixou novamente, segurou meu rosto entre as mãos e limpou meus olhos, com os polegares.

— Tá legal. Então, o que vai me mostrar? – perguntei engolindo o choro.

Ao ficar de pé nosso rosto quase se tocou. Ele segurou minha cintura para me equilibrar, e, por alguns segundos, nos encaramos. Pisquei os olhos, rapidamente e engoli muito ar. Parecia haver “grilos” em meus pulmões.

— Vem comigo! – ele puxou minha mão.

— Fred, meus tênis, e seu violão!

— Espera! – ele correu até o riacho e os apanhou. Algum tempo depois, enquanto caminhávamos ele perguntou: - Lembra-se de que te contei da cabana?

— Hum rum.

— Então, quero te mostrar.

— Tudo bem.

Atravessamos para o lado contrário. Era por lá, que se chegava também ao mirante. Fiquei deslumbrada mais uma vez com a vista. Lá era uma parte da fazenda a qual não deveria ir sozinha. A mata era densa, porém, havia as trilhas largas e, acreditava que era por lá que Gaspar passava para ir para casa. *Os homens nunca temem, não é mesmo?* Tenho medo de bichos. Não é segredo. Entretanto, não era uma molenga como Melissa, que não podia ver um grilo. Meu medo era de cobras e lobos.

Medo nada, era pânico.

No morro, que era íngreme, Fred passou à frente e segurou minha mão para me ajudar. A terra estava visível em alguns pontos, provavelmente por causa da ação do tempo. Mas, ainda assim, a vegetação era abundante. Chegamos à parte baixa. Confesso que me arrepiava com qualquer som. Tivemos de nos desviar de um galho ou outro até a trilha. Alguns arranhões foram inevitáveis. Gaspar não morava na cabana havia alguns meses. Mudou-se para a cidade com a família. Sua filha se casara com um comerciante, que fez questão de levá-los para morar com eles. Ele não trabalhava mais conosco. Um dos motivos, era a idade. Por isso, o lugar estava um pouco descuidado, mas, ainda se podia admirar a beleza daquele paraíso bucólico.

— Fred, acho que não foi uma boa ideia a gente vir aqui.

— Por quê? Tá com medinho? – esticou o dedo e retirou um galhinho que caíra em meus cabelos. - Ah Jade não precisa ter medo! - alguns passos à frente e ele apontou: — Veja! – não está tão ruim assim. Gaspar mantinha o local limpo. Venho sempre aqui e te garanto, é seguro.

— Vem sempre aqui?

— É eu venho. Descobriu um segredo meu. Depois que Gaspar se mudou, trouxe algumas coisinhas para cá. Gosto muito de pescar e aqui é um lugar sossegado. É o meu refúgio, assim como a Rocha Alta era o seu.

— E nunca se deparou com um lobo?

— Não. Mas, por que esse pânico? – ele perguntou.

— Esquece! É cisma – dei uma pausa e disparei: - Tá legal. Confesso, tenho medo de lobos e cobras. Bernardo uma vez me disse que havia esses bichos na região.

— Não esquentá! Seu guardião aqui, não deixaria que nada de ruim te acontecesse.

— Rá, rá, rá, até parece.

— O quê? Tá duvidando de minha capacidade e... masculinidade? – ele perguntou, se virando para me encarar. Então eu respondi: — Não tem nada a ver com masculinidade. Disso não duvido. É só que... um lobo, por exemplo, pode acabar com nós dois em minutos; e, não adianta ser “macho”. Ele come “machos” também – disse rindo - E, já imaginou o que uma cobra bem grande poderia fazer?

— Engraçadinha. Você não entende nada de cobras Jade – ele afirmou sorrindo.

— O que sei, já é o bastante. Elas são venenosas e ponto. Nunca mais quero ver outra cobra em minha frente.

— Sabia que as cobras não nos perseguem? Elas têm mais medo da gente, do que a gente delas. Elas apenas se defendem - se, atacadas – enfatizou com segurança.

— Ah não seja bobo! É claro que as cobras caçam a gente.

— Não caçam Preciosa! Elas só se defendem – ele reiterou.

Então resolvi brincar um pouco.

— Tá legal. O que você faria se aparecesse uma, bem à sua frente? – olhei para ele com a cara séria, mas ironizei: - Vai esperar a “bondosa” cobra te encarar e dizer: *“Foi mal aí, eu tenho medo de você... fui”!* – eu me divertia com nossa conversa idiota sobre cobras. E dava gargalhadas.

— Tá engraçadinha hoje hein? – ele fez cara esquisita. Mas, resolveu brincar também: — Tudo bem. Acho que ela diria: *“Oh meu Deus! Humanos”*. *“Estou frita”!* -- E ainda se olhasse para minha cara, diria: *“Oh meu Deus, aquele não é o Fred? O pesadelo das cobras”?*

Ele fez uma voz de mulher que sinceramente me fez rir muito. Nunca imaginei que Fred tivesse senso de humor. Gargalhamos muito dessa vez. Olhamos um para a cara do outro e quase morremos de tanto rir. Depois, ele disse já recuperado: — Não se preocupe, minha bonita. Seria capaz de esmagar até uma Sucuri para te defender.

— Sucuri é? Nooossa! – eu exclamei dando ênfase – isso daria um filme. Essa cobra é gigantesca – levei a mão à cabeça. - Deixe-me ligar a minha imagem interna. Quero visualizar isso.

— Engraçadinha de novo. Agora tô falando sério! – Fred disse rindo.

— Tá certo. Obrigada Fred. Eu nunca duvidei de que estaria segura ao seu lado.

— Pode apostar nisso – ele disse avançando e puxando-me pela mão.

— Veja! Já estamos chegando - ouvimos o grasnado de um pato
— Fred sorriu. Olhei para seu rosto, de lado e não pude deixar de sorrir também.

— Uau! Que cabana linda Fred! E é azul-clara. Amei o tom do azul. Combina com o céu. Bem, quando está sem nuvens.

— Garotas! – ele riu. - Jura que prestou mesmo atenção no tom de azul da cabana?

— Ah não amola! – dei um soquinho em seu ombro e avancei alguns passos.

— Não disse que gostaria? – ele bagunçou meu cabelo.

— Não Fred! Caraca olhe o que fez? – dei-lhe outro soquinho.

— Auuu – ele se encolheu e disse: - Vai me deixar cheio de hematomas. Mas, não se preocupe, ficou linda com os cabelos embolados.

— Fala sério! – mais alguns metros e estávamos à beira do lago.

— Que vista linda! Aunnn que fofos, os patos todos juntos, no lago! – apontei.

— Veja! A roda d'água – ele apontou e salientou: - estava louco para te mostrar.

— Nunca vi uma dessas de perto. Serve pra que mesmo? – perguntei, me aproximando.

— Para várias coisas. Deixe-me explicar! Ela é usada para produzir luz, girar o dínamo. Também gira um ralador de mandioca –

para fazer polvilho -, serve para girar o esmeril de afiar ferramentas, dentre outras coisas, vai da necessidade – ele disse, e, apontando, acrescentou: - Para isso basta acionar as correias. Ahh! Já ia me esquecendo. Gira a bomba que bombeia água, lá no alto na caixa.

— Muito interessante bonita e decorativa. Adorei essas divisórias.

— Conhece a história dela?

— Não.

— Bem, as primeiras rodas d'água foram construídas pelos gregos no primeiro século, antes de Cristo. Desde lá, muitas alterações foram feitas nessa engenhosa invenção humana, que adquiriu diversas funções; além da geração de energia. As rodas d'água desempenharam importante papel nos séculos passado, em relação a todos os processos de produção de farinha e de açúcar, e, ainda hoje, existem nos engenhos de pequenos sítios por todo país. Como esta.

— Tá, mas tô curiosa e como ela funciona?

— É simples, pense! A água batendo nas pás da borda da roda produz uma força motriz no eixo central. A água corrente passa sob a roda d'água, empurrando as pás, que giram.

— Gaspar construiu-a sozinho? Parece tão complexo.

— Não. Seu pai trouxe um especialista, na época. Na verdade, ele quis ajudar Gaspar - que teve problemas com a casa dele. Foi também a maneira que encontrou para ficar de olho nessa parte da fazenda.

— Ué, mas por quê?

— Porque naquela ocasião havia invasões. E esta parte da fazenda ficava a mercê. As terras do velho turco foram invadidas, por isso seu pai quis evitar. Como Gaspar precisava de uma casa, então ele resolveu dois problemas.

— Nossa, acho que ainda tem muitas coisas sobre as quais não tomei conhecimento, não é?

— É, mas só tem um ano que está aqui. Ainda vai saber de tudo – ele riu.

— Jura? Ainda tem mais?

— Não sua bobinha. Estou brincando – ele beliscou meu nariz, levemente.

— Aiii Fred! - desvencilhei e perguntei: - disse que Gaspar teve problemas? Que tipo?

— Gaspar morava num casebre, na saída da cidade. Pobre Gaspar. Me lembro como se fosse hoje. Eu e Du ainda éramos moleques. Estávamos dormindo quando ouvimos batidas na porta – Fred segurou meu braço para seguirmos, vagarosamente enquanto me explicava. - Acordamos e corremos para o corredor. Ficamos com as cabeças enfiadas no guarda-corpo da escada, ouvindo tudo, e mamãe perto de nós. Estava assustada com a algazarra. De onde estávamos, ouvimos Gaspar conversar com Bernardo... ele dizia, chorando, que haviam ateado fogo em sua casa.

— Oh meu Deus! Que crueldade.

— É... e seu pai, que era o cara mais generoso que conheci, cedeu um quarto, na casa, para ele ficar com a mulher e a filha. No dia seguinte, deu um jeito de contratar mão de obra e rapidamente reformaram esta cabana.

— Uau que história! – eu disse. E ele continuou: - Você já deve ter percebido que têm varias casas espalhadas pela propriedade. Seu pai abrigou a maioria de seus funcionários, que não tinham um teto. Por isso, ficou conhecido como o fazendeiro mais generoso da região.

— Uau, amo meu pai ainda mais por isso. É uma pena que...

— Não! – levou a mão ao meu rosto. – Sem chorar!

Fred esperou alguns segundos e continuou: - Ele já tinha falado da cabana para Gaspar. Tiveram apenas que antecipar a reforma. A mulher dele foi muito legal. Ajudou mamãe em muitas coisas. Foi ela quem fez mamãe se apaixonar pelas plantas. Acho que se olhar ao redor vai entender o que falo.

— É mesmo. Jamais poderia imaginar que no meio dessa floresta pudesse haver um lugarzinho tão especial.

— É mesmo muito especial. Aqui ela plantava suas mudas. A mulher de Gaspar comercializa, até hoje, suas plantas, numa barraca - no centro da cidade. Ela sempre viaja com mamãe para Holambra, a fim de comprá-las.

— Que super! – exclamei e fiquei por alguns minutos apenas olhando. Fred saiu e foi em direção ao lago. Alguns minutos depois,

voltou com pelo menos uma dúzia margaridas lilases na mão e me tirou de meus devaneios.

— São para você.

— Obrigada! Elas são lindas. O que deu em você, ham?! Você está me surpreendendo sabia?

— O que foi? Não gostou? – sua voz saiu rouca.

— É claro que gostei!

Levei as flores ao nariz e cheirei.

— Eu amei – salientei e fiquei como boba admirando as flores. Ele retirou uma e colocou atrás de minha orelha. Em seguida, me surpreendeu ao tirar uma fotografia, enquanto eu olhava para as flores.

— Ahh assim não vale! – corri atrás dele para excluir a foto. - Nem estava preparada.

— Não vai excluir! Adoro surpreender você. Assim a foto fica ainda mais bonita. Porque fica natural, veja!

— É, tem razão, ficou maneira. Pode deixar!

— Depois topa passear de canoa? – ele convidou-me, enquanto colocava o celular no bolso da calça.

— Topo! Claro que topo – levantei os olhos. - Ah Fred, há tempos não me sentia tão bem!

— Que bom! Fico feliz. Adoro ver essa sua carinha linda, alegre e entusiasmada. Mas, antes quero lhe mostrar a cabana por dentro.

— Legal – rodei de braços abertos, com o pequeno buquê numa das mãos. Eu não me continha de tanta alegria. Parecia uma garotinha.

— Vai ficar tonta, Bonita! – ele advertiu sorrindo.

Tirei o moletom e o pendurei no corrimão da escada que levava à varanda, porque todo aquele entusiasmo fizera-me sentir calor.

— Vamos! Puxei a mão dele.

— Sabia que gostaria. Mas, esse lugar não era assim. Gaspar e sua esposa é que o transformaram – ele explicava. - Já viu as bromélias e as orquídeas? – indicou.

— Onde? – desci novamente e desviei os olhos para a direção em que seu dedo apontava. Dei alguns passos e pude ver o capricho com que as plantas foram cuidadosamente colocadas nos troncos.

Elas pareciam abraçá-los.

— Uau, inacreditável! Você sabe o quanto gosto de plantas. Isso aqui é um lugar único. Quero dizer, acho que não diria “único”, porque a Rocha alta também é fascinante.

— Gostou tanto assim?

— Amei.

— Venha quando desejar – ele gesticulou. - Venha todas as vezes em que sentir vontade de estar só. E, se quiser companhia, posso dar um jeito - ele se aproximou e retirou alguns fios de cabelos, que estavam sobre meus olhos.

— Um dia disse que gostaria de ter um lugar só seu, não disse?

— É ruim de eu vir aqui sozinha!

Ele riu e objetou:

— É, esquece! Realmente pode ser perigoso. Mas, devo confessar; antes não entendia isso, de você querer “estar sozinha”, contudo vou te dizer, até eu, ultimamente, tenho sentido essa necessidade. E é pra cá que venho, principalmente nesses últimos dias em que precisei pensar.

Fred falava e eu notava um brilho diferente em seus olhos. Ele acrescentou mais algumas ideias que me surpreenderam.

— Quando estou aqui, recarrego minhas “baterias”. Pescar é uma terapia sabia?

— Engraçado, nunca vi os peixes que você pesca.

— Não costumo levá-los para casa, Jade. Eu os solto novamente no lago.

— Mas, então, qual o sentido da pesca?

— Para mim terapia. Curto essa atividade. Quando pesco, meio que me esqueço de meus problemas. Eu relaxo. É como você com a dança. Agora consigo entender essa sua paixão. São paixões diferentes – ele declarou se virando um pouco. - Amores diferentes. Mas, no final das contas são traços de nossa personalidade. Cada um tem uma não é?

— Tem sim – concordei.

Eu percebi, com alegria, que Fred amadurecera muito, em pouco tempo. Provavelmente, se arrependeu das coisas que fez e falou. Eu declarei então: — Fico feliz que esteja me contando isso. Trazer-me até aqui foi um presente. Obrigada! De coração – me aproximei dele e lhe dei um beijo no rosto. Fiz isso bem devagar, absorvendo o momento. Quando meus lábios roçaram sua pele senti algo gostoso. Ele fechou os olhos e me puxou.

— Ah Jade, não imagina o quanto esse carinho me faz bem. Tenho tentado criar coragem para me desculpar, por te sido um imbecil. Mas, as palavras, simplesmente não saem. Jamais me perdoaria se você tivesse partido magoada comigo. Sabe quando a gente se arrepende das burradas que faz?

— Hum rum.

Ele tocou o local que beijei, vagorosamente. Arrepiei só de vê-lo fazer aquilo. Então, levantei os braços e o agarrei. Fui praticamente empurrada por um instinto forte. Fechei os olhos quando meu rosto tocou seu peito. Ele ficou sem fala por alguns segundos e fechou os braços em mim.

Que abraço gostoso!

— Confesso que também não ficaria feliz, lá. Seria um sacrifício, mas, não sei... – deixei as palavras no ar e declarei: - Sabe Fred, ainda me sinto um pouco perdida em relação ao que fazer – levantei os olhos e o encarei: - Penso que talvez o acidente de sua mãe, tenha sido um arranjo. Coisa de destino, de Deus. Não sei.

— Ah, não acredita mesmo que Deus faria isso com mamãe! Acredita? – ele objetou empurrando-me levemente.

— Não acredito e nem deixo de acreditar! Coisas estranhas acontecem comigo o tempo todo.

Ri e fiquei vermelha.

Talvez, essa foi uma maneira que “Ele” encontrou para me mostrar que não era o momento de eu partir.

— Tá legal – ele objetou levantando as mãos. - Não vamos falar sobre esse seu lado “sem noção”, agora, não é?

Coloquei as mãos na cintura e o encarei balançando a cabeça.

— Não é lado “sem noção”. É que sou sensível. Você pode não acreditar, mas sinto quando uma coisa não está legal. Tenho um anjo que me protege e alerta, embora ele pareça ser maluco, e só aparece quando dá na telha dele. Mas, não vamos falar disso!

— Você já tinha parado com isso. Não gosto quando diz que sentiu um “vento” arrepiar sua pele ou que Bernardo te disse algo. Credo! – disse incrédulo. E pelo amor de Deus, não me diga que voltou a falar consigo mesma, senão, vou pensar que você teve uma recaída.

— É compreensível que não acredite. É difícil mesmo – pausei e depois expliquei: - Tinha parado de sentir essas coisas. Faz tempo que não ouço mais a voz, e, não sinto a presença do anjo, nem do meu pai, entretanto, ainda tenho algumas sensações.

— Fala sério! – ele deu as costas.

— É a coisa mais impressionante. Percebi que sinto essas coisas quando estou em alguma situação, tipo perigo. Sei lá.

— Por que acha que está em perigo? Ah não Jade! – ele objetou, balançou a cabeça e se virou.

— É verdade. Mas, Fred não vamos falar disso! Ok?

— Tá certo.

Um raio cortou o céu. Olhei assustada para o risco luminoso e disse:

— Chuvaaaaa!

Ela começou aleatoriamente. Fred sorriu, pegou o violão – que estava pendurado nas costas e disse: — Uau, muito apropriado! Aprendi uma música esta semana. É de *Marcelo Janeci*. Tem a ver com a chuva, chama-se: “Felicidade”.

— Legal.

— Lembra-se de que disse que queria tocá-la para você?

— Hum rum

E ele cantou. Alguns minutos depois, sorri de contentamento. Tudo estava tão perfeito que tive medo.

— Amei. É... é linda! – declarei gaguejando pelo entusiasmo. Olhei para cima e abri os braços. As gotículas da chuva, ainda suaves, acariciavam meu rosto.

— “Dançar na chuva quando a chuva vem”. Sabe, lembrei-me de uma coisa. Quando era criança costumava me enfiar sob a chuva e dançar. Não havia nada mais prazeroso. -Contava para ele com um sorriso largo, estampado no rosto. Continuei: - Minha mãe ficava

maluca comigo. Eu corria para o quintal, assim, de braços abertos e deixava que a chuva me banhasse. Aquilo me fazia um bem enorme!

— Já percebi que gosta de chuva – ele declarou.

—... Depois, Dona Laura me puxava pela mão até dentro de casa e lá me enrolava numa toalha. Ela ficava brava. Me dava um sermão e me colocava de castigo – voltei meu olhos para ele. – É eu sempre amei a chuva. Até fazer aquela burrada no ano passado. Agora tenho mais cautela. Mas, não posso negar que a amo. Adoro cheiro de terra molhada.

— Puxa Jade, acho que não conseguiremos voltar para casa agora – Fred disse ao constatar que a chuva aumentava. Nuvens cinzentas e pesadas rapidamente se agruparam. O vento zunia cada vez mais alto. Sua força era tanta que se podia ver os pingos da chuva mudando de posição. Baixei os olhos. Ele puxou minha mão. Ficar numa cabana por algumas horas com Fred era tudo de bom, mas sabia onde aquilo ia dar e a gente não podia agir com irresponsabilidade. Despistei com o rosto pegando fogo. Só de pensar na gente se enroscando numa cabana.

Aiiii que romântico! Mas, irresponsável.

— Vamos embora! É uma pena que esse barco não tenha motor. E que esse lago não vai para a fazenda.

— A gente não precisa correr. Podemos esperar a chuva passar dentro da cabana – ele sugeriu. – Lembra do que eu te disse? Não vamos deixar nada nos travar o riso hoje.

— Já tá ficando tarde. Mas, se não tiver outro jeito! - dei as costas e respirei fundo. Minha pele já se arrepiava de frio.

— Vamos entrar! – ele me puxou, novamente pela mão.

Sob o telhado rústico da varanda, respirei fundo. Olhei ao redor e vi uma cadeira de balanço. Aproximei-me.

— Adoro cadeiras de balanço!

— Cuidado! Esta é secular. Pelo aspecto, não deve estar confiável.

— Ah também não é assim! - já ia me sentar quando percebi que a chuva ganhara força, e, rapidamente, invadiu a varanda. Fred pegou minha mão e me puxou para dentro.

— Vem! Nossa você escorrega mais do que sabão.

A cabana não era muito grande. As paredes internas mantinham a cor natural da madeira. O piso era em assoalho rústico. Andei, entusiasmada, pela sala para ver todos os detalhes. O sofá era em alvenaria, construído com tijolos aparentes - já escurecidos. Um estofamento rasgado o cobria. No centro de uma das paredes, havia uma lareira. Imaginei o quanto aquela cabana seria gelada à noite. Havia muitas toras de madeira. Tinha também algumas caixas num canto. Fred disse que eram suas coisas de pesca.

O barulho sobre nossas cabeças era alto. Pudemos comprovar, depois de mais alguns minutos, que o telhado da velha cabana não estava bom, porque havia goteiras em alguns pontos. Para piorar, o frio se intensificou. Olhei pela janela e vi que as calhas estavam despescando. Toda aquela água, me fez lembrar de que estava com frio.

— Minha blusa! – disse ao sentir os pelos dos braços se eriçarem.

— Hum, já deve estar molhada. Você a deixou na varanda.

— Droga! E essa agora? – exclamei batendo os dentes.

Fred seguiu para um cômodo, o qual deduzi ser a cozinha. Ele parecia procurar algo.

— O que está procurando? – fui atrás dele. Ele olhou para mim e sorriu quando notou, que ainda segurava as flores. Pediu: — Deixe-me colocar suas flores aqui.

— Hum rum.

— Alguns dias atrás trouxe uma caixa com algumas coisas. Como sempre venho aqui, à noite, preciso de velas e fósforos – ele remexia na caixa.

— Hum prevenido! – comentei abraçando meu corpo e esfregando os braços.

— Ah, é isso! – ele levantou a garrafa de vinho e me mostrou: - Só vai sentir frio se quiser. Veja!

— Ah Fred, não está pensando em beber!

— Não tinha pensado, mas, já que vamos ficar aqui por algum tempo, podemos relaxar. Este é um bom vinho, e como disse, esquenta.

— Relaxa você! Tinha pensado num cobertor. Não tem um aí não?

— Tá pedindo muito. Mas, a gente pode acender a lareira e tomar o vinho. Vamos curtir! Vamos conversar e...

— Podia ter trazido cobertores, ué! Você é mesmo um cara durão hein?

— Bonita, venho aqui para pescar e não dormir.

— Arrrrrrrr, não dá para Relaxar com esse frio né? – salientei batendo os dentes.

Fred continuou remexendo na caixa. Eu disse:

— Ei! A gente não pode ficar aqui, a sua mãe...

— Ah não esquenta! Estelinha está lá, e faz companhia para ela.

— Fred ela tem de ir embora.

— Jade, Estelinha não vai embora enquanto não tiver alguém lá, para cuidar de mamãe. Pode sossegar!

— Tá ficando tarde. Não quero nem pensar em passar a noite aqui. A gente vai morrer de frio.

— Ah não exagera! A chuva vai passar – ele deixou o vinho sobre a base do fogão à lenha e segurou meu cotovelo.

— Vem! Vamos ver se tem sorte. Tem um armário velho no quarto, talvez, a família tenha deixado coisas velhas aqui.

— Tomara.

— Já adianto *mademoiselle*. Não deve ter.

O quarto no qual entramos era o do casal. Havia mesmo um armário caindo aos pedaços. E, certamente, por isso, não o levaram. Ele não aguentaria a mudança.

— É... – ele deu uma pausa e levou a mão à nuca. - Acho que você tem de se contentar com a lareira.

— Era só o que meu faltava! – disse preocupada.

Na sala, me sentei no sofá empoeirado e me encolhi. Fred tentava acender a lareira.

— Tá difícil porque a madeira está um pouco úmida. Infelizmente, tinha uma goteira bem em cima das toras – ele declarou.

— Disse que Gaspar se mudou há quanto tempo?

— Uns seis meses.

Os raios clareavam a pequena sala, a todo momento, logo ouvíamos o estrondear dos trovões. Olhei para a janela e notei que a chuva aumentara. Naquele momento, pingos grossos ricocheteavam pelo telhado fazendo muito barulho.

— Não queria te alarmar, mas acho que a gente vai ter de passar a noite aqui Jade.

— Só me preocupo por causa de sua mãe. Ela vai ficar maluca.

— Mamãe vai ficar bem.

— Caraca, o celular! - peguei o aparelho no bolso da calça de moletom e verifiquei. Sem sinal — Aqui não pega! – Fred declarou.

— Oh treva! – disse irritadiça e recostei-me no sofá, ainda mais, enquanto Fred tentava acender a lareira.

Vinte e seis

Duke

NO CARRO, DEPOIS QUE SAÍMOS DO SHOPPING OBSERVEI MELISSA de esquelha. Ela estava estranha. Encarava a janela e nem piscava. Não disse sequer uma palavra. Liguei o som para tentar animá-la, mas senti que alguma coisa não estava bem. Uma música tranquila era tocada, e, embora não curtisse aquele estilo, deixei-a tocar porque imaginei que Melissa curtisse. Jade amava. E quando uma gostava de uma coisa a outra também, gostava. "*Near to you*" da Banda "*A Fine Frenzy*". Caramba! Melissa me distraía tanto que pensava cada vez menos em Jade.

— Tá tudo bem? – perguntei olhando para ela, rapidamente.

— Hum rum – ela apenas murmurou.

— O que foi aquilo lá no shopping?

— Nada não. E Du, acho que vou aceitar o seu convite. Quero ir com você para a fazenda. Preciso de tranquilidade. O convite ainda está de pé?

— Claro - respondi. Confesso que fiquei feliz. Estava cada vez mais ligado a ela, ou melhor, voltei a ficar...

Tá legal. Na verdade, acho que não me desliguei dela em nenhum momento.

— Acho que preciso me distrair. Estou com os nervos em frangalhos. Toda aquela história de minha mãe “pesadelo” e...

— Mãe pesadelo? Mas, o que é isso?

— É assim que costumava chamá-la. Mas, acho que depois do que ela fez, continua sendo um pesadelo de mãe. Ela me odeia, Du – Mel declarou.

— Eu sinto muito Mel. Ninguém merece ser tratado com indiferença, ainda mais pela mãe.

— É isso aí – ela concordou. - E mesmo assim eu amo, sabia? Não consigo sentir raiva dela – virou o rosto para mim e desabafou: — Sempre tive medo de decepcioná-la. O mais estranho Du, é que ela nem ligava para nada que fizesse. Caraca! Cheguei a sentir inveja de como ela tratava o Maurício - voltou a fitar a janela. Suas mãos apertavam o assento do carro, como se tivesse medo de ser ejetada.

— Relaxa Mel! Vocês ainda vão se entender.

— Cara, não vamos! Ouviu o que disse? Ela me odeia! – reiterou.

Uma buzina chamou nossa atenção. Mel ergueu-se. Começou a olhar pelo retrovisor e de uma hora para outra ficou irreconhecível.

— O que está havendo? Não estou te entendendo. Você anda arisca e se assusta com tudo. Está com medo de alguma coisa? – ela apenas negou com a cabeça, depois começou a segurar o estômago e seu rosto voltou a empalidecer. Ainda bem que já estávamos chegando. Fiz a curva e logo estacionava o carro na garagem.

— Du, me ajuda aqui com o cinto, acho que agarrou – ela pediu visivelmente descompensada.

— Claro, mas, Mel você está tão pálida, acho que deve ir ao médico. Levo você!

— Não esquenta. Só estou cansada. Acho que depois de tomar uma ducha, vou me sentir novinha em folha.

Fomos recebidos por Boris que cismou com Melissa. Ele parecia notar que ela o temia, e sempre ia para cima dela.

— Sai, sai! – ela ordenava ao mesmo tempo em que se encolhia para cima de mim. Eu sorria em silêncio. *Disso gostava muito!*

Vinte e sete

Mel

NAQUELE MESMO DIA ENQUANTO DU DAVA UNS TELEFONEMAS, SAÍ UM pouco pois me sentia sufocada dentro de casa. Não sabia como me abrir com ele, em relação ao meu ex-namorado “poderoso chefe”. Sorri de nervosismo, do apelido. *Deus!* A vontade de fumar voltou com força total. Mas “essa” eu seguraria. Não tinha grana para comprar cigarros.

Sentei-me no degrau da escada que dava na garagem e deixei as pernas penduradas. Eu as mexia nervosamente como tesouras. Batia os tênis com força e fazia um barulho - que aos poucos se tornou irritante. – Urrrrrr – murmurei com ódio. Segurei-me nos balaústres de ferro e encostei a testa.

— Droga, droga, droga! – praguejei irritadiça. Meu rosto, provavelmente, estava vermelho de raiva.

— Deus o que faço? Ele não vai me deixar em paz. Eu o conheço – dizia a mim mesma. - Tenho de fugir daqui!

Coloquei em minha cabeça que o “diabão” do meu ex-namorado estava me perseguindo. Mas, isso poderia apenas ser fruto de minha imaginação. Também, depois do que vira!

Lembrei-me do dia em que Mau Mau me dissera que estava apaixonado. Dissera também, que nunca havia se ligado tanto a uma garota. Quando estávamos juntos, ele costumava ser até

romântico, e podia sentir que dizia a verdade. Via emoção em seus olhos. Quando me beijava, seu coração pulava. Juro que se ele não fosse bandido poderia me apaixonar por ele, um dia. Pelo cara legal, gentil e romântico, que ele demonstrou ser. Mas, conheci naquela noite, outro Mau Mau e vi o quão persuasivo ele era e, mortal. Infelizmente, meu medo triplicou depois que li a mensagem.

Estava numa espécie de transe me lembrando do que queria me esquecer.

— Mel! – ouvi a voz calma de Du. Mas, não consegui sair do transe.

— Mel? – ele insistiu tocando meu ombro.

— Hã? – olhei para ele, assustada.

— O que houve? Estou te chamando há um tempão.

— Foi mal! Estava pensando.

Du conversou comigo por alguns minutos e entrou. Continuei sentada por mais algum tempo e me lembrei de minha mãe. Retirei o celular do bolso e lhe enviei uma mensagem de despedida. Disse que estava bem e que passaria uns dias na fazenda. Pedi a ela que se Mau Mau me procurasse, para ela dizer a ele que eu tinha ido para o exterior... Fui obrigada a explicar o motivo. Já podia imaginar a cena... A cara de desinteresse dela quando lesse a mensagem. Eu sabia que ela nem se lixava para mim, mas senti que deveria deixá-la a par de onde eu estaria. Apenas por descargo de consciência.

À noite fui para o quarto de Jade e rapidamente me enfiei sob a ducha. Eu me sentia péssima, além de estar um pouco tonta. E por incrível que pareça, ouvia uma voz ecoando em minha cabeça,

ininterruptamente: “FAZENDA”. Tinha certeza de que, se fosse para lá, meus problemas se acabariam. “E essa agora”? – eu dizia a mim mesma – e esses enjoos e tonteiras. Será que posso estar grávida? *Oh my God!* [17] Isso só pode ser castigo – disse chorando. As lágrimas naquele momento se misturavam às águas do chuveiro. Com as duas mãos eu cobri o rosto. Fiquei assim por alguns minutos – por quê? Por quê? - perguntava com a voz embargada – Nunca fui má, ou fui? Será que, se estiver... Oh Deus! – coloquei o dorso do braço na parede e deitei a cabeça nele. Ali, inevitavelmente, desabei. Chorei rios. Nunca havia me sentido tão insegura e vulnerável.

— Como é que se conta essas coisas? - perguntei a mim mesma, levantando a cabeça abruptamente. - Que irresponsabilidade! Como pude transar sem preservativo? Será que pode ser de Mau Mau? – atrevi a me perguntar. E eu mesma respondia: - Não, não, isso não pode estar acontecendo – eu pausava para pensar – Deus, o Senhor não faria isso comigo, não é? Nem quero ser mãe! - muito menos do filho de um *bandidão*. Urgh – soquei a parede e dei um grito de dor.

— Aiiiiiii! – levantei o braço e segurei minha mão. Saí do banheiro e me vesti rapidamente. Uma mini saia jeans, uma camiseta de malha azul, e nós pés, uma rasteirinha. Depois, penteei os cabelos e descí as escadas. Vi Du colocando algumas coisas dentro de uma caixa.

— Já está arrumando as coisas?

— Hum rum. Estou adiantando. Pretendo sair amanhã bem cedo – ele deu uma pausa e olhou para mim: — Andou chorando?

— Nããooo! Por quê?

— Está com os olhos vermelhos.

— É que deixei shampoo cair nos olhos – consegui ser convincente. Ele perguntou em seguida: —Tem certeza de que quer ir comigo? Você odeia a fazenda!

— Eu quero de todo o meu coração. E, não odeio a fazenda. Gosto muito. Só acho parada. Mas, acho que dependendo dos “motivos” que se tem, acostuma-se. Penso que a gente se acostuma com tudo nessa vida.

— Será? Bem, fique sabendo que vou adorar estar na fazenda de novo com você. Não tem ideia do quanto gosto de sua companhia.

— Hummm obrigada por dizer. Gostei de saber.

— Mel! – ele se aproximou – Não tem ideia do quanto gosto de você. Minha cabeça é uma bagunça. Mas, de uma coisa tenho certeza: te curto pra caramba e ficar perto de você me faz muito bem – segurou minha mão. Confesso, minhas estruturas se abalaram. Tinha certeza de que, o que sentia era amor, porque tudo o que Jade me descrevera sobre este sentimento, sentia quando estava perto de Du. Até a coisa se mexendo em meu estômago. *Bem naquele momento tinha dúvidas do que estava realmente acontecendo com meu estômago.* O fato é que, não queria mais afastar o amor de mim. Eu o queria.

Eu precisava.

Du levou a mão ao meu rosto. Fechei os olhos quando senti o toque carinhoso dele. Enfiou a mão atrás de minha nuca e me puxou

para perto.

— Eu só consigo imaginar uma coisa nesse momento – sussurrou.

— E... eu também - ele me beijou.

— Quero você Mel! Quero muito! – balbuciou com a voz rouca dentro de meu ouvido. A expressão de seu rosto naquele momento era inenarrável. Ele se abaixou levemente para me levantar nos braços. Respirava rapidamente e batia rápido também seu coração. Na verdade, acho que nunca o sentira com tanta intensidade. Quando me encostei a ele, conseguia até ouvi-lo. Fitava seus olhos enquanto subíamos a escada e sentia que uma força nos atraía. Uma química perfeita rolava entre a gente. Sentia que nada poderia roubar-me aquele momento. Era incrível como as coisas podiam mudar. Estive naqueles braços por todo o verão. Amei estar, mas lutei contra. Agora jurava para mim mesma que nada mais me tiraria àqueles instantes preciosos. Eu o queria tanto, que era, sim, capaz de abdicar de meu mundinho maluco, para ficar com ele. Ainda que fosse no fim do mundo. Pensando melhor, acho que aquele *fim do mundo*, era o lugar perfeito para se estar ao lado de quem se ama. *E ainda tinha "aquele agravante"*. Sim, eu o amava. Agora, conseguia compreender perfeitamente os sentimentos de Jade. Eu o amei desde o dia em que ele abriu a porta do carro para mim, na rodoviária de Estrela do Campo. Só tive medo, mas agora, nada mais importava.



Du deitou-me carinhosamente sobre a cama e encarou-me. Vestia apenas uma calça jeans. Encarei aquele peito musculoso e

levemente peludo. Ele se mantinha sério. Seus olhos possuíam um brilho diferente. Desejo. Fechei os meus e deixei que ele viesse com tudo...

Duke

Eu a desejava com todas as minhas forças.

Meu coração andou ferido. Esteve confuso, e, alguns dias, o senti debilitado. Imaginei que, o que sentia por Melissa se acabaria quando a vi no haras, com outro cara. Na verdade quase surtei, entretanto decidi que tinha de virar a página, porque, ela, ao que parecia, tinha feito isso. Odiei tanto Melissa naquele dia, que quase bati o carro, na volta para casa. Fiquei cego de raiva. Errei o caminho, e, por pouco, não atropeliei um pedestre. Quando cheguei em casa, desabafei. Quebrei um vaso de plantas, apenas com um chute. Mas, não era assim tão fácil arrancar um amor do coração.



Deslizei a mão por baixo de seu corpo e a trouxe para mais junto de mim. Ela arqueou delicadamente sobre os lençóis. Via em seu rosto que me desejava também. Aquela visão deixou-me enlouquecido, então a beijei com tanta intensidade, que era capaz de engoli-la. Naquele momento não queria ser delicado. Eu a tinha de volta. Era minha!

— Linda – murmurei.

Dessa vez, a beijei quase que em câmera lenta e balbuciei dentro de seu ouvido: — “Doce como... Mel”.

Sua pele ardia...

Queimava.

Mordi com cuidado sua orelha. E confesso, aquilo era muito bom. Melissa gemia e pedia mais. Subitamente, se mexeu e num instante estava sobre mim. Seu corpo era delicado, mas possuía músculos definidos pelos anos de dança. Era ágil e flexível. Amava aquele corpo. Amava cada curva dele.

Suas mãos afagavam meu rosto. Eu mordida seus dedos e os sugava... então, abruptamente a virei e fiquei sobre ela.

— Gosto mais assim – declarei erguendo suas mãos e prendendo-as.

Ouvimos um barulho.

— O... o que foi isso? – ela perguntou com a voz embargada.

Levantei o torso rapidamente, ainda tonto pelos carinhos dela. Ela também se ergueu.

— Não sei, mas não deve ser nada – empurrei-a novamente. Infelizmente, ouvimos o barulho outra vez.

— Foi lá embaixo. Fique aqui! – ordenei.

— Nem morta! Vou com você.

— Não Mel, fique aqui! Vou ver o que é e volto em seguida. Provavelmente, o Boris derrubou alguma coisa.

— Não Du! Não eu... eu tenho medo! – ela declarou.

— Medo? Mas, de que?! Vou olhar. Não deve ser nada. Já volto.

Vi Melissa voltar para a cama e se encolher. Ela parecia preocupada. Apanhei uma camisa e me vesti. Corri até ela e lhe dei um beijo apaixonado, antes de descer as escadas.

— Volto já! – repeti, sorrindo. Não conseguia acreditar que estava ali, com ela novamente e... – *droga de cachorro!* - praguejei em silêncio.

Abri a porta e desci as escadas.

— Boris! – chamei. - Vem cá seu “estraga prazer”! Você é um cachorro condenado por ter me atrapalhado – ele apareceu serelepe, como sempre. Olhei ao redor e não vi nada anormal. Apenas a lixeira derrubada, na cozinha.

— Baderneiro!

Fui até a janela e levantei a cortina, por desencargo de consciência. Nada diferente. Mel desceu as escadas, descalça e perguntou com a voz estrangulada.

— E então? Tá, tudo bem?

— Sim. Tá tudo bem. O Boris derrubou a lixeira da cozinha. Vamos!

Estava louco para voltar para a cama com ela, contudo notei que Melissa estava estranha. Parecia querer me contar algo. Ela se deitou e levou as duas mãos à cabeça.

— Mel você não está bem. O que está acontecendo? Está estranha desde quando estávamos no shopping. O que tá rolando? – sentei-me na beira da cama.

— É que estou assustada. Pensei que fossem ladrões.

— Ei, tá tudo bem! Se acalma! Você tá tremendo – acariciei seu rosto. Ela se virou de lado e ficou de costas. Foi aí que entendi que ela tinha mesmo algo para contar.

— Estou ouvindo. Se tiver que falar algo, pode começar!

— É que... – ela se virou para mim. A ponta do indicador na boca, como uma garotinha medrosa. Então, começou: - Du, é difícil. Eu...

— Estou ouvindo.

— É que... lembra-se de que te falei de meu ex-namorado? Disse que ele estava me pressionando?

— Hum, e o que tem ele? – apertei os olhos. Sabia que o conteúdo daquela conversa, não me agradaria.

— Du, alguns dias antes de te procurar, descobri que ele é barra pesada – ergui as sobrancelhas. Mel continuou: - Acho que ele tá me perseguindo. Vi um de seus homens, lá no shopping.

— Não acredito! Por que não me contou isso logo Melissa? Você continua a mentir e omitir coisas de mim! Será que nunca vou poder confiar em você? – levantei-me da cama e abri a porta do quarto, com raiva. Tinha de sair dali. Desci as escadas novamente, decidido, e fui terminar de arrumar minhas coisas, que tinha interrompido por causa dela.

— Du, por favor! Ouça vai! Eu... – ela gritava atrás de mim.

— Melissa, não quero conversar agora! Estou farto de mentiras e omissões.

— Coloque-se em meu lugar! É muito difícil Du! sempre me estrepa. Omiti porque fiquei com medo de você não me deixar ficar.

— Se estrepa porque não tem juízo. Como é que faz isso com você mesma?! Como é que se envolve com um bandido?

— Ei, você acha que eu sabia que ele era bandido? Para sua informação, ele não tinha um crachá de identificação!

— Engraçadinha! E como é que sabe agora?

— Descobri um dia desses. Mas, isso não vem ao caso – ela disse a última frase com a voz decrescente. Balançava a cabeça e gesticulava. Emendou: - Ele é bandido e é perigoso. Quero distância, por via das dúvidas.

— Agora tudo faz sentido! Por isso me procurou. Sou mesmo uma besta. Como não percebi? Você não dá ponto sem nó. Droga Melissa! Por que eu? Já não pisou o suficiente em mim na fazenda?

— Du não é nada disso, eu... – interrompi Melissa.

— Você não mudou nadinha.

— Du não menti! A minha mãe me odeia. Ela me deu um ultimato. Queria que arranjasse um emprego e ficou me atormentando. Juro! Não tinha mais ninguém a quem recorrer. Por isso, pedi sua ajuda. Não foi por causa do Mau Mau. Quero dizer, foi também, mas...

— Quê?! Mau Mau? Deus! Olha o nome do cara! Mel sobe! – aponte para as escadas. - Não quero saber de mais nada. Vou embora daqui Não quero mais! – dei uma pausa e pensei por alguns segundos. - Se quiser, pode continuar na casa. Sei que Jade não se importaria, mas pra mim, deu.

— Du nããã! Não me deixa sozinha nessa, cara! – ela disse chorando. – Minha mãe já me deu as costas.

Confesso, vê-la chorando me fez titubear, mas, não deixaria Melissa me detonar mais.

Nunca mais!

Ela subiu as escadas, correndo. Ouvi quando bateu a porta. Dei as costas e parei em frente à janela. Minha raiva era tanta que não queria mais ouvi-la.



Mel

No silêncio do quarto que ocupava, concluí que estava acabado. Du jamais acreditaria em mim. Mas, ele tinha razão. Não fui legal na fazenda, e quando ele veio atrás de mim, o desprezei. O que eu queria? Que confiasse em mim novamente? Du estava certo. Eu só fazia burrada. O jeito era voltar para casa de minha mãe e enfrentar meu destino. É claro, tinha de terminar com Mau Mau e torceria para que ele me deixasse em paz. Tinha de consertar a bagunça que era minha vida. E não poderia esperar nem mais um minuto.

Comecei então a juntar minhas coisas, que para variar, estavam espalhadas. Fazia isso com raiva. Raiva de mim mesma. Algum tempo depois, olhei para a mala e a mochila com uma angústia gigante. Não queria me afastar de Duke. Acontece que metia os pés pelas mãos o tempo todo. Por que não contei a ele quando cheguei? Agora não adiantava *chorar o leite derramado*. Du jamais me perdoaria.

Coloquei a mochila nas costas e puxei a alça da mala de rodinha. Desci as escadas erguendo-a. Estava pesada. Nela colocara algumas roupas, das quais mais gostava e meus porta-retratos preferidos. Os sapatos e alguns acessórios, apertei e os coloquei na mochila. Du levantou a cabeça quando ouviu meus passos. Ele estava deitado no sofá. Olhei para ele e percebi uma ruga fina em sua testa. O maxilar contraído.

— Du sinto muito! — ele se manteve sério. - Juro que... — dei as costas com a voz embargada e me dirigi apressada para a porta. Boris latiu “*sorrindo*” para mim.

Acho que ele percebeu que estava de saída. Até o cachorro queria me ver pelas costas.

— Melissa! — ouvi a voz de Du.

— Du, tudo bem. Vou ficar legal.

— Você pode ficar. A Jade não se importaria — ele disse com a voz vacilante. Parecia arrependido.

— É eu sei. Mas, prefiro encarar a minha realidade logo. Basta de enrolação e chega de me enganar. Vou voltar para minha casa e me

entender com a minha mãe. Ela quer que arranje um emprego. Isso, já estou providenciando. Não esquentar!

— E o tal cara?

— Vou falar com ele. É isso que ele quer. Conversar. Além do mais, ele não pode esperar que fique com ele à força. Assim espero.

— Mas... disse que ele é bandido! Mel, não posso deix... – deixou as palavras no ar.

— Vou sair dessa Duke, pode apostar! – ele moveu a cabeça para os dois lados.

— Eu... desculpe-me Melissa. Não queria gritar com você, é que fiquei nervoso. Não vá! Fique aqui!

— Tudo bem, entendo. A culpa é minha – respondi de cabeça baixa. Minha voz saiu um pouco esganiçada por conta das lágrimas que segurava. – Obrigada. Apesar de tudo, ficar aqui nesses dias, com você, foi muito bom. Me diverti muito. E, não posso mesmo ficar. Acho que o mais sensato é encarar tudo, logo de vez - percebi que Duke titubeava, ele não estava bem.

— Adeus! – disse, por fim e abri a porta. Du, fincado no lugar, não conseguia se mover.

Sob a luz da lua prateada, arranquei o lacre de meus olhos e liberei as lágrimas. Não queria, mas me sentia derrotada. Tive três dias perfeitos e acabei estragando tudo de novo. Se não fosse tão covarde, me jogaria na frente do primeiro carro que aparecesse.

— Mel!!! – ouvi a voz urgente de Duke, que vinha correndo, e me virei. Eu já estava longe. Seguia a pé para minha casa. Não tinha dinheiro nem para um táxi. Ele parou. Limpei as lágrimas e o encarei, de onde estava. Ele fitou-me e esticou a mão.

— Vem comigo! Não vou dar as costas para você. Não tem ideia do quanto me preocupo.

— Duuuuu!!! – joguei minhas coisas no chão e corri. Pulei nele e balbuciei em seu ouvido: — Juro! Pode parecer que o procurei para escapar de meu ex-namorado, mas não foi bem assim. Quero dizer... eu queria fugir dele, mas, também houve outros motivos. Sinto muito se o magoei.

— Shhhhh, tá legal. A gente vai para a fazenda. Ainda quer ir?

— É o que mais quero!

Naquele momento, tive certeza de que não queria mais me separar dele.

Nunca mais.



Duke

Arrumei o restante das coisas, depois deixei um envelope com dinheiro para Dona Branca e uma carta dizendo que voltaria assim que desse. Meu ano letivo estava perdido mesmo. Então, decidi que passaria o restante do ano na fazenda, até que resolvesse o que queria fazer de verdade. Não tinha a intenção de parar com os estudos, e, é claro, certamente, faria cursinho junto com a Jade.

Mas, deixei Melissa à vontade para decidir sobre permanecer lá ou não. Por causa de sua situação, dificilmente, voltaria para o Rio. Ela dissera que queria distância do tal Mau Mau. Declarou, depois que tivemos uma conversa franca, que amaria a fazenda com todas as suas forças. Torcia para partirmos o mais rápido possível. Precisava de casa.

Queria recomeçar.

Vinte e oito

Jade

EU ACOMPANHAVA COM OS OLHOS VIDRADOS O FOGO CREPITANDO NA LAREIRA. Sem muito o que fazer, comecei a identificar algumas cores mágicas naquelas chamas. Fred conseguiu acendê-lo, depois seguiu para o banheiro. Disse que iria conferir se havia água para que pudéssemos tomar um banho quente. A gente tinha de se aquecer.

Cento e noventa e oito minutos torturantes. Uma mistura de tédio e ansiedade me castigavam. Comecei também a sentir fome. Levantei-me angustiada e olhei para a vela que bruxuleava. Ainda bem que Fred levara aquelas coisas. Ficar no breu absoluto não seria nada agradável. Dei alguns passos, nervosa, pela sala, e senti a tábua ranger como mola enferrujada sob meus pés.

— Jade! – Fred chamou. – Vou acender o fogão. Assim, logo teremos água quente. Aqui Gaspar utilizava o sistema de serpentina.

— Hum... já ouvi falar – assenti com a cabeça. – Um banho quente seria “tudo”. Já estou roxa de frio.

A chuva dera uma trégua, mas já estava tarde. Não me embrenharia pelo mato naquela escuridão. *Nem morta!* Através da janela olhei para o céu e vi que não havia estrelas. O tempo ainda estava fechado.

— Caraca nem uma estrelinha!

Saí para a varanda e me dirigi até a cadeira de balanço. Estava molhada. Tudo estava encharcado. Vi minha blusa no chão e corri para apanhá-la. Uma brisa forte quebrou o silêncio.

— Droga! - esfreguei os braços e entrei. Pendurei a blusa perto da lareira, assim ela poderia secar com o calor.

— Que friiiiiioooo! – reclamei esfregando os braços.

— Venha para perto do fogo Princesa! – Fred chamou.

— Estou sem lugar – declarei. Fred - que estava de pé, ao lado do fogão à lenha, aproximou-se e me puxou, pelo braço. Ele começou a assoviar uma canção. Depois, apanhou o violão tocou e cantou: — Ei, conheço essa. É do *Flávio Venturini*. "*Princesa*"

— Pra você! – ele disse com a voz sibilante.

*♪♪[...] Sim, princesa sou quem vem pedir
Me faz arder em brasa
Vem e me acende
Chama, me chama
Sou por seu querer
Estrela cintilante vem me valer. [...]*

— Obrigada. Amo as músicas dele – declarei com prazer, encarando aqueles olhos apaixonantes. Ele parou de cantar e enfiou a mão sob meus cabelos. Vi naqueles olhos um desejo crescente. Nossos corpos se tocaram com força.

— Ei o violão! – disse, sorrindo. Ele retirou o violão, que estava pendurado no ombro, por uma correia e se dirigiu à sala. Depositou-o no sofá e voltou. Enquanto vinha em minha direção, sentia uma espécie de magnetismo em seus olhos. E eu era atraída por eles.

Nossa! Como era intenso!

Um choque instantâneo. Foi o que senti, ao encostar-me ao seu corpo. Sua boca foi exigente. Depois, me ergueu. *Amava quando ele fazia aquilo, pois sentia que ficava mais perto dele.*

Perto do paraíso.

Enquanto a gente se beijava, pensava no quanto precisava daquilo.

De senti-lo, de tocá-lo...

E é claro, descobri que não conseguiria viver sem ele, por mais que dissesse que conseguiria. Lembrei-me de nossas discussões inflamadas por causa, principalmente da história da viagem e concluí. Não tinha jeito mesmo! Ele me completava, ainda que fôssemos contraditórios. Ele era aquele que me fazia viva; ou morta. Que estabelecia centenas de vínculos paradoxais. Amava tudo nele, até mesmo aquele seu modo atrevido e um tanto rude. A gente se equilibrava, nossa química surgia de nossos olhares. Eu parada demais, ele intenso demais. E por aí seguia.

Tá legal, nenhuma garota gosta de ser tratada com rudeza! Explico: não era uma rudeza que me agredia. Era o jeito que ele me pegava. Com força, com intensidade. Ele me mordida me apertava, e, isso, me deixava maluca. Até cheguei a pensar que não gostasse

daquele jeito dele, mas na verdade, amava. Gostava tanto que cedia.

Ele empurrou-me até encostar-me à parede.

— Aiiiiii – sussurrei junto ao seu pescoço.

— Eu te amo Bonita! Senti sua falta - ele rasgou a minha baby look, com um puxão – *Era desse tipo de rudeza a qual me referia. A urgência que ele me queria. Amava aquilo; aquela impaciência.*

Todavia, um pouco de juízo, bem pouquinho se sobressaiu.

— Fred! – balbuciei sem ar, empurrando-o levemente. – A gente não pode.

— Ah qual é! Tá de brincadeira. Não vem com “aquele” papo!

— A gente não... – travei, como sempre.

— A gente pode e deve! – ele disse alto. Depois, aproximou-se de meu ouvido e sussurrou: - Não faz assim Jade! - sua língua passeando pela minha orelha.

Ai meu Deus! Como sofro!

— A gente não pensou que fôssemos... – perguntei quase chorando: – Você tem preservativo? Diz que tem, por favor!

— Putz! – ele deu um tapa na parede e me colocou no chão. – Não tenho.

Rapidamente me afastei dele para não cair em tentação. Ele veio devagar com os olhos desejosos. Pisava duro. Por alguns segundos minha mente voltou “àquele dia”.

Nossa!

— A gente dá um jeito. Não faz isso não!

— Frediiii! – você é uma tentação sabia? Mas, não tem como “dar um jeito”. Não podemos ser irresponsáveis.

— Tá legaaal! – ele disse impaciente e saiu um pouco. Olhei assustada quando ele bateu a porta. O fogo já estava alto, então imaginei que já devia ter água quente no banheiro.

Droga! Que situação!

Sentia também meu estômago reclamar. Corri para o pequeno espaço e me tranquei. Retirei minha roupa, apressadamente e coloquei sobre uma pia rústica que havia ali.

— Caramba que sujeira!

Mas, não tinha outro jeito. Olhei para a blusinha rasgada e sorri.

— Maluco! Maluco que eu amo!

Puxei a cortina detonada, de plástico, e olhei um pouco receosa. Havia azulejos até a metade da parede, e, eram brancos. O piso era de lajota. Sob o chuveiro uma banheira, secular, branca, bastante descascada. Senti um pouco de nojo, afinal aquela banheira estava sem ver água, há pelo menos seis meses. Mas, entrei e permaneci de pé. Jamais tomaria um banho de banheira naquelas circunstâncias. Sentia muito frio, e, isso, se agravava porque a pequena janela do banheiro estava sem vidro.

— Oh treva! – reclamei enquanto a brisa gelada perfurava minha pele. Abri o registro de água fria e girei vagarosamente, o de água quente. Logo a mistura foi feita e água saiu a contento.

— Hummmm – sibilei com prazer.



Fred

Voltei, rapidamente para a sala e estiquei o braço para apanhar o violão. Enquanto me dirigia de volta para a varanda, lembrei-me de Du. Sentia sua falta. Os momentos em que nos reuníamos para tocar eram momentos únicos. Ele gostava de tocar *heavy metal*, mas sempre agradava a Jade tocando as músicas, das quais ela gostava: os *rocks melódicos*. Dava de tudo, porque a gente acabava tocando os sertanejos universários que mamãe pedia. Eu curti o *hard rock do Scorpions* e algumas das melhores bandas brasileiras, tais como o Jota Quest, Skank, Jorge Vercillo e também Flávio Venturini. Sentei-me na cadeira de balanço, molhada, não me importei. Respirei fundo e comecei. Tinha de me distrair. Dedilhei um acorde e afinei melhor o *Gibson*. Um assovio saiu de minha boca: “Fênix” do Jorge Vercillo. Jade não tinha noção do quanto mexia comigo. Mas ao começar a cantar relaxei e a fissura passou...

♪♪ *Eu!*
Prisioneiro meu
Descobri no brêu
Uma constelação [...] ♪♪

... *Bem, pelo menos até botar os olhos nela novamente.*

Passava um pouco das nove horas. Olhei para o céu e nada vi. Nem estrelas, tampouco a lua. O que se via, eram nuvens

alaranjadas e carregadas se agrupando. Aquela chuva de outono veio para esfriar ainda mais a temperatura. Senti uma brisa gelada me incomodar, por isso resolvi me abrigar novamente dentro da cabana. Não era de sentir frio facilmente porque a correria do dia-a-dia esquentava as coisas. Raramente usava blusa, todavia uma noite de outono chuvosa era mesmo gelada. Pobre Jade. Ela era frágil. Certamente estava sentindo mais frio do que eu. Resolvi entrar e bebericar um pouco de vinho. Ofereceria um pouco a ela, que além de sentir frio, deveria também estar faminta.

Vinte e nove

Isolda

ESTELINHA ESTAVA DESNORTEADA. MAS, NÃO QUIS ME PREOCUPAR. ELA precisava voltar para sua casa, entretanto o que a deixava maluca era a falta de notícias. Ela se preocupava muito com a Jade. Deu um jeito de avisar ao marido, e, isso não seria um problema.

— Tá tudo bem Dona Isolda? – ela quis saber.

— Está. Onde está Jade? Até agora não apareceu. A última vez em que a vi estava deitada ao meu lado. A gente relembrava algumas coisas. Está vendo? – mostrei uma caixa de madeira de tamanho médio.

— O que tem na caixa? – ela perguntou-me.

— Cartas de Fred. São da época em que serviu o exército. Ele me escrevia quase diariamente.

— Eu me lembro. Fred sempre foi apegado à senhora. Os dois. Duke também era agarrado.

— Meu filhote já é um homem Estelinha – disse emocionada. - Meus filhotes, eu quero dizer.

— E são lindos rapazes. Agora tem uma linda moça também, não é? – ela salientou.

— É, e me orgulho muito dela. Sente-se aqui! – bati a mão na cama. - Eu a amo tanto. É... como se ela também tivesse saído de dentro de mim.

— Puxa é mesmo? Como isso é possível hein, Dona Isolda?

— Eu a amo. Desde que a vi pela primeira vez, quando ainda era uma garotinha de sete, oito anos. Sempre senti que teríamos uma relação de mãe e filha.

— Credo, não vem me dizer que a senhora também é sensi...sensi... como é mesmo a palavra?

— Sensitiva? Não. Não sou. Mas, ela é. Minha menina tem uma aura linda... Também não sou "cética". Acredito em tudo que ela diz.

Estela fez o sinal da cruz. E eu ri muito.

— Estou achando que o Fred e a Jade ficaram presos por aí, por causa da chuva. O que acha Estelinha?

— Não me leve a mal! Acho ótimo. Quem sabe os dois não se entendam, hum?

— Torço por isso.

— Eles sumiram desde cedo. Jade não é de fazer isso. Ela, geralmente, sai para caminhar e volta louca por banho e por um achocolatado. Aquela lá é mais louca por um chocolate quente do que por comida.

— É mesmo. Como a gente passa a conhecer aqueles a quem amamos! Não é Estelinha?

— Também a amo Dona Isolda. Não posso nem imaginar aquela carioquinha longe da gente.

— Nem eu. Essa casa sem a alegria dela, não seria a mesma. Mas, Deus sabe o que faz. Que seja feita a vontade “Dele”, não é?

— Sempre. Bem, então me deixe arrumar o quarto de hóspedes. Acho que é lá que vou dormir hoje.

— Obrigada Estelinha! – ela bateu a mão no ar e disse:

— Ah, deixa disso.

Trinta

Jade

DESLIGUEI AS DUAS TORNEIRAS E GEMI DE FRIO. BRADEI MUITO ALTO quando me lembrei de que não havia toalha.

— OH TREVAAAA!

— Jade! Tá tudo bem? – Fred bateu à porta.

— Tá sim, me desculpa se te assustei, é que, uuuuuuuuuuu, que frio. Me esqueci, não temos toalha.

— Espera! - ele ordenou ao retirar a camisa.

— Toma! Enxugue-se com a sua blusa e depois vista minha camisa.

Abri a porta, e, ele, safado, me empurrou para dentro.

— Não deu para segurar – ele disse me agarrando. - Tá de sacanagem. Isso é demais. Ver você nua é golpe baixo.

— Mas, foi você quem ofereceu a camisa – praticamente sibilei.

— Linda! – ele gemeu dentro de meu ouvido. Um de seus braços em volta de mim. Ele me prendia encostando-me à parede fria. Mas, por incrível que pareça, não sentia mais frio. Uma onda de calor tomou meu corpo, enquanto a outra mão de Fred acariciava meu rosto. Ele encarava-me. Seu polegar contornava meus lábios.

— Não é fácil resistir a você Jade.

— É difícil para mim também, mas a gente tem de ter juízo. Não podemos nos descuidar. Não posso engravidar. Se tivesse trazido preservativo.

Ele se afastou, o que achei apropriado.

— Tem razão – ele disse.

Graças a Deus!

— Então se vista, porque não me responsabilizo por mim. Prometo que vou me manter afastado. Bem, vou tentar - imediatamente ele deu as costas e saiu. Enxuguei-me com minha própria blusa rasgada, e, depois a vesti, um pouco úmida. Na sala Fred bebericava o vinho. Vi que acendeu outra vela. Devia ser a terceira. Ainda bem que ele levara uma caixa.

— Por que não vestiu minha camisa?

— De que adiantaria? “Desvestir um santo para vestir outro”?

— Quis ser gentil. Além do mais, rasguei a sua.

— Não tem problema. Pegue! – arremessei a camisa para ele. - Vista-se senão vai adoecer! Sei que está sentindo frio também.

Ele agarrou a camisa e se vestiu.

— Quer? – ele ofereceu o vinho – acho que este é o nosso cobertor pra hoje.

— Então quero! – aproximei-me dele e peguei a garrafa.

— Vem cá! – esticou o braço e segurou minha mão. Beberiquei o vinho e sibilei. Era seco. - O fogo vai nos aquecer – assenti. Ele se sentou bem próximo à lareira, fiz o mesmo e me aproximei dele; beberiquei de novo.

— Caraca! É bem forte.

— É um bom vinho. Além do mais esquentado. Veja! – ele esticou o braço -, nem sinto mais frio.

Ficamos sentados ali. Conversamos por um longo tempo até que o vinho se acabou. Fred envolveu-me com seus braços protetores. Deitei minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos. Ele começou a assoviar uma linda canção. Era do *Aerosmith* "I don't want to miss a thing" – *Eu não quero perder nada.*



*Eu poderia ficar acordado só para ouvir você respirar
Ver você sorrir enquanto você está dormindo
Enquanto você está longe e sonhando
Eu poderia passar minha vida nesta doce rendição
Eu poderia ficar perdido neste momento para sempre
Cada momento gasto com você
É um momento que eu valorizo*

*Não quero fechar meus olhos
Eu não quero adormecer
Porque eu perderia você, querida
E eu não quero perder nada
Porque mesmo quando eu sonho com você
O sonho mais doce que nunca tive
Eu estaria te perdendo
E eu não quero perder nada*

*Deitado perto de você
Sentindo seu coração batendo
E eu estou pensando sobre o que você está sonhando
Querendo saber se sou eu que você está vendo
Então eu beijo seus olhos e agradeço a Deus por estarmos
juntos
E eu só quero ficar com você
Neste momento para sempre, para sempre e sempre[...]*♪♪

Com ternura acariciou meu rosto e declarou:

— Não sou como você ou o Du, com o inglês, mas decorei essa música – pausou e continuou: - Eu não quero perder nada, Bonita! Não quero te perder, nunca. Você confia em mim? – ele perguntou de uma hora para a outra, encarando-me.

— Sempre.

Fred retirou a camisa e forrou o chão. Depois, delicadamente, deitou-me sobre ela. Acariciou meu rosto e me puxou para ele. Minha respiração se descontrolou imediatamente.

— Você prometeu.

— Não vou passar dos limites. Confia em mim! Sei como fazer.

— Confio cegamente.

O fogo produzia pequenos ruídos que se sucediam rapidamente. Eu era capaz de ouvir o barulhinho suave, e aquilo era

estranhamente reconfortante. Deitada, de olhos fechados, sentia uma coisa boa. Não era mais a nossa primeira vez, mas era como se fosse. E, tampouco era o momento de fazer uma cena por causa de sexo seguro. O clima romântico, o frio, a lareira, o vinho, tudo era mágico. Ele prometeu que não passaria dos "limites". E nele tinha certeza de que podia confiar. Relaxei. Passamos uma noite perfeita. Fred era mesmo o homem da minha vida.

Trinta e um

Mel

A VIAGEM ESTAVA TRANQUILA. DU E EU CONVERSÁVAMOS POUCO. A gente se entendeu, mas senti que ele ficou *com um pé atrás*. E eu não forçaria a barra. Se tivesse que rolar algo entre a gente que fosse naturalmente. Mau Mau ficou no passado. Queria agora me dedicar ao presente e deixar que o futuro viesse, um dia de cada vez. Sempre ouvi Jade dizer isso. E queria o mesmo. Viver um dia de cada vez, com intensidade.

Ouvíamos lindas músicas. Até aquele momento havíamos parado duas vezes para eu ir ao banheiro, por causa de enjoos. Isso acabava comigo. A dúvida agora era minha inimiga mortal, porque quando pensava muito, meu estômago e cabeça se moviam à velocidade da luz. Sentia enjoo quando estava com medo. Ficava insegura, nervosa, e isso, era recorrente. Entretanto, comecei a ficar preocupada com uma gravidez. Resolvi isolar esses pensamentos. Queria curtir o restante da viagem.

O carro de Du era uma “coisa” de confortável. Até Boris curtiu a viagem. Na verdade, ele dormiu quase o tempo todo. Por algum tempo realmente me esqueci de meus problemas. Sentime tão relaxada e feliz, que fechei os olhos, e, instantaneamente, adormeci, quero dizer, cochilei. Du ficava me olhando enviesado. Senti quando roçou o dedo mindinho, bem de leve em minha perna. Fingi que

dormia. Fiz doce. Virei um pouco de lado e sorri escondido. Puxa, estava muito feliz e sentia um prazer inenarrável! "*Deus me perdoa por ter sido mesquinha daquela vez*"! – pensava. Estava cega. Não enxerguei que Du era o amor de minha vida. Desfiz dele e das pessoas daquela casa. Aquelas pessoas que me acolheram, me trataram com carinho e delicadeza. Como fui "tapada". Nunca tinha sido tão bem tratada. Mas, ainda bem que tive outra oportunidade, e, não a desperdiçaria, nem que a "*vaca tossisse*". Prometi para mim mesma que não o perderia mais. Abriria mão de tudo por ele. Agora tinha certeza do que sentia e do que queria.



Jade

Abri os olhos e demorei alguns segundos para me lembrar de onde estava. Então senti o corpo doer e me lembrei.

— Au – disse quando estiquei o braço. Fred – que dormia virado para mim, abriu os olhos e sorriu. Depois deu um pulo e disse: — Caramba! Precisamos voltar.

— Espera! – puxei o braço dele que se desequilibrou.

— Diga Preciosa! - ele pediu aterrissando suavemente sobre mim. Rocei meu nariz no dele e agradei.

— Obrigada pela noite perfeita.

— Ah não foi tão perfeita assim. Eu ainda quero lhe proporcionar noite memoráveis...

— Pra mim foi.

— A gente vai ter noites ainda mais perfeitas. Eu prometo!

— Ok. Vou cobrar.

— Vem Bonita! Não podemos nos demorar. Mamãe deve estar preocupada.

Fred entregou-me minha blusa já seca.

— Pode se vestir o tempo ainda não está bom. Tá ventando muito.

— Obrigada.

Fizemos todo o caminho de volta, abraçadinhos. Quando chegamos fomos direto para o quarto de Isolda.

— Ora, ora, quem é vivo sempre aparece – ela disse com bom humor.

— Desculpe a gente mãe! A tempestade nos pegou de surpresa. Eu e Jade nos abrigamos na antiga cabana de Gaspar.

— Eu já imaginava. Tudo bem. A Estelinha dormiu aqui.

— Não disse Jade? Eu sabia que Estelinha ficaria aqui – Fred observou.

— Que bom. Bem, vou tomar um banho – dei as costas, depois me virei e opinei: — Isolda, estive pensando. Seria bom que ficasse no térreo. Se for o caso, a gente pede à Estelinha para arrumar o quarto de baixo para você. O que acha?

— Pensei nisso também minha querida. É uma excelente ideia. Aqui fico presa.

— Vou falar com ela, pode deixar – Fred declarou. Saí e fui para meu quarto. Eu teria de ligar para a secretaria do cursinho de qualquer jeito. Não poderia mais adiar. Fred disse que tomaria um banho, depois um café reforçado, para só então, cuidar dos seus afazeres. Diante disso, fui cuidar dos meus.

No restante da manhã fiz companhia para Isolda. Fred sumiu. Depois do almoço ajudei Estelinha a arrumar o quarto para Isolda. Estelinha era uma comédia. A gente tirou a cama do lugar inúmeras vezes. Ficamos andando com a cama pra lá e pra cá, tentando arrumar uma posição bacana que fosse favorável ao sol.

— Estelinha você tá deixando o peso todo pra mim. Assim não vale!

— Você é uma molenga Jade. Não tô nada.

— Estelinha eu vou cair! Segura, segura! – caí de bumbum no chão morrendo de rir.

— Nós duas somos um fracasso pra trocar móveis de lugar. Isso é trabalho para homens. Mas, agora, é uma questão de honra. A gente vai conseguir.

Depois que finalmente conseguimos colocar a cama na posição certa, ficamos mais algum tempo escolhendo lençóis e cuidando da limpeza. Eu curti fazer aquilo. Em casa sempre ajudava minha mãe porque Dona Branca só dava faxina 3 vezes por semana. Gostava particularmente de arrumar os quartos. Da cozinha, não gostava.

Mamãe se encarregava das refeições e da louça. Thomas também “ralava”. Ele mantinha a piscina limpa e cuidava de toda a área externa. Éramos uma família exemplar. Por isso, no início, quando aconteceu aquela tragédia, me vi sem chão. Para mim nunca mais seria feliz. Nunca mais faria parte de uma família tão legal. Como me enganei. Deus levou mamãe e Thomas, mas devolveu meu pai, embora tivesse sido por tão pouco tempo. O lugar de minha mãe, é claro, nunca seria preenchido, mas Isolda ficava do lado esquerdo de meu peito - num cantinho especial. Quanto aos rapazes? Bem, eles faziam a minha alegria. Cada um a seu modo. E não conseguiria imaginar a minha vida sem Estelinha também.

À tardinha Fred apareceu com um coelho nas mãos. Ficaria feliz se estivesse vivo, mas Fred matara o coelho para comer. Quase dei um “treco” quando vi aquela coisinha linda e branca, morta.

— Fred o que houve com essa “coijinha” fofa? – falei o, “coisinha fofa” com voz de criança.

— Ué Jade matei pra Estelinha cozinhá-lo para nós.

— Você matou o coelhinho?! Ah não posso acreditar. Que maldade! – me afastei.

— Não vai me dizer que nunca comeu coelho?

— Deus me livre! Nunca comi e nem vou comer!

— É uma delícia Jade – Isolda falou de onde estava.

— Ah sem chance!

Estela se aproximou e pegou o coelho.

— Hum este está grande hein? – ela afirmou.

— Quando o vi só conseguia imaginá-lo sobre a mesa. Quero “Coelho Embriagado” - que só você sabe fazer Estelinha!

— Faço com gosto Fred. Deixe-me prepará-lo. Hoje então, vocês comerão meu “Coelho Embriagado”, no jantar.

— Obrigada Estelinha – Fred disse com entusiasmo. Era capaz de imaginar uma baba escorrendo pela sua boca.

Nossa peguei pesado!

— Foi difícil pegá-lo filho? – Isolda perguntou.

— Tive dificuldade, mas valeu a pena. Só de imaginar já tô babando. Hum aquele aroma delicioso...

Não peguei tão pesado assim.

— Tá de sacanagem?! “Coelho embriagado”? – perguntei perplexa - Hoje acho que não vou jantar – declarei sentindo o estômago embrulhar.

— Quando sentir o cheiro vai mudar de ideia Jade – Isolda declarou.

— Não mesmo!

— Tem o gosto do frango – Fred disse.

— Sem chance! - disse por fim.

Dei as costas e me deitei no sofá. Estava visivelmente cansada e por culpa de Fred, me sentia enjoada. Só de imaginar o lindo

coelhinho morto, meu estômago dava voltas. Isolda – que mexia no tabuleiro de xadrez ficou rindo. Fred se juntou a ela e a desafiou para uma partida.

Trinta e dois

Duke

CHEGAMOS À FAZENDA AO PÔR-DO-SOL. PARAMOS INÚMERAS VEZES por culpa de Melissa. Nunca vira uma pessoa fazer tanto xixi daquele jeito. Surpreendemos a todos. Mamãe dava uma “surra” em Fred no xadrez e Jade estava deitada no sofá assistindo à TV. Melissa ficou escondida, tentando segurar Boris, para fazermos uma surpresa.

— Duuuuuu! - mamãe quase chorou de alegria. Fred abraçou-me sorrindo e Jade? Esta correu e pulou em mim como sempre fazia. Sorria e gritava feito louca. Estava mais linda do que nunca. Os cabelos haviam crescido um pouco e notei que emagracera, provavelmente, por causa das caminhadas e do regime que vivia fazendo. Meu coração acelerado.

— Du, seja bem-vindo de volta, cara! Você fez muita falta aqui! – Fred disse, como sempre, contido.

— Mãe! – olhei para Dona Isolda - que estava visivelmente emocionada corri e a abracei, quase caí em seu colo. Queria erguê-la, mas quando olhei para sua perna, imobilizada fui logo dizendo: — Andou fazendo arte não é mãe?

— Que nada filho! Isso é porque estou velha para subir escadas.

— Não está velha mãe. Essas coisas acontecem – beijei minha mãe incansavelmente, e disse: - A gente demorou porque paramos muito para...

— “A gente”? – os três perguntaram ao mesmo tempo.

— É mãe – olhei para a porta.

— Tã dã – Melissa apareceu e todos desviaram os olhares para ela e Boris que latia com a algazarra.



Mel

— Mel! – Jade correu para me abraçar.

— Melissa que surpresa! – Isolda disse. Aproximei-me e lhe dei um abraço.

— Olá Isolda. Senti saudades!

— Mel, seja bem-vinda de volta! – Fred disse.

— Obrigada.

— Melissa eu não posso negar que estou mesmo curiosa. Saindo daqui sem se despedir de nós. Tive a impressão de que não gostou da fazenda, ou não gostou de algo que fizemos – Isolda foi direta.

— Que é isso Isolda. Adorei tudo por aqui, não pense assim. É que minha cabeça estava confusa e tive medo... – Fred – de braços cruzados, Jade e Du ficaram apenas ouvindo. Depois, Fred pediu licença e saiu.

— Medo?! – Isolda perguntou ainda mais curiosa – Du se sentou no sofá e espreguiçou enquanto conversávamos, depois sibilou para Jade: — Hum, bom estar de volta.

— Senti saudades – Jade disse, sentando-se, também. Eu e Isolda continuamos...

—... Medo Isolda – disse fitando sua face doce.

— Pode se abrir comigo filha. Meu filho fez algo que a deixasse com medo? – ela perguntou. Olhei para o Du - que estava com cara de: “*Eu? Como assim?*” - Isolda ainda perguntou: - Ele não foi um cavalheiro com você? – Isolda insistiu e Du revirou os olhos.

— Cavalheiro?! – redargui olhando para Du.

— Que é isso! Ele foi muito cavalheiro sim – fiz cara de riso. Mas, me segurei.

Odiei-me. *Por que tinha de ser tão crítica?* Lição número um: “Baixar a bola”. Estava ali porque tinha tido uma segunda chance. Embora, tivesse de admitir, voltar ali me fez sentir uma coisa boa, além de me sentir segura. Tinha a sensação de que minha vida não seria mais a mesma e de que dessa vez, minha estada na fazenda seria diferente... para melhor.

— Então o que lhe causou medo? – Isolda insistiu.

— É que...

— Socorro Mel! Que agonia! Desembucha logo! A Isolda é super, ela vai entender – Jade pressionou. Olhei para ela e franzi o cenho. Voltei para Isolda.

— Eu, bem. Tenho medo de compromisso. Por favor, não me julgue! – ela balançou a cabeça como se dissesse que jamais faria isso.

— Mel. Posso te chamar assim, não é?

— Por favor, Isolda! É claro que pode.

— Bem Mel. Não costumo julgar as pessoas. Não tenho esse direito. Você é uma boa moça e sei que está sendo sincera. Quanto a “coisa” do compromisso, é por causa da idade. Isso é compreensível.

— Obrigada por compreender – olhei para Du e vi que conversava animadamente com Jade. Ela - com a cabeça em seu colo, gesticulava bastante. Senti uma coisa chata. Du tinha de parar com esse agarramento. Isolda olhou para mim e perguntou: — Aceita um Cappuccino? Lembro-me que é do que gosta, não é?

— Sim, você não se esqueceu. Obrigada Isolda.

— Du, pode pegar um Cappuccino para Mel? - lancei olhar simpático para Du e mexi a boca agradecendo: - *O-bri-ga-da*. – ele assentiu e se levantou. Jade continuou deitada ouvindo nossa conversa.



Duke

Cheguei à cozinha e resolvi brincar um pouco com Estelinha.

— Jesus, Maria e José! Que susto meni... aiiiiiii Du! - abraçou-me, carinhosamente e declarou com um sorriso largo nos lábios: – que saudades!... A alegria voltou para esta casa. Bem que vi um carro diferente, mas nunca imaginei que pudesse ser seu. Trocou, hein? Carrão!

— É, precisei trocar, o outro estava ruim, precisava reparos – brinquei: - Um dia desses dou uma volta com você, morena!

— Rá, ra, rá – ela gargalhou e respondeu: - É bem capaz.

— Onde está o pote de Cappuccino? – perguntei mexendo no armário.

— A Jade arrumou esse armário e os colocou do outro lado, naquela porta. – ela apontou.

— Hum, a Jade arrumou, é?

— É ela me dá a maior força. Sempre me ajudando com a limpeza. Jade é mesmo uma companheira e tanto – declarou. Depois ordenou com carinho: - Senta aí menino! Sirvo um café para você, do jeito que gosta.

— Não posso me demorar tenho de levar o Cappuccino pra Mel.

— Mel hum? Ela veio com você? Conseguiu trazê-la de volta, hein, danadinho!

— Veio, sua bisbilhoteira! E não. Não vou responder às suas perguntas agora. Tenho de levar a bebida para ela.

— Depois você não me escapa. Toma só um cafezinho, vai!

— Tá certo. Um bem pequeno.



Mel

Eu estava alegre. Desde que chegara notei que meu estômago não me incomodou mais. Paramos inúmeras vezes durante a viagem. Du sentiu-se incomodado. Pensou que eu queria fazer xixi. Mas, na verdade, eu ia ao banheiro para lavar o rosto e tentar amenizar meu desconforto. Se, pelo menos eu soubesse o motivo... - *Oh Deus, eu não posso estar grávida* – pensava enquanto olhava para Isolda e para Jade. - *Se estiver eu pulo da ponte Rio-Niterói.*

Conversei por mais algum tempo com Isolda e Jade. Ela contou-me tudo sobre a sua queda da escada. Du já tinha voltado com o Cappuccino, Fred também se juntou a nós.

— E esse cachorro *bro*?

— Eu o encontrei um dia, perdido, no portão da casa da Jade e o adotei.

— Maneiro! – Jade disse. - Eu gosto de cães. Será que ele vai gostar dos vira-latas da fazenda?

— Em poucos dias vão ficar todos juntos e misturados, provavelmente, nem vamos vê-lo com frequência. – Du salientou e emendou sorrindo: - Bem pessoal, deixe-me contar as novidade. Troquei de carro. E acho que não volto para o Rio, pelo menos neste ano. Ah Jade! – ele chamou – Vou com você pra aula hoje à noite.

Não quero parar de estudar. Quero estar preparado para o vestibular, seja onde for.

Fechei a cara.

— Yes[18]! E você Melissa? – Jade questionou.

— No way! [19]– eu disse.

— Du, sabia que não aguentaria ficar lá. Aquela cidade é muito agitada para você... assim como a fazenda é tranquila demais para Melissa. Não é Mel? – Jade lançou um olhar para mim. – Mas entendo você. Também estranhei no início, quando cheguei aqui – ela disse.

— É, mas acho que já penso diferente agora. Quero me adaptar, Jadinha.

— Ah Mel a gente não muda de opinião assim, do dia para noite. O que houve?

— A gente se fala depois – olhei para Du que me encarou.

— Bem minha gente. Preciso de um banho. A viagem foi longa e cansativa. Se me dão licença. – Mel você vem? – Du perguntou, depois tentou corrigir: - Hum rum, quero dizer: Vem para seu quarto? – Isolda deu um sorrisinho. Jade e Fred se entreolharam.

— Vou sim – repondi sem graça.

— Vai lá Du! Imagino como está. Depois volte! Deve estar faminto. Hoje teremos aquele coelho que Estelinha faz tão bem – Isolda salientou.

— Hum “Coelho Embriagado”? Uau! Vou comer muito. Mas... só se ficar pronto antes da gente ir para o cursinho.

— Como é? Coelho embriagado? – Eca! Não acredito que comem coelho – eu disse fazendo cara de nojo.

— Eu disse a mesma coisa Mel, mas eles gozaram minha cara – Jade disse.

— As duas... – Du apontou para Jade e para mim – não sabem o que estão perdendo.

— Mãe! Só vou apanhar as coisas no carro. Volto logo. Fred me dá uma força com as malas?

— Claro! – Os dois seguiram para a garagem.



Duke

— Fiu, fiu – Fred assobio – Ô *bro!* Andou abusando, hein? Cara, esse carro deve ter custado uma fortuna!

— É, é um veículo caro, mas, não exagera! – respondi sem querer entrar em detalhes, pois o carro havia praticamente zerado a minha conta. Fred abriu a porta do motorista e assobiou novamente.

— Uma fortuna! – ele repetiu.

— Digamos que valeu a pena cada centavo. O veículo é show! Precisa senti-lo na estrada.

— Ahh Pode ter certeza de que vou! – Fred respondeu ainda admirando o carro.

— Não dá para ficarmos com o mesmo carro por tanto tempo. Nossas estradas são péssimas. A gente se arrisca muito à noite. Sabe como é! – eu disse.

— É verdade. Perfeito! - meu irmão, quase monossilábico respondeu.

Depois que Fred se ligou a Jade, ficou, digamos, um pouco mais falante. Ainda assim, ele não era de esticar a conversa por muito tempo, mas notei que ficara feliz pela minha volta. Amava tanto meu irmão, que seria incapaz de magoá-lo por qualquer motivo, mesmo que esse motivo fosse Jade. Ainda bem que me sentia ligeiramente diferente, em relação a ela.

Trinta e três

Mel

FECHEI A PORTA E ME ENCOSTEI A ELA. JOGUEI A BOLSA SOBRE A CAMA e sibilei baixinho:

— “Ufa! A primeira parte já foi”. Meu receio era de que Isolda me desse uma bronca. Eu tinha e mascar um *Trident*. Dei alguns passos e apanhei uma caixinha, ainda fechada, na bolsa. A goma de mascar diminuía a fissura por cigarros. E “ela” aumentara especialmente agora que estava enfrentando “aqueles” problemas. Havia parado há vários dias, mas com os últimos acontecimentos... Sabia que muitos momentos difíceis ainda estariam por vir. Mas, torcia muito para que me adaptasse. Desejava reconquistar o Duke e queria muito fazê-lo feliz, mas precisava acalmar meu coração. Entretanto, não podia negar que tinha muito medo de fracassar.

E mais essa... medo de estar grávida. Oh my God! Imagine, grávida de um bandido Caí na cama com os braços para cima.

Droga! Minha mãe expulsou—me de casa, por causa de emprego! Que crueldade. Mas, essa era uma de suas especialidades, ser cruel. Estava sem grana e sem poder contar até mesmo com um pai. Sentia-me num funil. Minhas opções se estreitaram, na verdade, só tinha uma. *Que família mais fuleira essa minha!* Pensando melhor, no final das contas, acho que fizeram um bem enorme a mim.

Sentia-me muito melhor ao lado da família de Jade. Rá, rá, rá – sorri levemente e acrescentei: - De novo.

Eu sempre pegando carona na vida dela. Nunca me cansaria de dizer que amava Laura, Jade e Thomas. Na verdade, tinha uma “invejinha boa” da Jade por ter uma família tão bacana. *Duas né?* Perdeu a primeira e ganhou outra, cheia de gatos e uma... “boadrasta”.

Eu e a minha mania de criar palavras. Às vezes ouvia alguém dizer, gostava e aderira.

Voltando, ao que me torturava...

...Pensei em fazer um exame, mas tive medo. Se estivesse grávida... - *nossa! Essa palavra até me fazia arrepiar* - acho que pularia da ponte mesmo. Mas, tinha esperanças de que não fosse nada disso. Eu tinha gastrite nervosa e sempre que passava por alguma situação desconfortável, “ela me atacava”. Às vezes sentia enjoo e vomitava. Estava sentindo as duas coisas. Por isso não sabia, ao certo, o que eu tinha. Mas, a possibilidade de uma gravidez era assustadora para mim. Não queria ser mãe; nem poderia. Tampouco, tinha competência para isso. Jamais colocaria um filho no mundo e o trataria como minha mãe tratava-me. *Droga! Minha mãe. Nunca vi uma genitora tratar uma filha com tanta frieza. Ela não me amava. Acho que por isso era tão revoltada.*

Levantei-me e fiquei de pé, perto da janela. Olhei para fora, por pelo menos uma hora e resolvi descer um pouco. Provavelmente, o jantar, logo seria servido. Du e Jade iriam para o cursinho - coisa

que eu também deveria fazer, mas, infelizmente não estava com cabeça. Meu estado de nervos acabava comigo.

Saí à varanda e vi um cão deitado. Lembrei-me de Boris. Olhei ao redor e não o vi. Provavelmente, estaria no quarto de Duke. Sentei-me numa cadeira de vime, com almofadas floridas e o encarei. Eu deveria me socializar com o cachorro, para não sentir medo dele todas as vezes em que eu o visse. Vi que só tinha 3 pernas. Senti pena.

— Ei Totó! – chamei um pouco receosa. Ele veio até mim, abanando o rabo, e, embora estivesse amedrontada, o acariciei. Tinha muito medo de animais. Inclusive de galinhas. Sorri quando me lembrei do episódio, em que aquele bicho extremamente fedorento e piolhento voou para cima de mim. Jade e Du morreram de rir...

— Medo de galinha? Fala sério! – Jade disse zombando de mim.

— Não zoa não! Fiquei sabendo que também tem seus medos...

— Ah, mas eu tenho medo é de cobra – ela justificou sem conter o riso.

— Cada um com seu cada um – disse levantando os ombros.



Vi quando dois homens se aproximavam da entrada da fazenda. Provavelmente, era Fred - aquele careta, que eu amava. *Num bom sentido, é claro.* E o novo cara que ajudava na administração. Era um tipão.

— Ora, ora, ora... não vai com Du e Jade? – Fred perguntou sorrindo.

— Não. Ué, pensei que já tivesse parado por hoje - O cowboy "classudo" estilo "Hollywood", desmontou e se aproximou.

— Pedro. Está é Melissa, amiga de Jade. Ela é do Rio.

— Muito prazer! – ele retirou o chapéu e fez uma reverência. *Uau! Os homens da fazenda eram mesmo "cavalheiros"*. Ri em pensamento.

— Uma linda gurria! – ele disse.

Achava que era gaúcho! Estendi a mão e ele a beijou. *Puxa!*

— O prazer é meu – respondi com o sorriso largo, achando aquilo careta demais.

"BAIXAR A BOLA" – esta frase piscou em minha cabeça, novamente. Eu teria de me acostumar, afinal não estava no Rio. Os costumes. Cada lugar têm os seus.

— Pedro! – Fred chamou, sorrindo - Tá babando? Ei, Mel é namorada do Duke viu?

— Hã? - Pedro murmurou desviando os olhos, sem graça.

— Pode, por favor, levar o Malhado para as baias? – Fred pediu.

— Deixa comigo! – respondeu.

O tipão segurou as rédeas dos dois cavalos e seguiu para as baias. Um lugar com um cheiro insuportável. Notei que se virou

umas duas vezes. O cão, pernetta, aproximou-se de Fred e pulou. Fred se abaixou o acariciou.

— Olá Golias.

— Golias é? Estava chamando seu cão de Totó – ele sorriu.

— Não, ele não é meu... ele fica aqui e ali. É um vira-lata que chegou e ficou.

— Nossa! – sorri para ele e respondi brincando: - Saber disso mudou minha vida – ri para Fred.

— Vejo que continua sarcástica e irônica.

— Dentre outras coisinhas – aproximei-me e o abracei.

— Estou feliz por você ter voltado – ele me apertou forte e atrapalhou meus cabelos - como sempre fazia.

— O que andou fazendo menina do Rio? Por que fugiu?

— Que mania você tem de bagunçar meus cabelos! – disse objetando. – E... não fugi. É que... achei que as coisas estavam indo rápido demais. Eu só adiantei meu retorno.

— E isso não é bom? – Fred perguntou-me.

— Naquela ocasião fiquei em pânico, mas amadureci rapidamente e hoje já penso diferente – respondi olhando para ele – que segurou meu braço e conduziu-me para o interior da casa.

— Senta aí menina do Rio, maluca! – permaneci de pé. Estava meio sem lugar.

— Quer parar? Não gosto que me chamem assim! - sorri.

Eu gostava muito de Fred. Sempre foi simpático comigo. Nossas brincadeiras eram assim, sarcásticas e irônicas, embora Fred falasse pouco.

— Senti saudades Mel. Na boa, não faz isso novamente, ok? Detonou com meu irmão.

— Fred, juro que não foi essa minha intenção... eu... fiquei muito na dele. Mas, não queria me amarrar. Agora, como disse penso diferente.

— Mudou por quê? Porque está em apuros?

— Quem te disse? Du... argh. Ele não tinha o direito!

— Fica fria! Somos irmãos. A gente conversa sobre tudo. Ninguém aqui irá julgá-la – Fred se virou e perguntou: - O que vocês, garotas da cidade, pensam da vida? – ele se dirigiu ao bar e se serviu de uma dose de uísque.

— “Garotas da cidade”? Está se referindo a sua “Preciosa” também? – sorri.

— Hum rum, sente-se, por favor! – ele indicou a poltrona e emendou: — Estou. Quer um? – levantou o copo e eu assenti. Se, ele soubesse que eu “poderia” estar grávida, certamente não me ofereceria. Ou melhor, ofereceria apenas água, suco natural e outras coisas saudáveis. *Eca!* - Virei os olhos. Embora, se fosse verdade, não levaria aquela maluquice adiante. *Não mesmo!* - Fred serviu-me, e, depois se recostou ao batente da janela com seu copo e ficou mexendo o gelo com o dedo. Eu perguntei: — Mas, por que disse

aquilo? Jade é o contrário de mim. É romântica e apaixonada por você. - ele me encarou, eu continuei: - Ela tenho certeza, de que deseja se casar e ter filhos. Esse, não é meu desejo. Quero dizer, casar pode até ser, quanto a ter filhos, ainda não pensei a respeito.

— A gente estava brigando muito. Acho que agora estamos nos entendendo. Ela é sim diferente de você. Mas, tem umas ideias na cabeça com as quais não concordo. Entretanto, estou disposto a mudar. Não quero mais brigar com ela. Eu a amo muito.

— Aiinn que fofo! Hum gostei, tá mudado hein? Tá falando mais.

— É eu...

Du nos interrompeu.

— Bem, aí está você! – Du disse ao entrar na sala. Estava com uma mochila na mão. - Onde está aquela molenga da Jade.

— Dela não sei, mas cadê o Boris? Já se enturmou com a cachorrada da fazenda? – perguntei.

— Não sei dele – Du respondeu.

— Estou aqui. E não sou molenga. É que uma garota precisa de mais tempo para se arrumar.

— Quer ir com a gente Mel? – Du me perguntou.

— Nem morta! Hoje quero cama, rapidinho, tô moída. Vou tirar só um cochilo, mas espero vocês, porque preciso falar com a Jade.

— Também estou louca para falar com você – ela olhou para Fred. - Vem comigo até o carro? – ele abriu um sorriso.

— Claro! – respondeu e antes mesmo de chegar à porta agarrou Jade por trás.

— Rá, rá, rá esses dois! – disse olhando para o Du, que assistia à cena com os olhos parados.

— Ei, tá com ciúmes? – Na boa, me sentia muito mal quando notava os olhares admirados e desejosos de Du sobre Jade.

— Não! – ele respondeu olhando para mim. Depois, se ligou no papo e reforçou alto: - NÃO!

— Você gosta da Jade Du, já percebi. Aquela história de dormir no quarto dela, não me esqueci – disse sentindo uma coisa esquisita.

É ciúme sua anta! – meu cérebro se encarregou de dizer. E não gostei.

— Não repita uma coisa dessas, Melissa. Por favor! – ele olhou para a porta. - Bem, estamos atrasados. Depois, a gente se fala. Não repita isso! – ele reiterou com o dedo em riste.

— Gosta sim! – disse me sentindo sufocada. Du ficou me olhando sem entender meu súbito ciúme. Levantei-me e corri escada acima sentindo uma lágrima brotar. Ele me acompanhou com os olhos, atônito.

Trinta e quatro

Duke

AQUELA NOITE ERA ESPECIAL PARA MIM. DEPOIS QUE VOLTARA DO RIO, ERA a primeira vez que ficava sozinho com Jade. Lembrei-me de quando íamos para a escola de ensino médio. Depois de me matricular, seguimos para o pátio, pois ainda tínhamos meia hora antes do início das aulas. Sorri desta vez, todos os meus amigos estavam lá - como Jade dissera. Meu coração transbordava alegria. Agora sim estava em meu ambiente. DJ também rodeava, decerto queria se aproximar, mas, depois daquele casamento, não conversou comigo direito. Ele era um cara, verdadeiramente louco por Jade. E se podia perceber isso facilmente. O cara não tirava os olhos dela. Não podia culpá-lo. Jade era doce e lindíssima. Encantou quase todos os rapazes, na época do ensino médio. E parecia que continuava exercendo seu encanto. Todos adoravam aquele "anjo loiro" - como DJ a chamava. Eu os via olhar para ela, mais do que como colegas. Eles a admiravam. Quando chegamos fomos recebidos por Clara e Ítalo que sempre nos rodearam.

— Não posso acreditar! Nossa turma está completa novamente – Clara disse ao me abraçar apertado. Ítalo encostou sua mão fechada na minha, num gesto que costumávamos fazer. Um cumprimento entre homens.

— Cara, não sabe como senti falta disso aqui! – declarei.

— Posso imaginar Duke. Estive na capital em minhas férias. Rapaz! Nunca mais desejo voltar lá.

— A cidade grande é muito boa, mas é só para os que nascem lá.

— Quero agradecer por deixar a gente de lado – Clara reclamou.

Jade deu um passo à frente e acrescentou:

— Ei! Qual o problema de vocês com cidade grande?

Eu e Ítalo nos entreolhamos.

— Nada contra “a cidade”, é que, particularmente, prefiro tranquilidade. Paisagens menos, cinzas e mais verdes. É isso! – acrescentei: - Ah qual é? É igual para os nascidos na capital. vocês também não morrem de amores por cidades interioranas.

— Vamos mudar o rumo dessa conversa? “Cada um com o seu cada um” já ouviram essa frase? - Jade perguntou com aquela voz melódica. Olhei-a de lado, enquanto sorvia a Coca-Cola que ela comprara antes de seguirmos para o pátio. Até fazendo aquilo ela era deslumbrante.

— Alguém quer Chicletes? – perguntei.

— Ah eu quero! – Jade estendeu a mão e Clara fez o mesmo.

— Obrigada – as meninas agradeceram.

— Du – Ítalo me puxou para o lado –, ainda gosta dela?

— A gente não deixa de gostar da noite para o dia. É gosto sim, mas, não sei o que houve comigo – declarei e perguntei, olhando

para Jade com os olhos vidrados: - Já se pegou desejando duas? – virei para ele.

Ítalo deu uma risadinha.

— É isso. Meu cérebro resolveu sacanear comigo. Gosto muito de Melissa também. E desejo muito me entender como ela. Até porque, Jade é proibida para mim.

— “Peraí”! Melissa?! – Ítalo perguntou perplexo, com aquele jeitinho mineiro, que lhe era tão peculiar.

— Ah desculpe! Me esqueci. Você não a conhece. É a melhor amiga da Jade. A gente “ficou”, no fim do ano, e ela “segurou firme o meu coração”.

Dessa vez ele gargalhou.

— Ri baixo cara! – pedi olhando para as meninas que observavam a gente, “tipo”, cochichando.

— Putz, cara cê tem sorte hein? Comigo não rola essas coisas.

— Vai rolar sim. É que não apareceu a garota certa. Fica frio! - enfatizei e ri. – Vai rolar.

No colégio Ítalo era o único para quem confidenciara minha paixão platônica. Continuei: — Preciso lhe contar sobre Mel – disse a ele dando as costas para as meninas - Quando a conheci, estávamos de férias. Melissa veio do Rio, passar uns dias e acabei ficando com ela. Cara, que garota linda! – exclamei suspirando – fiquei na dela, completamente. Cheguei até a me esquecer por alguns dias da Jade – me virei para olhá-la. Estava linda bebendo sua Coca-Cola.

Continuei: – Infelizmente, Mel não quis saber de envolvimento sério e me deu um fora.

— Caramba! E agora? – Ítalo perguntou.

— Agora?! Tô lascado cara. Porque ao invés de uma, gosto das duas – encarei Ítalo. – Tenho de me esquecer da Jade. Quero dizer, esquecer não. Varrê-la de minha cabeça. Deixar de desejá-la. Mas, é difícil, afinal a gente convive junto na mesma casa. Porém, o fato de estar com Mel, pode me ajudar. Já está me ajudando. Pra falar mais verdade ainda, acho que Mel é a ajuda que pedi a Deus, mas ela é cheia de problemas. Depois te conto, com calma.

— Não queria estar em sua pele, Du – Ítalo sussurrou.

— Pois é. O jeito é ir levando.

Olhei para ela, de lado. Ela sorria para Clara – que também era uma garota incrível. Loira – bem como gostava. Um tanto descuidada, na verdade, mas tinha o rosto bonito. Voltei os olhos para Ítalo e perguntei: — A Clara é linda, você não acha?

— Eu acho e já até tentei ficar com ela um dia, mas ela é estraanha... – enfatizou. - Sei lá, acho que não gosta de homens.

— Quê?! Fala sério! Ela... – deixei a frase inacabada, olhei novamente para as meninas e observei Clara. Ela era bonita, mas pensando melhor, não era muito feminina. A começar pelo modo como se vestia. Revirando meu baú de memórias rapidamente, pude me lembrar de alguns detalhes que reforçaram o que Ítalo acabara de me dizer. Clara nunca ficava com as garotas; somente comigo, Ítalo e... Jade.

Tá, até aí tudo normal, mas ela agarrava o braço da Jade o tempo todo!

"Isso é coisa de meninas" – meu cérebro refutava.

Mergulhando ainda mais em meu "baú", lembrei-me de que várias vezes a surpreendi encarando minha Pedra Verde.

Iiiii, será que ela gostava dela também? Isso é que não!!! – ergui os olhos, atônito.

—... Foi a impressão que tive – Ítalo ainda dizia.

E eu, enciumado, dei um passo em direção a elas, que conversavam e sorriam. Detive-me em Jade.

O vento soprava e embalava seus cabelos suavemente. Estavam mais bonitos do que nunca. Eu era capaz de sentir o perfume deles de longe.

Eu e a Clara né? Porque depois do que Ítalo dissera, me liguei.

Nunca deixaria de admirá-la. Isso morreria comigo. Esse amor que sentia por ela ficaria guardado em meu peito, e por mais que o tempo passasse, jamais se acabaria.

Um burburinho tirou-me de meus devaneios. Um rapaz corria com a mochila de uma garota e passou pelas meninas, derrubando Jade. Clara ajoelhou-se ao seu lado com os olhos assustados.

— Ei imbecil! – bradei olhando para ele. A garrafa de refrigerante se espatifou, ferindo-a.

— Aiiiii – ela gemeu já amolecendo. – Cortooooou! - abaixei e ergui sua mão – que sangrava bastante.

— Me desculpa Jade! - O cara disse ao se aproximar.

— Tudo bem! – ela deu um sorrisinho falso. Ele emendou: - Não tive a intenção. Posso fazer algo para... te ajudar? – ele ainda perguntou.

— Não, tá tudo bem... Isso acontece. - DJ, que observava de longe também se aproximou rapidamente e ficou olhando. Tive a impressão de que Clara queria tomar Jade nos braços e acalenta-la.

Caramba! Todos os admiradores da Jade ali - ao redor. Meu sangue ferveu. Eu tinha de parar com isso.

"Ela é a garota do seu irmão Du"! – meu cérebro lembrou-me, o que eu vivia repetindo para mim mesmo o tempo todo, como um mantra.

— Tudo bem Anjo Loiro?

Olhei para DJ com raiva, mas, me contive.

— Tudo DJ, obrigada. Foi um cortezinho de nada.

— Te carrego, espera aí! – DJ disse ao se aproximar.

— Tá de brincadeira DJ? Ela disse que tá tudo bem.

— O que há com vocês, irmãos Boaventura, acham que são donos da Jade? Aquele imbecil do Fred vive se estressando comigo. Pergunta para ele se o olho ainda tá doendo?

— DJ??? – Jade objetou.

— Como é? – Me levantei já com as os punhos cerrados. Porém, Jade puxou minha mão e implorou: — Não! Não faz isso não, por favor! – sua voz estava rouca. Os olhos, assustados, com medo de a gente brigar. Seu rosto mostrava que sentia dor. Já podia ver lágrimas se agrupando naqueles olhos lindos. Ela ia chorar. *Ah não!!! Eu não suportava ver garotas chorando.* Olhei para DJ com os olhos faiscando - ele também estava preparado.

— Não, não vale a pena – eu disse. DJ fez uma cara de decepcionado.

— Obrigada DJ – Jade agradeceu e perguntou: - Hum rum por que vocês homens brigam por qualquer motivo? Vivem se provocando e desafiando uns aos outros... – ela fez careta, olhando para DJ. Ele não respondeu. Deu as costas e saiu. Pelo que Jade me contara, DJ não desistia dela. Sempre a cercava e tentava levá-la para um passeio.

— Tudo bem? Venha! Vou te ajudar, se quiser... – ofereci.

— Fala sério! Machuquei a mão... – pausou ao impulsionar o corpo -, mas ainda posso andar.

— Tá legal! Acompanho você até a enfermaria - vi que todos observavam, pois, é claro, esperam por uma briga. Comentei enquanto caminhávamos: — Brincadeira mais sem graça.

— Ah, tudo bem. Não deveria dizer isso, afinal também gostamos de brincar.

— Tá certo Pedra Verde, mas a gente não sai por aí trombando nas pessoas – ela sorriu quando pronunciei seu apelido, que era só

meu. Interessante, cada um de nós a chamávamos de um apelido diferente. Ela disse ainda rindo muito: — Na boa, vou anotar em meu diário. Acho que devo ter uma dezena de “apelidativos”. rá, rá, rá. Que nossa professora de português não nos ouça – ela sorriu.

— Como é? “Apelidativos”? Isso existe? – perguntei olhando para ela, sorrindo também.

— Apelidos adjetivos. Não é o máximo? Inventei – segurei seu braço e a encarei dando a maior bandeira. Ela baixou os olhos.

— Senti sua falta – não liguei em dar “bandeira”.

— Eu também. Acho que, por isso sentia que minha alegria escapava pelo ralo. Cara a casa sem você fica sem graça - olhou para mim. Seus olhos brilhavam. Acrescentou: - Na boa, não faz isso mais não! Você faz falta.

— Bem pelo menos até eu me decidir sobre o que vou fazer, prometo! Melissa agora veio para completar nosso time de bobos alegres – disse com bom humor.

— Você e ela estão juntos pra valer? Eu fico tão feliz Du.

— Negativo. A gente ainda tá se entendendo. Ela é uma garota complicada Jade. Ela passou por alguns problemas e me procurou. Acho que está arrependida. Espero que ela realmente mude suas atitudes.

— Você e Melissa são meus irmãos do coração. Eu amo vocês e desejo que fiquem bem.

— E quanto a você e Fred? Estão bem agora?

— Ele rompeu comigo porque eu queria estudar no Rio. Mas, por causa do acidente de sua mãe resolvi ficar, digamos que por tempo indeterminado. Então, ontem, Fred me chamou para passear e a gente se entendeu – explicou – na verdade, a gente tá se entendendo. Decidi esperar um pouco mais e ver no que vai dar.

— Como assim Fred rompeu com você? Isso é difícil de acreditar – parei por um instante a sua frente.

— Já te contei. Ele é extremamente ciumento. Acho que posso dizer doente. Du, ele não me deixa respirar, mas disse que vai mudar. Na boa – salientou -, desejo do fundo do coração que ele mude mesmo. Seu irmão andou fazendo umas coisas muito estranhas.

— Hum? – murmurei. Ela continuou:

—... Andou bebendo muito e se encontrando com uns amigos esquisitos – Jade levantou os olhos quando se lembrou.

— Ah, preciso te contar.

— O quê? – perguntei curioso.

— Ele perdeu Malhado numa aposta idiota noutra dia. Coisa sem sentido.

— Como é que é?!

— Numa noite, antes do acidente de sua mãe, ele insistiu em me trazer para o cursinho. Veio dirigindo meu carro e prometeu que estaria aqui, na hora em que a aula terminasse.

— E...

- E, a aula acabou... “cadê ele”? – não sabe a raiva que passei.
- Fred não fez isso!
- Você e essa sua mania de defendê-lo. É claro que ele fez! E sabe onde ele estava?
- *I have no idea* [20]– disse balançando a cabeça.
- No “Velho Oeste”, “trincado”. Fui até lá para buscar a chaves de meu carro e descobri que lá é “casa da luz vermelha”! Vocês homens hein?
- Você não foi até lá! – objetei.
- Ah pode apostar que fui.
- Aquele lugar é um antro, garota.
- Eu que o diga. Vi o que rola por lá.
- Essas coisas existem mesmo Jade. Normal – ela ficou me olhando com cara de riso.
- Corajosa hein?
- Hum rum. É claro que não fui sozinha. Pedi ao DJ para me acompanhar.
- DJ é? Aquele aproveitador – disse com raiva.
- Nem vem Du! DJ é um cara “super”. Gosto muito dele. Bem, mas, não vamos falar sobre ele - ela sugeriu e explicou: - Chegamos ao interior do tal bar e encontramos seu digníssimo irmão, tonto. Ele já tinha perdido o cavalo.

— Iiii faço uma ideia de como ele ficou no dia seguinte. Deve ter ficado arrependido e arrasado.

— É claro que ficou. Sumiu uns três dias. Ontem pedi a ele para conversar com o Bira - o cara com quem apostou. Mas, ele se recusou – dei uma pausa e exclamei: - Fala sério! Achei o cara, um asqueroso. Só não entendo por que Fred sai com essa gente.

— Por que ele se recusou?

— Porque ele acha que não vale a pena – suspirei. Lembrar-me daquilo me deixava irada. - O Bira é maluco e mau-caráter. Du ele anda armado. No dia em que fomos até lá, rolou o maior estresse. Acho que seu irmão tem razão. A gente não deve mexer com aquele sujeito.

— Entendo. Então, não há possibilidade dele reaver o cavalo?

— Não. Eu até disse que falaria com ele, mas Fred me proibiu. Cara, não me conformo! – Jade disse gesticulando e fazendo um muxoxo.

— Depois vou falar com ele – disse para tranquilizá-la.

— Obrigada, você sabe o quanto aquele cavalo é importante para mim. Tanto quanto minha Savannah.

— E ela? Está bem? Quando é que vai deixá-la cruzar com Relâmpago?

— Ela está ótima. Não tenho cavalgado muito ultimamente. Acho que prefiro andar, me exercitar para não perder a forma.

— Você tá linda Jade! – declarei. Ela ficou me encarando, depois brincou: — Queria que Savannah cruzasse com Relâmpago? Ah não sei não – ela sorriu e emendou: - Savannah é criteriosa. Ela tem dado bola para o Malhado. Kkkkk – deu uma gargalhada gostosa. Quase “voei” nela para apertar aquela bochecha rosada. O sorriso dela era um pecado. *Calma Du!* – obriguei-me a me refrear.

— Não acredito! Vai deixar Relâmpago *a ver navios*?

— Eu não ela – Jade sorriu emendou: - Savannah está *in Love* [21]por Malhado.

— Bobagem! Quando ela sentir a “pegada” de Relâmpago, ela vai mudar de ideia – rimos.

— É, mas acho que ela vai ficar com o seu garanhão, no final das contas, porque Malhado vai embora – gargalhamos.

— Nós dois somos mesmo bobos. Que papinho! - eu disse, e ela ficou sem graça. Depois, dei uma pausa e mudei de assunto para alegrá-la. Ela realmente sentiu pelo cavalo que o babaca do meu irmão, perdera. Coloquei meu braço em seu ombro delicado e disse: — Vamos! O seu sangue tá jorrando gata! – ri com vontade. — Espere! – pulei a sua frente, de novo - Deixe-me cuidar de você! Está ficando pálida. Não, não desmaie! Por favor! - peguei-a de surpresa, erguendo-a.

— Duuuuu! – ela gargalhava - para a palhaçada! As pessoas estão olhando.

Ela tinha poder sobre mim. Eu tinha fascínio por ela. Esta era a verdade.

Na enfermaria uma moça nos atendeu. Fez um curativo rápido e nos tranquilizou.

— Foi superficial. Vai ficar tudo bem.

— Caraca... mas, sangrou muito! – Jade observou.

— “Obrigada (o)”! – Jade e eu dissemos juntos. A moça nos sorriu.

Caminhamos lado a lado até chegarmos à sala. Fiz umas piadinhas, por isso ganhei uns tapinhas no ombro.

— Au! É verdade! – disse me esquivando.

— Vai ter troco. Oh piada sem graça!

Quando entramos todos se voltaram para nós.

— Tá tudo bem galera! Obrigada – ela disse mostrando a mão. Foi um cortezinho de nada. Vou sobreviver - todos riram. Menos DJ. Este se manteve invocado. No intervalo, uma música, extremamente, alta, começou a tocar. Olhei para Jade e levantei as duas mãos: — Mas, o que é isso?

— É nosso momento dançante – ela disse sorrindo. – Vem! – Jade me puxou pela mão e deixou DJ ainda mais invocado.

— Eu não tinha falado para você do nosso intervalo animado. Nosso “momento descontração”

— Momento descontração? Mas, que coisa mais, “ensino fundamental”? Ah não acredito que...

— Fala menos e vem caraca!

— Jade você sabe muito bem que eu não danço.

— Ah, mas aqui você vai dançar – ela começou a se mexer. Na verdade, olhei atônito ao redor e notei que todos dançavam.

— Sem essa! – forcei meu corpo e saí de perto dela que ficou parada me olhando, decepcionada. Entretanto, DJ não perdeu tempo, se aproximou e começou a dançar com ela. O cara mandava bem e era irritante também. Dançava e olhava para mim. Segurava a cintura de Jade e a puxava para perto dele. Dei as costas, não queria ver aquilo. Se Fred soubesse.

Ao fim da aula, dirigimo-nos para o estacionamento. Jade veio conduzindo meu carro, mas não quis voltar ao volante. Disse que a mão estava dolorida. O corte foi superficial, mas era grande. Observamos que DJ nos observava de longe. Acho que agora podia compreender a ira de Fred. DJ era um “mala”.

— Uai, Pedra Verde, desistiu? – eu perguntei ao me acomodar no banco.

— Diz de novo? – ela pediu.

— O quê? Desistiu?

— Não! – pensei

— Pedra Verde?

— Nãããooo! – ela negou balançando a cabeça e sorrindo.

— Ahhh, “uai”?!

— Éééé... adoro quando falam esse "uai" – levei a mão à sua bochecha e apertei. Ela balançou a cabeça e disse: - Ai Du... doeu! Quase engoli o Chiclete!

— Shhhhh tá legal! Me excedi na força, me desculpaaaa!... Tá mascando aquele Chiclete até agora? – eu ri - Caramba! Já deve estar sem doce.

— Rá, rá, rá nem percebi. Na verdade eu gosto. A goma de mascar me acalma – ela deu uma pausa e me perguntou: — E você e a Mel? Me conta aí, vai!

— O que quer saber?

— Ah, como foi que voltaram.

— Ah a gente não voltou, ainda. Já disse, mas tá rolando um clima – expliquei: — Bem, Melissa um dia, enviou-me uma mensagem. Eu não liguei. Mas, quando cheguei em casa, lá estava ela. De "mala e cuia".

— Conta! – Jade pediu me cutucando, então contei tudo a ela...

— Pra te falar a verdade. Pensei em não deixá-la ficar comigo, mas fiquei com pena porque ela estava aflita. Eu estava tão sentido com Mel!... – soquei o volante. - Acredita que a vi com outro cara no haras? – encarei-a. - Aquele que me indicou!

— Hum rum – ela murmurou. Acrescentei: - Fiquei possesso. Jurei para mim mesmo que me esqueceria dela.

— Puxa! – Jade exclamou – sinto muito Du – ela fez aquela voz melosa que sempre fazia. Eu continuei: — Melissa me fez sentir ódio

por alguns dias. Eu me humilhei muito, além do mais, Mel tinha uns amigos esquisitos. Na boa, se ela aparecesse em sua casa naquela ocasião, a expulsaria. Cheguei a pensar mal dela. Ela não me pareceu uma moça... como diria...direita.

— Hã? Direita? – Jade estranhou. - Como assim, direita? – ela franziu o cenho e percebi que ficou triste.

— Não, não, por favor, não fique triste! Sei que a ama. Não foi o que quis dizer – gaguejei muito.

— Bem, no início, achei Mel meio... – tentei pegar leve, não queria ser rude.

— Não “doure a pílula” Du! – ela reclamou, por eu estar tentando amenizar. - Diga o que pensou! – ordenou.

— Periguete – disse num impulso.

— Quê? Caraca! – Jade ficou branca. - Não está exagerando? Não posso acreditar, ela não era assim. Bem, não desse jeito. Não entendo o que deu em Melissa. Deve ter acontecido alguma coisa. Mel não...

— Não, mas, não penso mais assim. Mel estava meio perdida, sabe? - disse aspirando ar frio da noite.

— É a gente vai conversar e ela vai me contar tudinho – Jade disse.

Conversamos mais alguns minutos. Eu ri como há muito tempo não ria. Depois, percebi que Jade estava sonolenta e me calei. Acelerei para chegarmos rápido. Enquanto dirigia, observava seu o

rosto. Ela fechara os olhos. Balancei a cabeça, concentrei-me na estrada e rapidamente chegamos à fazenda.

Só pra não perder o costume, acordei-a com cócegas.

— Para Du! – ela pediu enquanto eu retirava o cinto de segurança dela que, por algum motivo emperrou. - Não aguento cócegas!

Trinta e cinco

Fred

— ESTÁ VENDENDO? “A CARAVANA DA ALEGRIA” ACABOU DE CHEGAR!

— Esses dois ainda estão nessa fase? Isso não te incomoda, não?
– Melissa perguntou visivelmente enciumada.

— Essa fase não passa para Du e Jade. Ué, você não pode falar nada, é igual a eles!

— Essa fase passou para mim – ela disse franzindo o cenho.

— Hum... tá legal. Vou fingir que acredito. E, respondendo à sua pergunta: antes, ficava incomodado, agora nem tanto. Não sei de onde esses dois tiram tanta energia. É só palhaçada e...

Melissa e eu nos viramos quando os dois entraram.

— Espera aí! – Jade berrou. - agora te pego!

Du, que fugia dela, parou na hora em que me viu. Jade parou em cima de Du.

— Tá maluco! – disse ela se desequilibrando. A cena foi engraçada, mas, ela não pôde rir porque levou o maior susto com a trombada e acabou engolindo o Chiclete.

— Arrrr – ela balbuciou. Corri até ela – que levou a mão à garganta.

— O que foi Bonita?

— Engoli o Chi-chiclete – Du gargalhou, depois ficou sem graça.

— Mel! Ainda acordada? – ele perguntou.

— Tô esperando a Jade – ela respondeu olhando para minha preciosa. Notei que ela ficou muito estranha.

— Mamãe já foi dormir? – Du perguntou.

— Já – respondi. - Vem cá Bonita! Senti sua falta. Estiquei o braço para agarrá-la.

— Hum. Também senti.

Ganhei um selinho.

— Jade! Tenho uma notícia desagradável para você.

— Caramba o que é? – ela disse com a voz mais deliciosa do mundo.

— É sério. O Bira disse que vem amanhã buscar o Malhado.

— Ah nem! Essa história!!! – ela disse se virando para o Du: - Du, por favor, ajuda o Fred convencer o cara a vender Malhado para gente de volta!

— Jade já te disse! O Bira não quer saber da sua paixão pelo cavalo. Só pra sua informação, fiquei sabendo que não vai vendê-lo, por enquanto.

— Jade – Du se aproximou – Se Fred tá dizendo que não tem jeito... então, sem chance!

— Du vocês falam disso depois. Vem Jade! – Melissa pegou a mão de Jade e a puxou – Tô louca pra falar com você.

— Tá legaaaal! – Jade disse se soltando – espera Mel! – voltou alguns passos e pulou em meu pescoço.

— Gostei disso. Bo-ni-ta! – eu disse soletrando.

Sentia-me diferente e muito bem. Acho que mudar de comportamento foi a melhor coisa que fiz. Estava mais solto e ainda mais apaixonado.



Jade

— Ah nem! – Melissa exclamou. Vocês dois não cansam disso não? Que “melação”!

— Confessa tá com inveja! – Duke observou. Melissa olhou para ele e nada disse.

— Preciso mesmo falar com você, Jade.

— Ok. Então venha!

— Yes ma'am [\[22\]](#) – Mel respondeu fazendo continência.

— Jadinha sua bunda cresceu, hein? – aquela maluca disse batendo a mão em meu traseiro, enquanto subíamos a escada. Os rapazes disfarçaram, mas riram muito. A cena foi hilária.

— Aff... Melissa! Não mudou nada! – observei rindo e balançando a cabeça.

— Deixe-me te ver! – ela levantou meus braços para olhar meu corpo - uau! Como você tá linda garota! Os ares da roç... digo interior lhe fazem muito bem... – salientou. Estávamos agora no alto da escada.

— Mel! Você engordou? – perguntei olhando para Du - que fez uma cara interessada -, mas disfarçou. Na verdade, achava que Du estava ainda mais apaixonado por Mel. Notei que ele lançava muitos olhares para ela.

— Hum rum... é engordei uns quilinhos – ela disse com a cara feia.

— Ah qual é! Mais não foi tanto assim, foi? – Mel, atrevida, passou as mãos pelo corpo. Fred e Du, só olhando. De vez em quando um olhava para o outro. Melissa estava linda, como sempre, e os quilinhos a mais, não lhe fizeram tanta diferença assim. Ela era a cara de uma atriz americana, *Brittany Robertson*. Mas, ao contrário da atriz, os olhos de Mel eram escuros.

Entramos no quarto. Então, ela saltou para minha cama e deu um gemido.

— O que foi maluca?

— Doeu aqui quando me estiquei! – segurou a barriga.

— Passou? Tá tudo bem? Não seria cólica?

— Adoraria que fosse. Assim teria certeza.

— Certez... como assim?! – perguntei já desconfiando. – Não vai me dizer que...

— Hum rum, ainda é só uma desconfiança, e, isso, tá me matando Jadinha. A dúvida. – levou a mão aos olhos e aquela Melissa brincalhona e irônica tornou-se frágil e entregue.

— Ahh Mel! O que deu em você? Não é uma garota inexperiente. Você está brincando, não está?

— Não tenho certeza. Tenho de fazer o exame - Mel cobriu o rosto com as duas mãos. – Mas, não é só isso.

— Hã? – me aproximei.

— Amiga! – ela disse chorando – Estou sem casa, literalmente. Minha mãe me expulsou.

— Oh Mel! – deitei na cama e afaguei seus cabelos – O que houve?

— Você conhece mamãe – ela me encarou e disse: - Amiga, quanto a minha dúvida sobre gravidez, estava aqui na fazenda, minha pílula havia se acabado e Du sempre tinha preservativo, mas acho que algumas vezes a gente se descuidou.

— Não posso acreditar que foi tão irresponsável. E pode ser dele? Desculpe-me. Pergunto por que Du me disse que te viu com outro cara.

— Hã? Ele viu é?

— Viu. Não se ofenda! Perdoe-me isso não é da minha conta!

— Com você posso me abrir. Não tenho tanta certeza.

— Meeel! – exclamei.

— Amiga na semana em que voltei para o Rio, conheci um cara. Nossa! “Como eu sofro”! – ela exclamou.

— Sofre porque é maluca, de “pedra”. Por que foi ficar com um cara, assim tão rápido? Você nem se deu ao trabalho de conhecê-lo? E que irresponsabilidade! Por que não usou camisinha?

— Ah Jade, não me venha com sermões!

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou – levantei os dois braços.

— Escuta! Infelizmente não posso voltar atrás. Se pudesse, teria tomado outras decisões. Já era. Droga! – praguejou para ela mesma - O pior é que descobri que ele não é um cara legal. Seu nome é Mau Mau.

— Deus do Céu! Mas que nome hein? Ah Mel, o que deu em você? Por que faz essas coisas? Não se valoriza não? Você não era assim! – redargui ainda: - e, acha que se estiver mesmo grávida, o bebê pode ser dele? De quanto tempo está? Nossa você agora se superou.

— Tá legal! Eu permito. Você tá certa. Eu sou mesmo uma maluca irresponsável – ela admitiu gesticulando, como se mandasse jogar as coisas para cima dela. Continuou: - Pode descarregar todas as críticas e também as perguntas! – Mel tentava parecer calma, embora suas feições demonstrassem - com exatidão -, que estava se borrando de medo. Algumas vezes soltava uma piadinha ou outra. Ela tentava manter aquele ar irônico - que lhe era tão peculiar. Mas, fracassava. Admitiu: - Se estiver, pode ser de qualquer um deles – riu de nervosismo. - Mas não entendo muito dessas coisas. Se, for mesmo gravidez, e tenho quase certeza de que é, tô lascada! Não quero nem pensar – disparou praticamente sem respirar: – Estou “atrasada” há pelo menos um mês. Eu comecei a sentir uns

sintomas esquisitos há uns dez dias, porém devo admitir, que pode ser gastrite ou stress. Aiiii que droga! – ela praguejou. - Nunca quis tanto ter uma gastrite!

— Maluca de pedra, isso é o que é! – dei uma pausa e perguntei:
- Mel o Du sabe que suspeita estar grávida?

— Não mesmo! É outro abacaxi que tenho de descascar.

Melissa se contorcia de nervosismo.

— Ah Jadinha, se, der “POSITIVO”, pode encomendar meu caixão.

— Não diga besteira! Tem de enfrentar as consequências!

— Ele não precisa saber.

— Hã? Enlouqueceu?

— É isso, simples assim. Planejei tudo num segundo – ela disse se movimentando de maneira esquisita – Se, eu confirmar, você me ajuda a resolver essa parada e...

— Eu te... ajudar? Como assim?

— Como acha? – pensou por um instante e continuou: - Bem, em primeiro lugar, preciso ficar aqui. Quero muito me adaptar e conquistar o Du. Ele tá chateado comigo, mas acho que ele ainda gosta de mim. Não sei como seria esse “gosta”, mas, enfim... – ela deu uma pausa e prosseguiu: - Outra coisa. Acha que Isolda vai se importar? Nossa! Nunca quis tanto morar na fazenda como agora. Quero passar o resto de meus dias aqui.

— Mel, você odeia a fazenda. Que conversa é essa? Tem certeza de que não está enganando o Du, com essa conversa de que agora

quer passar o resto de seus dias na fazenda? – ela balançou a cabeça e antes que respondesse emendei: - Mas, se precisar ficar, saiba que, minha casa é sua casa. Sempre foi assim entre nós duas.

— Obrigada. Sabia que poderia contar contigo – ela continuou: - em primeiro lugar, preciso saber se estou mesmo nesse “estado interessante”.

— Rá, rá, rá – eu ri. Mel estava até “a tampa” de problemas e não perdia o humor. “Estado interessante”. Minha mãe é que falava assim.

Desabafei um pouco:

— Tanto que te pedi Melissa! Não queria que magoasse o Duke. E, temo que essa história, vindo à tona, vai machucá-lo muito. Eu o amo tanto! Ele é a pessoa mais... – Comecei a elogiar Du e mudei o foco da conversa, sem sentir, olhando para o nada, suspirando e gesticulando. Mel me observava. Continuei: -, mais incrível do mundo, bem humorado, educado, nunca diz, “não” a ninguém. Ele é super!

— Espera aí! – Mel objetou: - Tá gostando do Du? Puxa Jade, não gostei disso não! – ela fez uma cara estranha. Melissa tinha ciúmes por que desconfiava que Du gostasse de mim.

— Quê?! Tá maluca garota? – disse me levantando.

— Amo Du como a um irmão, amigo.

— Presta atenção! – ela disse com o dedo em riste e um olhar estranho - Dividimos tudo, menos o Du.

— Melissa tá com ciúmes de mim? Ah amiga, não viaja! – disse pacientemente. - Eu gosto é do outro irmão, dá, se esqueceu? Eu e

Du temos uma relação fraternal. Pode ficar sossegada! – disse ainda: - Fico feliz que esteja com ciúmes dele. É sinal de que realmente o curte. Entendo você. Também sou uma apaixonada Mel.

— Pelo Du? - Mel “raciocínio lento”, perguntou depois que eu acabara de explicar. Respondi: — Nããoo! Fred. Presta atenção Mel! – dei uma pausa e fiquei olhando para ela - Ah, te disse que Fred e eu tivemos alguns probleminhas?

— Não me lembro. Minha cabeça tá péssima – ela respondeu.

— É compreensível.

— Bem, ficamos sem nos falar direito por algum tempo, porque não concordávamos em algumas coisas. Quase morri de tristeza.

Expliquei a Mel tudo sobre as brigas entre mim e Fred. Depois disse: - Ele estava agindo de maneira estranha. Parecia ser “bipolar”. Sabe o que é isso, não é?

— Já ouvi falar, mas, na verdade, não sei o que é – Mel limpou as lágrimas e prestou atenção em mim.

— Bipolar é um transtorno. Não entendo muito, mas tem a ver com humor. Coisa que Fred não tem. Pelo menos não tinha. Ele se propôs a mudar. Enfim, vamos ver! – pausei e expliquei: - O transtorno bipolar caracteriza-se pelas oscilações entre o humor a euforia e a depressão. Bem o jeito de Fred – salientei e levantei-me. Por um momento me esqueci do problema de Mel. Esta, não tirava os olhos de mim. Tinha as feições indecifráveis. Continuei: - Fred era estranho. Tinha dias que era o cara mais apaixonado do mundo, outros era seco, grosso e brigão – eu andava em círculos e gesticulava. - Mel, ele tinha uns comportamentos estranhos. Quando

isso ocorria, o odiava. Ele sempre foi assim – parei em frente à janela e encostei-me à parede. Prossegui: - Acho que não te contei, mas quando cheguei aqui, era muito seca com meu pai. Numa noite, sonhei com o anjo...

— Ahhh – fala sério! – Mel objetou. – Não vem com essa conversa porque tenho medo.

— Tá certo. Só uma observação. Na verdade, acho que quem precisa de um anjo da guarda, agora, é você, que só se mete em roubadas.

— Ah nem! Não. Dispensó. Continua! – ela pediu. Percebi que fitava o teto.

—... Gritei muito, até que Bernardo e Fred entraram em meu quarto, mas foi meu pai que me acudiu. Bernardo dormiu comigo, e, neste dia, começamos a nos entender. Entretanto, no dia seguinte – disse me aproximando -, Fred me ouviu praguejar e não entendeu que eu disse “um droga” por algum outro motivo. Ele pensou que estava gritando com meu pai. Fred defendia Bernardo com unhas e dentes. Quando desci para o café da manhã, ele “soltou a cachorros” em cima de mim.

— Mas, que convarde! Quantos?

— Fala sério! Você está aqui Melissa? – redargui. Melissa estava aérea. Continuei: - É o jeito de falar, quis dizer que Fred brigou feio comigo.

— Nossa! Que burra eu sou. Estou com uma espécie de “déficit de atenção” Jadinha.

— Estou vendo. Se liga! – continuei: - Ele era assim, intenso demais. Tudo para Fred era motivo de brigas. A última que tivemos foi feia. Cismeí que queria fazer um curso de dança no Rio. Ele, é claro, não concordou. Chegou a me entregar a aliança.

— Ué, que aliança? Se casou, por acaso? – Mel às vezes era lentíssima.

— Não Meliissa! – disse já estressada com ela, pela sua falta de atenção. - É que Fred quis selar nosso compromisso. Para isso comprou um par de alianças – dei uma pausa. - Ah, não vem me dizer que nunca ouviu falar de aliança de compromisso?

— Já sim. É que você não me contou isso.

— Adivinha por quê?

— Tá legaaal! Eu sumi – ela respondeu levantando as duas mãos.

— ...Então, no dia da briga ele entregou-a a mim. Rompeu comigo. Ah deixa pra lá! – disse cansada. Aquele assunto me irritava.

— Annnn! – Mel exclamou – Mas, agora está tudo bem, não está? Digo, entre você e ele? – dei as costas e respondi: — A gente se entendeu. Ele está mudado. Ah Mel, foi tão romântico! – voltei para ela e disse com um sorriso largo e cara de contentamento - A gente passou a noite juntos numa cabana.

— Uau! Legal hein? Você se liga mesmo nessas coisas, não?

— Ah eu gosto sim – disse suspirando.

— Tá legal! – Mel aspirou “todo o ar do quarto”. Eu franzi o cenho quando a vi fazer aquilo. Parecia nervosa — Bem, já que abri o jogo

contigo, vou contar tudo. Tem mais amiga.

— Não acredito! – eu disse sibilando.

— É sobre Mau Mau.

— Oh *God!* [23]O que é Melissa?

— Jade é uma longa história. Senta aqui! – ela bateu a mão na cama. Sentei-me ao seu lado já sentindo que vinha “bomba”.

— Bem. Como é que vou começar... Bem é...

— Desembucha! – pedi impaciente.

— Descobri que Mau Mau é bandido

— Hum?! – murmurei perplexa. Mel prosseguiu: - Caraca! Não sei como não percebi isso, antes. Ele sempre acompanhado por dois “guarda-roupas” enormes. Deus! Como fui tapada! – Mel se levantou e pisou duro, depois disse, visivelmente, amedrontada - aiiii Jadinha tô perdida. Eu cismeiei que ele tá me perseguindo, porque andei dando uns bolos nele. Agora tô paranoica. – lágrimas brotaram dos olhos de Melissa.

— Meeeeel – exclamei atônita, dando ênfase ao seu nome.

— Estou com tanto medo dele. Não te contei? Eu o vi em ação.

— O quê?! – perguntei pálida.

— É, estávamos num restaurante...

Melissa contou-me tudo. Fiquei desorientada. No lugar dela, teria procurado a polícia e feito a denúncia. Mas, Mel disse que Mau Mau era perigoso. E que se soubesse que estava na fazenda, seria capaz

de vir atrás dela. Disse que embora tivesse convivido com ele por pouco tempo, descobriu do que ele era capaz. De acordo com Mel, Mau Mau não admitia perder. Era assim até nos esportes.

— Jade! – Mel desabou. Eu abracei minha amiga chorando também. – Estou com medo.

— Ah Melissa que situação! Diga o que pretende fazer?

— Já disse! Quero ficar aqui. Acho que só aqui estou segura. Não ponho mais os pés no Rio.

— Ah, eu sabia! Quer ficar por isso. Então, não está, de fato, apaixonada pelo Du. Você o procurou apenas porque está em apuros e precisa de um lugar seguro. Mel, você tá enganando o Du. Isso não vai prestar – desabafei.

— Juro não estou Jadinha! Confia em mim! É que, nossa! Sou tão confusa. Nunca tinha sentido nada parecido por ninguém. E, sempre, tive medo de me apaixonar – ela se explicou: - Quando cheguei à fazenda, nas férias, senti uma atração imediata por ele. Apaixonei-me pra valer. Com o passar dos dias, isso foi se intensificando... Foi muito rápido, por isso, fiquei assustada. Você me conhece, tente entender. Eu fugi de medo, caraca!

— Entendo. Tudo bem, mas jura que não vai fugir dessa vez?

— Juro. Até porque, não tenho mais para onde ir.

— Ah Mel! – dei um tapa no ar.

— Brincadeirinha. Prometo! Estou sendo sincera – beijou os dedos cruzados. Continuou: – Mudei meu modo de pensar Jade. Agora quero sossegar. Quero sim, ficar com o Du. Confesso que depois das

burradas que fiz, me arrependi e me propus a mudar. Quero arranjar uma ocupação...

— Apoiada!

— Agora, para começar com o pé direito, tenho de fazer a porcaria do exame para tirar essas “interrogações gigantes”, que estão rodeando minha cabeça, e seguir – Melissa disse suspirando. Confesso que gostei de ouvi-la dizer aquilo. Ela pediu: — Jadinha ajude-me a recomeçar? Só tem uma coisa. Não quero que o Duke saiba sobre essa... possível gravidez.

— Discordo. Se vai recomeçar, tem de ser sem omissões. Tem de contar a ele.

— Mas, se estiver, ele - que é tão certinho -, não vai permitir que eu tire.

— E ele estaria certo, não é Melissa? O que quer fazer é um pecado – salientei.

— Ah Jade, não estou muito preocupada com isso agora.

— Pois deveria. Deus Melissa. Não acredita em Deus?

— É claro que acredito, mas ter o bebê, são outros quinhentos – ela pensou e disse depois: — Tá legal, ficaria péssima com isso, mas, não tenho outra saída.

— A gente sempre tem saída.

— Então me diga ué! O que posso fazer? Ter o bebê não é uma opção. Já adianto.

— Ah Mel! Vamos pensar com calma. A gente vai sair dessa!

— Bem, de qualquer forma, se este exame der “positivo”, juro que pulo da ponte, ou tiro.

— Quê?! Toma juízo Melissa!

Levantei-me abruptamente, assustada com a frieza de minha amiga. Ela estava tão diferente. Não era mais aquela garota com quem convivi no Rio.

— Mel! Não acredito! Teria mesmo coragem de tirar? E... e acha que a ajudaria?

— O que acha Jadinha? Tenho cara de mãe? – ela se levantou e ficou andando pelo quarto. – Só posso contar com você. Acha mesmo que vou deixar minha barriga crescer a ponto de deformar meu corpo? Ah qual é!!!

— Estou chocada com você! Nunca sonhou em ser mãe, não?

— A verdade? – ela me encarou. - Não. Nunca cogitei essa possibilidade. E quer saber? Acho horrível. Todas as mulheres que engravidam ficam horrorosas, inchadas e... e, depois que têm o bebê, ficam obesas; aí seus maridos começam a enfeitá-las com um “par de chifres” - como meu pai fez com minha mãe.

Ouvia o que ela dizia e me surpreendia com cada palavra. Ela falava como sua mãe. Ainda foi além...

—... Coitadas, elas ficam cheias de olheiras porque perdem noites e mais noites de sono, e, além disso tudo, ainda ficam com os peitos caídos – Mel falava e eu a encarava. Mas, parecia que não a via.

Meus olhos estavam vidrados. Estava chocada com os seus argumentos.

— Não sei o que falar – disse levando as mãos à cabeça. Eu ainda podia ouvir a voz de Mel ecoando no fundo de meu cérebro.

— E você? Vai querer ter filhos? – Mel perguntou depois que terminou de falar um monte de asneiras. Lembrei-me de Fred. Um dia ele disse - depois que passou a mão sobre minha barriga -, que queria apenas um filho. Disse que achava mulheres grávidas frescas e choronas. Noutra ocasião disse que desejava ter um casal. Uma menina como eu, e um menino como ele. Ainda frisou “pegador”. Às vezes ele era insensível. Por isso achava que ele fosse bipolar. Seu humor, seus gestos e atitudes mudavam da noite para o dia. Isso me deixava confusa. *Lá estava eu mudando o foco da conversa. Obriguei meu cérebro a se concentrar.* Encarei minha amiga.

— É claro que quero! – respondi e emendei:- Deus! Mel que pecado! A maternidade é a coisa mais linda do mundo.

— Balela. De que adianta ter filhos e tratá-los como “ogros”. Sim, porque minha mãe chamava-me de “Fiona”. Caraca! Ela sabia mesmo como me deixar pra baixo.

Melissa tentava segurar as lágrimas. Ela sempre foi durona. Mas, quando falava da mãe, desabava. Eu sabia que Melissa sofria pelo fato de a mãe não gostar dela. Esse buraco, Mel teria para sempre no peito.

— Amiga, só porque Livia foi má com você, não significa que tem de ser má com seus filhos – aspirou as lágrimas e me encarou. Acrescentei: - Pelo contrário, tem de tratá-los como acha que sua

mãe deveria tê-la tratado. Com amor e carinho. Mel se virou para esconder as lágrimas insistentes.

— Não disse isso para fazê-la chorar. É que estou surpresa pelo que me disse.

— Eu não estou chorando Jadinha. É que um cisco...

— Ah Mel, você e este "cisco" tem uma história antiga.

— Você me conhece não é?

— Hum rum. Sempre.

Aproximei-me e a abracei, depois emendei: - Não precisa segurar o choro. Eu te amo e vou estar sempre ao seu lado. Mas, por favor! – pedi – não repita os mesmos erros de sua mãe! Você pode ser diferente. Sei que não se "davam" bem... - corrigi – não se "dão" bem - engoli a saliva quando me lembrei de Lívia. Era sem noção. Fria a cruel. Acrescentei: - E sei também o motivo, mas pense! Tudo pode ser diferente. E, se estiver mesmo grávida, tenha o bebê! Dê a ele todo o amor que puder. Seu filho será feliz – segurei seu rosto e olhei dentro de seus olhos. Salientei: - Du vai amar saber que será pai, se o bebê for dele. Se não for, não sei. Mas, a gente vê isso depois – respirei fundo, emocionada - Amiga, sem um teto você não fica. Eu ajudo você a criá-lo. Seu bebê terá duas mães. Eu prometo.

— Ah Jade! – Melissa chorou alto, dessa vez. – Não posso imaginar minha vida sem ele - eu salientei: — Mas, o conheço, ele tem o coração enorme. Se, o bebê não for dele, ficará sentido, machucado... provavelmente, ficará sem conversar com você alguns dias, mas ele cede. Du sempre cede em tudo. Nunca conheci alguém tão maleável.

— Jade não posso! – disse ela esticando os braços, depois me abraçou com força. - Ajude-me! Estou sem chão.

Ela se entregou. As lágrimas que escorriam pela sua face molharam minha blusa. Não me contive e comecei a chorar também. Não entendi o que dera em Mel, mas, novamente pensei, ela não era assim. Quando menina, era doce e sonhadora, como eu. Embora, não permitisse que as pessoas entrassem em seu coração. Lembrei-me de uma conversa que tivemos, quando, para variar, sua mãe a repreendera severamente, por um motivo bobo, o qual não me lembrava...

— Jadinha é errado sonhar? – perguntou-me deitada em meu ombro.

— Claro que não Mel. Sonhar faz parte – aflagava seus cabelos.

— Então, por que tenho a impressão de que tudo que sonho fica cada vez mais distante da realidade?

— Minha mãe disse para eu sonhar sempre... Disse que sonhar é saudável, nos alenta e dá esperanças...

— Juro que meu sonho é tão simples.

— Eu sei amiga – disse a ela.

— Eu só queria ser amada. Nada mais – ela deixava as lágrimas transbordarem – Por que ela não me ama como ao Maurício?

— Não sei Mel. Mas, se te serve de consolo, eu te amo amiga!

Nós tínhamos, apenas nove anos.

— *Eu sei. Mas, você não conta. Queria que "ela" me amasse.*

— *Por que nunca fala em seu pai? Por que só quer o amor de sua mãe?*

— *Porque o odeio. Ele fez minha mãe ficar assim. E por causa dele, nunca quero me apaixonar e muito menos me casar. Eu nunca vou deixar um cara fazer comigo, o que ele fez com ela.*



... E ela trancou seu coração para o amor. Quando cresceu, notei que mudou, um pouco. Lembro-me de que gostávamos de fantasiar com o filme da Cinderela. Adorávamos aqueles filmes de castelos e princesas. Ela não admitia isso, mas conseguia me lembrar de cada fala dela quando éramos garotas de doze anos. Ela era fascinada pela Rapunzel. Até deixou que os cabelos loiros crescessem. Lembro-me, de que ela me disse que queria que um carinha a resgatasse de alguma enrascada, na qual estivesse metida. Um dia, como se tivesse profetizado, um garoto da oitava série - bonitão, a retirou do banheiro, quase desmaiada.

Mel sempre teve muitos problemas de autoestima. Infelizmente, descobri - depois desse dia, que sofria de bulimia. O garoto, que era apaixonado por ela, viu quando Melissa entrou no banheiro e ficou a sua espera, para lhe fazer um convite. Ele a ouviu gemer, apavorado, não pensou duas vezes e entrou no banheiro. O carinha a

encontrou, caída no chão, perto do lavatório - sem forças. Retirou-a de lá nos braços. Depois, Mel passou a evitar o garoto, por vergonha. Eu perguntei a ela se ele não seria seu "príncipe encantado", afinal, era seu desejo, que uma coisa daquelas acontecesse. Além disso, o rapaz era um dos "populares" da escola. As garotas, depois do que acontecera, ficaram ainda mais loucas por ele. Entretanto, ela respondeu-me assim: "*Fica esperta!*" *Não existe isso de "príncipe encantado"*. Ela não deixava, mesmo, ninguém entrar em seu coração, desde aquela época.

Mel se curou da *bulimia*, após fazer um ano de terapia. Entretanto, continuou com sérios problemas. Em minha opinião, sofria pânico. Não desses que a pessoa tinha de se entupir de remédios e ficar dopada, alheia a tudo. Era uma coisa esquisita, quando sentia medo, ou se sentia insegura, ficava enjoada. É, na verdade isso não era nada normal. Talvez, um tratamento resolvesse esses problemas. Longas conversas com terapeutas. Todavia, sempre se recusou a ir ao médico. Ela dizia que tinha gastrite e ia levando.



Era isso. Mel precisava abrir seu coração e deixar o amor entrar, para valer. Ainda tinha a impressão de que se agarrara ao Du apenas porque estava sem "opções". Mas, não falaria disso com ela, não naquele momento.

O que ela dissera, anteriormente, me pareceu desabafo. Coisas "arquivadas" por um longo tempo, desde a infância traumática. Agora toda aquela tensão, em relação ao tal Mau Mau, além da questão da gravidez. Pobre Mel, ela vinha sofrendo maus tratos, por

parte da mãe, desde que era pequena. Podia dizer que Mel sofrera *bullying*. Isso era mesmo cruel. Por isso, foi tão apaixonada por minha mãe. Acabou se apaixonando, também por Thomas.



— Por favor, Mel, não... não chore! Tudo vai ficar bem. Amanhã a gente se levanta, como se nada tivesse acontecido e... vamos ver o que a gente faz – ela interrompeu-me, chorando.

— OH MEU DEUS! Du não vai me perdoar se souber. Eu prometi que não omitiria e não mentiria mais para ele.

— Não... não se torture! Não sofra por antecipação...

— Ele não vai nem falar comigo. Talvez eu devesse voltar pra casa antes de preocupar a todos com meus assuntos.

— Mel qual é o seu problema? – deitei ao seu lado. – Ei, não tem muitas escolhas, não. Como você disse, não tem um lugar para morar – fitei-a. - Quanto ao outro assunto, a gente vai ver no que dá.

— Já me decidi se “estiver”, tiro.

— Não começa com isso de novo! – objetei.

— Você tem de me ajudar! – ela voltou a insitir.

— Mel, coloque-se em meu lugar! É uma decisão difícil.

— EM SEU LUGAR? – bradou. Arregalei os olhos. Ela levantou a cabeça e me fitou com raiva. Senti que ela quis ser cruel.

— Não sei se gostaria de estar no seu lugar. Nem sei como aguenta isso aqui, e como suporta um cara te vigiando e te dando

ordens!

— Meeeeel! - não entendi o que deu nela.

— Jade ele te proíbe de fazer tudo de que você gosta.

— Vou fingir que não ouvi. Vou entender que está descompensada por causa de seus problemas.

— Disse e não me arrependo – ela disparou chorando muito.

— Não está numa situação confortável também, não é Mel? Digame? Quem é que está numa fria? – dei uma pausa. - Não gosto que fale mal daqui – levantei-me e fiquei parada ao lado da cama. Olhava para ela. Continuei: - Amo este lugar tanto que decidi ficar e viver aqui. Se, não gosta, pelo menos deveria respeitar, e em hipótese alguma, deveria falar mal, afinal as pessoas aqui lhe acolheram. O que deu em você? Não disse que deseja passar, aqui, o resto de seus dias. Qual é o seu problema? Não seja ingrata! - estava irritada com ela, prossegui: - Acho que deveria “baixar a bola” e ser mais humilde. Veio para cá porque não tinha para onde ir – disse tentando mostrá-la que deveria mudar de atitude. - Deveria começar a pensar no que quer fazer de sua vida. Precisa mudar, ser mais responsável – Melissa se virou para me encarar. Por um momento percebi que se arrapendera. O rosto inchado, o semblante preocupado e cheio de dúvidas. Ela soluçava. É claro que tinha pena dela. Mas, ela deveria aprender várias lições. Eu disse por fim: - Você leva tudo na brincadeira, se envolve com as pessoas, e, depois, se não gosta, as descarta. Bote um pouco de juízo em sua cabeça garota!

— Eu, eu sin-sinto – ela disse soluçando. E de cabeça baixa emendou: - Não deveria ter vindo para cá.

— Tudo bem. Agora que veio. E então? – perguntei – o que vai fazer?

— Quer que eu vá embora? – limpou as lágrimas com o dorso da mão.

— Não Mel! Não por favor! – objetei.

— Não fale para ele ainda! - ela disparou. – Deixe-me pensar um pouco - dei as costas com o coração acelerado. Não sabia mais o que dizer para Melissa.

— Mel, me desculpe! Eu peguei pesado. Por favor, fique! Vou com você ao laboratório e a gente cuida de tudo. Vai dar tudo certo.

— E se eu estiver mesmo grávida? Temo só de pensar que...

— A gente vê isso depois. Disse que ele é bandido? – ela pensou e depois assentiu.

Soquei o ar.

— Mas como é que se envolve com um cara desses? Pelo amor de Deus!

— Agora já foi. Não tinha como adivinhar, não é Jade?! Como eu disse para o Du, ele não usava crachá de identificação.

— A gente vê isso amanhã. Se meteu numa situação perigosa Mel. Esses caras são malucos. São capazes de tudo.

— Acha que ele é capaz de... me encontrar?

— Não sei. Disse para sua mãe que viria pra cá?

— Eu enviei uma mensagem. Só pra deixá-la tranquila – baixou os olhos e declarou: - É, eu nunca vou entender que minha mãe não liga, não é?

— Ah também não é assim. Que mãe não se preocupa com o filho?

— Até parece que não conhece a minha, não é Jade?

— Sinto muito Mel! Juro. Sinto muito mesmo!

— Jadinha, e se ele vier?

— Não sei ué! É você quem conhece o cara. O que acha?

— Eu vi a cara dele naquele dia. Parecia o demônio – ela disse se levantando. - Não sei.

— Não pense nisso! – disse tentando tranquilizá-la.

— Vou dormir Jade. Estou exausta. Não quero me preocupar com isso agora.

— Vou pensar em tudo que me disse. A gente se fala amanhã. Até mais Melissa! – eu disse dando-lhe um beijo na bochecha.

— Boa noite Jadinha! – ela respondeu e se dirigiu de cabeça baixa até a porta, antes, porém se virou e disse: — Jade me desculpa! Eu... eu não deveria ter dito aquelas coisas. Eu estou mesmo descompensada. É desespero. Acho que é isso. Estou sem saber o que fazer. Até amanhã!

— Ah Mel – corri até ela e a abracei chorando.

— Não se desespere! A gente vai dar um jeito.

— Jadinha – ela soluçou agarrada a mim – me ajuda!

— A gente vai dar um jeito — reiterei. — Você não está sozinha. Vai! Vai dormir!

Quando Mel saiu fiquei pensando. Éramos tão felizes. Tínhamos tantos sonhos. Nossas ideias eram as mesmas, bem como os objetivos. O lance da escola de dança - por exemplo. Infelizmente, Lívia - a mãe dela era o contrário da minha. Nós poderíamos traçar vários paradoxos para comparar nossas mães. Mel poderia dizer que não tinha nem pai nem mãe, de tão ausentes que eram. Eu, agora, também não os tinha. Mas, era diferente.

Como a vida podia ser assim tão dura. De uma hora para a outra perdi duas pessoas importantes para mim, e, logo em seguida, meu pai amado, porém a última perda, foi tão dolorosa! Não que não sentira a morte de mamãe. *Deus, doeu pra caramba!* É que vi Bernardo dar seu último suspiro e o ouvi pronunciar as palavras: “Me perdoa filha”. *Dá pra imaginar não é?* Cresci revoltada e magoada com meu pai e quando o tinha dentro de meu coração, o perdi daquela forma dramática.

Entrei no box para tomar uma ducha rápida. Chorei, ao meu lembrar dos momentos terríveis que passei ao lado de Bernardo. Eu, que já era uma manteiga derretida, fiquei ainda mais sensível depois das perdas que sofrera. Desliguei o chuveiro, angustiada. Era sempre assim quando me lembrava de meus amores - os que se foram. Deitei-me estranha. Não queria que Mel estivesse grávida, e, se estivesse, nossos dias seriam movimentados. Para não dizer outra coisa.

Trinta e seis

OS RAIOS DO SOL PENETRAVAM PELA VIDRAÇA. FAZIA UM LINDO dia, entretanto, algumas “nuvens carregadas” pairavam sobre minha cabeça. O que foi aquilo que Melissa me contou? Olhei para o relógio – nossa! Atrasada.

Vesti uma calça jeans e blusa, básicas. Calcei meus tênis e me dirigi ao banheiro. Encarei o espelho e fiz uma careta. Estava com a pele amassada e duas marcas escuras ao redor dos olhos, na boa, quase um “Panda”. Eu ri.

— Que lástima! – disse baixinho para meu reflexo. Coloquei as duas mãos nas bochechas e as estiquei. - Droga! Acho que nem o “Pitangui” daria jeito nisso. O que uma noite, mal dormida faz com a gente! – coloquei creme dental na escova e comecei a escovar meus dentes. Enquanto os escovava pensava no que fazer. Estava tão absorta, que não percebi a porta se abrir.

— Bonita! – Fred cutucou minhas costelas.

— Ai-que-susto! – disse me engasgando com a espuma do creme dental.

— Desculpa. Não queria... rá, rá, rá – Fred se desmanchava de tanto rir, enquanto eu lavava a boca e o rosto que ficou sujo de pasta de dente.

— Engraçadinho. Vai ter troco.

— Jade quer cavalgar? – esse era o novo Fred. Adorei, mas tinha prometido à Melissa que sairia com ela para resolver “aqueles” problemas.

— Morzinho... – eu comecei, mas ele interrompeu-me, abraçando-me por trás.

— Hummmm gostei disso! Tem muito tempo que não me chama assim. Veja! – ele retirou uma embalagem de camisinha do bolso. Enrubesci. Juro que adorava “enroscar-me” com ele. Mas, ainda era tímida. Só me soltava depois de algum tempo de beijos e amassos.

— A gente vai à cabana – ele disse me apertando. - Eu separei algumas coisas para levar pra lá. Coloquei tudo na Hilux.

— Ah é? E o que separou? – virei-me e lhe dei uma mordida no lábio inferior.

— Au que gostoso! – exclamou. E disse me mordendo de volta: - edredom – para deixá-la quentinha – mordeu o lóbulo de minha orelha. – Travesseiro pra sua linda cabeça não doer – mordeu meu pescoço.

— Fala mais! – sibilei, arrepiada. Ele continuou:

— Tapete pra você não se deitar no chão sujo – mordeu meu ombro. – E, algumas coisas de cozinha, que peguei escondido de Estelinha - cheirou meus cabelos.

— Hum tá cheirosa! – tentei me esquivar, mas ele me empurrou contra a parede. Lá estava eu, “presa”, como uma “presa”. E, ele, se

preparando para dar o bote. Sempre rude. Uma rudeza gostosa. Eu tinha de admitir. Fred sempre “faminto” e eu louca para saciar sua fome. Ele se livrou da camisa, arremessando-a para longe. Toquei naquele peito forte e pude sentir o quanto era duro. Adorava passar a mão naquele monte de músculos. Mordeu meu lábio com força.

— Hummmmm – murmurei e fui silenciada por sua boca gostosa. Colocou as mãos em minha cintura, e, vagarosamente foi subindo.

Eu arrepiando.

Retirou minha blusa sem interromper o beijo ardente. Suas mãos passeavam por minhas costas. Arranhei as dele. Ouvei seu gemido, abafado pela minha boca. Levantou minhas mãos e as prendeu acima de minha cabeça.

— Quer que eu pare? – ele perguntou rouco, dentro de meu ouvido.

— Tá de sacanagem? Nãaaooo!

— Hoje você não me escapa Preciosa!

— Tô bem aqui Morzinho. Não vou a lugar algum – sussurrei. Fred me ergueu e se dirigiu até minha cama. Mas, estava bom demais para ser verdade.

— Jadeee! – ouvimos a voz impaciente de Melissa.

— Fala sério! – Fred deu um pulo, irado. - O Du não segurou Melissa, não?

— Ele foi correr. Disse que faria isso. Além do mais, eles ainda estão se entendendo. Ah não reclama!

— JÁ VOU! – respondi alto, porém, rouca - hum rum – limpei a garganta e tentei me recompor – só um minuto Melissa!

Corri até o banheiro e apanhei a minha blusa. Fred fez o mesmo.

— Saio primeiro, depois você sai – eu disse.

— Por quê? A gente não tem nada a esconder de ninguém. E... quanto a nossa cavalgada?

— Não dá, prometi à Melissa que iria com ela até a cidade para resolver algumas coisas – Fred já se aproximava de novo.

— Frediiii! – empurrei-o, levemente com as mãos em seu abdômem. Ele segurou-as. Meu *cowboy* sussurrou: — Não me encosta, senão não consigo mais parar!

— Tá legal.

— Jade estou livre hoje. Pedro se encarregou de algumas tarefas minhas. Queria ficar sozinho com você. Por favor!

— Espera só mais um pouco! Vou tentar me livrar de Melissa, rapidamente, aí podemos fazer algum programa.

— JADE! O QUE HOVE DESMAIOU? – Melissa, impaciente, bradou, novamente.

— Já vou Mel! Estou procurando minha... minha bolsa – despistei.

— Bolsa é? Sei... Espero você na copa.

— Tá certo – respondi.

— Por que ela não esperou lá, antes de cortar nosso barato? Assim a gente teria algum tempo.

— Fred, então espere um pouco! Como falei, eu saio, depois você sai.

— Tá certo. Enquanto isso vou fazer uma vistoria em seu quarto – ele deu as costas. Fui até ele e objetei sorrindo: — Quê? Mas... não senhor! - empurrei-o. – Você sai primeiro!

— Tem alguma coisa para esconder de mim madame?

— Ah eu tenho sim. Nunca se pode vistoriar o quarto de uma garota – brinquei. – Espere um pouco! - Saí no corredor e olhei para os dois lados. - A barra tá limpa vai! – empurrei-o. Ele ainda parou e fincou os pés.

— Ei, ei, ei – calma! Já tô saindo. Não empurra! Só mais um beijinho! – ele esticou o dedo fazendo graça. Fred estava realmente diferente. Balancei a cabeça.

— Até mais Mozinho!!! – falei com voz dengosa.

— Gostei dessa coisa de “Mozinho”. Estava com saudade disso – ele declarou roubando-me o beijo. - Então eu já vou. Tchau! – Fred deu as costas para a porta e beijou a mão, vagarosamente, depois soprou o beijo. Eu sorri, pois me lembrei daquele gesto. Amava aquilo. Por um momento, senti as borboletas entrarem em choque dentro de meu estômago. Apanhei o beijo com a mão e o levei até meu peito.

— Eu te amo Jade!

— Amo você também!

Assim que Fred se foi, apanhei a bolsa e desci as escadas correndo.

— Bom dia Jade! – Isolda disse quando me sentei à mesa.

— Bom dia meninas! - eu disse sorrindo para as três. Estelinha sorriu também e respondeu.

— Amiga que deu em você? Que demora! – Mel perguntou-me com a cara cheia de “pregas”. *Hehehe exageraaaaada* - como sempre.

— Ué, acordou mais cedo que eu? Pensei que...

— Du me convidou para correr. Mas, amiga, pela manhã não rola – olhamos para Isolda que deu um tapa no ar.

— Meninas fiquem à vontade! Já terminei. Estelinha empurra a cadeira para mim? Quero ir até a estufa.

— Claro.

— Mas, Isolda! Já? Não acha que precisa fazer repouso? – objetei.

— Jade, estou com o corpo doendo de ficar apenas sentada e deitada. Pelo menos no orquidário me divirto. Além do mais, preciso jogar água nas plantas.

— Tá bom! - Estelinha empurrou a cadeira de Isolda. Apanhei uma fatia de mamão e peguei Mel me encarando.

— O que foi?!

— Acorda sempre tão cedo. Por que demorou?

— Fala sério! - não consegue mesmo imaginar? Sua dissimulada!

— É posso fazer uma ideia. Estava brincando, sua safadinha.

— Rá, rá, rá, olha só quem fala! Um passarinho me contou que um "certo príncipe", pula para o quarto de uma "certa princesa", pela sacada. Isso tá me parecendo, meio Rapunzel? Sem as tranças.

— Ah Jade, você se lembra disso?

— Eu meu lembro sim – rimos.

— Pois é, isso do meu "príncipe" pular a sacada, acontecia muito, mas Du e eu ainda não passamos a fase, dessa vez. E, confesso, sinto saudades. Acho que me apaixonei ainda mais por ele, depois que começou a pular para meu quarto. Eu adoro essas coisas escondidinhas. Dá uma emoção!

— Só não entendi uma coisa, se gostava tanto, por que "bateu em retirada"?

— Ah Jade, já disse o porquê. Não vou ficar repetindo. Medo, pavor, pânico... Pronto. Não me faça repetir mais ok?

— Ok. Hum – murmurei com a boca cheia e mudei de assunto. – Sabe que eu sempre me levanto cedo Melissa. Adoro caminhar. Deveria fazer o mesmo – aconselhei.

— Deus, não! Adoro dormir. Infelizmente, aqui não consigo dormir até as dez - como de costume. Du me acordou socando a porta. Quase morri de susto.

— Aproveite seus dias aqui! Vai te fazer um bem enorme. Além do mais, deve estar enferrujada para dançar. Disse que não dança há um tempão. Hum, esqueci de contar, agora tem uma academia de dança por aqui. É de um cara conhecido. Você sabe quem é o Nando Silveira, não sabe?

— O quê? O Nando dá aulas aqui, em Estrela do Campo?! Mas, que... decaída!

— É uma longa história... – Conteí a ela.

— História triste. E por que não faz aulas com ele?

— Porque faz pouco tempo que abriu a academia. Mas, acho que vou acabar fazendo. Fred não gosta da ideia de eu ir para o Rio, então acho que é uma boa pedida. É, vou me matricular sim. E você? Quer?

— Claro, ainda pergunta? Mas, Jade, preciso ver. Não tenho grana. Acha que consigo alguma ocupação por aqui? Um emprego seria legal.

— Mel adorei saber que quer ocupar seu tempo. Mas, aqui? Sem chance! Além do mais, não precisa se preocupar.

— Não me sentiria à vontade aceitando dinheiro de Du ou de você, o tempo todo.

— Ah não faz doce!

— Eu sei, mas é estranho. Queria mesmo conseguir algo. Trabalhar numa loja, sei lá.

— A gente vê isso depois.

— Quanto a levantar cedo. Acho que devo me acostumar, não é? Nova vida, nova rotina, novo tudo. O verbo é “recomeçar”.

— É isso. Aconteceu o mesmo comigo.

— Hum rum. Vou tentar fazer isso. A gente combina de caminhar juntas – Mel balbuciou com a boca cheia.

— Lindo dia meninas! – Du saudou ao se sentar. Mel ficou da cor de papel, além de deixar o guardanapo cair duas vezes e derrubar um copo. Para completar o festival de mancadas, deixou o talher cair também.

— O que deu em você Mel? – Du observou.

— Nã, não... não foi nada – Melissa olhou para o Du, que ficou cismado.

— O leite Jade – Estelinha anunciou ao colocar o bule de louça sobre a mesa. - Já trago o chocolate!

— Obrigada morena – Du disse. – Também vou tomar um pouco.

— Milagre Du, nunca vi você tomar chocolate! – estranhei.

— É, comecei no Rio. Dona Branca me acostumou mal.

— Ela é uma fofa. Tenho saudades dela – olhei para Melissa e perguntei: - Melissa tá tudo bem? Você tá tão calada.

— Nada não! – fitou-me com o olhar triste. Depois, desviou os olhos para a janela.

— O chocolate menina – Estelinha depositou o pote sobre a mesa.

— Mel, a gente já pode ir – eu disse chamando a atenção dela, que estava aérea.

— Hã? O quê?! – todos se voltaram para ela. Mel, provavelmente, se sentia um ET de tão estranha. Pobrezinha. Não era para menos.

— Tem um comprimido para dor de cabeça, Estelinha? – ela perguntou.

— Tenho sim. Vou buscar.

— Hum rum, Mel! – chamei – você não pode tomar remédio.

— Uai, por quê? – Du questionou curioso.

— Ora, por quê? Porque, ela nem sabe o motivo da dor de cabeça. Acho que deveria ir ao médico. Não é Mel? – perguntei fazendo uma expressão esquisita para ela e chutando sua canela.

— Aiiiiii – ela reclamou.

— Gente o que está acontecendo? As duas estão estranhas – ele apontou com o dedo.

— Du, quer mesmo saber, *baby*. Estou de TPM – Mel olhou para mim.

— Ahhhh, tá explicado! Hum, Jade, tenho de lhe dar seus presentes – Du falou.

— O que é? Conta vai?

— Tá, apressadinha hein? – então ele disse:

— Um violão. Como o meu e o do Fred. Um *Gibson*. Dentre outras coisas.

— Jura? - notei que Melissa fez uma cara desanimada. Ela se corroía de ciúmes todas as vezes que Du era gentil comigo.

— Pode apostar. Disse que tinha vontade de aprender.

— Já toco alguma coisa. Andei praticando com o violão de Fred. Apreendi pela internet.

— Legal. Então, não vai ser difícil.

— Ok. Hoje acho que teremos um dia cheio. Vou com a Mel ao centro e...

— É? - Melissa, "raciocínio lento" perguntou. Depois de pensar, se lembrou e disse: — Ah é! - continuei: - E... tenho de estudar sintaxe. Mais tarde acho que poderemos nos sentar à varanda para uma aula. E à noite, cursinho. Ainda bem que é sexta-feira.

Ouvimos o ronco alto de um motor. Saímos à varanda e para nossa tristeza era o Bira com um trailer para levar Malhado.

— Oh treva! – murmurei baixinho, socando o ar.

— Onde está Fred? – Du perguntou.

— Acho que está nas baías – eu disse.

— Vou lá chamá-lo – Du saiu correndo - resolvi tentar conversar com o Bira.

— Aonde você vai garota? – Mel perguntou.

— Já volto. Vou tentar comprar o cavalo de volta. Com sorte, talvez consiga – quase sussurrei. - Cruze os dedos. Desci os degraus da varanda e me aproximei. O cara – que era um grosso, perguntou: — Ah é você? – bateu a porta da caminhonete que puxava o trailer.

— Bom dia! – cumprimentei. Olhei para Melissa que observava de longe com a mão sobre os olhos, por causa do sol. - Hum rum – limpei a garganta – É... me diga uma coisa! Estaria disposto a vender o cavalo para mim?

— Tá de brincadeira? Claro que não! Ele agora faz parte de meu plantel.

— Sabe... é Bira, não é?

— É Bira.

— Sabe Bira, é que Malhado é muito importante para mim.

— Não tô nem aí!

— Puxa, é sempre assim tão grosso? – disparei sem pensar que deveria me controlar.

— Curto e grosso – ele respondeu.

— Ouça meus argumentos, por favor! – ele balançou a cabeça.

— Onde está seu namoradinho? Quero levar meu cavalo logo.

— Conversa comigo primeiro. Por favor! Coloque preço. O preço que quiser.

— Uuuuu tá melhorando – ele disse interessado.

— Quanto estaria disposta a pagar por ele? – Bira perguntou com um olhar maldoso. Ele me devorava com os olhos.

— Bem, não entendo disso, quem sabe? Cinco mil Reais?

— Não me faça rir. Um cavalo como o “Malhado” – mas, que nome ridículo! – ele disse, depois continuou: -, reprodutor, não vale menos que 18 mil Reais – arregalei os olhos. Depois, ele “vomitou”, uma grosseria bem na minha cara. - Bem que me disseram que toda loira é burra, mas, também disseram que todas são gostosas – ele era um animal.

— Nossa! Um cavalo vale tudo isso? – tentei não me estressar com seu comentário grosseiro.

— Loirinha... – ele se aproximou e segurou meu braço.

— Me larga! – puxei-o de volta.

—... O preço deste cavalo é uma noite com você. Topa? Seu namoradinho estressado nem precisa saber.

— Como é que é? Ora seu... – afastei-me um pouco.

— Jade! - Melissa gritou – Tá tudo bem?

— Tá sim – respondi me virando para ela. Mas, Melissa percebeu o clima e se aproximou.

— Ora, ora... outra loira. Que “plantel” este Fred tem aqui, hein? É simplesmente linda. Ele levou a mão ao rosto de Mel – que recuou irritada.

O cara era asqueroso e feio. Seu rosto era cheio de espinhas e tinha algumas cicatrizes. A cabeça era raspada e possuía uma tatuagem de caveira na nuca. Na boa, parecia um marginal. Além de tudo isso, se podia sentir um mau hálito do cão, e ele era um gigante de dar medo. Mas não me intimidei, a princípio. Ele não poderia fazer nada com a gente.

— Tira a mão dela! – ordenei empurrando aquele verme.

— Uuuuuuu – murmurou. Coloquei-me entre ele e Mel. Ele continuou: - adoro garotas bravas. São as mais gostosas. Bota a agressividade pra fora loirinha! Isso me excita.

— Me larga! – o empurrei de novo.

— Vem cá gostosa! – ele puxou meu braço, girou-me e me agarrou pela cintura. Fiquei de costas para ele. Quase dei um treco quando senti uma coisa dura. O cara tava armado!

— Oh treva! – sibilei como se estivesse com crise de asma.

— SOLTA ELA! – dessa vez Melissa gritou. – DU, FRED! – ela soltou a voz olhando para trás.

— LARGA ELA JÁ DISSE! - Melissa não se conteve e partiu para cima dele. Sempre foi assim entre Mel e eu, uma defendia a outra com unhas e dentes.

— Nossa! Hoje ganhei meu dia, um cavalo e duas “potrancas” – a frase ofensiva me deixou ainda mais irada. Seu braço me apertava cada vez mais. Comecei a ficar claustrofóbica.

— Me solta! – gritei com a voz embargada. Melissa deu a volta e pulou no pescoço dele, por trás. Ele gargalhou.

— Adoro isso! O que as duas têm mais? – ele perguntou sem sentir nada. Eu me debatia e Melissa tentava fazê-lo me largar. Exausta, ela começou a estapeá-lo com a outra mão. Ele girava e sorria ao mesmo tempo O cara parecia se divertir. Foi aí que Melissa foi arrancada do pescoço dele, pelos braços fortes de Du. Fred parou a sua frente, mirou seus olhos e disse: — Se não der o fora daqui agora, é um cara morto. E puxou-me, arrancando-me de seus braços, que mais pareciam dois troncos de árvore. Du colocou Melissa de lado e partiu para cima dele.

— Uuuuuuu. Espera aí! E pretende me matar de que jeito? – o atrevido perguntou com olhos sorridentes – ele parecia se divertir -, mas depois recuou, quando viu a cara zangada dos rapazes. Quis sair, na boa.

— Ei, ei, ei – calma rapazes! Eu só vim buscar meu cavalo – levantou um dos braços e repetiu, pausadamente, com a mão sobre a arma – só-vim-buscar-meu-cavalo.

— O funcionário já está trazendo. Vê se nunca mais apareça aqui! O que você queria? Estava brigando com duas garotas? – Fred perguntou irado. Seu peito subia e descia movido pela sua respiração acelerada. Eu aspirava as lágrimas e tremia de medo e aflição. Melissa ficou branca. Vi quando se dobrou.

— Mel! – corri em sua direção. - O que foi?

— Eu vou... vo-mi-tar – ela se afastou um pouco e se ajoelhou.

— Mel! – Du correu até ela. Nesse momento Pedro chegou com o cavalo. Notei que Bira sorria, ao se dirigir ao trailer. Meus olhos, verdes, provavelmente ficaram roxos de ódio. Levantei a cabeça, trinquei os dentes e cerrei os punhos. Corri até Malhado e abracei seu pescoço. Fred olhava, e, provavelmente, se sentia arrependido. Comecei a chorar baixinho.

— Jade! – Fred chamou. Não faz assim! – Bira esperava ao lado do trailer.

— Eu não tenho todo o tempo do mundo – aquele traste disse, se divertindo.

— Espera! – gritei para ele – que me encarou com cara de “não tô nem aí para seus xiliques”

Que ódio!

Fred se aproximou de mim e me puxou.

— Vem Bonita! Prometo que te compro um cavalo idêntico – ele disse com carinho. Eu só ouvia. É claro que não seria a mesma coisa. Malhado foi meu “primeiro amor” naquela fazenda. Era coisa de coração. Segui Fred e parei para ver como ele seria transportado. Meu sangue ferveu, novamente, quando vi aquele “dragão”, dar uma chicotada no flanco do cavalo. Este relinchou e ergueu as duas patas. Aí não me contive.

— Ora seu... – soltei-me de Fred como se eu tivesse “a força”, e corri até ele.

— Jade não! – Fred gritou.

Aproximei-me de Bira e lhe dei um soco. Ele nem se mexeu, mas eu gemi de dor. Ele riu. Para ele tudo parecia divertido. Então, franzi todo o rosto, com ódio e comecei a estapeá-lo, pra valer. É claro, ele segurou minhas mãos. Em razão disso, fiz uma coisa insana, e, obviamente, não ficou barato. Cuspi em seu rosto feio. Ele me soltou e se limpou com o dorso da mão. Em seguida, aconteceu com seus olhos, uma coisa indescritível. Era como se ficassem negros. Apenas negros - sem a parte branca. Aí eu temi e dei um passo atrás.

Ele é um cara do mal! – pensei.

E Não. Não ando vendo muitos filmes sobrenaturais. Eu vi.

Olhou novamente para mim, com ódio, e esbofeteou-me com toda força. Caí no chão duro, desmaiada.



Fred

Eu suportaria tudo. Menos ver alguém agredindo a Jade. Pedro - que estava próximo a ela, se abaixou para socorrê-la. Eu não. Minha ira era tanta, que parti para cima do Bira com toda ela. Dei alguns socos em sua face medonha e ganhei alguns também.

— Fred para!!! – Du gritou, mas não dei ouvidos. Entretanto, quando Bira se recuperou de um gancho de direita, que eu tinha lhe acertado, limpou a boca com o dorso da mão e olhou aquele sangue, com ódio. Sacou o “trinta e oito”, que sempre carregava na cintura, por baixo da camisa e disse entredentes: — Vem agora! Vai encarar?

— Eu vou acabar com você, seu covarde! – bradei

— Fred! – Du se aproximou e me segurou por trás – fica frio! O cara tá armado – ele disse, perto de meu ouvido, tentando me acalmar. Mas, minha força naquele momento era imensurável. Consegui me soltar, rapidamente. Bira não acreditou que eu fosse reagir. Estava bem próximo a ele, então chutei sua mão, com um golpe parecido com “capoeira”. O trinta e oito disparou e ricocheteou no trailer. *Graças a Deus, o tiro não atingiu ninguém!* Todos gritavam para eu parar e deixá-lo ir embora, mas não dei ouvidos. A partir daquele momento fiquei cego e surdo de ódio. Dei uma surra no cafajeste. Quando, finalmente, sentime exausto, derrubei-o com uma rasteira. Ele tinha um olhar medonho, estava furioso e queria brigar mais. Entretanto, depois que o derrubei, ouvi vozes, desesperadas, pedindo para eu parar.

— Você nunca deveria ter encostado suas mãos imundas em minha namorada! – disse apontando o dedo para ele.

— Isso ainda não acabou! – ele bradou com ódio, ao passar a mão pelo o rosto ensanguentado. Acrescentou com frieza: - Não sabe com quem mexeu e do que sou capaz. Eu não tenho nada a perder. Agora você... – olhou para Jade – que ainda estava desacordada.

— Tá me ameaçando? Ora seu...

— Fred! Já chega! – Du me segurou e bradou para o Bira, que já tinha se levantado: — Dê o fora daqui, ou não me responsabilizo por mim!

— Entendi – ele deu uma pausa. - Não perdem por esperar. Todos vocês – ele apontou e emendou: - isso ainda não acabou. Arranjaram um inimigo.

— Cai fora! Tu não ouviu os rapazes? – desta vez foi Pedro quem se aproximou e bradou.

— Fred! – ouvi a voz de Estelinha, lá da varanda – por favor! Sua mãe está nervosa! – olhei em sua direção e vi que mamãe chorava. Provavelmente, ouvira o tiro e os gritos. Todos na fazenda deviam ter ouvido. Desviei meus olhos, rapidamente e vi dezenas de olhares assustados. Todos os funcionários observavam.

— Vai ter troco! – o mau-caráter disse, ao entrar na caminhonete.

— Jade! – corri até ela, que ainda estava desacordada.

— Oh meu Deus! – Du se aproximou e ajoelhou ao lado dela também.

— Bah Fred! Vamos levar tua guria pra dentro! – o gaúcho prestativo sugeriu.

— Pode deixar, eu levo – disse colocando o braço sob o delicado pescoço dela e erguendo-a. Du se virou e foi amparar Melissa, que estava péssima, do outro lado.

— Se precisarem de ajuda é só chamar – Pedro se ofereceu e disparou para os funcionários: - tudo bem gente, ao trabalho! Dispersando.

Entrei com minha preciosa nos braços. Mamãe sibilou algumas coisas, mas nem prestei atenção. Depois conversaria com ela. Deitei

Jade no sofá. Estelinha apareceu, correndo com um vidro de álcool na mão.

— Fred faça a Jade cheirar isso! – ela estendeu-me o vidro.

— Tá certo – coloquei o álcool perto do nariz dela, mas ela nem se mexeu.

Observei que perto de seu olho direito estava inchado e havia um corte. Ele devia estar de anel.

— Eu mato aquele desgraçado – disse entredentes.

— De que adiantaria filho? – mamãe perguntou, aspirando as lágrimas.

— Mãe viu o que ele fez? Ele agrediu a Jade. Aquele maluco estava brigando com as duas garotas.

— Fred, fica frio! – Du tentava me acalmar, mas, ele também estava pilhado. Eu andava de um lado para o outro, incansavelmente.

— O que foi que ele disse a vocês, Melissa? Por que ele agiu como um animal? – perguntei me aproximando dela.

— Jade tentou comprar o cavalo de volta. E... e ele lhe faltou com o respeito.

— Droga! Tanto que pedi a ela – soquei o ar.

— Fred, me diga o que houve? Por que ele veio buscar seu cavalo? – mamãe perguntou confusa. Notei que Estela colocava uma

compressa no rosto de Jade. Ela gemeu. Corri até ela e ajoelhei ao seu lado.

— Preciosa! – ela abriu aqueles olhos verdes que eram a minha perdição.

— Hum.

— Tá tudo bem – disse alisando sua testa.

— Por que falou com ele. Eu te alertei. O Bira não tem escrúpulos.

— Desculpa Fred. Mas, mas, é que... ai Estelinha!

— Desculpa minha flor – Estela disse. Jade levou a mão ao rosto. Continuou: —... Perder Malhado foi péssimo. Eu tentei conversar com ele – ela disse tentando se levantar, mas levou a mão à cabeça e se deitou novamente.

— Juro que te compro outro.

— Não preciso. Eu tenho a minha égua. O cavalo era seu. É que... gosto muito dele.

— Nunca vou me perdoar – declarei. – Me perdoa Bonita? Hum? – afaguei sua face machucada.

— Alguém pode me explicar o que aconteceu? – mamãe perguntou mais uma vez.

— Mãe – expliquei: - fiz uma burrada, um dia desses. Apostei o cavalo e o perdi.

— Ah Fred não posso acreditar. Você sempre foi um rapaz ajuizado. O que deu em você?

— Errei mãe. Estou arrependido. Não vai mais acontecer. Desculpe!

— Estelinha, pode me levar para o orquidário? – ela pediu. Estava visivelmente desapontada. Eu, que já estava péssimo, me senti pior. Infelizmente, quando se comete um erro, pode até ser que tem conserto, mas, não naquele caso. Não havia mais jeito.

Bebi erro número um.

Apostei e perdi erro número dois.

Eu me lembraria disso para sempre. Aquela atitude impensada quase acabou mal, muito mal. Rapidamente, um pensamento me veio à cabeça. Tinha mesmo que mudar.

Precisava de ajuda.

Trinta e sete

Jade

NAQUELE DIA, EVIDENTEMENTE NÃO SAÍMOS. ERA SEXTA-FEIRA. FIQUEI TÃO mal, que não quis sair da cama nem no dia seguinte. Melissa tentava me consolar o tempo todo. Du não apareceu muito. Ele e Fred andavam ocupados com os trabalhos da fazenda. Quando estavam por perto, sempre os via cochichando. *Que não estivessem tramando nada.* Boris também não aparecia muito. Tomou gosto pela liberdade. Na segunda, entretanto, me levantei cedo e chamei Melissa.

— Espero na copa

— Certo – ela disse.

Algum tempo depois, tomávamos café, apressadamente, quando Du perguntou:

— O que as duas loiras mais lindas que conheço vão fazer no centro? Posso ir?

— O quê?! Não! Vamos resolver umas coisas e... depois vamos fazer umas compras, não é Mel? – olhei para ela.

— Éééééé... – ela respondeu tentando assimilar. Achava que Melissa pela manhã, era mesmo muito lenta.

— Está bem, vou ajudar Fred. Até mais!

— *See ya!!* [24]— respondemos juntas. Eu, o acompanhei com os olhos.

Virei-me para Mel e pisquei.

— Caraca Jadinha, seu rosto ainda tá "*vermelhaço*" hein? Pelo menos não está roxo como antes.

— Jura? Tentei disfarçar com base. Aquele troglodita me acertou em cheio. Que ódio!

— Não gosto nem de me lembrar. Aquele bafo de onça!

— Mel, hoje a gente tira essa dúvida de sua cabeça. Tá preparada?

— Hum rum – ela assentiu. Pobre Mel não queria estar em sua pele. Subimos para o quarto.

— Bem. Minha ideia é a seguinte: A gente vai a um laboratório; você faz o exame, e conforme o resultado, levamos ao ginecologista. Depois a gente vê o que faz... Vamos por partes..

— Apoiada! – Mel concordou.

Tomei uma ducha rápida e me vesti. Coloquei uma calça black jeans, uma blusinha verde, jaqueta curta de couro, meus inseparáveis *All Stars* e decidi usar uma boina verde musgo. Apanhei minha bolsa e chamei Melissa, que estava com o meu fone no ouvido.

— Música maneira, Jadinha.

— Qual?

— Essa, do *Black Eyed Peas*.

— Ahh... “Pump it”.

— Amo essa música. A gente pode fazer uma coreografia. O que acha?

— Já é. Adorei. Anda dançando hip hop agora? – perguntei.

— Dentre outras coisinhas.

No carro, Mel falava sem parar. Repassei mentalmente o que devíamos fazer e disse: — A gente vai primeiro ao laboratório.

— Certo. Amiga, torce por mim! Não posso estar grávida. Não quero ter um filho, Jade. Se eu estiver, vai me ajudar, não vai? Disse que me ajudaria.

— Mas, não sofra por antecipação Mel! Vamos com calma! Pense positivo, vai dar tudo certo – dei uma pausa. - Agora, se estiver, por que acha que eu saberia onde faz essas coisas. Não sei e nem desejo saber.

— Mas, disse que me ajudaria!

— Se estiver, a gente vê o que faz, depois. Nem quero pensar nisso agora. Você se mete em confusão e depois quer me meter também. Como sempre vou acabar fazendo o que não quero. *Oh my God!*

— Pode parar! – Melissa segurou o volante do carro fazendo-me frear bruscamente.

— Caraca Melissa, tá querendo matar a gente? Não faz isso mais não!

— Só quero que me diga. Está do meu lado, não está?

— Eu sempre estarei “ao” seu lado e “do” seu lado. Mas, não sei como ajudaria você, se, por acaso estiver mesmo grávida. É fato. Sou medrosa. Faz assim, pense positivo! Como disse, vamos por partes.

Quinze minutos depois, chegávamos à cidade. Estranhei o movimento. Havia uma fila considerável de carros, para a pacata Estrela do Campo.

— Senhor! O que houve? Por que aquela confusão logo à frente?
— perguntei a um guarda.

— Uma daquelas pedras gigantescas rolou e provocou um desmoronamento. A estrada que sai da cidade está fechada.

— Obrigada. Puxa! – olhamos para o local. Um caos.

— Tá preocupada com o que? A gente não vai a lugar nenhum mesmo. Infelizmente – Melissa disse olhando ao redor. – Nossa aqui é um porre de tão parado, mas até que gosto deste visual. Quanta flor!

— Aqui é lindo Mel. E aprendi que agitação às vezes não é tudo. A tranquilidade é saudável – expliquei - Depois que a gente se acostuma, não quer mais saber de agito. Ainda mais “aqueles agitos”, com os quais está acostumada – confessei - Até sinto falta de uma festinha, um clube, a praia... mas, onde já se viu, pular de *Bungee jumping!* - balancei a cabeça e levantei uma mão - Tá legal,

não vou dizer que não gosto de alguns esportes radicais, mas este é muito perigoso. Acho que jamais conseguiria. Pra falar a verdade, tenho medo de me quebrar toda – sorri. – Venha! vamos até o píer. A gente conversa um pouco.

— Tá bom!

No píer nos sentamos.

— Que beleza isso aqui Jadinha!

— Adoro este lugar. Veja! – aponte o horizonte.

— Bacana. E puxa, tem muitos barcos, ham? Esse rio vai dar aonde?

— Ele é enorme. Sabe que não tive curiosidade de perguntar aos rapazes? Mas, acho que deve banhar outras cidades. É um importante rio para a cidade, por causa, principalmente da pesca – expliquei: - Aposentados, em sua grande maioria, curtem esse tipo de atividade. Alguns fazem da pesca suas profissões, outros, hobby. Meu pai era um deles. Amava pescar, e, embora, não tivesse muito tempo, sempre dava um jeitinho de ir ao rio que tem do outro lado da fazenda. Fred e Duke o acompanhavam. Lá tem uma cachoeira linda.

— Jade! – Melissa olhou-me de lado. Estava apreensiva.

— Se eu estiver...

— Eu sei Mel, estou pensando. Quer parar de me pressionar? Vamos esperar o resultado do exame!

— Pense bem Jade! Se eu estiver, esse bebê pode ser dele, do Mau Mau. Não posso ter um filho de um bandido. Olha a minha situação!

— Você já me disse isso “trocentas” vezes. Deveria ter pensado antes, não é? Calma garota! – dei um tapinha em sua perna - Ainda nem sabemos. Pare de ficar conjecturando! Vamos aguardar.

No laboratório foi outra batalha. Mel tinha medo de agulhas.

— Não acredito! Rá, rá, rá – ri muito.

— Pode parar! Não ria de mim! É um trauma de infância.

— Como não soube disso? – perguntei.

— Porque nunca foi ao médico ou ao laboratório comigo, ora!

— Ah Mel, sem frescuras! – a atendente quase não conseguia se segurar.

— Aiiii - gritou quando a agulha perfurou sua pele. Podia jurar que vi lágrimas em seus olhos.

— É uma molenga!

— Não zooooa! – disse chorosa.

— Tudo bem – a atendente disse: - Daqui a duas horas o resultado fica pronto.

— Certo a gente volta.

— E se... o exame estiver errado?

— Mel o HCG é o exame mais eficiente. Sete a dez dias após a concepção, a concentração de HCG alcança 25 mUI/mL e aumenta ao pico de 37 000-50 000 mUI/mL entre oito e onze semanas. É o único hormônio exclusivo da gravidez, fazendo com que o teste de gravidez pela análise tenha acerto de quase 100%. É o único exame que comprova exatamente a gravidez.

— Puxa e como é que sabe disso?

— Aulas de Biologia. Presto atenção porque gosto de saber das coisas.

— Pa-ra-béns! – ela disse pausadamente e questionou: - Bom, o que faremos enquanto a gente espera pelo resultado?

— Vamos ao shopping.

— Humm disso eu gosto – Mel salientou.

— Eu também! – sorri puxando sua mão. Por algum tempo me esqueci dos problemas de Mel, que acabavam sendo meus. Essa era minha ligação com ela. De irmãs quase gêmeas.

No shopping nos divertimos muito. Entramos numa loja de produtos para beleza. Perfumes, maquiagens, cremes para os cabelos, tinturas... A loja era super. Tinha um perfume delicioso no ar. A atendente convidou-me a experimentar uma nova linha de maquiagem. Eu titubeei, mas acabei aceitando a oferta. Não era tão ligada assim em maquiagens. Mel amava, por isso ofereci a oportunidade a ela, mas ela não estava no clima. Aceitei, até porque queríamos "matar o tempo". Tirei a boina e recostei-me na poltrona. Melissa ficou ao meu lado dando palpites. Uma hora. Foi o tempo

que a moça gastou para concluir seu trabalho. Olhei-me no espelho, que ela me estendia e quase tive um treco. Eu fiquei realmente bonita. Me surpreendi com o resultado. Parecia uma modelo de uns vinte e cinco anos. Mel sorriu e disse: — Caraca Jadinha! Se o Fred visse você agora, ele não te reconheceria. Tá um mulherão. Lindona!

— Acha mesmo?! – perguntei sorrindo ao passar o dorso do dedo pela bochecha, ainda admirada, porque a maquiagem havia escondido a marca horrível que estava em meu rosto, além de algumas olheiras.

— Até eu me apaixonaria por você. Se eu fosse lésbica. Ká, ká, ká, ká, ká – Melissa zoou com aquele seu jeito “rasgado” de dizer as coisas. Não consegui deixar de rir. Vi que a atendente se segurou para não gargalhar.

— Tá legal sua maluca... – disse e me levantei da cadeira hiperconfortável da loja. Fiquei feliz porque ganhara uma cesta de produtos para os cabelos – depois, é claro, que fui, gentilmente, “convidada” a comprar aquela linha todinha de “makeup[25]” que ela usara em mim. Confesso, a makeup, fez com eu me sentisse linda e desejável. Fiquei me achando. Adoraria que Fred me visse maquiada. Ajeitei os cabelos e coloquei a boina. O entusiasmo fez-me empurrar Melissa para dentro de uma loja de roupas, a qual amava naquele shopping. Escolhemos um monte de peças e fomos ao provador. Não deu outra, comprei algumas para mim e para ela, que dava gritinhos de alegria. *A gente era mesmo sem noção.* Antes de sairmos da loja, apanhei um dos gorros que comprara e coloquei na cabeça de Mel. Era verde. *Aliás, eu amava comprar acessórios verdes.*

— Comprei este para você – disse girando Melissa, para que ela se visse no espelho.

— Mas, este combina mais com seus olhos! - ela salientou e declarou: - Mas, confesso que ameeiii. Tá legal, obrigada.

Sáímos de lá agarradinhas e sorridentes. Por alguns momentos nos permitimos sorrir e zoar, embora, lá no fundo, estivéssemos um tanto apreensivas.

— Sabe o que eu estou a fim de fazer agora? – perguntei

— O quê? – ela redarguiu.

— Mascar *Trident*.

— Bora lá comprar então ué!

Alguns minutos depois, já mascando o *Trident*, me virei para apanhar o celular na bolsa e tive dificuldade para encontrá-lo, então parei e pedi à Melissa para dar um tempo. Ela cruzou os braços e ficou olhando minha luta com a bolsa cheia de bugingangas... Chaveiro de bonequinha, chave do carro, carteira, uma necesarie de tamanho médio e outras tantas coisas que carregava comigo, desnecessariamente. Quando encontrei sorri e disse para Melissa: — Até que enfim. Foi aí que me virei para entrarmos na loja de CDs e trombei num cara que estava de costas. Ele tinha um gorro preto na cabeça e só o reconheci depois que se virou...

— Puxa descul....

Ele arregalou os olhos quando me viu. Percebi que ficou bastante entusiasmado.

— Jade?!

— DJ? Que surpresa!

Melissa ficou só olhando, mas não disse nada. Pela sua cara ia fazer um de seus comentários maldosos, logo, logo.

— Rhum rum. DJ esta é Melissa, minha amiga, que agora mora lá na fazenda.

— Prazer em conhecê-la, Melissa! – ele disse e se voltou rapidamente para mim.

— Legal. Bom te conhecer também - ela respondeu ainda com “aquela cara”.

— Jade, puxa! Quase não te reconheci. Está ainda mais linda. Eu...

DJ ficou feito bobo. Sorri e respondi:

— A deixa disso! – bati a mão no ar.

Conversamos por alguns minutos, Melissa ficou calada. Sabia que mais tarde, ela faria piadinha...

— O que foi aquilo? – Mel perguntou enquanto olhávamos os CDs.

— O quê?

— Aquilo ué? O carinha quase babou em você.

— Ah não exagera!

— Ele deu a maior bandeira Jade! Fred sabe desse cara?

— Nem me fale! Fred e ele se odeiam. Eles dois vivem se estranhando. Mas, já estou acostumada. Ele tem uma quedinha por mim, mas, juro, nunca o encorajei. Nunca lhe dei esperanças – salientei.

— Vai comprar algum CD? – Melissa perguntou.

— Não, você quer algum? Só entrei aqui para passar o tempo. Falta meia hora para o resultado do exame ficar pronto. Escolha o que quiser Mel, pago para você.

— Tudo bem, obrigada. Sabe, até que gostaria de trabalhar numa loja de CDs. É maneiro. A gente ouve música o dia inteiro.

— Deve ser legal sim.

Mel separou um DVD de uma banda mais antiga, da qual gostávamos muito. *Backstreet boys*. Eu, especialmente amava a música "*Incomplete*".

— Uau! Mandou bem! – salientei - Acho que *Incomplete* daria uma boa coreografia, o que acha? Você eu eu somos especialistas em músicas calmas. Nossa coreografia para *My Immortal* ficou perfeita, não ficou?

— Rá, rá, rá – todas as músicas para nós dão excelentes coreografias. E assim como você, amo esta canção – Mel observou e acrescentou: - Daria sim. A gente pode separar algumas e trabalhar nelas. Acho que neste lugar, a única coisa que posso fazer, sem me cansar, é dançar.

— Você vai se acostumar. Eu garanto. Quanto a dançar, alivia as tensões, além de fazer muito bem. E é muito gostoso – eu disse.

— Vai levar algum Jade? – o atendente – que se chamava Marcus, perguntou.

— Não para mim, Marcus. Só este para minha amiga.

— *Backstreet boys?* Hum, mandou bem. Uma banda romântica. Antiga né? Minhas irmãs curtem muito.

— A gente também.

— Jura? Cada dia que passa, mais me surpeendo com você gata – ele disse. – Seu gosto é diversificado.

— É mesmo. Sou eclética em relação a muita coisa. Variar é bom, não é? – eu disse.

— É sim.

Mel circulava na loja olhando tudo. Minha amiga era linda. Naquele dia, usava uma calça jeans, clara, uma babylook azul, sob uma blusa de lã, na cor de hortências, e sandálias “Anabela” - também azuis. Seus cabelos estavam ligeiramente crescidos e já lhe caíam pelos ombros.

— Não me apresenta sua amiga?

— Claro! – respondi.

— Mel, vem cá!

— Hum – ela olhou para o atendente.

— Esta é Melissa.

— Oi. Tudo bem?

— Bem, gata. É carioca como a Jade, hum? Beleza! – ele sorriu e disse com gentileza – Estrela do Campo está cheia de lindas sereias, diretamente do “Rio”.

— Uau! Amei já me chamaram de tudo, menos de sereia – Mel já se engraçou – obrigada.

— Não agradeça. Disse a verdade.

— Bem, obrigada Marcus. Precisamos ir – eu disse.

— Apareçam! Adorei conhecê-la Melissa – ele salientou.

— Obrigada Marcus. Eu também.

Paramos na sorveteria e compramos nossos milk-shakes favoritos. Decidimos caminhar enquanto saboreávamos. Fiz questão de passar em frente a uma loja de bebês.

— Jade – ela sorriu - não adianta tentar me sensibilizar. Essas coisas não me emocionam. Além do mais, ainda nem sabemos...

— Não custa nada tentar – eu disse. - Puxa Mel! Estou surpresa com você. Como está mudada! Antes pelo menos era mais sensível.

— Ah não torra! Queria ver se fosse você em meu lugar. Aposto que estaria do mesmo jeito.

— Ah não. Não mesmo! Eu poderia ficar assustada e com medo, mas não teria coragem de...

— Tá legal. Duvido! Finjo que acredito que não surtaria.

Apanhamos o exame de sangue. Melissa tremia ao segurar o envelope.

— Deixe-me ver Mel! – avancei para tomá-lo dela.

— Não! Espere! – ela titubeava, andando de um lado para o outro.

— Só vai sossegar se abrir e olhar o resultado – disse avançando de novo.

— Eu sei. Mas, que droga! Não consigo.

— Então me dê aqui! Abro para você.

Ela estendeu-me o envelope, mas ficou segurando.

— Larga maluca!

— Não Jade! Isso não vai prestar! – ela quase chorava.

— Larga! Mas que infantil! - puxei o envelope, que ficou todo amassado. Mel cobriu o rosto com as mãos.

— Oh Deus! Juro que nunca mais serei irresponsável. Por favor, por favor, por favor! Esse exame tem de estar negativo – Melissa dizia enquanto eu abria o envelope.

— NEGATIVO – li alto - ahhhhhhhh – gritamos e pulamos como duas loucas dentro da sala de espera do laboratório. O segurança apareceu pálido de susto.

— O que foi isso meninas?

— Desculpa a gente senhor! – eu disse – está tudo bem. – Melissa, sem noção ficou tão feliz com o “NEGATIVO” que pulou no pescoço do segurança, que devia ter uns quarenta anos, e lhe deu um beijo no rosto.

— Que alegria! – ela sibilou eufórica.

— Que bom! – ele respondeu com a cara indecifrável. Saiu com um sorriso largo, estampado no rosto.

— Obrigada Deus! – Melissa olhou para cima e agradeceu.

— Espero que cumpra a promessa de ser mais responsável de agora para frente.

— Eu juro que serei Jadinha! Nunca mais quero passar por isso. Obrigada. Você é a pessoa mais importante de minha vida, maluca. Nunca me esquecerei de tudo que fez e faz por mim – ela ainda emendou. - Te devo uma. Aliás, te devo minha vida.

— Deixa de ser boba! Você não me deve nada. É a minha amiga do coração. Minha irmã. Saiba que amigos são para essas horas – eu disse secando uma lágrima que rolou solitária de seus olhos. Continuei: - Amigos não pedem nada em troca. Lembre-se disso! – eu disse por fim.

— Nunca me esquecerei.

Trinta e oito

Mel

FAZER O EXAME FOI A MELHOR COISA QUE PODIA TER FEITO. Descobri que os mal-estares eram por causa de meu estado de nervos. Era tudo psicológico.

No restante do dia, Jade e eu relaxamos. Estava mesmo precisando. Ela convidou-me para cavalgar, embora tivesse prometido ficar com Fred, mas ele precisou se ausentar, então, aproveitamos a tarde só para nós. Confesso, cavalgar não era uma atividade da qual gostava muito, todavia adorei sair para relaxar. Além do mais, decidi que me empenharia. Queria me adaptar pra valer. E descobri que não seria tão difícil assim. Minha cabeça estava no lugar e livre de preocupações.

Desmontamos perto de um riacho – um lugar lindo. Aliás, naquela região tudo era fantástico. Jade disse que Fred havia lhe mostrado o lugar há pouco tempo. Ela chamou de “Bosque das flores”.

— Nossa que supimpa! Quantas margaridas! – eu disse.

— Amarra a Marietta ali! – Jade pediu indicando uma árvore.

— Eu hein! Que ideia, dar nome de gente para a égua.

— Coisas de Isolda. Ela dá nomes até para as galinhas. Um dia me levou ao galinheiro e apresentou-me todas. Tem Maria, Manuela,

Consuelo, Carmencita e por aí vai – eu ri com vontade. Até que ela tinha criatividade.

— Trouxe algumas coisinhas pra gente comer, veja! Aháaaa... e o som!

— Hum delicioso. Acho que agora vou conseguir comer melhor. Na boa, aquele tormento que vivia, tirava-me o apetite.

— Posso imaginar – Jade disse estendendo uma toalha xadrez, no chão.

— Toma Mel! Coloca ali! – ela entregou-me uma cesta pequena, com mini sanduíches, que Estelinha preparara.

— Hum, atum, adoro – disse mordendo um.

— Vamos arrumar primeiro Mel! – ela exclamou, sorrindo.

— Tá legal, não resisti, o cheiro tá tão booom – enfatizei.

Naquela tarde me senti muito feliz. Jade e eu comemos, dançamos e conversamos muito. Falamos da rotina da fazenda e dos irmãos. Jade contou-me coisas interessantes sobre Du e aproveitei para perguntar algumas coisinhas também: — Jadinha, me diga uma coisa! Seja sincera, ok?!

— Sempre. Manda aí!

— Você já percebeu que Du... Bem é que acho que o Du gosta de você.

— Ah não viaja! – Jade respondeu.

— Bem, uma vez, enquanto discutíamos, ele disse que depois que a gente “ficou”, conseguiu se esquecer, um pouco, de “alguém”, de quem ele gostava. Disse que eu o estava ajudando a esquecer esse alguém.

— E por que acha que sou eu? Nããã, sem chance! - ela deu ênfase e balançou a cabeça. Depois explicou: - Bom deixe-me te dizer uma coisa...

Jade me contou, que um dia, enquanto cavalgavam, ela disse umas coisas ao Duke. - Foi logo quando chegou à fazenda. Disse que se sentia carente, e que Duke a ajudou a superar muitas coisas. Ela salientou que ele era um cara e tanto, e que por causa dele, sua adaptação foi rápida. Contou-me ainda que acreditou estar apaixonada por ele. Entretanto, quando ela se declarou, ele, que é um cara de caráter ilibado, deu o maior fora nela – com o maior cuidado. E explicou o motivo. Ele gostava dela apenas como irmão. E depois disso, os dois se tornaram os maiores amigos do mundo. Ele nunca a desrespeitou. Ela contou que passados alguns meses, descobriu que gostava mesmo era do Fred.

Eu disse:

— Entendo e acredito que naquela ocasião, pode até ser que não rolava sentimento por parte dele. Mas, acredite Jadinha, isso mudou. Ele gosta de você. E isso me assusta – declarei. - E se ele estiver me usando? Ah isso seria péssimo! Estou muito a fim dele... e acho que ele está comigo, só porque quer tirar você da cabeça - Jade estava sem graça. – Ouça isso! – pedi: — Quando cheguei à sua casa no Leblon, pedi a ele se poderia ficar lá por alguns dias, e, ele foi super.

Mas, quando foi arrumar o quarto, descobri que ele dormia no seu e não no de hóspedes.

— Ah é? Estranho né? – Jade observou.

— É o que disse. Achei estranho, por esse motivo comecei a observá-lo. Ele sempre fala de você e às vezes o surpreendo divagando.

— Tá legal, mas... não se preocupe Melissa! Não gosto dele dessa forma.

— É eu sei – baixei a cabeça. – Percebi que você se liga mesmo é no Fred.

— Esqueça isso! Acho que deve se esforçar e curtir seus momentos com ele. Juro Mel, nunca o encorajei. Agora, depois do que me contou, vou evitar nossas brincadeiras. Devo evitar ficar muito perto dele. Prometo que vou tentar.

— Também não é assim!

— É sim. Não tinha percebido que ele sentia algo por mim.

— Tá legal, se puder me ajudar. Quero mesmo conquistá-lo. Sinto que ele gosta muito de mim. A gente se curte, mas acho que no fundo, não é amor da parte dele.

— Certo. Combinado! O que puder fazer para te ajudar.

Ficamos ali trocando confidências. Pude sentir que Jade era, mesmo, a pessoa mais importante de minha vida. Bem, agora, seguramente diria que o Du, também era. Estava mesmo muito apaixonada. Queria ficar com ele eternamente. É claro, havia

também a minha mãe. Sempre pensava nela. Até brincava com aquela coisa de “mãe pesadelo”, mas, no fundo, não era nada daquilo que queria dizer. Ao contrário dela, a amava. Ela habitava meus pensamentos o tempo todo. Jamais a esqueceria.

Depois do bate-papo e do lanchinho mega-apetitoso que Estelinha nos preparou, Jade adormeceu com o chapéu sobre o rosto. O sol estava fraquinho e deixava a temperatura gostosa. Olhei de lado para ela e agradei a Deus por tê-la colocado em minha vida. Minha irmã do coração. Ela, tinha certeza de que me amava mesmo. Virei para Jade, e, aos poucos, relaxei. Sentia-me tão bem que adormeci também.

Acordei algum tempo depois com o barulho de Marietta.

— Jade! - chamei

— Hum – ela retirou o chapéu do rosto – o que foi?

— Acho que a gente dormiu para caramba. Veja o céu!

— Nossa! Já está escurecendo. Os rapazes devem estar preocupados.

— Vamos embora maluca! – Jade se levantou e espreguiçou.

— Acho que a gente estava precisando mesmo desse momento de quietude – eu disse.

— Te falei, isso é bom demais. É assim que reponho minhas energias. Por isso, gosto tanto de caminhar. Quando Fred “enchia meu saco”, dava um jeito de bater em retirada. Já vi tanto lugar bonito por aqui que você não tem noção.

— Lá vem você!

— É verdade. Sabe por que os chamo de mágicos? – Jade perguntou.

— Por quê? Sua romântica maluca!

— Exatamente por isso. Não está sentindo? Não sente o corpo relaxado? Hum?

— É, estou bem mesmo – declarei.

— Respondeu minha pergunta.

— Tá legal – eu ri. – Tem razão.



À noite foi muito bom. Jogamos *Assassin's Creed*, ao som de *Creed*. "*One Last Breath*" – que era uma de minhas favoritas, e *Bruce Dickinson* – "*Tears of the Dragon*", dentre outras pérolas do rock. Isolda, se recolheu mais cedo. Ela ainda estava chateada com Fred.

— Mamãe está esquisita – Du disse com a manete nas mãos.

— Dá aqui Du! – estiquei o braço - agora é minha vez – pedi tentando tomá-la dele.

— Vai sonhando! – ele levantou-a acima da cabeça e gargalhou – vai ficar pulando feito pipoca e não vai conseguir.

—... Ela está chateada comigo por causa da história da aposta – Fred declarou e disse alto para Jade - "xeque-mate". Tá morto, já foi!

— Ah desisto! – disse atrapalhando as peças. Jamais vou conseguir jogar direito – Jade disse se esparramando ao lado de Fred, com os braços abertos.

— Vem cá Preciosa! – ele a puxou pelo braço. Da próxima deixo você ganhar.

— Aí não tem graça! – ela disse sorrindo.

—... Vai passar gente. Ela também está triste porque não pode cuidar - como gostaria, das suas plantas. Estou ajudando, mas ela se sente impotente, pelo menos foi o que me disse – Jade observou de onde estava.

— Depois vou falar com ela – Fred disse por fim.

— Du me deixa jogar! – pedi, mas ele era um “fominha”.

— Só se conseguir tomar a manete de mim – disse correndo.

— Ah é assim? Então... – avancei para ele e comecei a fazer cócegas. Caímos os dois sobre o sofá. Foi aí que aconteceu o que eu mais queria. Ele me agarrou e me beijou, apaixonadamente. A manete caiu de lado. Aproveitei e lhe dei uma mordida no lábio. Enquanto ele se recuperava, apanhei a manete. Eu não conseguia deixar de pensar em minha conversa com a Jade. Então, resolvi por meu plano em ação. Eu ia deixá-lo gamadinho.

—... Jogou sujo Mel! – ele disse passando o dedo no lábio. Agora te pego – ele correu atrás de mim pela sala. Caí, inevitavelmente. A sala estava cheia de obstáculos tipo “almofadas” espalhadas. Du sobre mim, era tudo de bom. A gente nem se lembrou de que estávamos sendo observados por Fred e Jade.

Trinta e nove

Jade

TUDO ESTAVA PERFEITO. MEL DECIDIU MATRICULAR-SE NO CURSINHO, por insistência minha e de Duke, só para não ficar à toa.

Uma semana se passou. Ela é claro, aderiu ao nosso “momento dançante” e adorou. Du ficava de longe olhando, ninguém se atrevia se aproximar dela. Ele estava cada vez mais apaixonado por Melissa e se podia notar. Ela não precisava se preocupar. DJ sempre dançava comigo. Du, aos poucos, relaxou e não o fuzilou mais com os olhos, afinal, passou a ter olhos apenas para sua “menina do rio”.

Fred realmente estava mudado. Não tocou mais no assunto que me tirava do sério, e, não falava mais em DJ. Sabia que sentia ciúmes, mas se controlava. Mel e eu nos matriculamos no curso de Nando Silveira. A princípio Fred objetou um pouco, depois, disse que “estava tudo bem”. Nesse dia, estávamos na sala. Eu, com um vidro de esmalte na mão -, sentada no chão -, pintava as unhas dos pés, e, ele, jogando videogame. Pulei em cima dele e o beijei tanto, que ele ficou sem ar. O vidro de esmalte caiu para o lado e minhas unhas, é claro, borraram. Ainda bem que fechei o vidro senão Isolda iria dar “o grito”.

— Se soubesse que ganharia tantos beijos assim, teria deixado você se matricular lá, há mais tempo.

— Estou tão feliz “Morzinho”! - circulava seu rosto com microbeijos, estalados.

— Jade, prometi que mudaria por você. Não quero mais te decepcionar.

— Auuunnnn que lindo! – balbuciei.

— Tenho de te contar uma coisa – ele disse afastando-me um pouco.

— Hum, o que é? – perguntei com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Eu... eu estou indo a um psicólogo – ele declarou de cabeça baixa.

— Hã? Jura? Nossa! Nem sei o que dizer.

— É. Eu preciso dizer que depois daquela noite, lá no “Velho Oeste”, senti que tinha de fazer algo. Estava perdendo tudo. Você, o meu cavalo, além de perder também o controle de meus sentimentos. Aquele dia, aqui, com o Bira, foi a gota d’água. Confesso que foi difícil encarar uma pessoa, a quem nem conhecia e falar sobre meus problemas.

— Fred estou tão orgulhosa. Obrigada.

— Não tem o que agradecer Bonita. Eu é que sou grato, por tudo, além disso, tenho de me desculpar. Estava cego de ciúmes e não conseguia imaginar outros caras. Enfim. Não quero mais ser assim. Você sempre teve razão. Estava bancando o idiota, devo reconhecer.

O abracei, demoradamente, com lágrimas nos olhos. Ouvi Fred aspirar suas lágrimas também.

— Ué – o afastei um pouco – tá... tá chorando?

— É. Dei pra isso agora – ele sorriu sem graça.

Isso era um sinal claro de que ele estava mexido. Nunca vira Fred chorando. Era capaz de imaginar tudo, menos isso. Ele sempre durão e dono de si, agora se mostrava, emotivo.

Mel e eu tínhamos aulas de dança, três vezes por semana. No primeiro dia, senti uma alegria contagiante. Todos os colegas do cursinho que dançavam no intervalo das aulas estavam lá. Estava em casa. Nando Silveira era o máximo. Entretanto, logo no primeiro dia, “puxou” minha orelha e a de Mel. Disse que estávamos fora de forma e que se quiséssemos avançar, teríamos que pegar pesado com a malhação. Tive a impressão de que ele não fora com a cara de Mel. Também, ela era relapsa e desatenta.

— Ele chamou a gente de gorda? Caraca! – Mel perguntou, indignada, segurando a barra.

— Mel, se ele disse.

— Não concordo.

— Você é mesmo “sem noção”. Vai discordar do professor? – Mel era assim: teimosa e “encrenquina”.

— A partir de amanhã a gente vai correr. Temos de perder alguns quilos e vamos entrar numa dieta rigorosa. A gente precisa de

energia, mas, não podemos engordar – ri e emendei: - Fred vai pegar no meu pé. Ele odeia quando faço dieta.

— Concordo em correr, mas o Nando está errado. Não estamos gordas!

— Tá certo dona “sabe tudo” – eu disse rindo dela.

Alguns dias depois, comecei a sentir umas coisas estranhas. Uns pressentimentos. Não falei deles para ninguém, porque eles jamais acreditariam em mim. Sempre foi assim. Du e Mel estavam ainda mais agarrados. Meus dias estavam cada vez mais intensos. Pela manhã corrida com Mel. Depois, nós duas ajudávamos Isolda com as plantas. Os rapazes ficavam fora toda a manhã e alguns dias faziam pequenas viagens, de modo que, ficávamos apenas nós mulheres em casa. Às vezes eles voltavam no mesmo dia, outras, quando iam para longe, dormiam fora.

Ah, uma novidade! Savannah estava em “estado interessante”. Fiquei tão feliz que nem quis montá-la. Tinha medo de “atrapalhar”. Sim, ela estava prenhe, esperando um “filhote” de Relâmpago. Isso deixou Du muito feliz.

Fred continuava me surpreendendo. Ele convidava-me quase todas as tardes, em que não havia compromissos, para um passeio pelas redondezas. Sentávamos sob o velho carvalho e rolávamos na relva. Passávamos momentos intensos até o pôr do sol. Algumas vezes íamos para a cabana e ficávamos, digamos, mais à vontade. Fizemos da cabana nosso refúgio. À noite, cursinho. Nos dias em que Mel e eu íamos para as aulas de dança não passeava com Fred.

E assim seguiu nossa rotina. Já havia perdido dois quilos. Mel um. Ela era uma descontrolada. Nando Silveira se estressava com ela em todas as aulas porque era preguiçosa. Ela reclamava de dores nos pés e achava tudo exagerado. Ele insistia que ela estava "pesada". Notei má vontade, por parte dela, que parecia não gostar do jeito autoritário dele.

Mel odiava que a chamassem de gorda. Eu achava engraçado e ria em silêncio. Ela era assim, mas era dessa forma que a amava. Aquele jeitinho marrento e às vezes infantil. Era atrapalhada e muito engraçada. Adorava seus comentários irônicos e sarcásticos. Todavia, no fundo, era um doce e tinha um bom coração.

Nando Silveira era um cara bacana, mas era severo. Tinha as feições duras e sorria pouco. Devia ter uns quarenta e cinco anos. Era alto e sarado. Não aparentava a idade que tinha. Seus cabelos eram negros, mas já se podiam ver alguns fios brancos. Como profissional era respeitadíssimo. Mandava bem em todos os estilos de dança, mas era, particularmente bom no "Tango e no Passo Double", embora sua formação fosse clássica. Eu o admirava. Quando morava no Rio, ouvia falar muito dele. Assisti a algumas de suas entrevistas e o admirei ainda mais, depois delas. Como DJ havia dito, era filho de Estrela do Campo. Mas, mudou-se para a cidade grande, ainda rapaz. Estudou dança fora do país e se tornou um dos maiores coreógrafos do Brasil. Infelizmente, por causa da violência, o cara, agora, apenas "levava a vida".

Minha desconfiança tinha fundamento. Ele não fora mesmo com a cara de Melissa. Pegava no pé dela, coitada, e cobrava tanto que fiquei incomodada. Aproximava-se de fininho e ficava a observar,

provavelmente torcendo para ela errar. Ela, que já estava sem paciência, se desconcentrava, por isso fazia os movimentos de maneira errada. Lucas Fialho, parceiro de Mel, ficava de lado, com a cara amarrada, ouvindo o sermão que o professor dava em sua parceira.

Cá pra nós, acho que ele concordava com o Nando. O cara era uma figura esnobe e um tanto arrogante.

— Não dá! Ainda não consigo “voar” Nando! – ela reclamava irônica com a cara engraçada. - Além do mais, tenho medo, o Lucas não me passa segurança.

— Ei! Não joga a culpa em mim, não! Faço o que posso. Nunca deixei você cair – ele objetava.

— Não consegue fazer certo porque está gorda Melissa! – Nando declarou.

— Um quilo?! Você tá de brincadeira! – Lucas sorriu e Melissa objetou furiosa: - Não consigo porque tá querendo que eu decole! Confessa Nando! Eu sei que não gosta de mim. Tá torcendo para que eu desista.

— Por que está aqui Melissa? Hum? – Nando questionou.

— Não sei. Acho que foi um erro. Não é esse o tipo de dança que gosto – ela disse olhando para mim. Estranhei, afinal dançávamos desde garotas. A não ser que Melissa mudara de opinião e não me contou.

— Como assim? – Nando deu as costas - então... acho que perdi meu tempo com você garota! – todos pararam de se exercitar e se

viraram para observar aquela conversa tensa. Ele continuou de onde estava, encarou-a e disse: — Melissa se quiser continuar. Se deseja ser uma das escolhidas para o concurso, precisa dedicar-se. Lembre-se os "*fouettés*"[26]... você faz corpo mole todas às vezes em que peço para repetir os passos! – foi aí que Melissa "jogou a toalha".

— Não quero participar de droga de concurso nenhum! E nem quero fazer essa porcaria de "*fouettés*", Nando. Quero dançar *hip hop*. Pensei que me adaptaria, mas não – Nando ficou boquiaberto com o desabafo de Melissa, mas não disse nada.

— Melissa! – chamei – por que não me contou antes? - Nando se afastou, pisando duro e levou Lucas com ele. Pegou a mão de Beth – que fazia outros exercícios e disse: — A partir de agora os dois serão parceiros.

— Tudo bem - disseram ao mesmo tempo.

—... Eu só queria fazer companhia para você Jadinha. Ser sua parceira, te incentivar. Não me interessa por concurso nenhum. Queria apenas estar com você, mas o Nando não gosta de mim. Ele demonstrou isso desde o primeiro dia – Melissa desabafou e eu me emocionei. Ela emendou: - Eu tentei. Acho que te desapontei nessa, minha amiga. Desculpe! – afastou-se. Fui atrás dela e a puxei pelo braço.

— Não fique assim! Tudo bem. Não precisava ter se sacrificado por mim Mel. Por que não me disse?

— Queria tentar – ela explicou:- Aprendi *hip hop* quando saía com Mau Mau. Ele, dentre outras coisas, é muito bom dançarino – droga! Não quero me lembrar daquele traste.

— Não tem problema algum em dançar *hip hop* Mel, acho o máximo. Só estranhei. A gente sempre dançou balé moderno, juntas. Não precisa se desculpar. Dança é dança. Ok?

— Tudo bem.

Caminhamos em direção aos vestiários. Lá ela retirou a sapatilha, com raiva.

— Se quiser falar, sou toda, ouvidos – disse a ela.

— Quem ele pensa que é? Eu não estou gorda!

— Ah... sabia que ainda iria dizer isso – murmurei olhando para os lados. - Você está perfeita amiga.

— Ele que faça greve de fome para secar cada vez mais. Eu não vou emagrecer mais um quilo, só para agradá-lo. É implicância dele Jadinha. Ele não gosta de mim.

— Não precisa emagrecer Melissa. Você já disse para ele que não quer participar do concurso. Então, se quiser desistir...

— Aposto que ele tá lá, pulando e gritando “yes” – Mel levantou as duas mãos. Eu não conseguia me segurar. Até quando estava com raiva, ela conseguia ser engraçada. – Jadinha, tudo bem se eu desistir?

— Confesso que adoraria que continuasse, mas não quero que faça algo contra sua vontade. Tudo bem!

— Sorry honey! - Melissa se desculpou. – Mas, não desista! Você nasceu para dançar.

— Tá certo. Depois vejo isso. Sem você, acho que sentirei preguiça. Tanto que desejei dançar numa academia novamente! No final das contas, acho que não vai rolar de jeito nenhum. Eu desisto. Acho que não era para ser mesmo - sorri e chamei: — “Bora” para casa marrenta!

Naquela tarde, quando voltávamos para casa, tive a impressão de que um carro nos seguia. Ele nos seguiu por alguns quilômetros, depois o perdi de vista. Estranhei. Passei o restante da tarde inquieta. Queria acreditar que era apenas cisma, mas não. Alguma coisa me dizia que eu estava certa.

— “E essa agora”! - perguntei a mim mesma. Depois comecei a pensar: *Deve ser impressão. Por que alguém seguiria a gente?*

Até desconfiei que pudesse ser aquele asqueroso do Bira. Mas, por quê? Ele já não tinha conseguido o cavalo? Será que poderia ser o tal Mau Mau? Nossa, não podia nem falar disso com a Melissa. Ela surtaria.

Algumas sensações as quais conhecia muito bem começaram a me incomodar, depois disso, sentime inquieta. Tinha a sensação de que algo estava para acontecer. Fiquei arisca e assustada. Enfim, não estava em meu estado normal.

Duas noites antes deste episódio, havia tido um pesadelo terrível. Fred precisou entrar em meu quarto para me acudir. No sonho, gritava feito louca. Sonhara com um incêndio na fazenda.

Quarenta

NA SEMANA SEGUINTE, OS IRMÃOS PRECISARAM VIAJAR A NEGÓCIOS, MAS anunciaram que voltariam de madrugada. Depois de nos acabar no "*Dance central*". Mel e eu fomos até o quarto de Isolda para dar-lhe um beijo de boa noite.

— Obrigada pelo beijo, meninas. Estou terminando este livro e também já vou dormir.

Subimos. Cada uma de nós foi para seu quarto. Enquanto tomava banho, pensava em Fred. Desejava, de coração, que ele voltasse logo. Naquela noite, para minha infelicidade, uma chuva repentina e estranha castigava a fazenda. Antes, não ligava de dormir com tempo chuvoso, mas, ultimamente, estava assustada demais. Aquelas sensações que sentia, me perturbavam profundamente. Juro que queria acreditar que o vento que uivava e vergastava as árvores, era apenas por causa dessa tempestade, mas, no fundo, temia que não fosse só isso. Não sabia explicar, mas sentia que era um presságio. Meu coração estava apertado.

— Deus! Proteja Fred e Du – pedia aflita, sob o chuveiro quente.

Vesti-me rapidamente. Enquanto enxugava meus cabelos, olhava pela janela e não conseguia deixar de me perguntar: Por que comecei a sentir "aquelas coisas" novamente? Sentira exatamente as mesmas coisas, antes de mamãe e Thomas... e também, quando

Bernardo... Então, poderia concluir que os pressentimentos que tinha, deviam significar que eu, ou os meus amores corriamos perigo!

— Não! Mil vezes não!!! – desabafei assustada, arremessando a toalha para longe - “Que Deus nos proteja”!

A cortina estava ligeiramente afastada, mas os vidros, fechados. Entretanto, não pude deixar de sentir uma brisa. Olhei ao redor e senti a pele arrepiar. Meus olhos, assustados, fixaram-se na paisagem negra. Eu conseguia ver, com a ajuda da fraca iluminação da fazenda, que a chuva caía, feito rajada de balas. Aproximei-me um pouco para fechar a cortina. As árvores continuavam a ser chicoteadas, com inclemência, e os galhos se dobravam, até quase se encostarem ao chão. Levei a mão ao tecido e puxei. Antes de terminar de fechar a banda da cortina, vi um vulto – Deus! – murmurei. Abaixei de costas para a janela e fiquei assim por algum tempo. Inevitavelmente, comecei a tremer. Até meu coração se desesperou. Eu pensava: *Quem, ou o quê, poderia ser?* Desviei os olhos para o relógio. Decerto Melissa e Isolda já estariam dormindo. Não conseguia imaginar quem, em seu juízo perfeito, estaria ali, debaixo daquela chuva, olhando para... mim. Mas, a troco de quê? - É cisma – disse alto. Levantei-me, vagarosamente, afastei a cortina, quase em câmara lenta e olhei mais uma vez, porém não vi o vulto. Soltei-a rapidamente e corri para a cama. Enfiei-me sobre o edredom e cobri a cabeça. Passada mais ou menos uma hora, retirei o edredom e pousei os pés, suavemente, no tapete felpudo - que descansava ao lado de minha cama. O coração ainda desesperado. Além de tremer de frio, minha cabeça também latejava. Sentia tanta

dor, que a impressão que tinha, era de que os fios de meus cabelos estavam fincados como agulhas. Sem conseguir me conter, fui até a janela, me arrastando para ver se via mais alguma coisa. Afastei a cortina, novamente, apreensiva e constatei que não havia nada. *Teria sido imaginação?* Sinceramente, não duvidava. Poderia ser alucinação devido à tensão. Mas, isso seria possível? Também, no estado de nervos que estava! Corri e me enfiei na cama, novamente, com tanto medo, que comecei a rezar. Lembrei-me de Bernardo. Quando tinha medo, a primeira figura que vinha a minha cabeça era a dele.

Pai, que saudade! Meu pai herói!

Sentia falta do seu colinho e do seu abraço. Se ele estivesse entre nós, decerto estaria agora em seus braços, implorando para que dormisse comigo. Comecei a chorar, copiosamente.

— Fred cadê você? — perguntei, pressionando minhas têmporas. Eu tô com medo. Droga! E você? Hum? — bati em minha cabeça. — Por que não fala mais comigo? - soquei a cama, ligeiramente descontrolada. Continuei: - por que essas coisas acontecem? Juro que não queria sentir nada disso. Tenho medo poxa! — reiterei chorando.

Levantei o torso, decidida a tomar um comprimido para a dor de cabeça. E ela piorava. Uma fisgada forte fez-me gritar. Depois que ingeri o “comprimidão”, com a maior dificuldade, resolvi também pedir colinho para Melissa. Abri a porta de meu quarto e cambaleei até o dela, encolhendo-me a cada estrondear.

— Me... Mel – chamei gaguejando, abraçando meu próprio corpo. Não demorou muito e ela abriu a porta. O pijama torto no corpo, e os cabelos emaranhados. Bocejava e reclamava.

— Caraca Jade! Isso são horas? O que deu em você? – ela apertou os olhos para ter certeza...

— Tá chorando?

Nesse momento, ouvimos um barulho aterrorizante e nos encolhemos.

— O que foi isso? – Mel perguntou. Empurrei Melissa para dentro do quarto e o tranquei. A gente precisa se esconder – sussurrei.

— Mas, mas... o que tá acontecendo Jade? – ela perguntou sem entender.

— Mel acho que tem alguém aqui. Vi um vulto lá fora.

— Hum? – ela levou as duas mãos à cabeça. – Porque tá falando baixo?

— Disse que acho que tem alguém aqui!!!

— Ai meu Deus! – Melissa disse, já vertendo lágrimas e levando a mão ao estômago. Ela era ainda mais apavorada do que eu. Emendei: - A gente precisa fazer silêncio. Devem ser assaltantes.

— Mas que droga! Logo hoje que... os rapazes não estão em casa?

— Dã Mel! Decerto eles estão vigiando a gente. Noutro dia percebi que havia um carro nos seguindo.

— Por que não disse nada, maluca? Ai meu Deus! Ai meu Deus! Mau Mau me achou! - Mel começou a andar de um lado para o outro, feito louca, pelo quarto.

— Shhhh, não pira ainda! – alcancei-a, tapei sua boca e disse também apavorada: - se, ficarmos quietinhas, eles roubam o que quiserem e vão embora.

— Mau Mau não veio aqui para roubar Jade. Ele veio atrás de mim – ela disse desesperada e me agarrou.

— Mas quem foi que disse que é esse Mau Mau, maluca? Pode ser mesmo um ladrão.

— Eu sei. Só pode ser ele. Mel silenciou-se por alguns segundos e levantou os olhos, apavorada: - Jade a Isolda!

— É mesmo! Oh meu Deus! Oh meu Deus! – dessa vez eu surtei.

Pobre Deus, devia estar cansado de nos ouvir chamá-lo.

— O celular! Pega o seu celular! A idiota aqui deixou o dela no quarto.

— Ah não!

— O que foi Melissa?

— Veja Jade! Está descarregado.

— Ai meu Deus! O que a gente faz? Não podemos deixar Isolda sozinha – Mel salientou.

— Vou descer – declarei tentando me acalmar. Estava com as duas mãos na cabeça. - Fique aqui! Entre no closet e se esconda!

— Tá, mas você vai sozinha?

— É preciso!

— Não Jadinha, não! Vou com você. “Uma por todas e todas por uma”. Estamos juntas nessa.

— Essa foi clássica. Os três Mosqueteiros, Mel! Só você mesmo. Tá legal vem então!

Descemos os lances da escada, silenciosamente. Melissa tremia como vara verde.

Eu também, é claro.

Chegamos ao andar de baixo. Acendi a luz e olhei detalhadamente. Não vi nada suspeito. Corri até a cozinha para apanhar uma faca. Melissa, com medo, se abaixou atrás do sofá e ficou me esperando.

— Jade uma faca?! Tá maluca? – ela sussurrou. Depois se levantou e veio até mim.

— O que mais poderia pegar Melissa?

— Sei lá! Uma, uma vassoura, ué! É. Uma vassoura é mais fácil da gente acertar, além do mais, um ladrão toma essa faca de você e ainda faz picadinho da gente.

— Pelo amor de Deus, Melissa! Não toca terror! – objetei, sussurrando e acrescentei: - A gente tá fazendo muito barulho.

Seguimos a passo de tartaruga olhando a casa. Estávamos feito duas meninhas amedrontadas e nos esquecemos por alguns

minutos de Isolda. A chuva se intensificara, para nosso desespero. Com uma tempestade daquelas, era praticamente impossível sair.

Porque essas coisas estranhas tinham de acontecer à noite, e com chuva?

Os raios, que caíam bem pertos, clareavam a sala a todo o momento, como disparos de flash.

— Vou apanhar uma lanterna, antes que a energia elétrica acabe. Do jeito que a gente tem sorte, isso pode acontecer a qualquer momento. Sei onde Fred guarda. Vem! - apanhamos a lanterna e seguimos para a sala.

— O telefone – Melissa sussurrou, apontando para o aparelho, sobre o aparador. Corremos até ele. Levantei o fone e também sussurrei, com um sorrisinho de alívio: — Tá funcionando.

— É claro que tá. Vamos ser positivas! – Mel disse, sem ser convincente. Liguei para Fred. Chamou uma, duas, três vezes, na quinta praguejei olhando para o aparelho.

— Mas que droga!

— Nada? – Melissa perguntou e se encostou, ainda mais, quando ouviu o rugido do trovão – Oh meus Deus! – cobriu os ouvidos. Infelizmente, depois disso, a luz se enfraqueceu.

— Oh não! Acho que vai mesmo acabar a energia – eu disse.

— Tenta de novo Jade! Droga, isso aqui tá parecendo filme de terror – Melissa disse aflita e perguntou: - tem certeza de que viu

alguém? Não foi só impressão? Ou aquela mania que tem de achar que...

— Melissa eu vi tá legal! Era um vulto. Estava na chuva – afirmei, encarando-a. - Depois ouvimos aquele barulho. Você também ouviu, ora!

Não demorou muito e ficamos no mais absoluto breu. Mel se assustou e se agarrou a mim. Com o susto deixei a lanterna cair.

— Era só o que me faltava!

— O que foi Jade? – Mel perguntou baixinho.

— A lanterna rolou. Veja se consegue pegar! Abaixamos as duas no chão e apalpamos... – esse é meu pé Mel!

— Aqui, aqui peguei! Oh droga! – ela disse se levantando.

— Aiiiiii – berrei.

— Shhhhhhhh, não berra alto assim! Foi mal Jade.

— Só você mesmo Melissa! Vou fazer mímica do meu berro agora? Não tinha como não berrar, me deu uma “lanternada” na testa. Putz, a gente só faz trapalhada!

— Jadinha não tô vendo nada, desculpa!

Melissa apertou o botão “liga” e uma luzinha fraca iluminou a sala.

— Vamos ver Isolda! Que bom! Parece que a chuva tá parando...

— Graças a Deus – Mel disse.

Abri a porta, vagorosamente. Isolda dormia tranquila.

— Tá tudo bem Melissa. Vamos! – sussurrei, empurrando Mel, levemente. Algum tempo depois, respirávamos, aliviadas. Não vimos ninguém, nem nada suspeito na casa. Infelizmente, não conseguimos ver do lado de fora, também não ouvimos mais barulho algum, até a chuva diminuíra e, naquele momento, apenas chuviscava. Consegui falar com Fred. Ele e o irmão já estavam chegando.

— Sabia que era neura sua Jade.

— Mel, juro que vi um vulto lá fora. Eu vi caramba! Por que não acredita? Não inventaria uma coisa dessas. Não sou maluca! – disse me virando para ela. - Além do mais, você também ouviu o barulho.

— Ah aquele barulho pode ter sido qualquer coisa, um árvore que caiu, sei lá.

Subimos os lances da escada, vagorosamente. Sentia-me péssima, porque fui taxada de maluca. Tudo não passou de alarme falso.

Mas que droga! Meu cérebro só pode estar de brincadeira comigo. O que será que vou ver da próxima vez? Hum? Já vou logo avisando, não caio mais nessa!

Dei um tapinha na testa. Fiquei com os nervos em frangalhos e dores por todo o corpo. Parecia que tinha malhado sem parar por “trocentos” anos. *Exagerada, como sempre.* Às vezes não sabia quem era mais, Melissa ou eu.

Quarenta e um

NAQUELA MANHÃ DE SÁBADO, SENTIA-ME EXTREMAMENTE MELANCÓLICA. Não dormira à noite inteira, como vinha acontecendo desde o dia em que vira o vulto na chuva, olhando para a casa. Resolvi caminhar um pouco para colocar meus pensamentos em ordem. Por incrível que pareça a temperatura estava altíssima. O termômetro só faltava explodir, porque estávamos sob efeito de um fenômeno esquisito. Na boa, não sabia explicar se era *El niño ou La niña*. Sabia que um era o oposto do outro. O fato é que, Estrela do Campo estava um forno. Vesti, por este motivo, um top superestimado, rosa chá e um short de lycra branco. Na cabeça, um chapéu bege, de abas grandes, para minimizar os efeitos do sol em minha pele, que sabia, queimava-se fácil. Melissa não quis me acompanhar. Preferiu ficar no, “rala e rola” com Du, aproveitando o sossego daquele dia. Fred estava desanimado por causa de uma virose que resolveu visitar a fazenda. Antes dele, Melissa e Duke também ficaram gripados. Depois que havia me mudado para a fazenda, esta, era a primeira vez que via Fred baqueado. Entretanto, não quis companhia. Disse que queria dormir. Isolda ficou na sala com um novelo de lã - sua nova atividade -, tecendo cachecóis. Por isso, pensei em passar algum tempo no Bosque das Flores. Levei comigo a mochila com meu laptop e meu diário. Queria ouvir músicas, pensar, escrever e... sei lá, fechar os olhos e esquecer tudo que me travava o riso – como dizia Fred. Mas, não era tão simples

assim. Entre a gente tudo ia bem. Infelizmente, "outros" assuntos incomodavam-me.

Oh treva! Quando não é uma coisa, é outra.

Aquelas sensações continuavam, mas jurei que não ligaria mais para elas, afinal, fiz papel de maluca naquela noite com Melissa. Se, ela não acreditava, piorou. Não gostava nem que tocasse no assunto. Eu tentava não pensar muito "naquilo". Contudo, às vezes era inevitável. Assim, decidi desabafar com meu querido amigo, "cego, surdo e mudo". Meu diário.



Meu querido diário

03 de maio de 2013

Eu, pensava, que a "tal felicidade" batera à minha porta. Afinal, Fred mudou seu comportamento de grosso e seco para delicado e extremamente romântico. Eu me pergunto: como algumas situações e acontecimentos podem ser assim tão... eficazes? Agora Fred estava sensível - do jeito que eu "desejei". Acho que agora poderia dizer que ele me "consumia", de um jeito apaixonado. Ele preenchia meus dias e algumas de minhas noites. Kkkkk. Isolda - após o acidente passou a dormir no quarto de baixo, então, eu meio que me liberei daquela coisa de desrespeitá-la. Ela não veria nada mesmo! Caraca não era nada disso...

Tá, o motivo do desabafo de hoje é, a "coisa" das sensações. Por que tenho a impressão de que sou "sobrenatural". Não do tipo... fada, bruxa, feiticeira. Aff. não! É do tipo... Ai que medo!!! Paranormal? Nem sabia como dizer, tampouco sabia o que era de fato isso. Deus me livre! Não, não e não! Não sou nada disso!

...Mas que nome eu daria para o que acontece? Sim, porque algo acontece. Só não sei o que é. Eu deveria procurar um médico? Talvez... um profissional da saúde conseguisse fazer um diagnóstico sobre o que tenho. Um psiquiatra logo de cara. Deus, não! Psiquiatra é médico de doido. ~~Kkkkkkkkk era isso mesmo que eu parecia ser. Doida.~~

"VOCÊ É UMA MALUCA"! ENFERMEIRA PODE LEVÁ-LA! – Eu poderia imaginá-lo dizendo isso. Pior, poderia até imaginar uma enfermeira, aliás, uma enfermeira não! Uns enfermeiros, enormes, entrarem com uma camisa de força e me levarem para o manicômio.

Isso é que não!!! Eu jamais procuraria um psiquiatra para cuidar de minha esquisitice. E um psicólogo? Nãaa. Os dois cuidam de pessoas perturbadas. Não sou perturbada. Deus! O que eu sou então?



Eu às vezes brincava, mas no fundo, estava me "borrando" de medo, porque da última vez que sentira aquelas coisas, perdi Bernardo. E antes dele, minha mãe e Thomas. Algumas lágrimas já se misturavam às letras da caneta de tinta rosa. Eu não suportaria perder mais amores. Deixei o diário de lado e me deitei sobre o lençol que levava na mochila. Fechei os olhos e chorei. Coloquei o braço sobre o rosto e deixei que todo o meu reservatório de lágrimas se esgotasse.

Levantei o pescoço quando ouvi passos. Limpei as lágrimas com o dorso do braço e gritei:

— Tem alguém aí? – minha voz saiu estrangulada.

— Fred! É você Morzinho?

Ninguém respondeu. Obviamente, comecei a temer – repeti: – tem alguém aí? – dei alguns passos e olhei para cada pedacinho do bosque. Na mesma hora juntei minhas coisas e dei o fora. É claro que podia ser um bicho. Coelho, tatu, passarinho, cobra... Mas, também podia ser meu “sexto sentido” fajuto. Não importava. Senti medo e quis chegar em casa rapidamente. Como minha família não acreditava em mim. Não contei a eles.

Quarenta e dois

SEGUNDA-FEIRA. UMA CAMADA DE NÉVOA PAIRAVA SOBRE A REGIÃO. Aquele clima provocava um estado esquisito em todos. Uma letargia constante. Embora, Fred reclamasse foi para a faculdade. Du, Melissa e eu fomos para o cursinho. Confesso, sentia-me tão desanimada, que era capaz de dormir em pé ou sentada. Mas, nós três juntos, nos animávamos rapidamente.

— Hoje não tô a fim de aula – Du disse.

— Conta uma novidade *honey!* Melissa disse espreguiçando.

— Eu ia dizer isso – declarei. Estávamos sentados na grama do pequeno jardim da praça. Quero dizer, eu estava. Melissa estava esparramada no colo do Duke, que aflagava seus cabelos. Confesso senti uma “invejinha” boa. Queria que Fred estudasse comigo.

— Vamos pegar um cineminha? - Du sugeriu.

— Yes – Melissa disse ao se levantar.

Andamos até a praça de alimentação do shopping. Melissa azarando. Tudo para ela era gozação. Nós éramos só alegria, bem pelo menos nas horas em que não me sentia uma ET ou o “*Cole Sear de, Sexto Sentido*”.

Brincadeira o problema dele era outro.

É eu continuava me sentindo estranha. E cada minuto que passava a sensação de que algo estava para acontecer, era ainda mais forte.

— Ei gente! Aquele lá não é o tal Bira? – Mel apontou para um cara alto que estava dentro de uma loja de celulares. Ele parecia não estar interessado no que o atendente lhe explicava.

— É sim – eu disse. Um arrepio percorreu meu corpo.

— Ah nem! – Mel exclamou de um jeito bem mineirinho. Aprendeu comigo, que tinha aprendido com Estelinha. - Vamos andando, não quero nem que ele veja a gente – Mel disse. Entretanto, ele vira. Na verdade, ele estava nos observando.

— Preciso me sentar – declarei.

— O que foi Jade? Senta aqui! – Du puxou uma cadeira na praça de alimentação e afagou minha face. Vi que Melissa mordeu o lábio. Pobrezinha ela sentia ciúmes, mas havia coisas que eram inevitáveis. Ela deveria se acostumar, afinal éramos irmãos. Apenas isso.

— Eu senti um arrepio – esfreguei meus braços.

— Respira Jadinha! – Mel pediu. Deve estar com virose. Sua vez amiga!

— Du, você e Mel não acreditam, mas... esse cara...

— Ai, ai, ai, vai começar com aquela história de novo?

— Que história? – Mel perguntou sem entender.

— A história da “sensibilidade” – Du disse olhando para Mel – que também revirou os olhos.

— Não é sensibilidade, é “sensitividade”. Hellooo! O que há com vocês? Gente, não invento tá legal! Mas, se não acreditam, tudo bem. Acho que nem eu mesma acredito. Tem hora que penso que sou maluca mesmo – pausei e aspirei todo o ar que podia. - Acho que vou embora. Hoje não sou boa companhia.

— Descanse um pouco, antes! – Du ordenou com a voz suave. Notei que estava preocupado.

— Não vou! Desculpe Jadinha, mas quero assistir “Jogos Vorazes”. Ah relaxa! Vamos ver o filme, você vai melhorar! – Melissa disse fazendo muxoxo.

— Decidido. Vou embora e vocês vão ao cinema!

— Tem certeza de que não quer vir com a gente, Jade? – Du perguntou. Pobre Du estava dividido. A namorada querendo cinema e a irmã maluca querendo ir para casa.

— Jade, amiga, não existe isso. Desencana! – ela disse com a voz carinhosa e acrescentou: - Você não é vidente; não tem uma bola de cristal, nem joga búzios, tampouco é uma cigana. Nada disso! Por que pensa que pode prever o futuro?

— Mas que droga! Não penso nada, eu sinto. E-eu juro que não queria sentir – Dei uma pausa e emendei: - Vocês só podem estar de brincadeira. O que deu em vocês? Nunca ouviram falar de pessoas sensitivas não, gente? Intuição, sonhos...

— Ah isso não existe! – Mel disse ao se abaixar e me dar um beijo na testa. Emendou querendo me tranquilizar: — Lembra-se da noite da tempestade? Foi só impressão amiga – respirei fundo e fui obrigada a concordar.

— Pior que você tem razão Mel. Certo – disse, ao me levantar: - Vocês vão para o cinema, eu pego um táxi e volto para casa. Pronto! Decidido.

— Jade eu... tem certeza de que não quer mesmo vir? – Du ainda perguntou. Percebi que ele estava a fim de ficar com Melissa. Aqueles dois se descobriram, e, agora, só queriam ficar juntos. Por isso, sorri e os deixei. Acompanhei os dois com os olhos até que não mais os vi. Fiquei por algum tempo, sentada na praça de alimentação, na maior letargia. Não sabia se ia embora ou se ficava um pouco mais. Infelizmente, a imagem de Bira piscava em minha cabeça.

Ah nem! – pensei tentando isolar a imagem.

Passei em frente à loja onde ele esteve - sem perceber. Ainda bem que já não se encontrava mais lá. Estava feito doida, olhando desconfiada por todos os lados. *Fred como queria você aqui!* – pensei me sentindo um tanto frágil e desprotegida. Uma criança passou correndo por mim e quase me derrubou.

— Deus! – disse baixinho e me encolhi. Peguei meu celular no bolso da calça e conferi as horas – ainda é tão cedo! - Todavia, aquele dia não estava nada bem. A melhor coisa a se fazer, era voltar para casa.

Sem que eu percebesse, Bira me acompanhava com os olhos. Saí do shopping e me encaminhei para o ponto de táxi.

Quarenta e três

Fred

Naquela noite, houve um problema com o fornecimento de energia elétrica e fomos dispensados. Saí do polo presencial, sorrindo. Chegaria mais cedo e faria uma surpresa para Jade. Ainda tinha tempo. Pensei em comprar uma caixa de bombons, porque sabia que era louca por chocolates, embora evitasse. Estava vivendo dias maravilhosos. A melhor coisa que fiz foi engolir meu orgulho – que não valia de nada e procurar ajuda de um psicólogo. Sempre fui orgulhoso e nunca falava sobre meus problemas com ninguém, entretanto, estava metendo os pés pelas mãos e perdendo. Por isso, me abri com Pedro. Ele se mostrou um companheiro e tanto. Gostava da companhia dele. Saíamos algumas vezes para pescar, e, de vez em quando, tomávamos um chope no shopping. Confesso que nessas ocasiões, relaxava. Na última vez em que saímos, depois do episódio do “Velho Oeste”, ouvi o conselho dele: - *Ainda dá tempo de consertar as coisas. Se realmente ama tua namorada, não a deixe partir!* Eu já pensava em algo para dizer à Jade depois da bebedeira. Fiquei três dias refletindo. Cavalguei pelo pasto e pensei. Imploraria se fosse preciso, mas infelizmente mamãe se acidentou, ou “felizmente”. *Vai entender as razões.* Não era o que eu queria, é claro. Pobre mamãe. Mas, por causa do acidente, Jade resolveu ficar. Resolvi não desperdiçar aquela oportunidade que o destino colocara

a minha frente. Destino. Estava cada vez mais acreditando que "o destino" da gente estava traçado.

— *Qual a tua dificuldade?* - Pedro perguntou-me depois.

— *Sou uma "anta" – afirmei. - Às vezes não sei lidar com meus sentimentos. Sou uma bomba-relógio pronta para explodir a qualquer momento. Faço coisas sem pensar, como... sair pra beber com pessoas das quais nem gosto. Olha só no que deu? Perdi. Eu sempre perco. Não quero perdê-la Pedro. Por favor, me diga o que devo fazer?* - perguntei depois de desabafar.

— *Tu não vais perder tua guria Fred. Eu conheço alguém que pode ajudá-lo. Um psicólogo. Quero dizer, não conheço. Ouvi falar – ele explicou. - Esses profissionais sabem lidar com todas as situações. Em teu caso especificamente...*

— *Droga isso! Por que a gente sente ciúmes?*

— *Ahaaaa – ele sibilou - Não sou especialista, mas já passei por uma situação... bem não vem ao caso.*

— *Conta aí? – pedi levando uma caneca de chope à boca. Ele se mexeu na cadeira, sorveu a bebida espumante e começou: – Sou divorciado. Também já sofri por alguém. Ela me deixou por outro cara, depois que infernizei a vida dela.*

— *Não me diga! É sério?*

— *Hum rum – assentiu e acrescentou: -, mas não vamos falar de mim. Estamos aqui para falar de ti. Bem, o ciúme acontece geralmente, quando uma situação é interpretada pela pessoa, como*

ameaçadora ao seu relacionamento amoroso – ele perguntou: - tu te sentes ameaçado?

— Tem um cara aí que gosta da Jade. Não vou com a cara dele.

— Mas, já houve algum episódio? – interrompi.

— Uma vez, fomos a um casamento e ele a beijou. Aquele...

— Tu já namorava, com ela? – ele perguntou.

— Não, mas... estava tentando me aproximar. Sabe, Pedro, sempre tive dificuldade de me expressar e sempre fui orgulhoso, nervoso, desconfiado, possessivo. Uma bomba-relógio, com disse.

— Entendo. E tu quer mudar. Estou certo?

— Quero. Não só porque a quero de volta. Mas, principalmente, porque quero aprender a me controlar. Acredito que esse meio jeito, afasta a Jade de mim.

Depois disso, procurei o tal psicólogo. A dificuldade para começar uma conversa com ele foi enorme. Mas, aos poucos, ele percebeu também essa minha dificuldade. Sua abordagem foi muito eficiente. Após de algumas sessões, já me sentia melhor. Não desejava parar com a terapia tão cedo.



Estacionei o carro. Nove horas – conferi no relógio. Jade ficaria feliz. Ela me daria uns tapas por comprar-lhe chocolates. Rá, rá, rá, mas, depois me beijaria com o sabor deles nos lábios.

Entrei no shopping com um sorriso, diria jocosos, nos lábios. Eu tinha de agradecer a Deus todos os dias e noites de minha vida, por ter me dado outra oportunidade com a Jade. Entrei na *Cacau Show* e logo fui atendido. Comprei uma caixa de bombons em formato de coração – rosa -, e uma xícara linda. A cara dela. Já até podia imaginá-la tomando seu chocolate quente. Saí de lá e entrei numa loja de bichinhos de pelúcia. Sentia-me, particularmente apaixonado naquela noite. Comprei um gigantesco urso. Uma coisa que antes me envergonhava, naquele momento enchia-me de alegria. Dirigi-me à saída. Sorria de euforia. Tinha vontade de gritar para todo o shopping que eu amava a Jade. Queria declarar que eu estava louca, profunda, e, verdadeiramente apaixonado por ela. Ainda mais do que no ano passado e ficaria mais e mais a cada dia. Para minha surpresa vi Du e Melissa na escada rolante. Parei atrás do casal, também apaixonado, que ainda não tinha me visto e disse: — Ora, ora matando aula? – Du olhou para mim com os olhos arregalados.

— Fred? Ué, não teve aula hoje?

— Tive, mas a energia elétrica acabou. Por isso, saí mais cedo – dei uma pausa e olhei ao redor, obviamente à procura de minha namorada. Saímos da escada.

— Cadê a Jade?

— Que lindo! Ahhh eu quero um urso desses Du! – Melissa pediu agarrando o “ursão” que eu comprara para sua amiga.

— A Jade. O que houve? – insisti.

— Ela não quis entrar na sala de cinema com a gente. Disse que pegaria um táxi e voltaria pra casa.

— Ué, ela enfeitou o cineminha? Milagre. E... não tiveram aula?

— Matamos irmão – Duke declarou, sorrindo.

— Tá, mas... Bem, então vamos para casa! Não vejo a hora de encher minha “bonita” de beijos.

— Uhuu que cara apaixonado! – Melissa exclamou. - Fico feliz que vocês dois tenham se entendido.

— Eu nunca mais brigo com ela – declarei.

Sáímos do shopping e fomos em direção aos nossos carros.

Quarenta e quatro

Jade

O TÁXI DEIXOU-ME NA FAZENDA 20 MINUTOS DEPOIS. JOGUEI A MOCHILA de qualquer jeito e fui para a cozinha. Estava louca por chocolate quente. Preparei um, vagorosamente e coloquei-o no forno de micro-ondas. Enquanto esquentava, corri até o quarto de Isolda para dar-lhe um beijo. Ela estava recostada na cabeceira da cama tecendo.

— Ora outro cachecol?

— Hum rum. Veja que lã maravilhosa. Estelinha comprou para mim.

— Hum linda mesmo! Cheia de bolinhas. Quero um destes. Verde – disse sorrindo.

— Que tal aprender a tecer?

— Não. Não levo jeito – descartei a possibilidade. Se, tinha uma coisa que eu não mandava bem, era em trabalhos artesanais.

— Bem, só vim para te dar um beijo. Se precisar de alguma coisa... grita! – disse virando-me e acrescentei: - grita mesmo! Tem de ser alto porque estarei lá em cima, ok?

— Pode deixar! Faço um escândalo.

— Ah, fiquei sabendo que vão retirar a bota imobilizadora. Já não era sem tempo.

— Não vejo a hora.

— Até mais Isolda!

— Até mais minha linda. Durma com os anjos!

— Obrigada – fechei a porta e fui apanhar meu chocolate. O forno de micro-ondas já gritava há alguns minutos. Subi os degraus, vagorosamente, equilibrando a xícara. Estava mesmo cansada. Meu corpo implorava por cama. Coloquei o chocolate sobre a mesinha e vesti o pijama. Já ia tomar o chocolate quando ouvi um barulho de motor. Retesei-me.

Normal ultimamente.

— Ah eu sabia! Du e Melissa resolveram voltar – coloquei a xícara novamente sobre o móvel e corri para a janela, a fim de vê-los.

— Ué??? - olhei para os lados e nada vi.

— “Sou mesmo uma maluca” – declarei para mim mesma. Voltei, apanhei a xícara e sorvi um gole da bebida quente. Sibilei quando senti a língua arder.

— Isssssssssss... caraca! – depusitei a xícara sobre o móvel e praguejei com raiva – droga! - movi minha cabeça para o lado quando ouvi, novamente, um barulho ao longe. Todavia, dessa vez, não era de motor. Estranhei.

— Não dessa vez. Não vou surtar nem me descabelar de novo, como naquele dia. – Mas, não resisti e corri para a janela. O barulho

que ouvi dessa vez parecia vir das baías. E se repetia. Era estranho; umas batidas altas, como se alguém batesse martelos. Olhei para o telefone, corri para apanhá-lo e discar o número de Du.

— Já terminou a sessão. Eles já devem estar a caminho – disse, já com a mão no aparelho. Mas, para a minha infelicidade ele não atendeu o celular.

— Melissa – disse alto, atropelando os números – caixa postal. - Mas, que... COISA! – segurei o palavrão, que piscou para mim. Joguei o celular sobre a cama e mordi o lábio uma dezena de vezes, decidindo se saía, ou não, de casa para conferir. Eu era uma medrosa. Mas, tinha de ver o que poderia estar acontecendo nas baías. Minha égua prenhe estava lá com os outros cavalos. E se fosse um ladrão? Tentei me refrear, afinal, o que “euzinha”, magrinha e medrosa, poderia fazer? Olhei novamente para o celular e saltei para a cama. Disquei mais algumas vezes, mas foi em vão.

Vesti um sobretudo de malha, branco – que costumava usar sobre o pijama. Ainda titubeava, como sempre, mas não poderia deixar de conferir. Resolvi falar com Isolda, primeiro. Ela disse que não ouvira nada. Mas, ficou mais desesperada do que eu.

— Tem certeza filha?

— Hum rum.

— Então liga pro Pedro uai! – pediu aflita.

— Boa ideia! – peguei o aparelho do quarto dela e liguei para o Pedro, mas para meu total desespero ele não estava em Estrela do Campo, contudo disse que já estava na estrada.

— Jade sossega! Espere os meninos chegarem!

— Tá certo.

Saí do quarto e fiquei pensando. Mas, me conhecia. Dessa vez estava sozinha, e se fosse “alarme falso”, como da outra vez, ninguém zombaria de mim, tampouco me chamariam de maluca.

Prefiro pecar por zelo.

Apanhei a lanterna do Fred, no quartinho de bugigangas que Isolda fazia questão de manter, sob a escada e saí. A noite estava linda e se podiam ver todas as estrelas do firmamento. *Alguns momentos de poesia era tudo de bom para a alma. Por que eu não conseguia relaxar?*

Um ventinho fresco empurrava-me para o lado contrário. Parecia se intensificar. Lutei com ele e segui, teimosa.

Isso não vai prestar!

Meus pensamentos ricocheteavam como gotas de chuva na vidraça. Mentia para mim mesma e tentava me enganar, mas sentia que algo não estava legal.

Eu já estava de “saco cheio” de sentir essas coisas. Graças a Deus não tinha acontecido nada, mas esses pressentimentos acabavam com meu estado de nervos.

Parei e respirei com dificuldade. Era o medo. A adrenalina correndo em minha veias. Levei as mãos aos joelhos. Sentia-me cansada, ansiosa, de alguma forma. Ergui a cabeça quando vi luzes de faróis. Mais de um veículo se aproximava pelo outro lado da

estrada, e, certamente, não era o carro do Duke, tampouco do Pedro – que eu sabia, viriam pelo lado oposto. Mas, logo, as luzes sumiram.

— E essa agora?

Uma força imensurável tomou conta de mim. A curiosidade também ajudou. Então, corri como louca, preocupada com os cavalos. Levei a mão ao bolso, a fim de apanhar o celular para ligar para a polícia, mas praguejei no momento em que percebi que o deixara sobre a cama. E não havia tempo para apanhá-lo. A pequena lanterna parecia falhar e não ajudava muito, além disso, o estado de nervos me atrasava. Tropecei algumas vezes, e, por pouco, não arranquei o esguicho com o pé. Caí e me esfolei toda.

— Puta merda! – O palavrão dessa vez, fora inevitável porque doeu pra caramba. E, é claro, chorei. Mas, não desisti. Fiz a curva me arrastando e xingando. Quando me aproximei do galpão, parei e apontei a lanterna para ambos os lados. Não vi nada suspeito. Dei a volta e respirei aliviada, pois vi uma caminhonete idêntica a de Pedro. *Mas e os outros veículos?* - questionei em pensamento. Tinha certeza que havia mais. Fiquei com a “pulga atrás da orelha”.

— Pedro? – chamei, mas não ouvi sua resposta.

O grande portão estava aberto. Empurrei-o. Normalmente, Jorge passava cadeado nele. Isso porque, quando Bernardo ainda era vivo, roubaram alguns cavalos, na calada da noite. Depois desse episódio, passaram a trancá-lo. Entrei cismada. Segundos depois, ouvi atrás de mim o “*crac*”, alto e aterrorizante do mesmo. Virei-me assustada.

— Ufa! – eu disse com a mão sobre o peito, quando constatei que ele apenas se fechara. Entretanto, aquela sensação esquisita continuava. Era como se estivesse me aproximando de algo perigoso, por isso amarelei. Então, decidi voltar para casa e esperar pelos rapazes. Seria o mais sensato. Contudo, ouvi os cavalos relincharem assustados. Pensei em Savannah. Quase às escuras, caminhei - ainda mancando, em direção a eles, para conferir se estava tudo bem.

É claro que não estava. E eu podia sentir no ar.

Para piorar, enrosquei meu pé numa coisa, que parecia uma corda.

— Mas que droga! – sussurrei.

Abaixei-me para me soltar, e, novamente, ouvi o barulho do portão. Fiquei tão assutada que caí de bumbum no chão e a lanterna, “meia-boca”, rolou. Apalpei o chão que estava coberto de feno, até conseguir apanhá-la.

— Quem tá aí? Pedro? – meus olhos arregalados e meu coração surtando dentro do peito. Sabia que não era ele. Se fosse, teria respondido logo. Mas, queria acreditar que pudesse ser.

— Pedro! Tá me assustando – não ouvi resposta.

— Tá legal. Isso não tem graça! Tá me assustando de verdade! Quem tá aííí? – Levantei-me aos berros. Sem resposta alguma, decidi que tinha de dar o fora dali para chamar a polícia. Concluí que certamente se tratava de ladrões. Uma quadrilha, talvez, e, provavelmente, os outros carros estavam escondidos.

A lanterna queria me sacanear pra valer. Dei umas batidas nela dizendo: — Não vai me deixar na mão agora, vai? Só comigo mesmo acontece uma coisa dessas! – sibilei nervosa.

— Mas, mas o que é... – Desviei meus olhos para o lado e precisei cobri-los, com uma das mãos porque uma luz fortíssima me cegou.

— Quem está aí caramba?! – gritei e me virei, quando ouvi outro “crac” do portão se fechando atrás de mim. Mas, o susto ainda maior, foi quando senti que alguém me agarrava pelos braços. Um homem, provavelmente.

— Aaaaaaaaaa, me larga! – esperneeiei. Enquanto ele segurava-me, outro, me amordaçava e amarrava.

— Humm humm – eu murmurava e me debatia muito, então um terceiro homem se aproximou nervoso e gritou comigo.

— Cala essa droga de boca! - e me empurrou violentamente para o lado. Bati minha cabeça – que ficou atordoada.



Isolda

Jade não respondeu aos meus chamados, então me esforcei e apanhei o telefone. Liguei insistentemente para o Fred, mas, só consegui falar com ele, na quinta tentativa.

— Mãe? O que foi? Está tudo bem?

— Fred não está tudo bem. Tem algo muito estranho acontecendo por aqui. A Jade...

— O que mãe? O... o que tem a Jade? – ele se alarmou.

— Filho a Jade ouviu barulho nas baias. E...

— Mãe, já estou a caminho.

Ele desligou o telefone. Decidi ligar também para o Duke – que, como Fred, declarou estar a caminho. Fiquei na maior aflição. Consegui – com muita dificuldade, sentar-me na cadeira de rodas - que ficava ao lado da cama e cheguei até a sala. Gritei Jade, mas para meu desespero, ela não estava em casa. Aquela teimosa foi sozinha até as baias. Era bem a cara dela, fazer essas coisas. Lembrei-me dos problemas que enfrentamos algum tempo atrás. Havia uma gangue roubando cavalos nas fazendas. Perdemos alguns, e, por isso Bernardo teve de contratar mais funcionários, para vigiá-los no pasto, além de trancar o grande portão de entrada das baias, com cadeado.

Forcei as rodas da cadeira e me aproximei da porta da sala. Eu não conseguia ouvir nada. Como é que aquela teimosa conseguia? Ela era mesmo especial. Mas, por causa desse jeito afobado dela, agora eu estava nervosíssima.



Jade

Abri os olhos, confusa. Minha cabeça doía muito. Eu podia apenas ouvir, infelizmente, não conseguia me mover. Aqueles homens cruéis, que invadiram nossa propriedade, se divertiam e zombavam,

enquanto abriam as baias e roubavam nossos cavalos. Os pobres animais relinchavam. O que dava a ideia, de que estavam, como eu, desesperados e com medo. Eles batiam os cascos no chão, estalando o feno esparramado. O barulho era desagradável. Relinchos, batidas, risadas. Meu coração disparado. A adrenalina me sufocando.

Fica quieta, fica quieta, fica quieta! - ordenava a mim mesma.

Shhh respira! Vai ficar tudo bem!

Mas, é claro, não estava convencida disso. Rangidos, discussões, reclamações. E eu não podia fazer nada. Nem chamar a polícia. Meu estômago deu um nó.

Que lástima!

— Hummm hummmm - para piorar, minha mandíbula doía. Aquela coisa amarrada em minha boca. Comecei a ficar claustrofóbica, e o mal-estar só aumentava.

Respira, respira, respira! – reordenei ao meu cérebro, que não concordava comigo, evidentemente e me fazia sentir coisas horríveis. Movi minha cabeça para o lado, quando ouvi o som de uma risada macabra. Eles se divertiam.

Aqueles vermes!

— Acabou? – ouvi a voz sinistra de um deles.

Virei para o lado, para tentar localizar de onde vinha aquela voz.

— Não podemos levar todos. Mas, tem uma égua prenhe. Quer que a levemos também? – a outra voz, medonha questionou: — Mas é claro! Dá um jeito! A gente leva todos. Coloca um em cima do outro nos trailers. Não teremos outra oportunidade. Depois toca fogo em tudo! – o dono da voz sinistra ordenou.

— Hã??? Hummmm, hummmm – eu murmurava e me debatia.

Ele disse "toca fogo"?!

— Hummm, hummmm – se já estava nervosa, claustrofóbica e pirando, ao ouvir a palavra "fogo", surtei de vez. E não me pergunte como, mas consegui me levantar e ficar recostada na parede do galpão. Tentava me equilibrar. Tinha de sair dali, nem que fosse pulando. Engoli em seco, quando uma sombra cruzou meu campo de visão, borrando tudo. Minha respiração – que já estava ruim, ficou péssima. Movi minha cabeça para os lados e esfreguei a mordaca nos ombros, na tentativa de arrancar aquele troço, que machucava minha boca, mas não consegui. Então, agarrei-me com todas as minhas forças à esperança. Duke, tinha de chegar logo, ou as coisas não ficariam nada boas.

Nunca parei para imaginar como seria, morrer. Este era um assunto aterrador. Mas, naquele momento a morte, certamente, me

rondava.

Deus! Não permita que eu morra queimada! Esta, sem dúvida, é a pior forma de morrer.

Fiquei me equilibrando. Remexia as mãos para me soltar e murmurava alto, até que algo pesado novamente me derrubou, e dessa vez, foi pra valer. Minha cabeça bateu com toda força em algo duro e frio.



... Então, finalmente pude enxergar alguma coisa. Alguém vinha em minha direção. Era ele! Aquelas asas lindas, aos poucos desapareciam.

Céus! Será que morri dessa vez? – perguntei-me, em pensamento. - Morri? - levantei os olhos e esperei que ele dissesse alguma coisa, mas se manteve em silêncio.

"Meu anjo", não era de falar. Ele era taciturno pra caramba!"

Vamos lá! – tira essa "coisa" da minha boca! Me desamarra! Por favor! - implorei para que Sitael lesse meus pensamentos. E ele finalmente se abaixou e me libertou.

— *Oh Deus! Minha ca...cabeça tá doendo muito! – balbuciei. Levei a mão ao local e me encolhi de dor. - Sangue!!!*

— *Shhhhhhhh. Não se assuste! Vai ficar tudo bem.*

—*Você tá de brincadeira? Não está nada bem! Aqueles caras me nocautearam e roubaram os cavalos. Voa lá! Por favor! Vai! Impeça que eles roubem os animais! Lança algum raio! Paralisa eles! – berrei.*

Não acredito! Estava "surtando com o anjo". Só eu mesmo.

Então, ele disse com a voz calma.

— *Estou aqui por você!*

Ai, essa doeu!

Levantou-me nos braços e atravessou a parede, como se ela fosse uma cortina, e deitou-me no chão.

— *Também atravessei a parede?! – perguntei tocando meu corpo.*

Ca-ra-ca! Que viagem!!! - exclamei em pensamento.

Encarei aqueles olhos surreais que me estudavam, por alguns segundos, e balbuciei: — O... obrigada! Mas, mas e os animais? – ele balançou a cabeça e reiterou: — Shhh... só você. Estou aqui por você. Vai ficar tudo bem!

E ele fez de novo. Colocou a mão sobre meus olhos, então dormi.

Quarenta e cinco

Fred

— DU LIGA PARA OS BOMBEIROS! FAÇA ALGUMA COISA! DEUS, O QUE aconteceu? Jadeee! - gritei escancarando o grande portão. A fumaça já havia preenchido todo o lugar. E o fogo já tinha destruído boa parte do galpão. Não se podia ver nada. Caminhei com dificuldade até chegar às baias. Constatei, com tristeza, que não havia um só cavalo nelas.

— Jade! Cadê você?!

— Fred aqui! Aqui... a Jade! – Melissa berrou, de trás do galpão.

— Jade! – gritei quando a vi – Du, a Jade tá aqui. Traga uma lanterna...

— Só se eu virar uma. Não dá tempo pra isso Fred. Oh meu Deus! Mas, o que essa maluca está fazendo aqui? É bem a cara dela.

O fogo se alastrava rapidamente e o local estava muito quente. Levantei-a do chão e, com a ajuda de Du, saímos de lá. Não demorou muito e a lateral da construção despencou. Alguns empregados se aproximaram, solícitos. Um deles, estendeu-nos uma lanterna. Logo um burburinho se formou. Pedro chegou em seguida. Deitei Jade no chão e já podia sentir lágrimas brotarem de meus olhos.

— Jade! - eu disse me sentindo sufocado.

— Afastem-se todos, por favor! – Pedro gritou.

— Du, ela tá respirando? O que a gente faz? – perguntei com a voz embargada. O coração espancando meu peito.

— Jade! – Du se ajoelhou ao seu lado e segurou sua mão.

— Não sei, tô nervoso demais... Mas, por via das dúvidas. Faça respiração boca a boca!

— Oh meu Deus! – Melissa berrava. - Eu não quero nem ver. Virou o rosto, mas, não resistiu - Jadinha! – ela deu um passo para se aproximar, porém Pedro a segurou. Ela se debatia.

— Pedro, me solta! Eu preciso ficar ao lado dela!

— Não guria! Não podemos tumultuar, ela precisa de ar...

Coloquei o dedo indicador próximo às narinas da Jade para verificar se ela respirava. Mas, não senti nada. Levei as mãos à cabeça. Eu estava péssimo e não conseguia me mexer. Du, ao perceber meu desespero afastou-me e logo começou a respiração boca a boca.



Duke

Era uma prova de fogo. Eu, que era louco por ela e não podia sequer tocá-la, como desejava, deveria agora tentar trazê-la de

volta. Ela parecia não respirar, e se não me apressasse, ela poderia...

Isso é que não!

Inclinei levemente seu pescoço e abri sua boca. Tapei seu nariz e inspirei profundamente. Depois soltei todo o ar dentro dela, que estava branca feito papel. Observei o tórax. Ele devia encher-se, mas nada. Então, repeti o procedimento e para meu alívio, o vi subir e descer. Ela voltou a respirar. Sem pensar, meio que num impulso, inclinei mais meu pescoço e cobri seus lábios com os meus. Acho que fiz isso, não por amor, ou desejo... não! Fiz isso por alívio. Eu a beijei sem sentir. É claro, ela abriu os olhos, assustada e empurrou-me. Estava escuro, mas percebi que Fred estava ajoelhado e de cabeça baixa. As duas mãos forçando o pescoço para baixo. Parecia rezar. Ainda bem. Não saberia explicar.

— Jade, eu...

Ela tossiu um pouco e continuou a me encarar, atônita e sibilante. Tudo foi muito rápido, mas a sensação que tinha, era de que se passaram séculos. A cena toda rodava como *slow motion*. Meu cérebro parecia lerdo. Olhava para Jade e me sentia anestesiado. Aquele contato com ela deveria deixar-me enlouquecido, afinal sempre sonhei encostar meus lábios nos dela, mas não. Isso me deixou estranho e pensativo. Não senti meu corpo flutuar e nem senti vontade de beijá-la de novo. Fred se mexeu e levou as mãos à cabeça. Tinha a voz, estrangulada.

— Isso não tá acontecendo!

Pobre irmão. Sua paixão de infância era, sem dúvida, a mulher da sua vida. E pensei que fosse também da minha, mas por mais incrível que pudesse parecer, naquele momento, descobri que não era nada daquilo. Um simples toque nos lábios dela, fez-me enxergar isso, como um estalar de dedos ou um truque de magia. Jade virou o pescoço e viu Fred.

— Fred! – balbuciou rouca. Quando ouviu sua voz, Fred se virou com um sorriso nos lábios, arrastou-se um pouco e a abraçou eufórico.

— Bonita!

Aquela cena era comovente e linda. Entretanto virei meu pescoço para o lado, à procura de Melissa. Ela estava ajoelhada. Notei que estava péssima. Aquilo fez meu coração estremecer. Pedro a estava ajudando. Fui ao seu encontro, maluco para abraçá-la. Só pensava na descoberta que acabara de fazer. E, já me sentia leve de alguma forma. Era como se tivesse tirado um peso de cima dos meus ombros. Melhor, era como se pudesse respirar a plenos pulmões. Ela se levantou e correu até mim. Agarrou-me, chorando. Quando senti seu abraço, meu coração vibrou rapidamente, então a apertei. Aquela sensação foi incrível. Me sentia diferente. O amor é mesmo algo complicado. Vive nos metendo em situações e nos pregando peças.

— Ela está bem? Me diga que ela vai ficar bem, Du, por favor!

—Tá tudo bem.

— Vo...você a ama muito, não é?

— Hã?! Eu...

Aquela pergunta me pegou de surpresa, mas estranhamente me sentia seguro para respondê-la.

— O o quê? Não! Por que diz isso? – segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Pode dizer! Percebi como olha para ela. Descobri que ela é o amor da sua vida.

— Mel... não é nada disso! – Olhei em direção a Fred, que ainda estava agarrado à Jade, com um sorriso de alívio estampado em seu rosto. Também sorri quando vi aquela cena de novo, porque agora, tinha certeza de que, não a amava do jeito que sempre pensei que amasse. *Confuso não?*

Saí de meus devaneios quando percebi que Melissa correu, como louca, em direção à Jade e a abraçou. Vi que disse algumas palavras, enquanto acariciava o rosto da amiga. Depois, fugiu, chorando, para a casa sede. Detive-me em Jade e constatei que tudo estava bem. Ela não corria mais perigo de morte. Incrível! Aquela maluca era mesmo uma garota de sorte. Inexplicável. O que teria acontecido?

Entretanto, naquele momento, meu coração espocava. Eu tinha vontade de sair correndo atrás de Melissa e dizer que era ela quem eu amava, mas isso teria de esperar.

Minutos depois, enquanto conversava com Pedro, Fred e Jade, os bombeiros apagavam o fogo do galpão.

— Tem ideia do que aconteceu por aqui, rapazes? – Pedro perguntou coçando a cabeça.

— Roubaram os cavalos e atearam fogo no galpão, ora! A gente não sabe ainda Pedro. Quando voltamos da cidade vimos fumaça. Infelizmente não tivemos tempo de pensar nisso – eu disse. Jade permanecia calada, deitada no ombro de Fred. E este a acariciava.

— Jade! Tá tudo bem? – perguntei. Ela olhou para mim, seu rosto vermelho. Havia sangue perto de sua nuca.

— Tá sim – ela estava meio catatônica.

— Acho que devemos ir ao hospital. Sei lá! Tá sentindo alguma coisa? E este sangue?

— É por causa do corte em minha cabeça. Fica frio! Estou bem. Ele me salvou de novo.

— Ele? Quem?! – Fred perguntou olhando para mim.

— O meu anjo. Ele me retirou de dentro das baias. Eu estava amarrada e inconsciente. Se não fosse por ele, estaria carbonizada.

— Bateu a cabeça com muita força mesmo, Bonita! Tem certeza de que está bem?

— Estou. Ah deixa pra lá! – ela deu um tapa no ar e declarou tristemente. - Fred, eles levaram os cavalos, incluindo Savannah.

— Oh meu amor! A gente vai recuperá-los.

Os bombeiros realizaram um rápido trabalho. O local seria periciado. Jade explicou como tudo começou. Disse que na ação, acreditava haver 3 homens. Eles invadiram o galpão, onde ficavam as baias, agrediram-na, roubaram os cavalos e antes de deixarem o

local, atearam fogo. A polícia foi chamada. Infelizmente, ainda ficamos muitas e muitas horas prestando depoimento. Jade não se conformava. E não arredou os pés do lugar, até que se finalizassem todos os trabalhos.

Quarenta e seis

Mel

PENSEI QUE DUKE SE ESQUECERIA DE JADE, MAS ACHO QUE NÃO ROLOU. Ele a amava, e, isso, estava me matando. Até parecia castigo. Tomei uma rápida decisão. Eu não aguentaria passar meus dias na fazenda vendo Duke desejar Jade.

Encontrei Isolda na sala, aflita. Conversei com ela, por alguns minutos e expliquei o que tinha acontecido. Para tranquilizá-la, fui até a cozinha e lhe fiz um copo de água com açúcar. Percebi que havia chorado. Depois que a vi mais calma, subi para o meu quarto. Nem quis acender a luz. Minha cabeça estava péssima. As dúvidas me consumiam. Sabia que deveria ir embora. Sentia-me entre a cruz e a espada. Se ficasse na fazenda, sofreria. Se voltasse para o Rio, sofreria ao “cubo”. Tinha de ouvir uma música. Estava prestes a pirar de amor e percebi que isso doía. Ouvir música sempre me acalmava. A verdade é que, tinha de parar de pensar. Talvez assim a dor passasse.

Apertei o botão do aparelho e a canção da *A Fine Frenzy – Near to you*, preencheu o ambiente:

Perto de Você

♪♪ *Ele e eu tínhamos algo bonito*

*Mas tão disfuncional, que não poderia durar
Eu o amei tanto, mas o deixei ir
Porque eu sabia que ele nunca me amaria da mesma forma*

*Uma dor como essa
Não deveria ter que ser experimentada
Eu ainda estou cambaleando por causa da perda,
Continuo delirando um pouco*

*Perto de você, estou me curando
Mas está demorando tanto
Porque embora ele tenha ido
E você seja maravilhoso
É difícil seguir em frente
Mesmo assim, sou melhor perto de você.*

*Você e eu temos algo diferente
Eu estou aproveitando isso cautelosamente
Eu tenho cicatrizes da batalha, estou trabalhando, oh tão duro
Pra voltar a ser quem eu costumava ser...♪♪*

Deitei-me por medo de desabar. Estava trôpega. Uma explosão de sentimentos varria meu cérebro. A dor na cabeça também veio com força total. Aliás, tudo doía. Era como se tivesse fraturado todas as costelas, e doía ainda mais perto do coração.

— Caraca que coisa ruim esta que estou sentindo! – disse, sufocada pelas lágrimas. Amar é um sacoooo! - desabafei.

Depois de alguns minutos, levantei-me ainda cambaleante e comecei arrumar minhas coisas. Encontrei o envelope com o

resultado do exame, e já ia destruí-lo, quando ouvi batidas na porta. Instintivamente, sentei-me sobre ele.

- Mel! Tá tudo bem? – Duke perguntou.
- Hum rum, tá sim. Estou arrumando umas coisas.
- Abra a porta! Preciso falar com você!
- Du, a gente se fala depois! Pode ser?

Não houve resposta. Franzi o cenho ao tentar me lembrar do que tinha de fazer, e com a cabeça péssima, decidi tomar um banho. No banheiro, assustei-me com meu reflexo, que, despretensiosamente, vi através do espelho. Meu rosto estava horrível. A expressão carregada e um tanto insegura. Sob a água quente pensava: *Eu não poderia agir como da outra vez. Tinha de fazer as coisas certas e agradecer a todos. Tinha de dizer um "obrigada, carinhoso", principalmente à Isolda.*

Algum tempo depois, enquanto me enxugava, olhei de relance para a pia e vi a espuma de barbear do Duke. Lembrei-me então de uma coisa deliciosa.

Como sempre, ele brincava e arrancava-me algumas gargalhadas. Fez uma "barbona" de espuma e correu atrás de mim pelo quarto. Agarrou-me e lambuzou-me com toda aquela coisa branca. Num outro dia, espalhou creme dental pelo meu rosto, enquanto eu dormia. Quando percebi, levantei correndo, peguei a bisnaga no banheiro e corri atrás dele para revidar. Pulei em suas costas, mas ele me virou e jogou-me sobre a cama. Depois de quase me matar

de cócegas. É claro, em seguida, a gente se amou. Foi de tirar o fôlego.

Sorrindo pela lembrança, enrolei a toalha em meu corpo e voltei para o quarto. Arregalei os olhos ao ver o Duke sentado na cama. Ele lia o resultado do exame. Aquele príncipe, que sempre pulava a sacada de meu quarto, fez isso de novo. Mas, eu estava lascada, dessa vez.

Iiiii melou!

— Você pretendia me contar quando?

— Du eu... mas, deu negativo! Eu não estou... – dei um passo em direção a ele.

— Não interessa Melissa! – ele disse agitando o papel. - Eu acho que deixei bem claro que não aceitaria mais que me omitisse as coisas. Agora posso compreender todo o seu estado de nervos. O que é? Pensou que estava grávida do *bad boy*? – ele deu as costas e deslizou a mão pelos cabelos.

— Du, eu...

Baixei a cabeça. O que dizer? Ele estava certo. Eu, novamente “pisei na bola”. Tanto que Jade me pedira para contar a ele.

— Mel, não sei se consigo lidar com isso – disse encarando-me.

— Eu juro Du, omiti para não te magoar. É que tinha dúvidas sobre... bem, sobre a paternidade. Se, estivesse mesmo grávida. Mas, graças a Deus, não era gravidez.

— E se fosse? – segurou meus ombros.

— Bem. Se fosse, não sei o que faria. Confesso que passou de tudo pela minha cabeça – virei o rosto para não encará-lo.

— E se fosse meu? Eu poderia querer o bebê.

— Não sei tá legal!!! Não quero um bebê, ainda – dessa vez olhei em seus olhos, que tinham um brilho molhado. Duke estava visivelmente emocionado.

Ele pensou mais alguns segundos e disse:

— Tá certo. A gente vira essa página - ele suspirou e balançou a cabeça. Depois, fixou os olhos na mala e perguntou: — Espera aí! Você você ia fazer de novo? Ia embora? – não consegui mais me segurar e deixei que as lágrimas rolassem. Estava fazendo tudo errado de novo. Ele não merecia isso. Não merecia uma namorada como eu. Dei as costas e parei em frente à janela. Pensei por alguns segundos, aspirei as lágrimas e disse: — Du, por mais que eu queira ficar, não ia dar certo. Você ama a Jade. Eu, eu não consigo mais vê-lo desejá-la. Não sou de ferro caramba! – virei para ele, que já estava ao meu lado.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Qualquer um pode ver como você gosta dela. E é compreensível, ela é tão linda e é muito inteligente; ela não mente... É a garota perfeita.

— Shhhhhh - ele segurou meu rosto entre as mãos e olhou no fundo de meus olhos.

— Ei, não quero uma garota perfeita. Quero uma garota que me ame! – eu cobri meu rosto com a mão para tentar conter o choro.

— Mel! – ele disse. - Tá certo. Deixei-me explicar! Até uma hora atrás, estava cercado de interrogações sobre, essa coisa de amor. Eu tinha certeza de que amava as duas, mas, quando meus lábios tocaram os da Jade, percebi que estive enganado. Não sei por que criei expectativas e ilusões, em relação a ela. Finalmente entendi que não a amo – Du explicava. - Acho que pensava que amava porque aqui na fazenda ficávamos muito tempo juntos. O importante é que não existe mais interrogação alguma me infernizando. Você...

Meus olhos fixos naquela boca, estava maluca para beijá-la. Passei a língua pelos meus lábios ressequidos e Duke parou de falar. Ele também queria, entretanto, fechou os olhos e deu um passo atrás.

—... Você é uma pessoa difícil Melissa. Mas, não aguentaria ficar longe de você nem um dia. Quero dizer que...

— Fala Du! - pedi aspirando as lágrimas.

— Quero dizer que é você que amo, menina do Rio. E é com você, sua maluca, que eu quero passar o restante dos meus dias – ele deu uma pausa e continuou: - Naquele momento em que estive com Jade, bem perto, pensei que fosse ter um AVC e fosse dar a maior bandeira, mas não. - Du estava emocionado e eu não conseguia disfarçar que também estava. Ele continuou: - Foi naquele exato instante que percebi que era você quem eu queria beijar. Meu coração saltitou quando procurei seus olhos. Eu queria apertar você e aconchegá-la; limpar suas lágrimas de aflição e beijar seus olhos. Eu, descobri Melissa, que sou maluco por você. E não vou deixá-la partir. Agora, você é minha!

— Oh meu Deus! Para tudo! Você disse que me ama?

— É eu disse.

Não resiti mais e pulei nele. Toda dor que sentia, antes, passou. As tais borboletas sobre as quais Jade falara, fizeram uma revoada em meu estômago. O meu coração batia desenfreado e pegava fogo cada veia que corria pelo meu corpo. A toalha que antes me cobria, caiu. Encaramo-nos por alguns segundos. Foram os segundos mais demorados de toda a minha vida. Du apertou-me e beijou-me com paixão. E, sem mais esperar, levou-me para a cama. Aí, a gente se amou como se fosse a última vez.



Jade

Depois que se acalmaram os ânimos. Levei Isolda para seu quarto. Ela estava num estado de nervos terrível. Ficou muito triste pelo que acontecera com os cavalos, mas principalmente, pelo meu sofrimento, embora eu já a tivesse acalmado. Eu estava milagrosamente bem. Não sentia nada. Nem a pancada na cabeça doía. Deus novamente enviou seu anjo para me proteger. Pena que ninguém acreditava no que eu dizia. Apenas ela. Minha madrasta era uma linda. Amiga, mãe e uma grande companheira. Enfim, o que mais eu poderia dizer sobre ela?

Bem. Em relação ao roubo dos cavalos a polícia já estava investigando. Era esperar para ver. Eu poderia jurar que Bira estava por trás de tudo. Ele ameaçou-nos abertamente, segundo Fred e Duke. Caramba, não suportaria ficar sem minha égua também! É claro que em meu depoimento citei o episódio com o Bira, naquele dia, e o delegado, que era amigo de Fred e Pedro – extraoficialmente –, disse que se ele tivesse algo a ver com aquilo tudo, ele “tava lascado”. Bem, não queria nem saber o que ele quis dizer com: “tava lascado”, mas gostei. Ainda mais depois que, “quem quer que fosse”, deixara-me lá, para morrer *esturricada*.

Que crueldade!!!

As investigações seguiam. Provavelmente nossos cavalos estariam longe. Mas a gente tinha esperança. A rotina da fazenda ficou bem diferente, uma vez que não havia cavalos para pastar e nem para cavalgar. Uma semana depois do ocorrido Fred levou Isolda para retirar a bota. Ela ficou muito feliz. Dizia que não aguentava mais enfiar a agulha de tricô para coçar a perna e nem ficar de fora de quase tudo. É claro, ela começou com a fisioterapia e já se podia sentir que estava tudo bem. A primeira coisa que ela quis fazer foi ir ao cabelereiro. Melissa e eu aproveitamos para hidratar nossos cabelos.

Mel estava muito feliz. Acho que minha amiga realmente tomou jeito. Só falava de Duke. Era Du para lá, Du pra cá. Mas, eu podia compreender isso. Amor.

Fred e eu estávamos cada vez mais apaixonados também. E achava que o ciúme doentio dele, passara para mim. Fiquei uma

boba. Não podia vê-lo olhar para o lado, que surtava. É a vida. Amor é mesmo uma coisa complicada não?

Por outro lado, Fred realmente havia mudado. Era mais atencioso e romântico. As consultas com o psicólogo o estavam ajudando muito. *Acho que qualquer dia desses, eu faria uma visitinha a ele.*

No final da semana. Pedro nos convidou para o rodeio na cidade vizinha. Disse que era divertido. Além do mais, no parque de exposições havia também um parque de diversões. Só de imaginar uma maçã do amor bem grande, eu me empolguei.

No quarto, eu arrumava meus cabelos após ter caprichado na escolha da roupa. Na verdade, Melissa e eu fomos ao shopping, um dia, apenas para escolher nossas roupas de *cowgirl*. A gente ia arrasar!

— Jadinha o Fred está impaciente. Uau, como você tá linda garota!

— Ah não exagera! Você também está super. Melissa, tem certeza que essa saia jeans tá combinando com essa camisa de mangas compridas xadrez?

— Tá uma legítima *cowgirl*. Adoro esse visual com chapéu.

— Tá legal, então corre lá e veja como está a Isolda!

Melissa voltou morrendo de rir. E eu com aquele meu jeito “irritante” perguntei qual era a graça.

— Jadinha você não tem noção de como a Isolda está vestida.

— Fala sério vai implicar com a roupa da Isolda?

— Ela está de terninho – Melissa gargalhou.

— Jura? Ah não! Vamos lá dá um trato no visual dela.

Peguei a mão de Melissa, arrastei-a pelo corredor e entramos no quarto de Isolda que já foi logo dizendo: — Meninas eu não vou não!

— Tá de brincadeira? Ué, mas por quê?

— Jade, Melissa! – Fred berrou lá de baixo. – Qual é? Estamos atrasados.

— Deixa prá lá! Homens não entendem que a gente demora mais tempo para se arrumar – eu disse dando um tapa no ar.

— Isolda, você vai sim! Só que tem de vestir algo mais apropriado. Vista uma de suas calças jeans! E você tem tantas camisas de mangas compridas!

—Tem certeza? Não quero parecer uma *cowgirl*. Eu estou mais pra vovó.

— Não fala isso Isoldinha! – Melissa opinou. – Tá lindona. Aposto que vai arranjar um namorado lá.

— Como dizem vocês: “fala sério”! – a gente riu muito.

Bem, depois de ajudarmos Isolda com a roupa, paramos no alto da escada e observamos Fred e Duke. Para variar, eles rindo muito. Cada um com uma latinha de cerveja na mão. Eles estavam lindos. Verdadeiros *cowboys*. Melissa quase nos atropelou quando Duke parou em frente à escada para esperá-la. Ela pulou no colo dele.

— Você tá linda Mel!

— Obrigada *cowboy*! – ela agradeceu puxando o chapéu dele, cobrindo seu rosto.

Isolda passou à minha frente rindo. Quando cheguei ao final da escada Fred me esperava com o braço dobrado.

— Permita-me! – ele disse me dando um “cheiro”.

— Hum que cavalheiro! - adoro! – ele deu-me um beijo tão gostoso e demorado que senti o corpo flutuar.

No carro a gente se divertiu muito. Isolda nos contou algumas histórias engraçadas de quando ela era uma garota de dezoito anos. Disse que raramente saía de casa, porque seu pai era um marrento ciumento. E quase nos matou de rir com uma história sobre suas escapadas na calada da noite. Eu podia dizer que a felicidade voltara para minha vida. Embora, ainda estivéssemos chateados, sem nossos cavalos.

— Estou maluca para comer maçã do amor, humm – eu declarei fechando os olhos. Fred e Duke sentados à frente apenas fazendo piadinhas. Nós três, mulheres da vida deles, agarradíssimas, atrás, jogando conversa fora.

Encontramos Pedro no local onde havíamos combinado. E pasmem! O *cowboy* bonito estava agarrado a uma loira de parar o trânsito. Seu nome era Monique. Éramos quatro mulheres e três homens sorridentes, agora. A noite estava perfeita. Comi a maçã que tanto desejei e lambuzei o rosto do Fred quando lhe ofereci uma mordida. Du e Melissa só faziam palhaçada. Isolda sorria o tempo todo. Disse que nunca se divertira tanto. Quanto ao Pedro? Bem, ele ainda estava na fase do beijo. Os dois só ficavam se beijando. *Ah, mas pensando melhor, quer coisa mais gostosa?*

— Que emoção! Juro que nunca pensei que fosse gostar tanto de me vestir assim. – Melissa declarou.

— É a primeira vez que tem rodeio nas redondezas, depois que me mudei. Confesso, estou tão entusiasmada quanto você Mel. Por isso a gente tem de aproveitar. Só acho que eu deveria ter vindo de calça. Tá friozinho.

— Mas, Fred esquenta você. Ah esquenta!

— Safadinha – exclamei, sorrindo.

Ficamos circulando até dar a hora do rodeio. Du e Melissa sumiram. Pedro e a sua louraça ficaram se enroscando sob uma árvore. E Isolda se encontrou a uma amiga de excursão e se sentou com ela para discutir sobre... adivinha? Orquídeas. Bem que eu torcia para ela arranjar um *cowboy* cinquentão. Mas ela era tímida e dizia que não queria mais se apaixonar.

Bem, eu duvido!

O parque de exposições não era muito grande. Caminhamos por alguns minutos, então Fred convidou-me para apreciar os cavalos. Soubemos que haveria um leilão de cavalos Mangalarga, Machadores, Árabes e Quarto de Milha.

— Opa! Gostei. Cavalos Árabes? Puxa torço para ver um, como Malhado.

— Hehehehe – eu sorri – Malhado é Árabe?

— É sim. É um cavalo especial. E caro.

— E vai comprar um hoje?

— Vou tentar. É leilão. Se o meu lance for maior...

— Ai que emoção! Nunca fui a um leilão! – declarei.

— Alguns de nossos cavalos foram comprados em leilões. Marietta - a mãe de Savannah é um deles.

— Caramba, nem me fale! Custa a acreditar que perdemos 10 cavalos. E qual é a raça deles?

— Quarto de Milha.

— Uau! “Quarto de Milha!” – “amadorei”, que importante!

— Você é uma linda! – ele disse apertando minha bochecha.

— Ai, ai – reclamei dengosa, passando a mão no local.

— Não resisti... Quer outra maçã?

— Não ainda. Obrigada.

— Vamos ver se encontramos aquele casal, sem noção, de apaixonados.

— Sim senhor! – brinquei fazendo continência. Passei à sua frente e ele assobiou.

— Não disse, ainda, mas é a *cowgirl* mais linda que já vi.

— E você o *cowboy* mais sexy e sarado que conheci.

— Espero que não conheça outros.

As competições já aconteciam desde as sete na noite. Aproximamos-nos das barraquinhas. As músicas alegres podiam ser

ouvidas pelo diversos alto-falantes, espalhados pelo parque. Na barraca de maçã do amor encontramos aqueles dois. Estavam comendo e se lambuzando.

— Parecem duas crianças – Fred disse ao se aproximar – olha sua boca cara!

— A minha? – Du perguntou com a boca cheia.

— É. Tem melado vermelho aqui – ele apontou para o queixo de Du.

— Deixa que eu limpo – Mel lambeu do queixo à boca. Eu morri de rir.

— Hum limpa aqui! – Du pediu, depois que passou a maçã na bochecha.

— Que ojeriza, Duke! – Fred disse.

Enquanto Fred Duke e Mel falavam sobre “maçã do amor” e melado vermelho, me virei distraída para observar o movimento e vi um homem puxando o Malhado. Eu o reconheceria em qualquer lugar. Meus olhos quase saltaram das órbitas. Mas, não quis mostrar ao Fred, ainda. Decidi acompanhar de longe. Provavelmente ele seria leiloado. Eu tinha de conferir.

— Hum rum Mel! – chamei.

— Vamos procurar um banheiro?

— Caraca Jadinha! Agora?

— É Mel... dã, xixi não tem hora. Preciso ir agora – olhei para ela e mexi a cabeça para o lado.

— Não demorem meninas! – Duke disse sorrindo.

— Que hora inapropriada Jadinha. Como é que eu entro com essa maçã do amor, no banheiro?

— Deveria ter pedido ao Du para segurar. Ah Joga fora! Eu compro outra depois.

— Se você diz.

O local estava lotado. Toda a cidade parecia estar presente naquela festa, que raramente acontecia na região. O cheiro de churrasco predominava e a alegria estava estampada no rosto das pessoas. Eu olhava curiosa para todas as direções, à procura do cavaleiro que puxava as rédeas de Malhado. Melissa percebeu e disse: — Você não me engana Jade. Sei que o “xixi” foi só uma desculpa. Diz aí! O... o que tá procurando?

— Eu tenho certeza de que vi o Malhado.

— E daí? Ele não te pertence mais!

— Urgh!

— Não vai “caçar” encrenca! Você se lembra muito bem do que aconteceu da última vez, em que cismou com esse cavalo!

— Eu sei Mel, mas juro que gostaria de tê-lo de volta. Ele era do Fred, mas sabe, quando cheguei à fazenda, estava tão triste e melancólica. Nada me agradava. O dia em que conheci Fred e Du foi tenso. Me senti mal. Estava tomando medicamentos fortíssimos,

além de me sentir perdida. Então, saí correndo pela fazenda. Vi Malhado no curral e me apaixonei. Corri para pedi-lo ao meu pai, mas fiquei sabendo que era do Fred.

— E daí? – ela perguntou com uma ruga entre as sobrancelhas. Eu disse: — Considero aquele cavalo o primeiro amor que tive, depois que vim para a fazenda.

— Caramba, “amor”? Mas ele é só um cavalo!

— Deixa para lá!

Olhei para os lados procurando pelo lindo cavalo Árabe. Ao longe vi um cercado. Os cavalos estavam separados. Malhado estava lá.

— Daria tudo para saber o que farão com Malhado. Dá um palpite! - Melissa riu: — Jadinha, perguntou para a pessoa errada. Vamos dar o fora! Não viemos aqui pra vigiar cavalo. Ele nem é mais seu!

— Mel, você nunca entenderia. É amor! – virei a cabeça para olhar o cavalo e acrescentei: - Quando a gente ama alguém, ou alguma coisa a gente se preocupa.

— Tá, mas ele é só um cavalo – ela repetiu.

— É um cavalo especial – eu disse me virando - Vem comigo! É só por um instante.

— Tá ceeeerto! - ela respondeu marrenta.

Aproximei-me do cavaleiro e perguntei:

— Senhor! Oi, tudo bem?

— Tudo bem moça – ele respondeu.

— Pode me informar se vão leiloar este cavalo?

— Vão sim.

— Obrigada – eu disse já eufórica. – Vamos Mel! Acho que Fred vai gostar de saber disso.

E é claro que meu *cowboy* arrematou o Malhado. E de quebra, uma égua Árabe, branca, para mim. Era tão linda quanto Savannah - que eu ainda queria de volta. E mais três Quartos de Milha, para Du, Melissa e Isolda. Tão logo vi a égua apaixonei-me.

— Sahara. Eu disse.

— Já escolheu um nome? – Fred perguntou sorrindo.

— É. Vou chamá-la Sahara.

— Eu gosto.

Ao término do leilão, notei que Fred cumprimentou uma garota ruiva de cabelos quase vinho. Ele sorriu para ela algumas vezes. E podia jurar que piscou também. Não disse nada. Entretanto, quando estávamos na fila para a roda-gigante, a ruiva tropeçou, de propósito, e quase caiu. Fred a segurou. *Uma dissimulada.*

Que ódio!

Ele foi tão gentil, mas tão gentil que meu sangue ferveu, e as borboletas que fizeram morada no meu estômago, saíram voando. Descobri então que era mais ciumenta do que imaginava e não

gostei de saber disso. Para falar a verdade, ver o que vi doeu. Descobri também, que isso acontecia sem que eu quisesse.

Oh treva! Regredi?

Fechei a cara.

— Pode começar a falar! – exigi com os braços cruzados.

— O quê?

— Quem é a ruiva? De onde você a conhece?

— Eiii! Calma! – ele objetou sorrindo – Tá com ciúme de mim?

Melissa e Du saíram de perto puxando Isolda.

— Mãe, vai sozinha na roda-gigante? – Duke perguntou.

— Ué fazer o quê? A Soninha não quis vir com a gente! Ela tá chateada porque o... como é mesmo que o chamam? Ah, o DJ vai para a capital.

— Já vai tarde – Du disse entredentes.

Soninha era a mãe de DJ – que calculei, devia estar ali.

— Gente o Pedro sumiu com a loira! – Melissa disse, sorrindo.

— Com uma gata daquelas até eu sumiria – Duke declarou com cara safada.

— Ah é? – Melissa deu-lhe um beliscão.

— Auuuu - ele esfregou o braço. – Eu estava brincando Mel! Mas gostei de saber que ficou com ciúme – entraram na roda-gigante.

Du agarrando Mel e Mel dando uns tapas nele. Aqueles dois eram o máximo. Fred e eu entramos em seguida.

— Você ainda não me falou de onde conhece a ruiva.

— Ela estuda comigo.

— Hum. Precisava praticamente carregá-la no colo?

— Ah Bonita, não exagera! Eu só não deixei que ela caísse.

— Olha lá! Aquela “beterraba enfeitada” tá te comendo com os olhos – Fred riu muito.

— Quê? Beterraba enfeitada?! Jade, não faz isso! Não é a sua cara ser cruel – ele disse segurando meu queixo.

— Eu... eu – pronto engasguei. Estava dando a maior bandeira. E não era mesmo a minha cara sentir ciúmes, mas regredia dia após dia.

O passeio na roda gigante foi horrível. Não queria, mas não conseguia deixar de olhar para o lado, onde a ruiva metida estava. E todas às vezes que fazia isso, nossos olhares se cruzavam. E podia jurar que “ela” cantava, com os olhos: ♪♪ *Eu já peguei eelee* ♪♪...

Nossa como minha cabeça era suja! Duvido que não ficaríamos com a “pulga atrás da orelha” também.

Fred se aproximou ainda mais e me abraçou. Meu chapéu caiu em meu colo. Segurei-o. Ele colocou a mão sob meus cabelos e acariciou minha nuca.

— Você está tensa Bonita. Relaxa vai!

— Estou chateada. Aquela...

Fred não deixou que eu terminasse. Ele tomou meus lábios e me beijou. Um beijo nas alturas. Uau! Eu deveria estar sem ar, mas não.

A mulher era uma dissimulada, desfrutável, estraga prazeres e mais “trocentas” coisas que não deveria falar. Eu também podia jurar que ela e Fred já tinham se esfregado sim. Eles já tinham “ficado”, porque ela olhava para ele de maneira, sei lá, íntima. E ela nem se incomodava, com o fato de ele estar me abraçando e beijando. Ela o olhava insistentemente a ponto de me estressar ainda mais.

Aquela “cadela”.

Na boa, sentir o que senti naquele momento foi péssimo e chegava a me sufocar. Na verdade estava louca para chegar em casa e namorar, mas o tal do ciúme me dilacerava, e me fazia sentir ódio.



Bem, voltamos para casa naquela noite, exaustos. Duke dirigia e Fred não parava de olhar para trás. Eu percebi que ele ficara preocupado porque “eu não estava tão feliz quanto deveria”...

Ah não me julguem! Queria ver se fosse com vocês...

Até aquela dissimulada aparecer a noite tinha sido “perfeita”, com toda aquela coisa de declaração e pedido de casamento... Ainn foi lindo! Mas ainda estava com a “pulga atrás da orelha”. Se tivesse sido caso antigo, ainda vá lá, mas e se não fosse? Era por isso que eu sofria.

Estava bom demais pra falar a verdade. Não contei?



Estávamos sentados. Eu comia a segunda maçã do amor quando Fred pediu licença. Eu ainda estava um tanto apreensiva e meus pensamentos me torturavam, mas acho que ele quis mostrar para mim que não rolou, o que eu pensava que tinha rolado, ou que rolava.

Ah você entendeu!

— Vou ali – ele disse.

— Ali? – ergui as duas mãos.

— É Bonita, ali, ali... – ele começou a rir.

—Tá legal! – desconfiei que ele fosse aprontar algo. E já podia imaginar, uma vez que tinha visto a garota do correio elegante passar por nós, minutos antes. Quando ele saiu, a garota se aproximou e me entregou um bilhete. Quase tive um ataque de pânico quando vi que era de DJ. Li rapidamente. Olhei para os lados, preocupada. Melissa e Duke desconfiaram.

— Qual o problema Jade? – Du perguntou.

— Não, é que...

— Já sei DJ. Mas o que ele quer? Caramba! Ele nunca desiste? Fred...

— Du... – eu interrompi. – Não fala nada não! Não é importante. Não estrague nossa noite, por favor!

— Tá legal. Vou fingir que não vi.

— O que ele quer Jadinha?

— Esqueça, olha só! Já tô rasgando e jogando fora.

Na verdade, o que estava escrito era: *"Essa música é para você"! Ouça! E nunca se esqueça de que eu sou seu fã. Eu prometo que nunca mais vai me ver. Estou de partida. Eu não consigo mais morar na mesma cidade que você, sem tê-la para mim. Adeus, Anjo loiro".*

Quase pirei. Na boa, me sentia mal com aquilo, porque gostava dele e não queria magoá-lo. Mas torcia de verdade para que ele se apaixonasse por uma garota legal. E a música começou a tocar. Na verdade, era uma música que nem curtiá muito, mas fazia o maior sucesso. Era do Eduardo Costa – "Sou seu fã número um"

E ela dizia assim...

*♪Guarde o seu sorriso só pra mim
Que eu te dou o universo em meu, olhar.

Se sentir na pele um arrepio
São meus dedos te tocando... pra te contar...ah..ah
Sou fã do seu jeito
Sou fã da sua roupa
Sou fã desse sorriso estampado em sua boca Sou fã dos seus
olhos
Sou fã sem medida
Sou seu fã número um
E com você, sou fã da vida [...]♪*

Bem, como não disse o conteúdo do bilhete para Du e Mel, curti a música. Enquanto eles se "engoliam", eu procurava por DJ com os

olhos. Queria me despedir dele com um abraço apertado e agradecer pelo seu carinho e pelos momentos gostosos que passamos. Nossos momentos dançantes, nossas conversas engraçadas, enfim queria agradecer por ele ter sido um amigo tão legal. Mas ele não deu as caras. Sorri em agradecimento, pois sabia que ele me observava de algum lugar.

Fred

Eu queria fazer uma declaração de amor para Jade e também uma surpresa. Então quando vi que a moça do “Correio Elegante” passou por nós, não pensei duas vezes. Caramba! Eu amava tanto aquela bonita, que tinha vontade de fazer coisas que antes me envergonhavam - como no dia em que comprei aquele “ursão” no shopping para ela. No final das contas, o urso ficou no carro e só entreguei a ela no dia seguinte. Ela gostou, mas por causa do acontecido, não ligou muito. Bem, lá estava eu novamente prestes a fazer uma loucura de amor. Além do tal “Correio Elegante” tive vontade de gritar aos quatro ventos que a amava e o fiz da maneira que mais gostava...

— PRECIOSA! – chamei no alto falante, depois que combinei com o locutor.

JADE – Hã???

MELISSA – É a voz do Fred?!

DUKE – Puxa, que corajoso!

— Preciosa, não sou bom com as palavras... e ah, acho que já sabe disso.

Uma salva de palmas e uma inflamada sinfonia de risos. As pessoas que ali estavam curtiram e ficaram procurando pela tal “Preciosa”. Continuei: —... Mas eu não poderia deixar esta oportunidade passar, não é? De que maneira eu poderia me declarar? Eu queria falar pra todo mundo. EU TE AMOOOOO?! – gritei ainda mais alto – as pessoas gritaram palavras de incentivo: — Vai lá cara! – gritou alguém.

— Mas quem é a “Preciosa”? APARECE, APARECE, APARECE!!!

Ouvi um coro de vozes.

— Vai lá Jade! – Duke ordenou empurrando-a.

— Ahhh... cute[27]! – Melissa disse, já se derretendo.

— Que lindo! – outra voz foi ouvida juntamente com assovios. E eu – tomado por uma coragem que nem eu mesmo acreditava ter, fiquei esperando-a se aproximar. E quando ela chegou, abaixei-me e a puxei até o palco. Continuei a declaração, dessa vez, olhando dentro de seus olhos – que irradiavam um brilho mágico.

— Acho que depois de tudo que nos aconteceu. Dos nossos momentos tensos, as palavras que não queríamos dizer um ao o outro, mas que dissemos...

Eu dei uma pausa e respirei fundo.

—... Depois de descobrir que fui um idiota, descobri também, que não posso mais viver, sem ter você junto a mim, dia e noite. Você é meu tudo Jade!

— Uau! – alguém exclamou, alto.

— Lindooo! – outra voz foi ouvida.

Estar ali era muito difícil para um cara fechado como eu. Mas uma coragem vinda do fundo de minha alma, fazia com que as palavras escorregassem. Eu prossegui: —... Mas o que me fez subir até aqui para dizer essas palavras, é que preciso fazer uma pergunta...

— Diga! – ela sussurrou aspirando as lágrimas.

— Quer casar comigo?

— Frediiiiiii é o que mais quero – declarou depois de me abraçar.

DUKE – Aí Fred!!!

MELISSA – Caraca!

ISOLDA – O que foi que eu perdi? – mamãe disse ao se aproximar.

DUKE – Mãe, o Fred pediu a Jade em casamento.

ISOLDA – Oh meu Deus! Que lindo! Até que enfim.

E eu prossegui...

— Pode me emprestar o violão? – pedi ao músico, que estava no palco.

— Claro – ele estendeu o instrumento.

Sentei-me num banco alto e puxei a mão dela, para que ela ficasse ali, pertinho de mim. Dedilhei então, os acordes da música que mais gostava do "Scorpions" - *When You Came Into My Life*

Quando Você Entrou Na Minha Vida



*Você me dá seu sorriso
Um pedaço do seu coração
Você me dá o sentimento
Que eu estive esperando*

*Você me dá sua alma
Seu amor inocente
Você é a pessoa
Que eu estive esperando
Eu estive esperando*

*Nós estamos perdidos num beijo
Um momento no tempo
Para sempre jovens
Apenas para sempre
Apenas para sempre, apaixonados*

*Quando você entrou na minha vida
Tirou minha respiração
Porque seu amor encontrou o caminho
Para o meu coração
Você me faz sonhar
Pelo olhar dos seus olhos*

*Você me dá o sentimento
Que eu estive esperando*

*Oh, eu te dou minha alma,
Toda minha vida
Por que você é a pessoa
Que eu estive esperando
Eu estive esperando, tanto tempo[...]* 🎵🎵

O tempo poderia parar ali. Não consegui cantar a música toda, porque fui sufocado pelos meus sentimentos. Abracei Jade tão forte que caímos, os dois, no palco. Fomos ovacionados pelas pessoas. Principalmente pelas mulheres, românticas e eufóricas. A gente se beijou apaixonadamente. E como se não houvesse expectadores, retirei seus cabelos loiros daquele rosto lindo e disse: — Deus é testemunha de que não existe amor maior do que o que sinto por você.

Epílogo

Jade

...ENTÃO, O EPISÓDIO DA RUIVA ME CHATEOU, MAS QUE SABER? EU PENSEI. Não deixaria que essa bobagem me deixasse pra baixo. Por isso, quando entramos em casa, me propus esquecer aquilo. Sentia que Fred estava sendo sincero. É claro, obriguei meu cérebro a mandar a figura daquela "beterraba enfeitada", pra cucuias. Estava feliz demais. Tinha acabado de ser pedida em casamento e de descobrir que o amor agora me consumia de um jeito romântico e gostoso.

Amor, ah o amor! Disseram-me uma vez que amar é complicado. É, eu concordo, mas amar é fundamental, além de ser muito bom!

Duke e Melissa se firmavam mais a cada dia, e já se podia sentir que ela estava mais acostumada à fazenda. Isolda a levava consigo para uma de suas excursões à Holambra e ela voltou decidida a fazer jardinagem. Eu pagava pra ver. Aquela lá, só tinha fogo de palha. Quanto ao assunto Mau Mau, acho que foi tudo exagero da Mel. O cara, no final das contas, não estava nem aí para ela.

Ainda bem não é?

Ah os cavalos? Bem, a gente perdeu mesmo. O ladrão deu um sumiço nos 10 cavalos. Só sentia muito porque nossos animais de estimação estavam entre eles. E minha Savannah estava prenhe, mas fazer o que não é? Ainda bem que Fred tinha arrematado o Malhado e outros cavalos no leilão. Embora, ninguém me tirasse da cabeça que aquilo fora obra do "dragão" do Bira.

Decidi buscar respostas para alguns de meus questionamentos sobre sensibilidade, sensibilidade e também a fé, de uma modo geral. O motivo era óbvio, queria entender e saber lidar com este meu lado. Fiz diversas pesquisas na internet e li algumas matérias sobre os temas. Descobri que isso era mais comum do que eu imaginava. Li também, numa revista, coisas interessantes sobre saber equilibrar energias. Achei instigante e decidi continuar minhas pesquisas. Até procurei um padre para falar sobre os Anjos. Ele deu-me uma aula maravilhosa sobre a hierarquia do Santos Anjos. Saí de lá entendendo tudo sobre meu querido Sitael, que era um Serafim.

No niver da Isolda fizemos uma grande festa. Fred aproveitou e oficializou nosso noivado. Estávamos tão felizes que eu tinha até medo de que tudo fosse se acabar. Eu sei, eu sei. Não se deve pensar no pior. Mas, é que a felicidade é sempre tão fugaz. O legal é curtir cada segundo, viver o momento, com intensidade, e se preparar para enfrentar obstáculos. Viver é isso não é? Eu juro que estarei preparada.

Acho que contamos tudo. Bem, se faltou alguma coisa, fica pra próxima...

[1] Sentimento

[2] Como Bernado pai de Jade, se referia às grandes cidades.

[3] Apaixonada (o)

[4] Querido.

[5] Nunca, em inglês e alemão.

[6] Lua de mel, sim!

[7] Desconfiada, minunciosa, teimosa.

[8] Hades, deus do mundo subterrâneo (ou deus do inferno) da mitologia grega ou Plutão, na mitologia romana. Filho de Cronos e Réia, irmão de Zeus, Héstia, Demeter, Hera e Poseidon. Era casado com Perséfone (Cora para os romanos).

[9] Ei amigo, parceiro.

[10] Grey's Anatomy é um drama médico norte-americano exibido no horário nobre da rede ABC.

[11] Por favor!

[12] Maquiagem

[13] Perfeito!

[14] É a vida. (Em francês).

[15] Senhor

[16] Síncope ou desmaio, é a perda abrupta e transitória da consciência e do tônus postural (da capacidade de ficar em pé), seguida de recuperação rápida e completa.

[17] Oh meu Deus!

[18] Sim.

[19] De forma alguma!

[20] Eu não tenho ideia

[21] Apaixonada

[22] Sim senhora

[23] Oh Deus!

[24] Até mais!

[25] Maquiagem

[26] Passos de dança

[27] Bonitinho